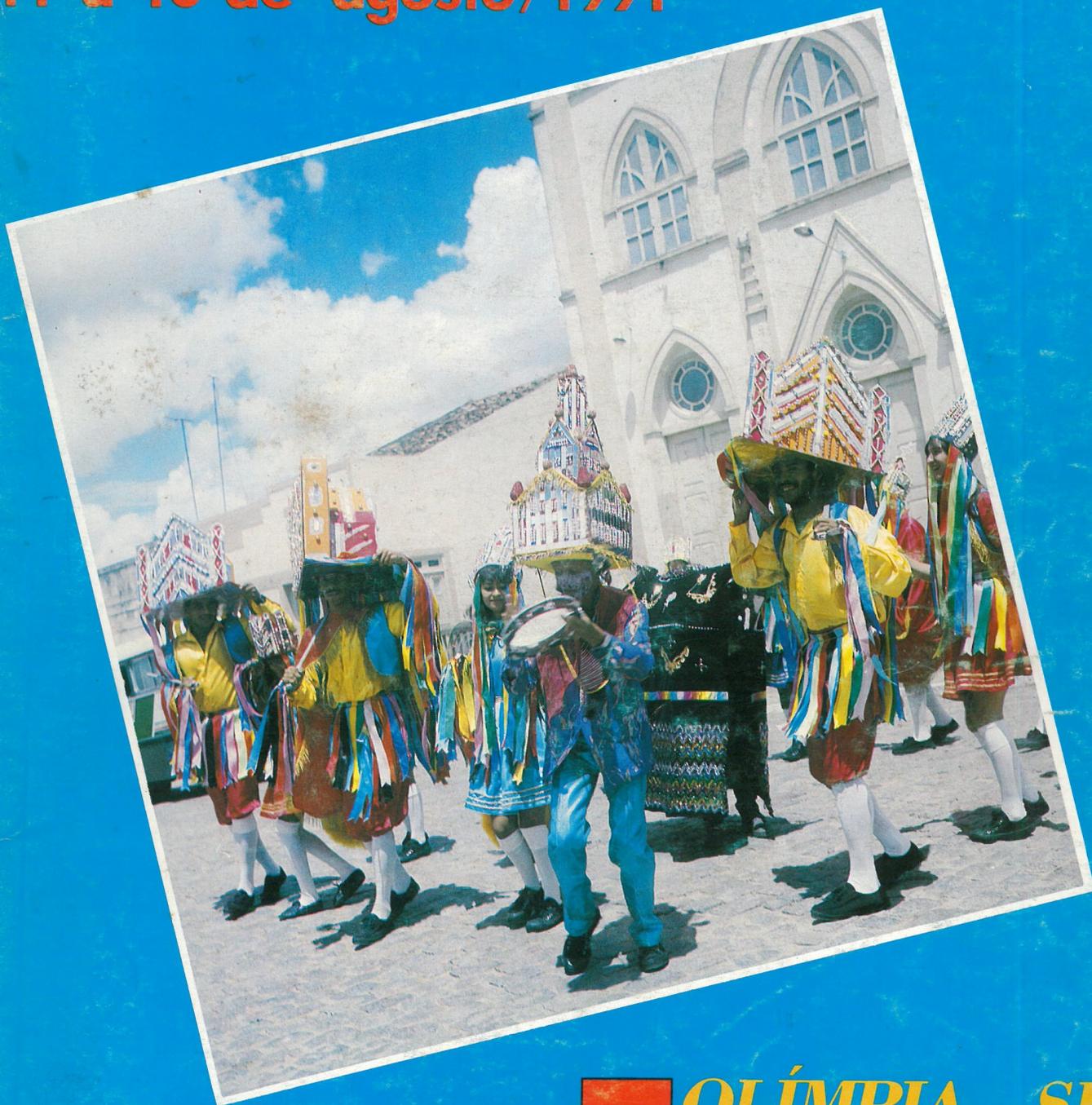


27.º FESTIVAL DO FOLCLORE

11 a 18 de agosto/1991



 **OLÍMPIA - SP**
CAPITAL DO FOLCLORE

Colaboração

BRADESCO

TROPEIROS DA BORBOREMA

Paraibano se orgulha de preservar, com denodo e acurado espírito crítico, grande número de manifestações folclóricas. Dentre elas, com grande ênfase, estão as danças e a música. O elo que liga o rico passado nordestino ao presente, está patenteado no vasto número de grupos folclóricos que se apresentam regional, nacional e internacionalmente. São ricos os grupos paraibanos, embasados na dura pesquisa folclórica, a fim de que distorções não maculem a preciosa herança que legam às futuras gerações.

Em maio de 1982, na cidade de **Campina Grande**, sob o comando dos professores Gérson de Oliveira Brito e Edvandro do Carmo Sousa, foi criado esse brilhante grupo que é conhecido como "Tropeiros da Borborema". Tropeiros por relembrar andanças dos desbravadores do sertão que, a cavalo, abriram o percurso civilizatório daqueles rincões.

Os Tropeiros têm-se apresentado em diversos eventos folclóricos do Brasil e, além fronteiras, encantaram os europeus: Espanha e França. Apresentaram-se em Olímpia pela segunda vez, em 1990, um sucesso

impossível de ser aquilutado.

Quando os Tropeiros se apresentam, o palanque cria vida, vibram observadores e dançarinos, badalam invisíveis os sinos do amor pátrio. Eles dançam a nossa terra. Eles dançam a nossa gente. São descontraídos, porém, sérios no que executam. A alegria e o colorido das suas roupas fazem parte do cotidiano do homem do Nordeste.

É por isso que o grupo já viajou tanto: Pernambuco, Rio Grande do Sul, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pará, São Paulo... e Olímpia, é claro. Um fabuloso repertório: Dança Tropeiros da Borborema, do Camaleão, do Araruna, Chote Nordestino, Dança da Caninha Verde, Baião, Quadri-lha, Bumba-meu-boi, Xaxado, Índio, Caboclinho, Cambindas, Dança de São Sebastião, e muito mais. Um



Dança do Xaxado - Paraíba

sorriso em cada rosto, um corpo ágil e etéreo, fitas coloridas e chapéus engalanados, trajes rústicos ou suntuosos, eis que os Tropeiros da Borborema tomam posse de todo o recinto do Festival do Folclore de Olímpia. Isso, Tropeiros, jovens e aguerridos guerreiros da paz, dançam a beleza do Brasil que é nosso, do Brasil que vocês podem conservar puro e intocável.

Foto colhida especialmente para o Anuário/91, em agosto de 1990, por Gérson Brito.

NOSSA CAPA

Segundo folcloristas alagoanos, renomados: José Maria Tenório Rocha e Pedro Teixeira de Vasconcelos, **Guerreiro** é grupo de dançadores, semelhante aos Reisados, com um número maior de figurantes e episódios. Folgado surgiu em Alagoas há mais de sessenta anos. Resulta da fusão de Reisados de Alagoas com o Auto dos Caboclinhos, dos Pastoris e da Chegança.

São seus componentes: rei, rainha, contramestre, dois embaixadores, general, Lira, Índio Peri e seus vassallos, dois Mateus, dois palhaços (às vezes uma Catirina), a Sereia, Estrela de Ouro, Estrela Brilhante, Estrela Republicana, a Banda da Lua e as "figuras".

A vestimenta é muito rica, de uma beleza expressiva. Imita os antigos trajes nobres, adaptados ao gosto e às possibilidades econômicas. Usam fitas, espelhos, contas de aljófar, enfeites de árvore de natal nos chapéus (que aparecem em forma de igrejas, palácios, catedrais), diademas, coroas, guarda-peitos, calções e mantos.

O auto consta de uma seqüência de cantigas dançadas denominadas "peças", intercaladas de "marchas" (danças não cantadas) e representações (entremeios e partes), precedi-

do e finalizado por cantigas e danças características dos grupos de Reisados, assim como marchas de rua, cantos e danças de abrição de portas, de entrada de sala, entremeios, adoração ao Divino e despedida.

As partes mais importantes são as do Índio Peri (que substitui a Guerra dos Reisados), da Sereia, da Lira e os entremeios do Boi, indispensáveis em qualquer apresentação. O acompanhamento musical é feito por sanfona, tambor e pandeiros.



Guerreiro (Capela - AL)

Existem belos grupos de **Guerreiros** nas cidades alagoanas de: Arapiraca (Craibas), Atalaia, Boca da Mata, Branquinha, Cajueiro, Campo Alegre, Capela, Chã Pre-

ta, Delmiro Gouveia, Igreja Nova, Junqueiro, Maceió, Maribondo, Murici, Penedo, Piaçabuçu, Quebrangulo, Rio Largo, São José da Laje, São Luís de Quitunde, União dos Palmares, Viçosa.

No 26º Festival do Folclore de Olímpia, o Município de Capela nos brindou com um belo grupo de Guerreiro, além das Caboclinhas e do Pastoril, folgados que são os tesouros da alma, amparados pelo Centro Folclórico "Nossa Senhora da Conceição" e que, graças a Deus, sobrevivem numa época de intolerante mecanização. Todos esses grupos, porém, não teriam sido apresentados no FEFOL, ao povo olimpiense, não fosse o extraordinário apoio do excellentíssimo prefeito, Dr. José Vânio de Barros Moraes e de sua digníssima esposa, Drª Josefa Petrucia Melo Moraes, trabalhadores incansáveis que se distinguem pela tenacidade com que se devotam na manutenção dos grupos folclóricos do Município de Capela.

Foto colhida especialmente para o Anuário/91, em agosto de 1990. Gentileza da Prefeitura Municipal de Capela - AL

José Sant'anna
coordenador do FEFOL



Prefeitura Municipal de Olímpia

Prefeito: José Fernando Rizzatti

*Doado para
Biblioteca Municipal, para
a comemoração dos 25 anos
Em 07/2016*

Anuário do Folclore 27º FESTIVAL DO FOLCLORE

11 a 18 de agosto de 1991
Olímpia - SP - A Capital do Folclore

Patrocínio: Banco **BRADESCO** S.A.

*Ed. Biblioteca
Municipal
"Fernando de Barros
Ferreira" Olímpia
José Fernando Rizzatti / 91*



Edição do Departamento de Folclore
do Museu de História e Folclore
"Maria Olímpia" e
Comissão de Folclore
(Conselho Municipal de Cultura)
da Prefeitura Municipal de Olímpia.



Ano XVIII
22 de agosto de 1991
Nº 21

EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420
Caixa Postal 60
Patrimônio de São João Batista
15400 - Olímpia - SP
Telefone: (0172) 81-1929 (R-14)
Telex: (0172) 233

*pag 22, 23
136
42 - a hula
47
ver 83*

Diretor: José Sant'anna
Redatora: Profª Iseh B. de Camargo
Conselho Editorial: Iseh e Ineh Bueno de Camargo
e José Sant'anna

Datilografia: Célio José Franzin

Fotografias: Hélio Garcia Filho

e Paulo de Tarso Pereira

Cartuns: João Batista Moreira Jr.

e João Carlos Oliveira da Rocha

Organografia Musical: Maestro Antônio Possato

Cópia Musical: Cidinha Manzolli

Diagramação: José Antônio Arantes

Composição, Fotolitos Internos e Cópias:

Folha da Região - Olímpia

Revisão: José Sant'anna

Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva, Débora
Ap. Vicente, J. José Abra, Maria Jesus de
Miranda, Sidney Carlos Schalch,
Orlando Moço e Zélia Faria Siqueira

Arte Final, Fotolitos das Capas, Montagens e Cópias:

Quadricolor-São Paulo

Impressão: Centrograf-Olímpia

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

Contos	03
José Sant'anna	
Estórias para Boi Dormir	13
Meire Iráni	
Sabendas	15
Iseh Bueno de Camargo	
Folcmúsica	31
Inezita Barroso	
Sal de Cozinha	33
Aparecida Gil	
Quadras: Casamento	37
José Sant'anna	
A Cebola no Folclore Olimpense	42
José Carlos Rossato	
Romance: O Conde e a Condessa	49
Rita de Cássia Sant'Anna Martos	
Quartéis de São Benedito em Olímpia ..	50
José Sant'anna	
Adivinhas	85
Rogério de Oliveira	
Dança: Vaqueiros do Marajó	87
Maria A. de Araújo Manzolli	
Parlenda	89
Anali de Oliveira	
Folclore no Brasil	90
Laura Della Mônica	
Noticiário da Iseh	94
Iseh Bueno de Camargo	
Correspondência/90	114

27º FESTIVAL DO FOLCLORE DEDICADO AO BRADESCO

Há dez anos Olímpia conseguiu um querido padrinho para os seus festivais do folclore - o **BRADESCO**. Padrinho que cobre financeiramente, total ou grande parte de tudo que o Prof. Sant'anna necessita para imprimir e divulgar o Anuário do Folclore, os Convites-Programa e os Cartazes, ou seja, toda a face literária e cultural do Festival. O **BRADESCO** é mais do que um padrinho carinhoso. É patrono dos festivais. É o nosso paladino.

O Banco que nos permite levar, através do Anuário, o eco dos festivais, um acervo sério de artigos e comentários sobre manifestações folclóricas, aos estudiosos dos costumes brasileiros, nacionais e internacionais. Mesmo nos sérios momentos de crise econômica do país, o **BRADESCO** atende ao Prof. Sant'anna e colabora com o máximo que pode. E colabora sempre, amigo e irmão nas horas de agruras, amigo e irmão nos momentos de descontração. É o nosso braço direito e esquerdo, e pernas, e pés, e corpo inteiro. Salva-nos na hora exata.

Pelo muito que devemos ao **BRADESCO**, pela sua dedicação, pelo apreço com que nos ampara, é imensa nossa dívida de gratidão para com seus diretores, gerentes e funcionários.

Nada poderá pagar o que devemos ao **BRADESCO**.

Agradecimentos soam fracamente quando queremos dizer que, se somos conhecidos mundialmente, devemos-lhe tudo. Soam frágeis quando queremos retribuir-lhe com gratidão imensa.

Por isso, por nada termos para oferecer, neste ano de 1991, o 27º Festival do Folclore será em homenagem ao **BRADESCO**.

1991 - ano cujos Algarismos constituem uma capicua

(número que se lê da mesma forma da direita para a esquerda, ou vice-versa), número portador de sorte, será a data feliz em que comemoraremos dez anos (Jubileu de Estanho) de sólida união: **BRADESCO** e

Festival do Folclore!

União indissolúvel que os torna irmanados na luta pela preservação da cultura do povo brasileiro.

União que se revela pelo mútuo carinho que constitui o nosso amuleto da sorte

1991 - Ano dedicado ao **BRADESCO!**

Simplesmente, obrigada, **BRADESCO**.

Ampare-nos sempre.

Praza a Deus que este amparo seja de animadora recompensa.

Isek

Quem conta um conto acresce-lhe um ponto

JOSÉ SANT'ANNA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA



Não é soberana a nação que perde o sentimento de sua personalidade, seu documento de identidade.

Conhecer o patrimônio de uma região (e da nação), é dispor de elementos mais seguros para retrair sua história. Uma história feita de fontes múltiplas: orais, escritas, materias, naturais, que alimentam, a partir do passado, o tempo presente, e balizam o futuro.

Os contos populares constituem igualmente elementos da memória da nossa gente. Registrá-los e conservá-los é tarefa importante, porque tem-se hoje a idéia clara de que o significado do patrimônio cresce à medida que se integra no viver cotidiano. São estas as diretrizes que devem guiar todo órgão de defesa do folclore, em suas ações de cunho patrimonial: articular o trabalho de preservação com estímulo à inovação.

É muito importante, ante às pressões estrangeiras, não deixar morrer a cultura própria, pois esta é a expressão do povo. Logo, é um patrimônio cultural que não tem preço, que não pode ser destruído, porque resiste ao peso da história. É espontâneo, e por isso não cai de moda.

Dedicamo-nos, há trinta anos, à pesquisa de contos folclóricos que refletem, na cabeça do povo, os desejos, as aspirações, as atitudes, os costumes.

O homem leva um conhecimento dentro de si, ligado à sua alma, ao seu mundo interior, sentindo-o e exprimindo-o em palavras. A palavra o homem a recebeu de Deus, para afirmar a sua racionalidade, a sua liberdade.

À medida que surgem novos quadros sociais, há mudanças nos processos de formação da mentalidade coletiva. Isso gera incansável renovação de valores religiosos, culturais e sociais. A fim de que persistam esses valores, a linguagem escrita tem função primordial.

Um mesmo conto de um narrador, assimilado por um ouvinte, ao ser por este recontado, pode exagerar o conteúdo da estória, modificando as informações, que estão na dependência da memorização, porém, conserva-lhe a mensagem. Eis porque afirmamos que quem conta um conto, acresce-lhe um ponto, embora o contador possa, às vezes, diminuí-lo.

Olímpia - a Capital do Folclore - na sua trajetória pela salvaguarda do acervo da cultura folclórica, tem o dever de preservar sua herança cultural, garantindo a

integridade de bens que refletem as raízes, o rosto do país, registrando e preservando a memória cultural. Olímpia continuará incentivando a pesquisa metodológica, a difundir o saber popular, com fé e idealismo. E esse dever é colocado acima de tudo, contando com a colaboração dos que estudam, pesquisam, observam e procuram compreender as belezas do nosso rico folclore. São pessoas envolvidas na defesa desse valioso patrimônio.

Na investigação constante, na busca de novos conhecimentos, estamos trazendo à lume mais quinze contos folclóricos recolhidos em Olímpia. Há muito tempo queríamos publicá-los. Foi difícil. Mas sempre cremos que não existe dificuldade capaz de impedir que alcancemos o nosso ideal, porque nada é tão repleto de vitória como a paciência de esperar.

É nosso dever incentivar a juventude

estudantil, amparando-lhe a fé, os surtos de generosos sentimentos com que se erguem para as alvoradas da vida e, sob a inspiração dos sentimentos comuns, moldemo-nos na beleza das altas virtudes ancestrais, reproduzindo o nosso passado histórico no que ele tem de grande, de forte, de luminoso. Unidos, sob um só pensamento, lutemos pelas brilhantes tradições do nosso povo, que se vão, aos poucos, querendo apagar-se no torvelinho das energias desfalecidas.

E se não formos ouvidos, se não lograrmos sair vencedores nessa campanha patriótica em que nos debatemos, morramos, ao menos, com o dever cumprido, honrando a independência do nosso povo, da nossa gente.

E por esta mesma razão, senhores narradores, abram a boca e contem alguns contos para os brasileiros que sabem ouvir.

1 - A História de um Viajante

“Certa vez um homem caipira estava viajando a cavalo, procurando uma tropa para comprar. Depois de viajar muito, sentiu-se cansado e com muita fome. Então resolveu entrar num lugarejo, para comer. No lugar



rejo não tinha pensão, então ele procurou um bar. Foi atendido por uma moça e perguntou se lá servia almoço. Ela disse que não.

— E sanduíche?

— Também não.

Ele continuou perguntando: E pastel?

— Aqui não fazemos pastel.

Por fim, acabou sendo atendido. No bar só era possível servir ovos fritos.

O homem, com muita fome, pediu que ela fritasse meia dúzia de ovos. E ele comeu com farinha de mandioca.

Terminada a refeição, o viajante tirou uma nota de cem cruzeiros, para pagar a conta. Mas a moça disse que não tinha troco, pois a conta importava apenas seis cruzeiros. E disse pr'o homem:

— Não faz mal. Quando o senhor passar aqui outra vez, o senhor me paga.

O homem agradeceu a gentileza e a

confiança da moça, despediu-se, montou a cavalo e seguiu viagem.

Passado um ano, o homem volta ao povoado e foi diretamente ao bar pagar sua dívida.

Abriu a carteira, pegou seis cruzeiros e deu prá moça. Mas

ela recusou a receber, dizendo:

— Hoje já não é mais esse preço.

O homem retrucou:

— Mas é essa a quantia que eu fiquei devendo pra você.

A moça continuou:

— Naquele dia que o senhor comeu os ovos, o valor era seis cruzeiros, mas hoje importa em dezoito cruzeiros, porque se eu pusesse os ovos para chocar, teria mais seis frangas. Essas frangas botariam mais e eu teria triplicado a quantidade de aves. Por isso é que sua conta já está em dezoito cruzeiros.

O homem respondeu:

— Não está certo. Se eu lhe devo seis cruzeiros é essa quantia que vou pagar. Era esse preço quando comi os seis ovos.

A moça, então, falou com voz mais forte:

2 - Bauzinho de Moedas

— O preço hoje é outro. Ou o senhor me paga ou eu vou levar o caso ao juiz. Vou até o fim, para defender o meu direito.

No outro dia, depois de ir ao fórum, o viajante encontrou um moço na rua e contou o caso que estava acontecendo com ele. Esse novo amigo disse para o homem:

— Eu sou advogado. Se você quiser eu posso defender você nesta causa. Que hora você vai comparecer no fórum?

— Eu vou às duas horas da tarde. Já falei com o juiz e ele marcou esse horário.

— Está bem. Conte comigo. Às duas horas eu compareço lá.

Um pouco antes das duas, o homem foi para o fórum.

Às duas horas em ponto, o juiz mandou que o homem e a moça entrassem na sala e começou o interrogatório:

Primeiramente quem falou foi a moça. Contou a história e falou do prejuízo que estava levando.

Depois que a moça falou, o juiz pergunta pr'o viajante:

— O senhor confirma que, há um ano, o senhor entrou no bar, pediu pra essa moça fritar meia dúzia de ovos e não pagou?

O homem, delicadamente, disse:

— É verdade. E até agradeço. Ela fritou, sim, os seis ovos. E eu comi com farinha. Na hora, quando eu fui pagar, ela não tinha troco. Confiou em mim, dizendo que eu pagasse a dívida quando passasse novamente por aqui. E é o que eu estou fazendo, pronto para pagar.

O juiz interferiu:

— O senhor tem advogado para se defender?

— Tenho sim, mas ainda não está presente.

Nisto, o advogado entra na sala, se apresenta, e o juiz, então, passa uma reprimenda nele:

— Por que o senhor não chegou no horário certo? O senhor não pode, como advogado de defesa de alguém, chegar atrasado numa sessão.

O advogado pede a palavra, pede desculpas ao juiz e esclarece:

— Senhor juiz, lamento o ocorrido, mas cheguei atrasado nessa sessão, porque eu estava cozinhando feijão para plantar. Foi somente por isso.

O juiz deu uma gargalhada e disse:

— Que asneira! Onde o senhor ouviu dizer que feijão cozido nasce?

O advogado, com muita calma e educação, respondeu ao juiz:

— E onde o senhor ouviu falar que de ovos fritos podem nascer pintinhos?

E assim, o juiz não teve mais argumentos e deu a causa ganha ao viajante. Fez a justiça merecida. Acabou a história."

"Num casarão velho, abandonado, de uma velha fazenda, morava um homem. Era só. Um dia apareceu uma moça e falou se ele tivesse coragem, que fosse, à meia-noite, debaixo do pé de figueira que lá estava enterrado um cofre cheio de ouro.

Ele ficou quieto, não respondeu nada. Mas não era ambicioso. Não gostava de dinheiro nem de jóias.

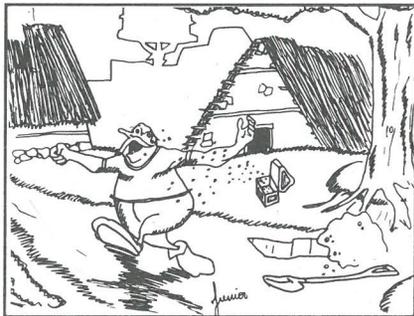
Apareceu um amigo dele no outro dia e ele contou a história para o amigo.

Então o amigo ficou doido.

— Se você permitir eu vou lá com um enxadão e vou arrancar o cofre, mas tudo vai ficar para mim.

Chegando lá, cavocou, cavocou até que saiu um baú.

Mas quando ele abriu o baú, só saía abelhas e formigões que picavam ele em



todos os lugares do corpo.

Então ele pensou:

— Agora, por vingança, eu vou devolver esse baú para aquele enganador que me falou em ouro e eu só encontrei insetos que me picaram.

Passando diante do casarão, o moço estava na janela, de braços cruzados.

— Olha aqui, seu mentiroso! Veja o que tem dentro desse cofre! Só tem bichinhos mordedores! E jogou o bauzinho pela janela.

Conforme ele jogou, o baú se abriu e de dentro só saía jóia e ouro. Foi uma grande lição para o ganancioso."

Contado por Teresinha B. Henrique Teixeira, 40 anos (1975), Av. Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

3 - Estória de Martinha

"Martinha era uma mulher muito pobre. Morava num casebre com o marido. O marido vivia da pesca, para ganhar uns cobrinhos.

Num dia ele saiu para pescar e mal jogou o anzol na água, físgou um bonito peixe. O peixe depois que foi retirado do anzol, pediu para não deixar ele morrer. Se ele fosse jogado novamente na água, qualquer pedido que o pescador fizesse, ele serviria.

O homem devolveu o peixe pr'o mar, pegou sua tralha e voltou para casa.

Chegando em casa sem peixe e só com a tralha de pesca, contou pra Martinha o que tinha acontecido.

Aí ela foi e disse: Então vai lá, vai pedir ao peixe pra botar nós numa casinha melhor, com umas criaçãozinha no terreiro.

Ele voltou. Chegou na beira do mar e disse:

Pescadinha, pescadinha,
Da verde zona do mar,
A pedido de Martinha,
Venha comigo falar.

O peixe saiu e disse: O que que você quer?

— Martinha manda pedir, porque nós é muito pobre, pra botar nós numa casinha melhor, com umas criaçãozinha no terreiro.

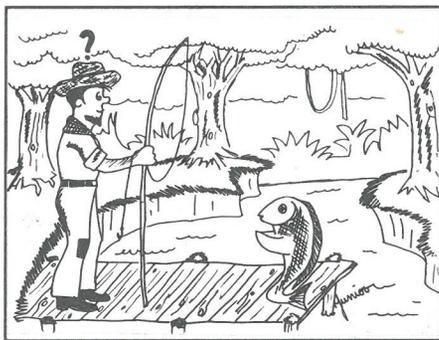
Aí, o peixe respondeu:

— Volta que achará ela, como ela quer. Quando ele chegou em casa, achou ela dentro de uma casa boa, as criaçãozinha no terreiro: galinhas e porquinhos.

Passado uns tempos, ela falou pr'o marido: Agora você vai procurar o peixe e falar pra ele que eu quero uma casa melhor.

O marido foi pra beira do mar e tornou a dizer:

Pescadinha, pescadinha,



Da verde zona do mar,
A pedido de Martinha,
Venha comigo falar.

O peixe apareceu e disse: O que que é? Ele disse: Martinha manda pedir pra botar nós numa casa melhor, mais bonita.

O peixe respondeu: Pois volta e achará ela numa casa muito boa.

Voltou para trás e encontrou ela numa casa melhor.

Passado mais uns dias, ela disse:

Vai outra vez ao peixe e fala com ele que eu mandei pedir um lindo palácio e que eu quero ser rainha.

Aí ele disse que não queria ser um rei, mas ela queria ser uma rainha.

Então, chegando lá no mar tornou a dizer:

Pescadinha, pescadinha,
Da verde zona do mar,
A pedido de Martinha,
Venha comigo falar.

O peixe saiu do mar e perguntou o que era.

Ele disse: Martinha mandou pedir que ela quer um palácio e que ela quer ser uma rainha:

Aí o peixe foi e disse pra ele: Volte e ache

Contado por Jocelino Cipriano Leal (Joce), 55 anos (1980), Rua Manuel Loureiro, 243, (Ribeiro dos Santos), Olímpia.

como ela quer.

Quando ele chegou em casa já achou ela no palácio e já sendo uma rainha.

Mas no palácio ficou uma janela que de tarde deixava entrar sol.

Então ela falou pr'o marido que fosse lá no mar falar com o peixe pra tirar aquele sol do palácio, que ela não suportava.

Aí ele tornou ir no mar. Mas o mar estava revoltado, muito vento, paus balançando, que quase ele não podia encostar na margem dele. Mas ele foi segurando por a-

queles paus e outras coisas até chegar lá. E disse:

Pescadinha, pescadinha,
Da verde zona do mar,
A pedido de Martinha,
Venha comigo falar.

Aí o peixe saiu da água e perguntou o que ele queria. Ele deu o recado da mulher.

O peixe disse: Volta e achará ela como ela era. E desapareceu na água.

O homem voltou e chegando em casa encontrou Martinha chorando, numa casa ruim do mesmo jeito como era antigamente, num casebre.

Foi aí que ela entendeu que quem tudo quer, tudo perde. E eles moraram no casebre até morrer. Bem feito!"

Contado por Mário Celestino Re-bouças, 64 anos (1980), Alameda João Fos-salussa, 82, Jardim Paulista, Olímpia.

4 - Estória do Peixe Surubim

"Diz que era um dotor que gostava muito da mulher de um fazendero. Esta mulher sempre dava parte de doente. Cada semana ela ficava ruim pa morrê e precisava chama o dotor. Essa lengalenga durô muito tempo.

Uma madrugada ela acordô desesperada, gemeno: Ai, eu sei que morro memo! Hoje eu vô morrê!

O marido falô: Não minha véia, num vai morrê nada. O dotor nosso tá aí e eu vô buscá ele. Foi buscá o dotor. O dotor veio.

O marido falô: Dotor, será que num tem jeito? Eu tantas vez incomodo o senhor, fora de hora, pra vim aqui, cuidá da minha muié.

O dotor disse: Pra tudo tem recurso, tem jeito. Amanhã de madrugada, vai no mar buscá um peixe surubim.

O fazendero tinha um camarada que morava, na fazenda, perto da casa dele. Ele foi lá e disse assim pr'o camarada: Ô José, amanhã, às quatro hora da madrugada, você me espera, com o café pronto, que eu vô no mar buscá um pexe surubim que a tua comade num está boa.

— Larga mão de bobage, compade! A comade tá com lero com o dotor.

— Compade, num fala isso, porque se isso tudo fô verdade, eu te dô a mula preta e cem mé réis.

— Compade, tô convidado pra matá frango e leitoa, amanhã.

— Então, como é que eu faço?

— Fica aqui na minha casa que eu vô tratá do armoço e depois eu te levo pra vê. Depois do armoço pronto, ele veio, pôs o compade num saco e desceu pra fazenda.

Lá tava a mesa pronta e nela a mulher e o dotor.

— Ô comade, vô dexá esse saco de mandioca atrás da porta.

— Dexa, compade, dentro desse quartim aí.

A mulher disse:

— Cada um de nós tem que dizê uma décima.

O camarada falô:

— Em primeiro lugá tá o dotor, depois a senhora e depois eu.

Diz o dotor:

Eu me acho aqui comeno
Muito frango e macarrão;
É agrado que me faz,
Confiança que me dão.



Diz a mulher:

Meu marido foi no mar,
Buscá pexe surubim
Pra curá mal de engano,
Doença que nunca sofri.

Diz o camarada:

Meu compade tá no saco,
Escutando minha razão:
Mula preta já é minha
Cem mé réis é uma porção.

E assim, o fazendero descobriu toda a verdade, ajudado pelo compade pobre, empregado dele. A mulher quis lográ o marido, mas saiu lograda. O feitiço virô contra o feiticeiro".

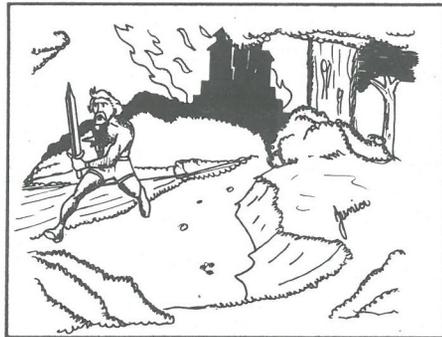
Notas:

1 - **Décima** - é estrofe de dez versos, mas no Sudeste e no Sul do Brasil é empregada, também, como **quadra**, verso ou canção.

2 - **Surubim**: - peixe brasileiro também chamado pintado. Variante: Surubi.

Contado por João Marques de Miranda (João Vato), 70 anos (1980), Avenida Mário Vieira Marcondes, 1036, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. Aprendeu-o com ao pai, quando menino (12 anos).

5 - Joãozinho da Mata



"Era uma vez um país onde tinha um castelo. Nesse castelo morava um rei e uma rainha, mas o rei era tão ruim que mesmo sabendo que a rainha ia ter o primeiro filho, mandou os camaradas matar ela. E disse mais, que ela fosse matada no meio da mata e como prova trouxessem o coração dela.

Os capangas pegaram a rainha e levaram para a mata e lá ficaram com tanto dô dela e não mataram.

Na volta, mataram uma ovelha, tiraram o coração dela e levaram para o rei, como ele tinha ordenado.

O tempo foi passando e lá na mata a rainha fez sua cabana com pedaços de pau e capim. E se alimentava com frutas do mato. Num dia muito bonito, ela foi colher frutas e ao voltar para casa, ela ganhou um lindo menino e deu o nome de Joãozinho da Mata.

O tempo passou e Joãozinho da Mata cresceu e aprendeu a caçar. Um dia, caçando, ele passou dos limites. Saiu da mata e avistou um lindo castelo. Por ser muito curioso, foi conhecer o castelo de pertinho. Mas, ao chegar lá, foi imediatamente amarrado e levado à presença do rei, por estar inteirinho nu.

Lá, o rei perguntou:

— Quem é você?

— Eu sou o Joãozinho da Mata.

— Joãozinho da Mata! Onde está seu pai e sua mãe?

— Minha mãe está na mata. Meu pai eu não conheço.

Então o rei mandou dois capangas juntos com o menino para ir buscar a mãe dele.

Ao chegar de volta ao castelo, o rei reconheceu que a mulher era a sua verdadeira esposa. Depois que conversaram bastante, o rei e a rainha entraram num acordo:

— Você, rainha, fica morando aqui no castelo. O menino também vai ficar até ele crescer. Depois de homem feito, se ele for uma ameaça ao castelo então vou mandar matar ele.

O tempo ia passando e Joãozinho da Mata foi crescendo muito forte, com muita saúde. No seu peito nasceram sete

voltas de cabelos, bem grandes. Era nesses cabelos que estava toda a força de Joãozinho.

Joãozinho da Mata sempre perguntava à mãe quem era o seu pai. A mãe sempre inventava uma mentira para tapear. Mas num dia ele ficou sabendo toda a verdade. Era filho legítimo do rei.

Então Joãozinho pediu ao pai que lhe desse uma espada, a mais pesada delas.

O rei, já pensando em mandar matar o filho, não se incomodou em arranjar a espada que ele queria.

Joãozinho manejava a espada como ninguém. Era esperto demais. E desafiou todo mundo do castelo para lutar com ele. Deixou todo o pessoal amedrontado. E ninguém se atreveu em disputar com ele. O rei ficou mal impressionado e logo pensou em dar um fim no filho.

No outro dia, conversou com a rainha e disse pra ela que ele ia mandar matar o Joãozinho da Mata.

A rainha acabou aceitando a proposta do marido, senão ela acabaria morrendo também. Fingiu-se de doente e mandou ele ir buscar remédio para ela na Porteira do Diabo. Era uma porteira que quem passasse por ela não voltava mais. Morria na hora.

Obedecendo sua mãe, como sempre, pegou seu cavalo branco e foi. No caminho tinha um ranchinho onde morava uma agradável velhinha.

Joãozinho parou um pouquinho por lá, na casa da velha, para tomar um pouco d'água. A velhinha pediu que na volta ele passasse, novamente, por lá.

Joãozinho foi na Porteira do Diabo, pegou o remédio e conseguiu voltar com vida. Como tinha combinado, ele passou na casa da velhinha.

A velhinha pediu o vidro de remédio para ver e, sem que Joãozinho percebesse, trocou o vidro de remédio por um de água. E assim ela fez todas as vezes que Joãozinho ia buscar o remédio para curar a mãe dele. Ela trocava os vidros.

Depois de muitas idas de Joãozinho da Mata à Porteira do Diabo e sempre voltando, o rei não suportou mais e resolveu matar o coitado, com as próprias mãos. Esperou que ele dormisse, rapou o cabelo do peito, para que perdesse as forças e ficar mais fácil para matá-lo.

E foi assim que o rei fez. Matou o pobre moço e picou em pedaços miudinhos. Depois colocou os pedacinhos em dois sacos de estopa, amarrou sobre o lombo de um cavalo e junto pôs também a espada. E soltou o cavalo pelos campos, longe do castelo.

O cavalo, que já estava acostumado a ir no rancho da velhinha, foi diretamente parar lá. A velhinha era Nossa Senhora Aparecida e ela já sabia de tudo. Por isso deixou tudo pronto para esperar Joãozinho da Mata e salvar ele.

Nossa Senhora pegou pedacinho por pedacinho do moço, colocou sobre uma mesa e formou, novamente, o Joãozinho da Mata. Pegou os vidros de remédio que ela guardava e foi passando devagarinho

sobre o corpo do rapaz até tudo ficar coladinho. Depois de três dias, Joãozinho da Mata se levantou e pediu a espada. Tentou levantar a espada, mas não conseguiu. Ainda estava fraco.

O tempo foi passando e as sete voltas de cabelos nasceram outra vez em seu peito. Então ele recuperou as forças.

Então ele fez outro teste com a espada. Jogou uma pedra pr'o ar e antes que ela caísse, cortou ela em duas, com a espada.

Cortando a pedra, ele jurou vingança.

Joãozinho de Mata agradeceu muito a velhinha, deu um beijo nela, montou no seu cavalo branco e foi-s'embora. Nossa

Senhora abençoou ele. Voltou direto pr'o castelo. Chegando lá, levantou sua espada e num golpe matou o rei e a rainha, seu pai e sua mãe sem alma. Depois botou fogo em tudo que havia no castelo, deixando tudo em cinza. Sentiu-se vitorioso. Vingou sua morte e voltou para viver o resto de sua vida no ranchinho de Nossa Senhora.

Dizem que até hoje ele ainda está morando lá".

Contado por Iracema do Carmo Provázio da Silva, 31 anos (1980), Sítio Volta Grande, Bairro da Laranjeira (rural), Olímpia.

6 - O Compadre Espertalhão

"Vivia numa cidade pequenina um povo muito amigo, unido. Todas as famílias se consideravam muito que os homens se chamavam de compadre, sendo ou não compadre. Era costume entre eles, no dia em que alguém matasse porco, dar um pedaço de carne ou de toucinho. A criação de porcos era fácil, pois eram engordados no fundo do quintal.

Mas nesta vila morava um senhor muito munheca, Seu Pedro, que gostava de ganhar o seu pedaço de carne, mas não achava bom ter que repartir, nem mesmo um pedacinho.

Criou um porco e este já estava muito gordo, no ponto de ser matado. Mas a grande preocupação do homem era como matar o porco, sem ter que dar um pedaço de carne aos amigos.

Depois de muito pensar, teve uma idéia:

— Eu vou falar com meu compadre Chico. Ele é o melhor conselheiro desta vila.

O compadre ouviu o caso com muita atenção e depois deu o conselho:

— Sabe, compadre, o seu caso é muito simples. Você mata o porco à tardzinha, para que todas as pessoas fiquem sabendo. Depois você o dependura na árvore ou no varal, fecha a porta para dar a impressão que foi dormir. Quando for lá pelas tantas, que o pessoal já está dormindo, você recolhe o porco e cuide do restante do trabalho durante a noite. Amanhã, você levanta bem cedo e explica para os amigos que a intenção era dar para eles um pedaço de carne, mas que, infelizmente, você deixou o porco no quintal e durante a noite foi roubado.

— Boa idéia, compadre. Vou fazer é isso mesmo. O senhor está muito certo.

À noite, o compadre conselheiro, ladino demais, com muito jeito, entrou no quintal e, sem fazer nenhum barulho, roubou as bandas do porcão cevado. Roubou com tanta sabedoria, que ninguém percebeu nada.

Mais tarde, o pão-duro, egoísta, sai para recolher o porco e dá de cara com o nada. Já tinham levado o seu porco. E no local só encontrou os rastros do ladrão esperto.

Seu Pedro ficou muito nervoso. Não



pôde sequer dormir. Perdeu totalmente o sono.

Logo que o dia amanheceu, saiu apressado para ir contar ao compadre Chico, o conselheiro, o que havia acontecido.

— Compadre, eu fiz tudo conforme o senhor me ensinou, mas acontece que me roubaram o porco.

O compadre, então, disse:

— É isso mesmo, compadre, que o senhor tem que dizer a todos daqui.

— Mas compadre, a verdade é que o porco foi mesmo roubado!

— Muito bem, compadre, continue falando assim, que em poucos minutos a vila já está inteirinha sabendo do fato e os amigos vão até ficar com dó de você.

— Mas pelo amor de Deus, compadre, eu estou falando a pura verdade. Roubaram o porco sim. Não estou mentindo. É verdadeiro o que estou falando.

— Compadre, você é um artista, representa tão bem o seu papel que até já estou acreditando que você foi mesmo roubado. Você está fazendo certinho como eu ensinei. Parabéns, compadre, pela inteligência.

Só que como pagamento pelo que lhe ensinei, você não se esqueça de me mandar um bom pedaço de carne.

O compadre munheca saiu muito nervoso, falando sozinho pelas ruas: Que vão todos pr'o meio do Inferno. Neste mundo ninguém presta.

Dizem que ainda hoje ele procura descobrir o ladrão".

Contado por Alzira Sant'Ana de Oliveira, 48 anos (1976), Rua Bernardino de Campos, 900, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

7 - O Demo

“Era uma vez uma moça que namorava três irmãos no mesmo tempo, mas eles não sabia que era namorado da mesma moça.

O mais véio foi pra tratá o casamento co’ela. Ela disse pra ele: - Só caso c’ocê se ocê amarrá uma corrente na cintura e dé uma vorta, hoje, à meia-noite, em redô do cemitério.

Depois foi o moço do meio pra combiná o casamento. E a moça falô:

— Eu só caso c’ocê se ocê ficá trepado no cruzero do cemitério, hoje, à meia-noite.

Depois foi o moço mais novo pra marcá o dia do casamento. Então a moça falô pr’ele:

— Eu caso c’ocê se ocê pegá o enxidão e cavucá o cruzero do cemitério até ele caí, hoje, à meia-noite.

Quando bateu meia-noite, os três foro pr’o cemitério pra cumpri o trato.

Um garrô a dá vorta c’a corrente na cintura em vorta do cemitério, o outro trepô no cruzero e o outro começô a cavucá no pé do cruzero.

Quando o cruzero caiu, os três ficaro cum muito medo e saiu numa disparada, um atrás do outro e, já longe, os três pararo no mesmo lugá. Aí eles se reconhecero e ficaro sabendo da história. Então eles quisero se vingá da moça. E juraro vingança:

— Assim como ela judiô de nós, nós vai judiá dela.

Compraro uma cesta com muita bebida e doce e foro levá pra moça. A moça morava co’a mãe dela, as duas sozinha.

Chegamo lá, a fia e a véia tomô bebida, tomô bebida, tomô bebida e as duas dormiro.

Quando elas começaro a dormi, eles arrumaro muitas penas de galinha preta. Depois os rapaz pegô a moça, levô ela num lugá muito longe, passaro piche nela e cobriu o corpo dela interinho de pena preta, deixano sem cobrir só os óio e a boca. E ela, de tão beba, continuava dormino.

Aí eles pegô ela e levaro numa igreja. E colocaro ela, em pé, na frente do artá. Quando foi às seis horas da manhã, o padre mandô o sancristão abri a igreja, porque já tava na hora da missa.

Quando o sancristão bateu os óio no artá e viu aquela coisa esquisita, ele disse: Desconjuro! É o Demo!

Saiu correndo e foi falá pr’o padre que num ia mais na igreja, porque o Demo tava lá, diante do artá.

Aí o padre falô: É impossive. Eu vô lá pra vê se é memo o Demo. E foi.

Quando o padre viu aquilo, ele gritô: É o Demo memo. E falô arto: Sai daqui, Demo, em nome de Deus!

E o padre mandô tocá o sino da igreja pr’o povo se ajuntá e tirá o Demo de lá.

O povo começô a chegá. E aí, nesse meio de tempo, a moça acordô e saiu na disparada, do meio da igreja, pra casa



dela.

E o povo todo gritava; É o Demonho! Desconjuro! Vai embora daqui pr’os Inferno!

Aí, a moça chegô em casa e foi gritano pela mãe. A mãe não quis aceitá ela, dizeno que ela era o Demo, e expursava

ela em nome de Deus.

Mas ela foi expricano pra mãe que era ela, até convencê a mãe e reconhecê que era ela memo.

A mãe ficô muito aborrecida e falô: Vamo lá pr’o corgo pra mode limpá toda essa chujera. E tira as penas, tira o piche, até dexá a moça limpinha.

Depois a mãe falô: Isso só pode sê arte daqueles três rapaz, os três irmão que ocê namora todos no mesmo tempo. Ocê judiô deles e agora eles vingaro d’ocê. É bom pr’ocê aprendê a num fazê mais mardade pr’os otros. Diz que ela nunca mais quis sabê de namorá”.

Contado por Paulina do Nascimento, 68 anos (1980), Avenida Cláudia Mies-sa, 77 (fundos), Jardim Miessa, Olímpia.

8 - O Engraxate

“Era uma vez um menino pobrezinho que queria ganhar seu dinheiro, trabalhando.

Então resolveu ser engraxate. Mas não tinha nem um vintém do seu para comprar uma latinha de graxa.

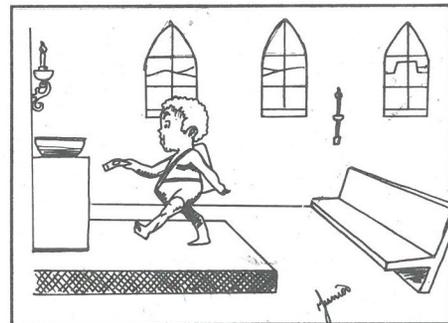
Um dia ele entrou numa igreja e viu nos pés de São Benedito uma cédula de cinquenta cruzeiros. Nesse momento o menino fez a seguinte proposta ao santo:

— Meu santo, o senhor me empresta este dinheiro para eu comprar uma latinha de graxa? Depois que eu engraxar dois ou três pares de sapatos, a primeira coisa que vou fazer é devolver-lhe o dinheiro. Pegou a nota e saiu.

Mas acontece que nesta hora, estava ali, rezando, perto do altar, um soldado que assistiu àquela cena e o menino nem o percebeu. O soldado achou muita graça da atitude do menino e por isso fez questão de guardar sua fisionomia.

Passados alguns dias o menino já tinha gasto quase toda a lata de graxa e nada de ir levar o dinheiro do santo.

Numa tarde, no jardim da igreja, enquanto o menino engraxava os sapatos de um freguês, o soldado ao passar por ele, bateu-lhe levemente nas costas e perguntou-lhe:



— Você já pagou o dinheiro que pediu emprestado a São Benedito?

O menino deixou o freguês, saiu apressadamente para a igreja, atirou os cinquenta cruzeiros nos pés de São Benedito, dizendo-lhe:

Toma aqui, miserável, o seu dinheiro. Por causa dessa porcaria não precisava mandar polícia atrás de mim. E saiu correndo da igreja.”

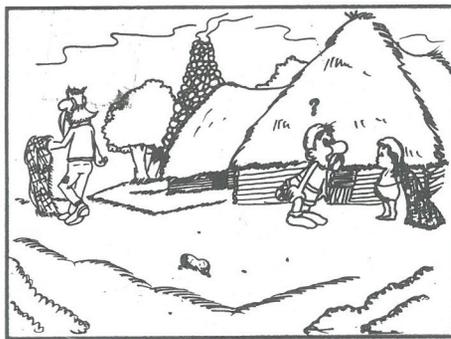
Contado por Sidney Carlos Schalch, 18 anos (1980), Rua José Piton, 88, Vila Rodrigues, Olímpia. Aprendeu-o aos 16 anos, com o avô.

9 - O Filho Ingrato

“Era uma vez um homem muito rico, já velho e que tinha um só filho de quem ele muito gostava.

Quando seu filho casou, o velho doou-lhe toda a sua fortuna com o trato de ir morar com o novo casal.

Durante alguns anos tudo foi muito bem. O velho era feliz, pois além de amar seu filho e sua nora, ainda tinha um netinho que ele adorava. O tempo foi passando, o velho foi ficando enfraquecido e por fim tinha dificuldade até para andar. Foi até que a



nora começou a implicar com a presença do velho e passou a atormentar o marido, dizendo:

— Se seu pai continuar morando aqui em casa eu vou ficar doente também. Acho bom você mandá-lo embora, não supor-

to aborrecimentos. Do contrário, quem vai sair de casa sou eu.

Diante das ameaças feitas pela esposa, o homem não teve outra decisão a não ser dizer ao pai:

— Papai, já faz tempo que o senhor está

aqui em casa. Já fiz tudo o que pude pelo senhor. Agora acho bom o senhor procurar outro rumo. Aqui o senhor não pode ficar morando.

O velhinho, muito triste e desapontado, respondeu ao filho:

— Meu filho, você está me mandando embora de sua casa, mas eu não tenho para onde ir. Estou muito velho, doente, não tenho parentes e não sei onde ir morar. Ninguém me aceitará.

O filho ingrato, impiedoso, respondeu ao pai:

— Não há outro remédio. De qualquer maneira o senhor terá que ir-se embora, porque minha mulher não o aceita mais aqui em casa.

O senhor dá muito trabalho e ela já está cansada de cuidar do senhor.

O velho, com um nó na garganta, assim

falou:

— Já que é assim meu filho, vou-me embora hoje mesmo. Peça a Deus que o abençoe sempre. Mas gostaria que você me desse pelo menos um cobertor para levar, pois eu sinto muito frio. Se tiver que dormir na rua, pelo menos tenho com o que me agasalhar.

O filho ingrato chamou seu filhinho e ordenou que fosse à cocheira buscar uma manta dos cavalos para dar ao avô.

O menino foi à cocheira com o avô e escolheu a melhor manta, e dobrando-a ao meio, pediu ao avô que a segurasse e começou a cortá-la.

O velhinho perguntou:

— O que você está fazendo, meu netinho? Seu pai mandou que você me desse uma manta inteira. Eu vou queixar-me com ele. E foi.

— Dê-lhe a manta inteira, disse o pai do menino.

— Isso não, respondeu o garoto. A outra metade vou guardar comigo.

— O que você vai fazer com ela? Perguntou o pai.

O garoto, também com muita tristeza, respondeu:

— Papai, um dia vou ficar moço e vou-me casar. Pode ser que o senhor venha a morar comigo. E se não der certo, esta outra metade eu vou dar para o senhor, quando for mandado embora de casa.

Quem faz o mal, na certa receberá o mal”.

Contado por Aparecida Gil, 36 anos (1980), Rua Ângelo Luizon, 76, Vila Rodrigues, Olímpia.

10 - O homem que pôs mil e um ovos

“Era uma vez um casal que parecia viver muito bem. Tanto a mulher tratava bem o marido como o marido a tratava muito bem. Eram companheiros firmes. A vida deles era agradável. Demonstravam ser muito fiéis.

Embora vivessem bem, o marido pensou consigo:

— Vou botar em prova a sinceridade da minha mulher. Sei que temos muita liberdade um para com o outro e nos gostamos demais. Mas será que como pessoa que revela tanto amor, tanta obediência, tanta fidelidade, guardaria um segredo? Acho difícil esse negócio de guardar segredo. Mas vou experimentar minha esposa, revelando-lhe um acontecimento absurdo, para ver como se comportará.

Num certo dia ele se fingiu de doente e disse para a esposa:

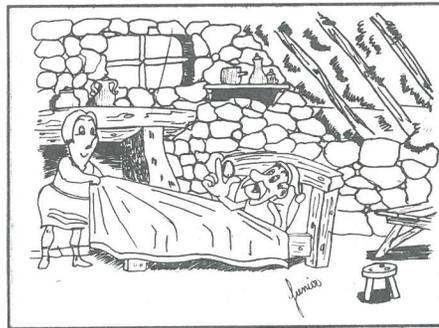
— Estou sentindo uma dor horrível na barriga, dor aguda, insuportável. Não posso nem andar. Vou ter que ficar em casa deitado. Meus Deus, sou um enfermo!

A mulher, demonstrando-se muito inconsolada, pediu que ele fosse consultar um médico para se curar.

Era isso mesmo o que ele queria ouvir da esposa. E, andando com muita dificuldade, apoiando-se numa bengala, saiu de casa, como se tivesse ido à procura do médico. Descansou um bom tempo à sombra de uma árvore e, ao voltar para casa, fez-se mais triste ainda, dizendo à esposa:

— Mulher, estou muito assustado ainda. O médico me examinou minuciosamente. Levou um bom tempo para ver se descobria alguma doença e, depois de tudo feito, chegou à conclusão de que não tenho mal nenhum. Nem me receitou remédio. Disse-me que ando impressionado com a doença, mas não tenho nada. E o que vou fazer agora? Não suporto a terrível dor. Ando muito angustiado. Acho que vou morrer.

A mulher ficou aflita. Corria para lá e para cá, buscando ervas caseiras para, com elas, curar a dor do esposo. Aplicava-lhe



compressas de água quente, mas tudo não valia nada.

O marido soltava profundos gemidos, acompanhados da expressão: Desta vez eu morro!

E essa atitude dele deixava a esposa quase louca de preocupação. Vivia na cozinha preparando os chazinhos.

À tarde, quando o homem percebeu que a mulher foi tomar banho, foi depressa à cozinha, apanhou um ovo de galinha, segurou-o muito bem protegido na mão e voltou para o quarto. Deitou-se novamente e começou a ladainha: De hoje eu não passo! Chegou o meu dia! Hoje eu morro!

A mulher se desorientava a ponto de enlouquecer e era remédio e mais remédio para o esposo.

Já de madrugada, ele armou uma cena das mais tristes, dando a impressão de que realmente iria morrer, mas não deixava que aquele ovo saísse da sua mão, para ficar bem aquecido.

A esposa foi novamente cuidar de um outro chazinho. Ele aproveitou a oportunidade. Sentou-se sobre a cama. Quando a mulher voltou, ele lhe disse, quase sem forças, que aquela era a hora fatal de sua morte. Torcia-se de tantas dores.

A mulher punha-se de joelhos e pedia aos céus, chorava, de tanto medo de perder o marido. Queria salvar o esposo. Não suportaria ficar sozinha.

O homem, depois de retorcer-se todo, dar fortes gemidos, falou:

— Agora estou me sentindo diferente. Estou aliviado.

— O que é?, pergunta ela.

— Acho que agora vou sarar. Não estou sentindo mais nada. Veja só o que aconteceu! Eu pus um ovo do tamanho de um ovo de galinha. Ele ainda está bem quentinho. Ponha a mão para sentir o calorzinho.

E continuou:

Ó mulher, agora eu estou muito envergonhado. Você já ficou sabendo que eu pus um ovo. Nem é bom pensar nisto. Vai ser um escândalo. Depois, eu não posso nem sair às ruas, ou vamos ter que mudar daqui. É muito perigoso se alguém ficar sabendo. Daí não vou ter mais sossego. Será que você vai agüentar a ficar de boca calada? Então fique em silêncio. Este segredo tem que ficar somente entre nós dois.

— Ó marido, você está ficando louco? Deus me livre de contar isto a alguém. Eu também ficaria envergonhada.

— Então, por favor, guarde o segredo.

— É claro que vou guardá-lo. Nem pense mais nisto. Pode ficar sossegado, minha boca é um túmulo.

Quando o dia clareou, a mulher se levantou e foi ao quintal apanhar uns gravetos de lenha para acender o fogão. Do outro lado da cerca estava a vizinha. A mulher chamou a vizinha e lhe disse:

— Eu vou lhe contar uma coisa, mas a senhora não conte nem para o seu marido. Esta noite, meu marido, depois de ter-se sentido mal, sofrido muito, ele acabou botando um ovo. Depois ele melhorou, acabou a dor insuportável que ele estava sentindo. Mas, pelo leite que a senhora mamou na sua mãe, não conte isso nem para um mosquito.

— Pode deixar. Juro por tudo que é sagrado que não contarei a ninguém.

A vizinha, mal entrou em casa, chamou o marido que já ia saindo para o trabalho e lhe disse:

— Meu bem, veja que coisa absurda que aconteceu: nosso vizinho pôs um ovo. Foi a própria mulher dele que me contou. Mas ela me pediu muito segredo. Por isso, você

não me abra a boca para contar o fato a ninguém.

— Mas é verdade mesmo? Cruz credo! Eu não vou contar para ninguém, nem em pensamento. Você pode confiar.

Este vizinho era chefe de um grupo de trabalhadores de uma fábrica de farinha de mandioca. Chegando ao serviço, antes que os operários comessem a trabalhar, ele disse, em voz alta:

— Turma, acho que estamos no fim do mundo. O meu vizinho, nesta noite passada, botou meia dúzia de ovos. E não é mentira, porque quem contou para a minha esposa foi a própria mulher dele.

Que coisa mais esquisita, meu Deus!

— Que é isso?, perguntou um deles. Então o coitado virou galinha?

Pergunta um outro:

— Botou seis ovos? Pode crer que é um castigo que ele recebeu.

A seguir, o espalhador da notícia, pre-

ocupado, pediu a todos que não levassem a notícia para a frente. Que morresse ali mesmo, porque quem contou para ele foi a esposa e quem contou para ela foi a esposa do “poedor de ovos”. E todas pediram segredo, porque o homem estava muito envergonhado e não queria que a notícia se espalhasse.

— Vamos ficar quietos, garantiram todos. Guardaremos o segredo.

Mas acontece que os operários quando chegaram em casa ou quando encontravam amigos, já iam dizendo:

— Você soube do homem que botou uma dúzia e meia de ovos?

— Já lhe contaram do homem que virou galinha?

— Vou contar-lhe uma que talvez você nem acredite: um homem pôs duas dúzias de ovos.

E assim por diante. Facilmente a notícia se espalhou e foi levada para cidades dis-

tantes. Até para a capital.

Passados sete dias, o homem ainda não tinha ouvido nenhum comentário sobre a estória que inventou e chegou a crer que a esposa, realmente, era companheira de confiança. Mas este crédito durou pouco.

Ele era assinante de um jornal de divulgação nacional e, naquela tarde, ao pegá-lo para ler, deparou com um título curioso: Homem põe mil e um ovos. Principiou a ler o artigo e ficou muito surpreso. O artigo se referia à estória que ele inventou para testar a sinceridade da esposa. Só que divulgado como verdadeiro e excessivamente ampliado.

Por isso é que o povo diz: Segredo entre três, só matando dois”.

Contado por Antônio Neto Bittencourt, 63 anos (1989), Rua Jerônima Alves Ferreira, 213, Bairro de São José, Olímpia.

11 - O Menino do Angu

“Era uma vez um pai que fez um angu para o fio comê.

O menino pegô o angu, mas não comeu. Desceu com ele pra bera do rio e lá encontrou um pescadô. O menino falou:

— Pescadô, ocê qué esse angu?

Então o pescadô pegô o angu e comeu.

Daí o menino falô pra ele:

— Pescadô, me dá o angu, o angu que meu pai me deu.

O pescadô respondeu que não podia dá o angu, porque já tinha comido, mas que dava pra ele um pexinho.

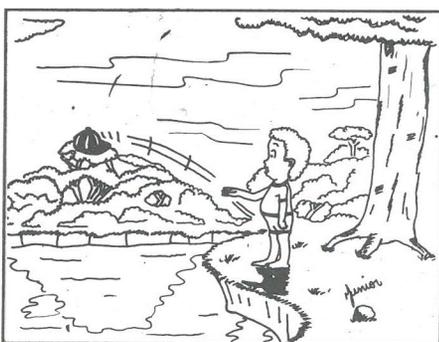
O menino pegô o pexinho, andô bastante e encontrô, numa casa, uma véia fritano bolinho. Daí ele deu o pexinho pra véia. A véia limpô o pexinho, temperô, fritô e comeu. O menino então disse pra véia:

— Véia, me dá o pexinho, o pexinho que o pescadô me deu, o pescadô que comeu o angu, o angu que meu pai me deu.

A véia respondeu pra ele que não podia dá o pexinho, porque já tinha comido, mas que ela dava um bolinho pra ele.

Ele aceitô o bolinho e continuô andano. Bem lá na frente, ele encontrô uma moça e deu o bolinho pra ela. Ela pegô o bolinho e comeu.

O menino, então falô pra ela:



Moça, me dá o bolinho, o bolinho que a véia me deu, a véia que comeu o pexinho, o pexinho que o pescadô me deu, o pescadô que comeu o angu, o angu que meu pai me deu.

A moça respondeu que não podia dá o bolinho, porque já tinha comido, mas que dava pra ele uma machadinha.

O menino aceitô a machadinha, andô, andô e viu um pica-pau bateno no gaio de uma arve. O menino falô:

— Pica-pau, ocê quebra o bico bateno nesse pau. Ocê qué essa machadinha pra te ajudá?

O pica-pau acabô pegano a machadinha,

mas quando bateu no gaio quebrô a machadinha.

O menino falô pra ele:

— Pica-pau, eu quero a machadinha, a machadinha que a moça me deu, a moça que comeu o bolinho, o bolinho que a véia me deu, a véia que comeu o pexinho, o pexinho que o pescadô me deu, o pescadô que comeu o angu, o angu que meu pai me deu.

Respondeu o pica-pau que a machadinha tava quebrada, mas que se ele quisesse, dava o bonezinho que trazia na cabeça. O menino pegô o bonezinho, botô ele na cabeça e saiu andano. Andô bastante mesmo, até chegá na ponte de um rio. De cima da ponte ele falô pr’o rio.

— Rio, ocê qué meu bonezinho?

O rio não respondeu nada pra ele. Mas ele fez três vez a mesma pergunta.

Vendo que o rio não respondia, então ele pegô e jogô o bonezinho na água.

Terminô a história e morreu a vitória.”

Contado por Joaquim José dos Santos, 70 anos (1980), Avenida do Folclore, 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. Aprendeu-o quando tinha oito anos, com os coleguinhas.

12 - O Menino e o Cavallo Encantado

“Era uma vez um senhor dono de uma horta de muitas qualidades de verdura. Este senhor era pai de muitos filhos e todos trabalhava na roça. Os filhos pediram consentimento ao pai para ir trabalhar como empreiteiro em outras fazendas, pois eles queriam ganhar o dinheiro deles pr’as despesas. O pai consentiu o trabalho dos filhos pra outros patrão, porque ele reconhecia que os filhos já eram moços e precisava de dinheiro pr’os gastos deles e também pra começar o pé-de-meia.

O pai cuidava da horta de verdura, mas era um hortelão egoísta, ridico. Não dava um pé-de-verdura pra ninguém. Era tudo

no dinheiro, negava até pr’os mendigo. E só pensava em ficar rico, pois queria comprar uma fazenda. Em casa, sem trabalhar, só ficou o filho caçula. Era ainda um menino, mas tinha bom coração. Nem parecia ser filho de um pai tão miserave. Era um menino ladino e sabia de todas as intenções do pai enganado.

— Papai, o senhor deixa eu ajudar a cuidar da horta?

No começo o pai não queria permitir, porque ele era muito novo ainda, mas aos pouquinho foi entregando a responsabilidade dos serviços mais leve pra ele.

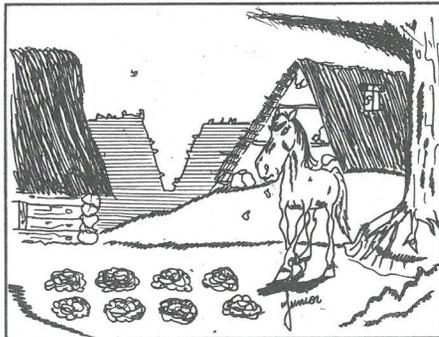
Num certo dia, às seis horas da tarde, já escurecendo, o menino estava regando

as hortaliça e, olhando pr’um canteiro de repolho muito viçoso, viu pr’o lado de fora da horta um cavalo branco, muito grande, bonito, gordo, um animal gaúcho mesmo, diferente dos otros cavalo que existia por ali, na redondeza. O cavalo botou o pescoço pra dentro da horta, por um buraco que tinha na cerca, e ficou olhando pr’o menino.

O menino olhou pr’os lados pra ver se o pai estava por ali, porque sentiu vontade de dar uma cabeça-de-repolho pr’o cavalo.

Olhou pra lá e pra cá. Não viu o pai, não viu ninguém, então ele escolheu a cabeça-de-repolho maior, mais viçosa, cor-

O Menino e o Cavalo Encantado



tou e deu pr'o cavalo. O menino ficou muito satisfeito de ver o cavalo mastigando: ruque-ruque, ruque-ruque... e pensou:

— Ah! se meu pai comprasse um cavalo pra mim. Queria um igualzinho a este: branco e bonito assim. Eu seria muito feliz. Ia nos bailes, montado num cavalo bacana e chamava a atenção de todas as moças.

Nisto, o cavalo acabou de comer e desapareceu.

O menino, então, foi para casa cheio de satisfação. Tomou banho, jantou e deitou. Apareceu uma voz e falou pra ele: Todos os dias você dê uma cabeça-de-repolho pra aquele cavalo branco. Coloca uma caixinha sem que ninguém veja do lado direito de sua cama, em cima de um banquinho ou outro lugar quarquê. Todos os dias você vai olhar dentro da caixinha pra ver o que aconteceu.

No outro dia, o menino arranjou uma caixinha e fez conforme aquela voz pediu. Quando foi às seis horas da tarde, o cavalo tornou a aparecer e o menino fez tudo como no dia anterior. O cavalo comeu com muita vontade, com muito gosto.

O menino voltou para casa e foi olhar na caixinha e encontrou dois tostão.

E assim todos os dias, às seis horas da tarde, aquele cavalo branco aparecia, no mesmo lugar, para ganhar do menino aquela gostosa cabeça-de-repolho.

Mas o mais importante era que o pai do menino nunca chegou a ver o cavalo e nem dava pela falta das cabeças-de-repolho que fartava. Pelo contrário, parecia que a horta estava mais viçosa ainda.

O menino era corajoso, não tinha medo de nada. E sempre ouvia uma voz que dizia: Faça o bem e não olhe a quem. Não seja mão-de-leitão. Se passar algum pobre e pedir verdura, dê. Olha menino, dentro de algum tempo, você, de pobrezinho, será um homem rico.

O menino, cheio de esperança, perguntava pra mãe:

— Mamãe, será que algum dia eu vou ficar rico? Eu apenas vou na escola e ajudo nos serviços da horta. Meus irmãos já trabalha, cada um para si. Todos ganha. Será que um dia eu fico rico?

— Ah! meu filho, pra Deus nada é impossível. Se você nasceu com destino de ser rico não é preciso que o teu pai dê nenhum tostão. Você por si só ficará.

O menino não contava pra ninguém que aparecia todos os dias, de manhã, naquela caixinha, um tostãozinho. Esse dinheirinho foi aumentando, aumentando, até que formou um dinheirão. O menino já estava rico.

Num dia, o pai do menino caiu numa pobreza de fazê dó. Não diante nada ele ser tão seguro como era. Até a horta começou a morrer. Então, desconsolado da vida, sentô numa cadeira, na porta da

sala, e disse:

— Mulher, o que será que está acontecendo. Eu trabalhei muito, plantei muita verdura, vendi pra todo mundo e agora estou ficando pobre, dia por dia. Juntei dinheiro pra comprar uma fazenda, mas não adiantou. Se não fosse nossos filhos tê ganho próprio e dar uma demão pra nós, morria na miséria.

O menino ouviu aquela conversa do pai. Como já tinha bastante dinheiro guardado pelo segredo da caixinha, aproximou-se do pai e disse:

— Papai, o senhor me empresta um animal que eu vou dar uma volta no mundo, agora eu já sou um mocinho.

O pai perguntou:

— Meu filho, o que você vai fazê?

— Eu vô dar umas voltas no mundo pra vê se eu acho algum serviço pra trabalhar e arranjar algum dinheiro pra podê ajudar o senhor.

Não contou que ele já tinha muito dinheiro.

O pai disse:

— Muito bem, meu filho. Eu só tenho um animal pra fazer algum serviço pra gente receber algum dinheiro e não ficar tão necessitado, mas eu vou emprestar ele pra você.

— Está bem papai. Este animal não vai fazê nenhuma farta, porque eu volto logo. Depois vou procurá algum serviço pra podê ajudá o senhor.

Pediu a benção do pai e da mãe e saiu montado, troteando o cavalo: Truque-truque, truque-truque... e desapareceu.

O pai e a mãe desejava pra ele uma boa viagem e bons negócios e ficaram olhando o filho, até que ele desaparecesse de vista.

Nisto, o marido perguntô para a mulher:

— Aonde será que este menino vai, minha velha?

— Não sei. Quando ele tem uma idéia assim a gente precisa deixa ele fazê o que qué. Ele qué te ajudá. Ele ouviu a tua conversa e ficou preocupado e pensô em fazê alguma coisa. Deixa ele.

Ele vai arrumar alguma colocação e

todo mês poderá te ajudá.

O menino viajô poucas horas e na primeira fazenda que encontrô, apeô, fez proposta ao fazendeiro e comprô a propriedade com a porteira fechada. Pagô na hora com o dinheiro ajuntado de tostão em tostão, pelos repolhos que dava pra aquele cavalo branco, encantado.

Depois de feito o negócio, o mocinho vortô pra casa. Entregô a escritura pra pai. Chamô a mãe e os outros irmão e na frente de todos disse:

— Papai, comprei uma fazenda pra o senhor, comprei de porteira fechada: boi, vaca, cavalo, porco, carneiro e muitas outras coisas. Agora o senhor e a mamãe pode assiná a escritura. É de vocês.

Aquele pai muito supreso, perguntô pra o mocinho:

— Meu filho, mas quem deu dinheiro pra você comprar essa propriedade?

O menino respondeu:

— Ah! papai, a gente fez muita economia, ajuntando o dinheiro de algum servicinho, gorjetas que recebi pelos favor que eu fiz pra os outros. E eu fui ajuntando tudo até que guardei uma boa quantia. Guardei sem contá nada pra o senhor, porque eu queria fazê uma surpresa. Mas olha, papai, a pessoa que muito segura deixa escapá pelos vão dos dedos. E quem é mão-aberta, quem não nega um pé de verdura pra os pobres ou pra uma criação, tem sorte.

O senhor negava dá um pé-de-repolho ou outra verdura para uma pessoa, por mais pobre que ela fosse. E eu não, papai. Eu andei robando do senhor umas cabeças-de-repolho e dava pra um cavalo branco que aparecia lá na horta.

— Meu filho, mas aqui na redondeza não existe nenhum cavalo branco. Tem cavalo baio, tordilho, castanho, pedrês, alazão, pampa, preto, mas branco, não.

— Mas pra mim, papai, esse cavalo aparecia todos os dias, às seis da tarde, todos os dias eu dava pra ele uma cabeça-de-repolho. E recebia uma voz que me aconselhava a continuá dando repolho pra esse cavalo branco. E essa mesma voz pedia pra mim pô uma caixinha do lado da cama para guardá o dinheiro que ia sendo depositado nela. Esse cavalo branco, papai, era um cavalo encantado. Está aqui, papai, aquelas cabeças-de-repolho que eu dei pra o cavalo branco: esta fazenda que eu comprei pra o senhor.

— Muito bem, meu filho, Deus que te ajude, Deus que te pague! No dia em que o papai e a mamãe falecê, você é o herdeiro da mesma fazenda que você deu pra nós.

Foi isto que aconteceu. Acabou a história e viva a vitória."

Contado por Rosa Pereira dos Santos (Rosinha), 67 anos (1980), Avenida do Focllore, 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

13 - O Rico e o Pobre

“Então diz que tinha um compadre rico e outro que era pobre. O compadre pobre era sapateiro. Um dia, o compadre pobre, enquanto pregava um sapato, cantava uns versinhos:

Eu sempre na banca
E a mulher no tear,
Quando Deus não quer
É escusado teimar.

Um dia, o compadre rico passou por lá e ouvindo o compadre pobre cantando aqueles versos, disse consigo mesmo: Vamos ver se Deus quer ou não quer? E disse pra esposa:

— Ó mulher, vamos mandar um bolo para o nosso compadre pobre. E vamos encher esse bolo de libras esterlinas pra ver se ele fica rico. Todo o dia, quando ele trabalha, ele diz que Deus não quer que ele fique rico. E tem que ficar rico sem mesmo que Deus queira.

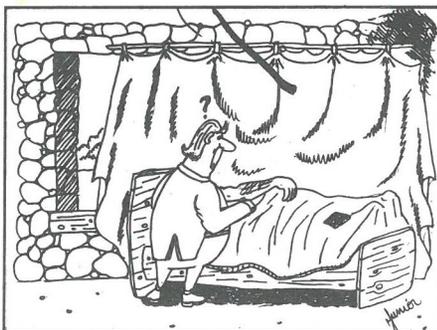
A mulher respondeu:

— Então nós vamos mandar o bolo. Mandou preparar um bolo bonito, encheu de libras esterlinas e levou pra o compadre pobre.

Quando o empregado do rico entregou o bolo ao compadre pobre, ele agradeceu muito e guardou o bolo.

Depois que o empregado se retirou, o pobre falou pra mulher:

— Nós não gostamos muito de bolo. Aqui do lado, mora nosso outro compadre



que sempre ajuda nós. Nós nunca demos nada pra ele. Vamos dar este bolo pra ele? Ele também é muito pobre.

A mulher concordou, dizendo que o compadre vizinho merecia mais que um bolo pelos favores que sempre tinha prestado. E deram o bolo pra ele.

No dia seguinte, o compadre rico passa na casa do compadre pobre e escuta ele trabalhando e cantando a mesma cantiga:

Eu sempre na banca
E a mulher no tear,
Quando Deus não quer
É escusado teimar.

O compadre rico pensou:

— Será que ele não está contente com as libras esterlinas que eu mandei pra ele. E disse para a mulher: Manda outro bolo.

No outro dia, aparece lá o empregado levando outro bolo (cheio de libras es-

terlinas) para o compadre pobre. Ele mandou agradecer mais ainda o compadre rico e pediu pra mulher guardar o bolo.

Depois ele disse pra mulher:

— Vamos dar este bolo também para nosso compadre vizinho.

— Mas nós já mandamos o outro bolo pra ele!

— Não faz mal, manda este também. Ele tem ajudado tanto nós dois.

No outro dia, o compadre rico passa na casa do compadre pobre pra ver a reação dele com os presentes que ganhou. Mas encontrou a mulher dele gritando:

— Ai!, o meu marido morreu. Ai!, o meu marido morreu.

O compadre rico entrou na casa e viu o compadre pobre deitado sobre uma cama. E pôs a lamentar:

— Puxa!, meu compadre morreu?

E começou a tomar o pulso dele, pra ver se tinha mesmo morrido. Quando levantou o braço do compadre morto, no braço estava escrito assim:

Eu queria fazê-lo pobre,
Tu querias fazê-lo rico,
Eu matei, tu ressuscita-lo.”

Nota: Este conto parece ser de origem portuguesa. O narrador nasceu em Portugal. Veio para o Brasil com um ano e meio de idade.

Contado por Antônio de Sousa, 52 anos (1980), Avenida Júlio Ferranti, n.º 243, Bairro de São José, Olímpia.

14 - O Sapateiro Pobre

“Era uma vez um sapateiro muito pobre, que trabalhava noite e dia, para tratar da família, com o pouco que ganhava. Embora fosse muito pobre, não desanimava nunca e nem perdia a fé, dizendo que Deus havia de ajudá-lo.

Um dia, já era de madrugada, ele ainda estava trabalhando, quando passou por sua casa um homem muito rico, mas muito caridoso. Ficou com muita pena do sapateiro e quis ajudá-lo. O que fez então? Mandou-lhe, em segredo, um bolo muito bonito, cheio de moedas de ouro.

Quando recebeu o bolo, o sapateiro ficou muito contente e foi mostrá-lo à mulher. Mas a mulher ao ver o lindo presente, disse ao marido:

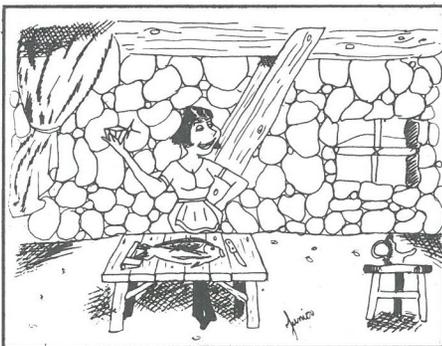
— Chegou a vez de nós agradecermos o açougueiro, que há muito tempo vem fornecendo a carne para nós, de graça.

E mandaram o bolo para o açougueiro. O açougueiro descobriu as moedas dentro do bolo e se silenciou. O sapateiro não ficou sabendo nada a respeito das moedas. E continuava firme no seu trabalho, mas sempre na mesma miséria.

O homem rico tornou a passar por lá e perguntou se ele tinha gostado do bolo. O sapateiro, então, contou o que tinha feito com o presente.

O homem rico, na tentativa de querer ajudar o sapateiro pobre, mandou-lhe um outro bolo, também cheio de moedas de ouro.

A mulher tornou a interferir:



— Este bolo nós vamos dar ao padeiro, em recompensa pelo que há muito tempo vem fazendo por nós.

E mandaram o bolo para o padeiro.

Mais uma vez o homem rico visitou o pobre sapateiro, que continuava na miséria, e ficou sabendo que o segundo bolo também tinha sido doado a outro amigo. Então o rico pensou consigo mesmo: Este pobre sapateiro nasceu para viver sempre na miséria. E conversando um pouco mais com o sapateiro disse-lhe que dentro dos dois bolos tinham muitas moedas de ouro, que era para ele melhorar a vida de miséria que vinha levando, mas como em nenhum caso tinha dado certo, desta vez ele, em vez de moedas de ouro, só poderia dar-lhe um pedaço de chumbo. E ainda disse: E que Deus o ajude!

O sapateiro agradeceu o pequeno presente e o guardou.

Tarde da noite, uma vizinha bateu à porta da casa do sapateiro e perguntou para a esposa dele se não tinha um pedaço de chumbo, para a rede de pesca do seu marido, que ia pescar saindo de casa de madrugada e que faltava chumbo para a rede.

A esposa do sapateiro, imediatamente, deu-lhe o pedaço de chumbo que o ricoça tinha dado.

De volta da pescaria, o pescador trouxe um lindo peixe para o casal que havia dado o chumbo, como recompensa pela ajuda.

A mulher do sapateiro, ao abrir o peixe, encontrou uma grande pedra brilhante, muito bonita e guardou-a no quarto.

À noite, quando apagaram a luz, aquela pedra brilhante clareava tanto o quarto que parecia a luz do sol, muito clara e brilhante. O casal ficou maravilhado.

Quando o dia amanheceu, o sapateiro foi à procura do rico, seu amigo e protetor, para contar o acontecido. O rico reconheceu ser uma rica pedra de brilhante, de muito valor. Levou o sapateiro ao rei que a comprou por um preço muito alto. Ficou rico o sapateiro da maneira mais estranha.

Viveu feliz muitos anos com sua esposa, mas sempre dizendo que quem trabalha com fé, Deus sempre ajuda. E ajuda mesmo.”

Contado por Alzira Sant’Ana de Oliveira, 48 anos (1976), Rua Bernardino de Campos, 900, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

15 - Os Meninos de Cravo no Peito

"Há muito tempo atrás, havia numa pequena chácara uma viúva que tinha um só filho, que era tudo para ela.

O tempo passou e eles se mudaram para uma grande cidade e o filho, já moço, começou a trabalhar à noite. Nesta cidade, o moço se apaixonou por uma mocinha e ela também por ele.

A viúva não gostou da história e fez de tudo para atrapalhar o namoro. Mas não adiantou nada. Eles se casaram. O ódio da viúva aumentava contra sua nora.

Passados uns meses, sua nora estava esperando um filho e foi aí que a viúva se desgostou demais com aquele estado. Tramou um plano para fazer a separação do casal. Dizia para o filho que quando ele saía, à noite, para o trabalho, que a mulher dele recebia, em casa, um outro homem.

O moço disse que não acreditava nessa conversa e que sua mãe estava ficando louca. Que a mulher dele era muito direita e fiel.

Mas a viúva insistia, insistia, insistia e convenceu o filho que, então, ele tirasse a prova.

— Você finge que vai trabalhar e esconde por perto de sua casa que, a tal hora, você vai ver outro homem entrar nela.

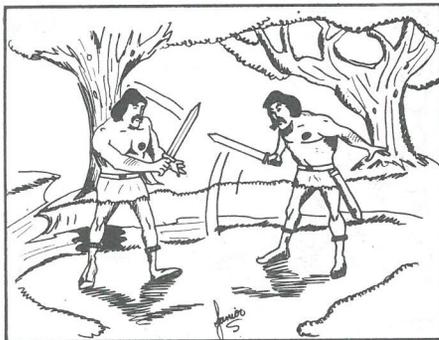
O moço fez o que a mãe mandou. Dito e feito. Quando deu aquela hora, a viúva vestiu-se de homem: chapéu na cabeça, capa preta, deu uma volta ao redor da casa e foi bater na porta do fundo.

Mas o moço, não sabendo que aquele homem era sua mãe disfarçada, esperou que o visitante se retirasse e entrou em casa, desorientado, muito nervoso, e mandou que sua mulher fosse embora, sem querer nenhuma explicação.

Chorando, a esposa saiu de casa, foi até a estrada, pegou beira num caminhão. O caminhoneiro deixou ela perto de uma mata, numa estrada, um pouco distante de uma outra cidade. Ela começou a andar devagarinho, mas agüentou seguir só um trecho pequeno, porque estava na hora do nascer do filho dela. E ali mesmo, à beira da estrada, perto da mata, ela teve dois filhos muito bonitos, cada um com um cravo no peito, do lado esquerdo. Por ela estar muito cansada, ela adormeceu com os dois filhinhos nos braços.

Naquela hora, um rei ia passando na estrada e sem que a mãe percebesse, pois ela estava dormindo, ele levou um dos meninos.

Quando a mãe acordou, ficou muito assustada, porque não tinha nenhum bebê nos braços dela. Mas, olhando de lado, viu um menino na boca de um leão. Como ela não tinha visto o rei pegar um dos seus filhos, pensou que o leão já tinha comido um deles. E, chorando, ela foi pr'o lado do leão. Mas quando ela



chegou pertinho dele, ele caminhava para dentro da mata e ela acompanhava. E assim foi até chegar na toca do leão.

Chegando na toca do leão, a mãe percebeu que o leão não queria nada demais com o seu filhinho. Ele só estava pensando que o menininho era o filhote dele. Mas a mulher não arredou o pé da toca e ficou lá morando com seu nenê e o leão. O leão caçava e eles se alimentavam. Parecia uma só família: o leão, a mulher e o filho. Por fim, a mulher passou a querer muito bem o leão, que agia com muita inteligência, ajudando ela a criar o menino.

Assim, caça hoje, caça amanhã, eles viveram cinco anos juntos. Depois desse prazo, ela saiu com o menino e o leão que não se separava deles, atravessaram a mata e chegaram numa praia onde tinha muitos canoieiros, que atravessavam as pessoas de um lado para o outro do rio.

A mulher falou com eles, mas ninguém queria atravessá-los de tanto medo que tinham do leão.

Com muita insistência, um canoieiro velho, com muita pena da mulher, teve coragem de levá-los para a outra margem do rio, depois que a mulher garantiu que o leão era mansinho e que não fazia mal a ninguém.

Durante a travessia, a mulher contou tudo sobre sua vida ao canoieiro. E o velho, com muita pena dela, ofereceu o seu rancho para eles morar. Ela aceitou e ficou muito agradecida. No rancho, eles moraram muito tempo. O menino cresceu, ficou um rapaz forte e muito bonito. Nesse meio tempo, o velho, pela idade, morreu. Morreu também o leão, que não se acostumava viver trancado, num quarto do rancho.

Então, a mulher cuidou de mandar seu filho para a escola, para receber instrução, aprender a ler. Mais tarde ele se alistou no Exército e, mal começou a se

preparar houve uma grande guerra e ele foi convocado para participar.

Essa guerra não tinha fim, porque todos os convocados lutavam muito bem com suas espadas.

Lutavam, lutavam, lutavam, e não tinha vencedor nem vencido.

Aí, o rei, que já estava cansado de ver lutas, resolveu fazer uma seleção, de dois em dois, para ver quem seria o vencedor. E assim, de dois em dois, sempre acabava morrendo um.

Por fim, sobraram dois lutadores, os melhores. E a luta continuava. Os dois moços se pareciam demais, eram igualzinhos e só dava empate. Um era o filho do rei e o outro, filho daquela pobre mulher.

Depois de muito lutar, o filho da mulher passou a espada na camisa do seu rival, o filho do rei, e ao rasgar a camisa ele viu um cravo, igualzinho o que ele tinha, no peito do rival.

Então, ele parou de lutar, tirou a camisa e mostrou, para todos, o cravo que ele tinha, do lado esquerdo, no seu peito.

O rei ficou impressionado. Conversou particularmente com os dois moços e se dirigiram para a casa da mulher.

A mulher, quando recebeu os rapazes, quase morreu de contentamento, pois além de receber o seu filho que foi para a guerra, com vida, recebeu, também, o outro filho gêmeo, que ela pensava ter sido comido pelo leão. Só não fez uma grande festa, porque ela era muito pobre.

O rei, por ser muito piedoso, convidou a mulher e os moços para morar com ele, no castelo. Todos formariam a família real. Sem pensar um minuto, aceitaram.

Mas, neste mesmo dia, chega com eles, no castelo, um homem dizendo ser o marido da mulher e implorando o perdão por não ter acreditado nela, mas sim na mãe dele. E contou à esposa e aos dois filhos que ficou sabendo da verdade somente na hora da morte da mãe dele, que confessou o rolo que ela aprontou para fazer a separação do casal.

A mulher, por gostar muito do marido, concedeu o perdão e juntos estão até hoje vivendo no castelo do rei, juntamente com os dois filhos de cravo no peito. Foi assim que aconteceu."

Contado por Iracema do Carmo Provázio da Silva, 31 anos (1980), Sítio Volta Grande, Bairro da Laranjeira (rural), Olímpia.

AGRADECIMENTOS

Cumprimentamos todos os narradores destes contos pela extraordinária contribuição prestada à cultura brasileira, enriquecendo, desta forma, o acervo da Contologia Folclórica Olímpense.

Estórias para boi dormir

MEIRE IRÂNI

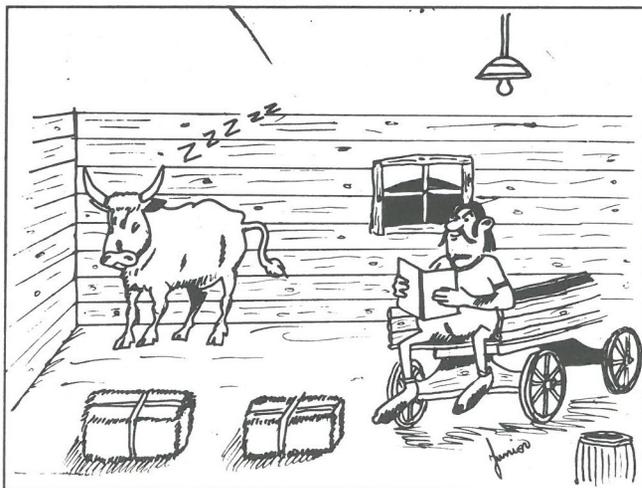
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

As crianças de pouca idade gostam de ouvir estórias, apesar da televisão estar ocupando quase todo o espaço do lazer da garotada. Em alguns casos, torna-se até necessária a interferência dos pais para tirá-las da frente da televisão, pois as mais novas são os que mais se ligam a qualquer tipo de programação. Logo, proibindo-as de assistirem determinados programas, necessário se torna servir-se de outras estratégias para o entretenimento dos pequerruchos. E entre os entretenimentos estão as estórias que ainda agradam muito a gurizada. Mas se o repertório de contos dos narradores (pais e pessoas mais velhas) é muito pequeno, eles devem ter, como reserva, outros contos, que apesar de curtos, tornam-se longos demais, pela repetição que os mesmos exigem, tornando-os até enjoativos. São os conhecidos **Contos, Estórias ou Casos Sem Fim ou Estórias Sem Conclusão, Inacabadas**, que levam, na certa, para mais de 70% das crianças a dormirem.

Mas os narradores dos casos, na aplicação desses recursos, precisam tomar cuidado para não narrá-los perto de adultos, sobretudo dos mais velhos, que estando cansados da faina diária, com problemas a resolver, nervosos enfim, aborrecem-se, irritam-se, facilmente, pela estória contada e recontada sem nunca atingir seu fim. Mais uma sabedoria do povo.

Os contos sem fim chamam a atenção para as coisas da vida que existem ao nosso redor, em nossa casa. Alguns são verdadeiros prega-peças.

Mostram como são importantes as coisas simples e sem importância da vida diária. Provam como o povo busca soluções para certos problemas: fazer criança ir para a cama mais cedo, proporcionando um melhor descanso aos pais. Isto é um ensinamento para nós. À luz do que o povo diz e faz, esse mesmo povo reage, pois não quer ser derrubado com seus problemas, grandes ou pequenos. Aos poucos vai adquirindo experiência e descobrindo um caminho. Um atalho se abre. Vai percebendo, por exemplo, como se deve educar as crianças, como se deve proteger a saúde, e assim por diante. Centenas de coisas pequenas, sem muita importância, mas que são muito



importantes.

Assim, aos poucos, a sabedoria cresce e aumenta. Torna-se um verdadeiro patrimônio que os filhos recebem dos pais e que eles, por sua vez, transmitem aos próprios filhos, enriquecendo-o e aumentando-o com a sua própria experiência.

Então, vamos aos meios (terapêutica) para criança dormir. Mas um pouco distante dos membros mais idosos da família.

1 - A ONÇA E OS CACHORROS

Eu tinha dois cachorro caçadô, muito bom. Um chamava Fala Mais e o outro Fala Menos.

Um dia eu saí a caçá co' eles. Sorteieles no mato e eles levantaro uma onça pintada, muito esperta. Foi uma luta muito bonita dos cachorro co'a onça. Quando a onça teve uma forguinha, subiu num gaio de uma arve. Então eu pude chegá até lá. O Fala Menos ficô, no chão, latino e o outro cachorro subiu nervoso, na arve, pra arrancá a onça.

Qual dos cachorro subiu na arve?

Arguém responde: Fala Mais.

Eu tinha dois cachorro...

(O contador repetirá novamente a estória e vai narrando até que o ouvinte mande parar).

Narrada por Ezequiel Batista de Carvalho, 75 anos (1987), Olímpia.

2 - JABUTICABA

Era uma família muito numerosa que gostava muito de jabuticaba e morava num sítio onde havia um enorme jabuticabal. Na época da jabuticaba, iam todas as pessoas da família para o jabuticabal e comiam muita jabuticaba. Chupavam jabuticaba, chupavam

jabuticaba, chupavam jabuticaba. Jabuticaba deixa as pessoas com a barriga muito cheia e com vontade de dormir. Então eles dormiam, dormiam, dormiam. Quando acordavam, estavam novamente com vontade de chupar jabuticaba. Então eles chupavam jabuticaba, chupavam jabuticaba, chupavam jabuticaba. Jabuticaba deixa as pessoas de barriga muito cheia e com vontade de dormir. Então eles dormiam, dormiam, dormiam. Quando acordavam... etc., etc.

(Vai repetindo sempre a mesma estória).

Narrado por Mário Francisco Montini, 23 anos (1987), Olímpia.

3 - O DESEJO DE BEATRIZ

Joãozinho estava muito cansado e deitou. Deitou e dormiu. Dormiu e sonhou com Beatriz, uma menina bonitinha, educadinha e muito pobrezinha. Sonhou que Beatriz queria ter uma boneca falante, mas seus pais eram pobres e não podiam comprá-la. Beatriz ficou sabendo que Papai Noel, um velhinho de bom coração, na Noite de Natal, trazia para as crianças boazinhas, o presente que elas quisessem. Era só escrever-lhe um bilheteinho e deixá-lo sobre o fogão. Beatriz, que era uma menina bonitinha, educadinha e muito pobre, não via a hora que o Natal chegasse. Sonhava, acordada, com sua linda boneca falante. Na véspera do Natal, foi dormir mais cedo, na certeza de que, de manhãzinha, receberia o seu desejado presente. Nisto, João acordou. Acordou e dormiu novamente. Dormiu e sonhou que Beatriz era uma menina bonitinha, educadinha e muito pobrezinha... etc., etc.

(Repete-se a estória diversas vezes)

Narrada por Júlio César Irani, 24 anos (1987), Olímpia.

4 - O HOMEM QUE MATOU A ONÇA

(estória acumulada)

Era uma vez um homem que matou uma onça, a onça que comeu um lobo, o lobo que comeu um cachorro, o cachorro que mordeu um gato, o gato que matou um rato, o rato que matou uma barata, a barata que engoliu um pernilongo, o pernilongo que atormen-

tava um homem, o homem que era atormentado por um pernilongo, o pernilongo que foi engolido por uma barata, a barata que foi morta por um rato, o rato que foi comido por um gato, o gato que foi mordido por um cachorro, o cachorro que foi comido por um lobo, o lobo que foi comido por uma onça, a onça que foi morta por um homem, o homem que matou uma onça, etc., etc.

(Conta-se tudo novamente).

Narrada por André Luís Carlos de Barros, 13 anos (1987), Olímpia.

5 - O LAGARTO

Havia um grande córrego e à sua margem tinha um grande coqueiro. Debaixo do coqueiro tinha um lagarto.

Você conhece lagarto? Ele se parece com jacaré.

Um dia caiu um coco na cabeça do lagarto. Ele chorou, chorou, chorou, demais. Suas lágrimas foram correndo, correndo, correndo e formaram um grande córrego. À beira deste córrego nasceu um coqueiro. Debaixo do coqueiro tinha um lagarto.

Você conhece lagarto? Ele se parece com jacaré.

Etc., etc...

(Conta-se a estória até que o ouvinte durma ou peça ao narrador para parar de contá-la).

Narrada por Célio José Franzin, 24 anos (1987), Olímpia.

6 - OS DOIS CACHORRINHOS

Havia dois cachorrinhos. Um se chamava De Novo e o outro Outra Vez. Um dia eles estavam na calçada, quando passava um caminhão muito carregado.

O De Novo ficou na calçada e o Outra Vez atravessou a rua, sendo atropelado pelo caminhão.

Quem o caminhão atropelou?

— Outra Vez.

Havia dois cachorrinhos. Um se chamava De Novo e o outro Outra Vez. Um dia eles estavam na calçada, quando passava um caminhão muito carregado.

O Outra Vez ficou na calçada e o De Novo atravessou a rua, sendo atropelado pelo caminhão.

Quem o caminhão atropelou?

— De Novo.

Então, o narrador conta novamente a estória.

(E continua contando a estória até que lhe peçam para parar).

Narrada por Sidney Carlos Schalch, 25 anos (1987), Olímpia.

7 - OS DOIS PASSARINHOS

Dois passarinhos: um verdinho e outro amarelinho, viviam presos numa gaiola. Comiam muita verdura, comiam muito alpiste, bebiam muita água, tomavam banho na vasilhinha d'água de beber e cantavam demais.

Os dois passarinhos eram muito bonitos, mas parecia não gostar da prisão. E, por não saberem falar nem chorar, cantavam, cantavam, cantavam. Cantavam o dia inteiro. Um se chamava Repete Tudo e o outro Mudinho.

Numa manhã, quando o dono dos passarinhos abriu a gaiola para dar-lhes comida, sabe o que aconteceu? Por um pequeno descuido deixou escapular o Mudinho que, da gaiola, foi parar diretamente no bucho de um gato esperto, vagabundo, que estava ali por perto.

Com o desaparecimento de Mudinho, quem ficou na gaiola?

— Repete Tudo.

(Aí, o narrador reproduzirá a estória. E assim será repetida muitas vezes).

Narrada por Antônio Clemêncio da Silva, 29 anos (1987), Olímpia.

8 - OS DOIS TOUREIROS

Havia na Espanha dois toureiros muito valentes: um de Barcelona e o outro de Madri. Os dois amavam a mesma mulher. Um dia eles se encontraram numa Praça de Touros. Puxaram de suas espadas e... Pensam que se mataram?

Eu vou contar-lhes o que aconteceu:

Havia na Espanha dois toureiros muito valentes: um de Barcelona e outro de Madri. Etc., etc...

(A estória é repetida muitas vezes).

Narrada por Gilberto Schalch, 63 anos (1987), Olímpia.

9 - SEU JEREMIAS

Era uma vez um velho chamado Seu Jeremias, pai de quinze filhos: sete moços e oito moças. Um dia eles viajaram. Andaram, andaram, andaram e se cansaram. Então, Seu Jeremias sentou-se um pouco e chamou seus quinze filhos: sete moços e oito moças e, com voz carinhosa, contou-lhes:

— Era uma vez um velho chamado Seu Jeremias, pai de quinze filhos: sete moços e oito moças. Um dia eles viajaram. Andaram,

andaram, andaram e se cansaram. Então, Seu Jeremias sentou-se um pouco e chamou seus quinze filhos: sete moços e oito moças e, com voz carinhosa, contou-lhes:

— Era uma vez um velho chamado Seu Jeremias, etc.

(E a estória continua sempre a mesma).

Narrada por Siegibert Fernandes, 50 anos (1987), Olímpia.

10 - TENHO UMA COISA PARA LHE CONTAR

Era o dia do aniversário de Juliano. Seu pai lhe disse:

— Meu filhinho, hoje é o dia do seu aniversário. Vai haver festa, vai ter bolo, vai ter baile e vai comparecer aquela menininha de quem você tanto gosta e que o papai já sabe.

O papai tem uma coisa muito importante para lhe contar, mas não tem coragem. Vai perguntar à sua mãe.

Aí, o Juliano foi perguntar à sua mãe.

A mãe lhe disse:
— Meu filhinho, hoje é o dia do seu aniversário. Vai haver festa, vai ter bolo, vai ter baile e vai comparecer aquela menininha de quem você tanto gosta e que a mamãe sabe.

A mamãe tem uma coisa muito importante para lhe contar, mas não tem coragem. Vai perguntar para seu avô.

(E assim continua: Vai perguntar para sua avó, titio, titia, irmão, irmã, primo, prima, colega, etc., etc.)

Narrada por Péterson Miranda de Andrade, 12 anos (1987), Olímpia.

Ao lado das estórias para boi dormir, há as que são cantadas. Também não têm fim. Irritam-nos ao extremo. Citemos um exemplo:



Bartolo tinha uma flauta,
A flauta é do Seu Bartolo,
Sua mãe sempre dizia:
Toca flauta, meu Bartolo,
Tinha um flauta,
A flauta é do Seu Bartolo,
Sua mãe sempre dizia:
Toca flauta, meu Bartolo,
Tinha uma flauta,

.....
(Continua indefinidamente)
Cantada em Olímpia.

Esses casos e esse tipo de música dão sono nas crianças. Porém, elas gostam de ouvir, aprender e narrá-los aos colegas e amigos. Mas quanto aos mais velhos..., este ficam com os nervos à flor da pele.

Cada povo com seu uso, cada roca com seu fuso

ISEH BUENO DE CAMARGO

DEPTO. DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Ao iniciar pesquisa relativa a certas expressões correntes no linguajar popular, procurei angariar o que conhecia como **Provérbios**. Também os chamava de Ditos, Máximas ou Ditados. O Prof. José Sant'anna trouxe-me relação de dez expressões dirigidas ao mesmo assunto: **Adágio, Anexim, Axioma, Brocardo, Ditado, Dito, Máxima, Prolóquio, Provérbio e Rifão**.

Procurando o significado de cada palavra, enriqueci meu trabalho com: **Norma, Preceito, Diretriz, Proposição, Regra e**, com alguma reserva, **Lugar-Comum**.

Arrolei todas as expressões encontradas sob a égide de **Sabendas**, ou seja, aquilo que vem a propósito, com conhecimento de causa. Ninguém melhor que os useiros e vezeiros em utilizar esses antiquíssimos meios de ensinamentos é capaz de fazê-lo com tanto conhecimento de causa. O homem do povo, utilizando sua ancestral sabedoria, faz do seu linguajar cotidiano, um verdadeiro cadinho de lições que, seguidas, aprendidas ou vividas, amaciam os caminhos dos neófitos.

Embora os sábios, os eruditos, os muito letrados abominem esse modo de transmitir conhecimentos, essa forma milenar de se moldar o caráter da criança, do jovem, do adolescente, é um meio válido, consciente, álcere muitas vezes, despreocupado ou candente, sério ou zombeteiro de se inculcar algo novo. Perpetuam-se valores através de provérbios, impõem-se normas de conduta através de velhos e esquecidos rifões, norteiam-se caminhos pelas sendas dos saudosos brocardos. Eles servem para todos os instantes da vida do ser humano. São ensinamentos gratuitos. Servem para todos. São do uso popular. São, portanto, manifestações folclóricas e, como tal, merecem ser estudados um pouco mais. Outros já o fizeram, porém, tantos encontrei, tão semelhantes alguns, tão díspares outros, tão incongruentes por vezes, tão claros quase sempre, tão obscuros vez por outra que lancei mãos à obra. Quem os conhece, que faça como eu: use-os e deles abuse. Quem não os conhece, cá estão, ordenados como achei por bem fazê-lo, segundo regras que estabeleci. Regras. Axiomas. Normas...

Primeiramente, em ordem alfabética, nomes, apelidos, sinônimos, sobrenomes, alcunhas, etc., do que vamos estudar:

1- **Adágio** (proposição, rifão popular, expressão, frase, palavra)

2- **Anexim** (ditado, sentença popular,

provérbio)

3- **Axioma** (verdade intuitiva, princípio científico evidente, não exigindo demonstração)

4- **Brocardo** (provérbio, sentença, ditado)

5- **Diretriz** (preceito de comportamento, regra)

6- **Ditado** (adágio, anexim, rifão)

7- **Dito** (enunciado, expressão)

8- **Lugar-Comum** (dito vulgar, trivialidade, frases feitas, idéias já muito conhecidas)

9- **Máxima** (conceito, axioma, sentença que serve de regra de conduta para pensamentos ou ações, preceito)

10- **Preceito** (norma, regra, molde, teor, exemplo, o que é recomendado como regra e ensino, norma de proceder, ensinamento)

11- **Prolóquio** (provérbio, máxima, teorema, problema)

12- **Proposição** (proposta, máxima, teorema, problema)

13- **Provérbio** (máxima reduzida que se tornou popular, rifão, anexim)

14- **Regra** (preceito, norma, diretriz, exemplo, modelo)

15- **Rifão** (provérbio, dito popular, adágio, ditado).

Batizados quinze vocábulos, todos com significados semelhantes, dirigidos para um mesmo fim: ensinar, dirigir, orientar...

Vejamos, agora, o que nossos sábios populares têm, o que utilizam para explicar DEUS e os seus poderes e quando possível, a intromissão de entidades míticas envolvidas no processo de direção ou orientação.

-Deus ajuda a quem cedo madruga.

Surge, aqui, o que o Prof. Sant'anna chama de antiprovérbio e que nada mais é do que a sabenda de um do contra, contra o que a ancestralidade preservou:

-Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.

Uma estória do meu pai, Sebastião Bueno de Camargo, ilustra o anexim anterior.

"Um português tinha um filho. Mimado. Preguiçoso. Amigo da cama. O pai, sempre a utilizar o dito: Deus ajuda a quem cedo madruga. Nada demovia o peralta.

Eis que, madrugada ainda, um vizinho encontra recheada carteira com dinheiro, sem nome, sem dono. Furioso, o pai acorda o filho, dizendo ter o mesmo perdido a oportunidade de se apossar de tal fortuna se cedo acordasse. Bocejando, indiferente à provável perda, filosofa o moço: Mais cedo levantou-se quem a perdeu, senhor meu pai. Tranquilo, recai no sono."

Vamos aos provérbios, sem mais delongas:

—Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

—Deus escreve certo por linhas tortas.

—Deus dá o frio conforme o cobertor.

—Deus tarda, mas não falha.

—Deus é pai e não padrasto.

—Deus, quando tira os dentes, enlargoce a goela.

—Deus fez e o Diabo ajuntou.

—Deus não dá nozes a quem não tem dentes.

...e vêm os espertinhos e retrucam:

—Deus dá asas para quem não sabe voar.

—Deus dá o coco para quem não tem dentes.

...e o Diabo está sempre por perto:

—Quando Deus dá o toicinho, o Diabo tira o jirau.

—Quem deve a Deus, paga ao Diabo.

—Quem não ama a Deus, ama ao Diabo.

—Deus propõe e o Diabo dispõe.

—O Diabo não é tão feio quanto o pintam.

—O Capeta atenta, a faca entra.

—Quem com sangue escreve, ao Diabo serve.

—Falando do Diabo, ele mostra o rabo.

—Com a mulher nem o Diabo pode.

—Com mulher de bigode, nem o Diabo pode.

—Quando Deus tira os dentes, engrossa a saliva.

—Quando Deus tira os dentes, alarga a garganta.

—Quando Deus fecha uma porta, abre logo duas janelas.

—O futuro a Deus pertence.

—Quando Deus quer, até água vira remédio.

—Faça a tua parte que Deus fará a dele.

—Cada um por si e Deus por todos.

—Cada qual com a sina que Deus lhe deu.

—Cada qual como Deus o fez.

—De hora em hora, Deus melhora.

—O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada.

—A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.

—Quem tem coração aberto, de Deus está sempre perto.

Alguns são rítmicos:

—Onde há arruda, Deus ajuda.

—Quem tem Deus no coração não vai ao chão.

—Convidados em casa, Deus no lar.

São também chamados de **Provérbios rimados**, verdadeiros dísticos, período curto que os caracteriza, compostos de duas orações, no mínimo, e aí aparece a trova.

Eis alguns:

—Quem canta seu mal espanta.

—Quem muito quer saber, mexerico quer fazer.

—Conversa de puta, Deus não escuta.

—Quem espera, desespera.

- Céu pedrado, chão molhado.
- Deus tem mais pra dar que o Diabo tem pra levar.
- Só lembra de Santa Bárbara quando ronca a trovoada.

Englobando todos esses Adágios, um muito usado, irônico e sempre atual:

- Santo da casa não faz milagre.

Como é sabido, santo da casa não faz milagre. E chegamos à encruzilhada: como dispor no papel, cerca de mil provérbios sem que, das duas uma, ninguém leia o que encontramos ou que lendo, acredite ter desperdiçado o seu tempo? Só um milagre para sairmos do impasse. Simples enunciação dos mesmos? Que ordem a ser seguida? Quais escolher?

Porque sei que **“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”**, que **“A pressa é inimiga da perfeição”** e que **“A corda arrebenta sempre do lado do mais fraco”**, aventure-me a um critério todo meu, isto é, sem muito critério, parando aqui e ali, chegando, um dia, ao final dos mesmos. Com gente lendo e acreditando. E usando. E discutindo. **“A fé remove montanhas.”**

Um descanso. Vamos ver algumas Frases

Feitas, alguns Lugares-Comuns, depois entraremos nos Brocardos.

— Aí que a porca torce o rabo. (Se há um entrave enquanto alguém conta algo, se um espinho surge durante um projeto, a frase surge na hora).

Algumas frases são similares, outras complementares:

- Bobeou, dançou.
- Dar com os burros n'água.
- Dar com os bois n'água.
- Está no mato sem cachorro.
- Ficou pior a emenda que o soneto.
- Fazer ouvidos de mercador.
- Pensando que gaita é berimbau.
- Perdido por perdido, truco.
- Trocou as mãos pelos pés.
- Para sabido, sabido e meio.
- É preciso ver para crer.
- Vivendo e aprendendo.
- Vacilou, o cachimbo caiu.
- Vacilou, dançou.
- Matar o bicho (no sentido de tomar cachaça).

As Frases Feitas, em geral, têm caráter zombeteiro, há sempre laivos de aconselhamento ácido, como: “eu não disse?”. Mas aconselham, ensinam, orientam, põem os pingos nos is.

Vamos ver mais algumas:

— Até as pedras se encontram.

— A roupa é maior que o defunto (ou menor que o defunto).

— Atirar pérolas aos porcos.

— Afobado come cru.

— Andar de seca em meca.

— Antes estimado que abusado.

— Agarrar a ocasião pelos cabelos.

— Barriga cheia, coração contente.

— Brabo que só siri em lata (ou enlata-do).

— Botar lenha na fogueira (atijar uma briga).

— Botar os pingos no is.

— Batendo os pinos (endoidecendo).

— Barbado só c a m a r ã o (preferência por mulher).

— Beleza não se põe à mesa.

— Cachorro cheia cachorro.

— Cantando como galo (o valentão sem força ou prestígio).

— Comigo é o preto



Botar a viola no saco.

no branco (as coisas às claras).

— Com uma mão na frente, outra atrás (sem nada, na miséria).

— Cuidado com o andor que o santo é de barro (ir mais devagar).

— Chuva não quebra osso.

— Chuva miúda não mata ninguém.

— Contra a força não há resistência.

— Comer como um frade (comer em demasia).

— Colocar o carro adiante dos bois.

— Cozinhando galo (demora para terminar algo: um pedreiro, por ex.).

— Cada porta tem sua chave (cada coisa no seu lugar).

— Chumbo trocado não dói (ofensas mútuas).

— Com quantos paus se faz uma canoa (dar o trocado).

— Coitado é filho de rato que nasce pelado.

— Cochilou, o cachimbo caiu.

— Cada coisa no seu tempo.

— De tanto pensar morreu um burro.

— Desgraça pouca é bobagem.

— Deixe estar, jacaré, que a lagoa há de secar.

— Dar de mão beijada (dar sem nada em troca).

— Do burro se espera o coice.

— Deu as costas por resposta.

— Dar tapas com luvas de pelica (revidar com classe).

— Dar tapa e esconder as mãos.

— Devagar com o andor (falar com mais cuidado, com menos acidez).

— É chover no molhado.

— É querer ensinar o Pai-nosso ao vigário (mostrar saber demais).

— É o mesmo que ir a Roma sem ver o Papa.

— Esticar a canela (morrer).

— Enfeitada que nem bandeira de Santos Reis.

— Eta mundo véio sem porteira (mundo velho).

— Fugindo da raia (fugir à briga, ao compromisso).

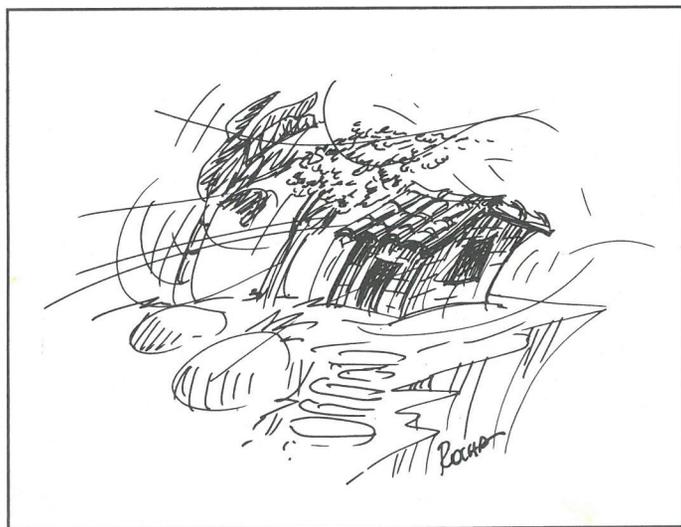
— Fazer um dilúvio num copo d'água (brigar por pouca coisa).

— Fazer das tripas coração (enfrentar a desgraça com gáudio).

— Fazer tempestade em um copo d'água.

— Ficar com um olho aberto, outro fechado (ficar alerta).

— Ficar sujo que nem pau de galinheiro



Um dia a casa cai.



Dançar na corda bamba.

SABENDAS

(difamado, mal visto).

- Feio que nem briga de foice no escuro.
- Fazer-se de burro para comer milho (o sonso, o disfarçado).
- Fazer cortesia com o chapéu alheio (dar o que não lhe pertence).
- Gosto não se discute.
- Gambá cheira gambá (os semelhantes se procuram).
- Gato escondido com rabo de fora.
- Galo onde canta, janta (enfrentar conseqüências).
- Humilde sim, conformado não.
- Isto vai dar pano pr'as mangas (vai dar o que falar).
- Jogar o verde para colher maduro (tentar descobrir um segredo).
- Lé com lé, cré com cré.
- Lágrima de rato em enterro de gato.
- Longe da vista, longe do coração.
- Licença só na Prefeitura (esta foi do Alberto Bianchi, em Pirangi).
- Lobo em pele de cordeiro.
- Mulher de amigo para mim é homem (não tenta tomá-la).

- Muito riso, pouco siso.
- Muito ajuda quem não atrapalha.
- Miséria pouca é bobagem.
- Mão fria, coração quente.
- Mais triste do que bater na mãe por falta de comida (de mistura).
- Mais triste do que socó no brejo (socó: ave ribeirinha).
- Matar a cobra e mostrar o pau.
- Malhar em ferro frio.
- Mal de muitos, consolo é.
- Mais realista que o rei.
- Nada como um dia atrás do outro!
- Não pode ver defunto sem feder (ou sem treler. Era do Bastião, nosso pai. Se parássemos para ouvir um bate-boca de comadres, lá vinha a frase. E como era usada...).

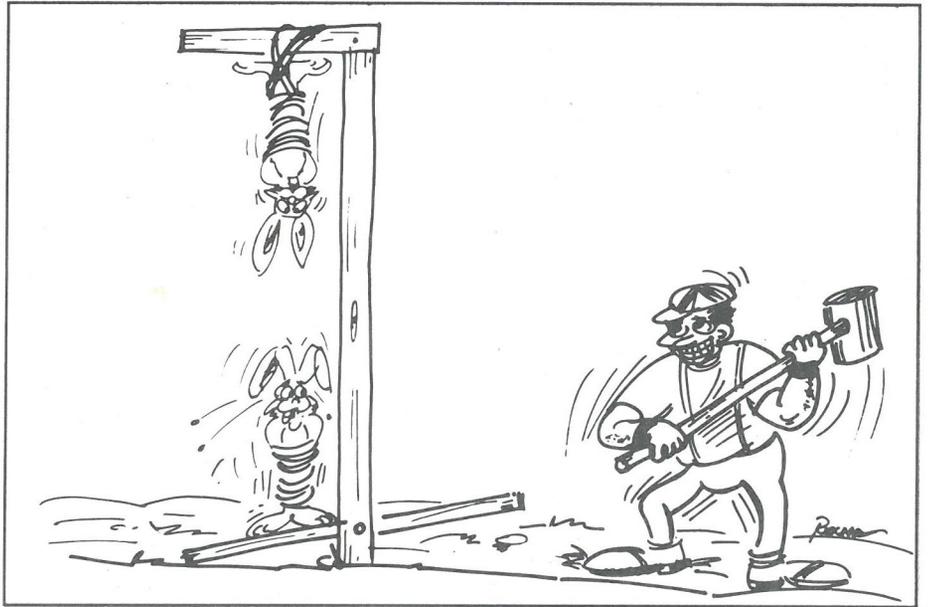
—Não caga nem desocupa a moita (essa é de toda a família, principalmente da Iech, lá no Tocantins).

—Nem tanto ao céu, nem tanto à terra (não exagerar no que diz ou faz).

—No frigrir dos ovos é que a manteiga chia.

—Nem todo dia é dia santo (usada quando pedíamos dinheiro ou permissão para ir a um baile ou festa).

—Não se gasta vela com defunto ruim.



Matar dois coelhos com uma cajadada só.

- Não se queima vela para defunto ruim.
- Não é para o bico de qualquer um.
- Não é pipoca, mas dá seus pulinhos (age mal por trás do pano).
- Não vale um tostão furado.
- Não sou relógio de repetição.
- Não vá com muita sede ao pote (não se afobar).
- Não adianta chorar o leite derramado (não há remédio para o mal feito).
- Não se catuca (do verbo cutucar) boi com vara curta.
- Não contar com os ovos antes da galinha botar.
- O apressado come cru.
- O roto falando do remendado (ou rasgado).
- Os dedos da mão não são iguais.
- O mar não está para peixe (quando algo não sai a contento).
- O mundo não foi feito em um só dia (não se afobar).
- O castigo vem a cavalo (tarda mas chega).
- O barato sai caro...
- Os semelhantes se atraem.
- O boi solto lambe-se todo.
- Onde vai a corda vai a caçamba (o balde).

—Onde vai o rei vai a corte.

—O mundo dá muitas voltas...

—O povo aumenta, mas não inventa.

—Onde come um, comem dois.

—O que não mata, engorda.

—O mundo é a melhor escola.

—O tempo traz, o tempo leva.

—O amor é cego, o vizinho não.

—Pior a emenda do que o soneto.

—Pão, pão, queijo, queijo

(o mesmo que toma lá, dá cá).

—Procurar chifres em cabeça de cavalo (caçar tropeços onde não há).

—Pra baixo todo santo ajuda.

—Parece urubu em cima da carniça.

—Paredes têm ouvidos...

—Palpite só na Favorita (Favorita, tradicional Casa Lotérica de São Paulo).

—Por fora bela viola, por dentro pão bolorento (ouvido pela 1ª vez em 1929, quando a professora Teresa Bailão examinava cabeças cheias de piolhos).

—Pra louco, mata fechada.

—Pra dor de dente, cocada.

—Pede mais do que filho de cego.

—Parentes são os dentes...

—Patife vivo, patife morto (nada restará pós-morte).

—Pega o bonde andando e quer sentar na janela (segundo meu cunhado Valdemar Campos Silva, refere-se a quem entra na conversa pela metade e opina errado).

—Que seria do verde se todos gostassem do amarelo?

—Quanto mais besta, mais peixe (quem não sabe nada quase sempre capta as coisas no ar, ou tem mais sorte).

—Quanto mais se vive, mais se aprende.

—Quando a mula fala, o homem cala (quando há muita asneira no que se ouve, é melhor ficar calado).

—Quem gosta de velho é reumatismo.

—Quem pariu Mateus que o embale (do meu pai, também, referindo-se a quem deve enfrentar as conseqüências dos seus atos).

—Quem foi à roça perdeu a carroça.

—Quem foi ao vento perdeu o assento.

—Que não dança pega na criança.

—Quem caça, acha.

—Quem trabalha de graça é relógio.

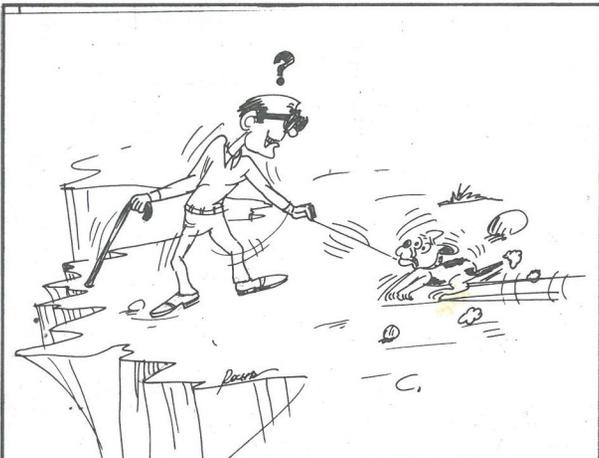
—Quem não se comunica se estrumbica (muito usada pelo Chacrinha, animador de TV).

—Quem cochila o cachimbo cai.

—Quem foi a Portugal perdeu o lugar.

—Quem foi à Bahia perdeu a bacia.

—Quem corre cansa e nada alcança.



Não sou bengala de cego que vai para onde se puxa.

- Reclamando de barriga cheia.
 - Seja como for, ora pro nobis (o que tiver de ser, será).
 - Seja como for, dominus vobiscum.
 - Subir pelas paredes (de raiva).
 - Senhor está no céu (não querer ser chamado de senhor fulano).
 - Solta o rojão e corre atrás da vareta (do cunhado Valdemar que explica: boateiro que pede segredo e o próprio o espalha; contador de piada que ri sozinho do que conta).
 - Tal pai, tal filho.
 - Tem o olho maior que a barriga (o guloso).
 - Tamanho não é documento.
 - Tirar as castanhas com a mão do gato (o aproveitador).
 - Useiro e vezeiro (o que usa e abusa).
 - Vive comendo abobrinha e arrotando peru (é convencido, aquele que tem mania de grandeza).
 - Vendi conforme comprei.
 - Veio da roça sem enxada (o esquecido, o descuidado, o preguiçoso).
 - Ver com os olhos e lamber com a testa (o que não está ao nosso alcance. Na vitrina, sonhar com os doces expostos).
 - Vivendo no mundo da Lua (distraído, fora da realidade).
 - Ver o Sol nascer quadrado (o preso em geral ou quem pratica ação má.)
- Aí estão as famosas **Frases Feitas**, os **Lugares-Comuns** que tanto uso têm, que fazem parte da conversa informal do dia-a-dia e que estão na boca de todos, não têm fronteiras. Umhas duzentas frases feitas, acho que são suficientes para aquilatar-se à imensidão da Sabenda popular, não só brasileira, mundial! Estão incorporadas à literatura de todos os níveis, estão na conversa comum, nos jornais, nas revistas, nos meios de comunicação orais e visuais, na boca da criança, do jovem, dos velhos. Têm que ser aceitas.
- Agora, um pouco mais de ANEXINS, estes com "QUEM", pronome, acho eu. Se não for, não me responsabilizo: "palavra louca, orelha mouca", como diz a Prof^a Ivete Fernandes
- Vamos lá:
- Quem planta e cria, tem alegria.
 - Quem não se contenta com o pouco, nem com o muito.
 - Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
 - Quem dorme com criança amanhece molhado.
 - Quem dorme com criança acorda mijado.
 - Quem tem boca vai a Roma.
 - Quem desdenha quer comprar.
 - Quem o alheio veste, na praça o despe.
 - Quem não deve, não teme.
 - Quem não pode com o andor não carrega o santo.
 - Quem cala consente.
 - Quem sai primeiro se cansa.
 - Quem não arrisca não petisca.
 - Quem nasceu pra dez réis não chega a tostão.
 - Quem nasceu para tostão nunca che-

- gará a cem mil réis.
- Quem canta seus males espanta.
- Quem não tem competência não se estabelece.
- Quem fala demais dá bom dia a cavalo.
- Quem já foi rei nunca perde a majestade.
- Quem não se enfeita por si se enjeita.
- Quem cochicha o rabo espicha.
- Quem muito quer, nada tem.
- Quem tem telhado de vidro não joga pedra no vizinho.
- Quem quer vai, quem não quer manda.
- Quem usa cuida.
- Quem com ferro fere, com ferro será ferido (aliteração).
- Quem o feio ama bonito lhe parece.
- Quem ri por último, ri melhor.
- Quem pensa não casa.
- Quem casa quer casa.
- Quem espera sempre alcança.
- Quem não tem cão, caça com gato.
- Quem muito escolhe, escolhido é.
- Quem muito alto quer subir
Sem ter asas pra voar,
As nuvens já estão rindo.
Do tombo que vai levar.
- Quem tem tutano não entra pelo cano.
- Quem procura sarna pra se coçar, acha.
- Quem adiante não olha, atrás torna.
- Quem quiser chegar a tempo, ande firme e devagar.
- Quem tem olhos fundos, começa a chorar cedo.
- Quem é vivo sempre aparece.
- Quem quiser viver no mundo, há de ouvir, ver e calar.
- Quem não cuida senão de si, nada pode esperar dos outros.
- Quem vê cara não vê coração.
- Quem se fia em sapato de defunto, toda a vida anda descalço.
- Quem parte ou reparte, fica com a maior parte.
- Quem parte ou reparte
E não fica com a maior parte
Tem muito de tolo
Ou com o Diabo tem parte.
- Quem de muito tira pouco, não se nota a diferença.
- Quem não pode com mandinga não carrega patuá (mandinga: rezas bravas; patuá: amuleto).
- Quem fala muito, pouco acerta.
- Quem não pode com o pote não pega na rodilha (rodilha: rosca de pano onde é assentada a carga que se leva na cabeça).
- Quem em minha casa não vai, da sua me corre.
- Quem nasceu para cangalha, não dá para sela (cangalha: armação que sustenta a carga das bestas).
- Quem muito abraça, pouco aperta.
- Quem vende fiado acaba pelado.
- Quem com muitas pedras mexe, uma



Parece ter o rei na barriga.

- Quem dá na cabeça.
- Quem dorme no ponto é chofer.
- Quem ama com fé, casado é.
- Quem gosta torna.
- Quem não olha adiante, para trás fica.
- Quem tem boca não manda soprar.
- Quem furta pouco é ladrão, quem furta muito é barão.
- Quem replica o sino não acompanha procissão.
- Quem meu filho beija, minha boca adoça.
- Quem muito escolhe com o pior se apega.
- Quem compra terra não erra (propaganda de adubo).
- Quem tropeça cai.
- Quem não tropeça também cai.
- Quem muito dorme pouco vive.
- Quem tudo quer saber, mexerico quer fazer.
- Quem bota pobre pra frente é tropeção.
- Quem gaba a noiva é o noivo.
- Quem gosta da boca do cano é ferrugem.
- Quem não tem dinheiro não beija santo.
- Quem muito namora e não se decide, acaba casado com mulher à toa.
- Quem por gosto corre não se cansa.
- Quem de si faz alarde, o cu sem tardança lhe arde.
- Quem quer mais do que convém, perde o que quer e o que tem.
- Quem a velhice desmerece, pela língua apodrece.
- Quem tem topete não vê tapete.
- Quem não quer aparecer, não deixa o fato acontecer (policial).
- Quem tem amor tem saudade.
- Quem muito abarca pouco segura.
- Quem para cima cospe, na cara lhe cai.
- Quem dá depressa, dá duas vezes.
- Quem faz o mal, espere outro mal.
- Quem dá e tira, vai no Inferno e vira.
- Quem deu e tirou, foi no Inferno e virou.
- Quem muito escolhe mal acerta.

Aí estão os "QUEM", uns noventa, fáceis de serem aplicados à hora certa, alguns denunciando um certo cinismo, outros ingênuos, sempre lições de puro saber popular, provérbios, adágios, ou seja lá o que for, nossos BROCARDOS!

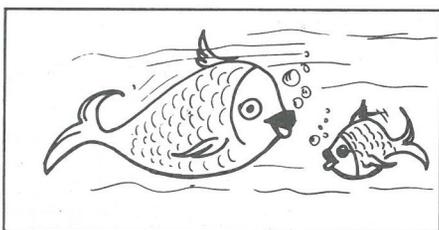
Vejamos agora

Máximas envolvendo animais

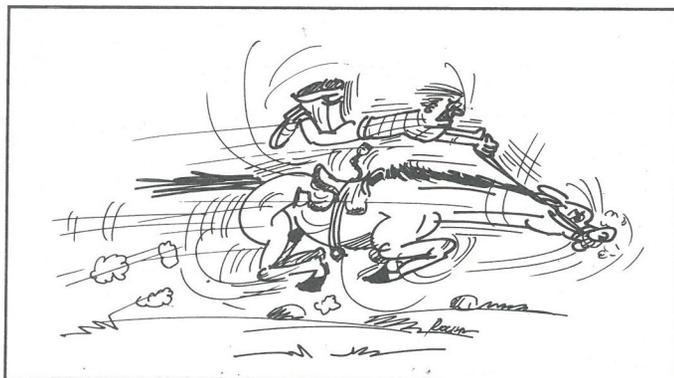


Bate-se na cangalha para burro entender.

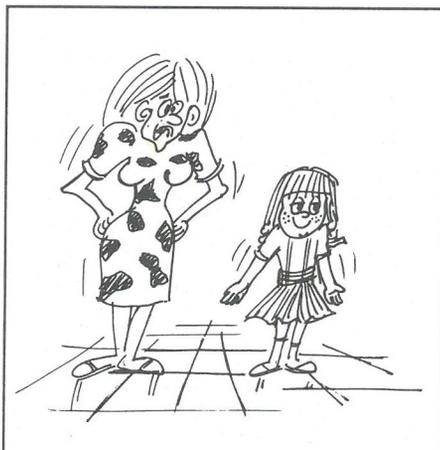
- A barba não pesa ao **bode**, nem a lã ao **carneiro**.
- A **galinha** do vizinho é sempre mais gorda.
- **Animal** que mijar para trás leva o dono para frente (mijar: urinar).
- As más notícias andam a **cavalo**.
- Abel, Abel, não tendes **abelhas** e vendes mel?
- A **formiga** quando quer se perder cria asas.
- A **cavalo** dado não se olha a idade.
- De **cavalo** dado não se olha os dentes.
- À noite todos os **gatos** são pardos.
- Amarra-se o **burro** à vontade do freguês.
- A **galinha** que cantou botou.



Filho de peixe, peixinho é.

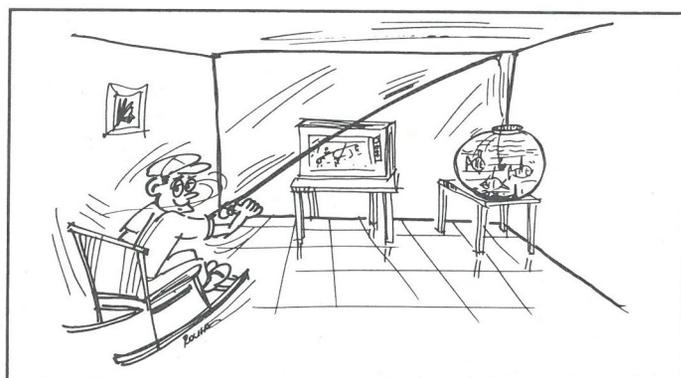


Em cavalo corredor cabresto curto.



Filha de onça nasce com as pintas.

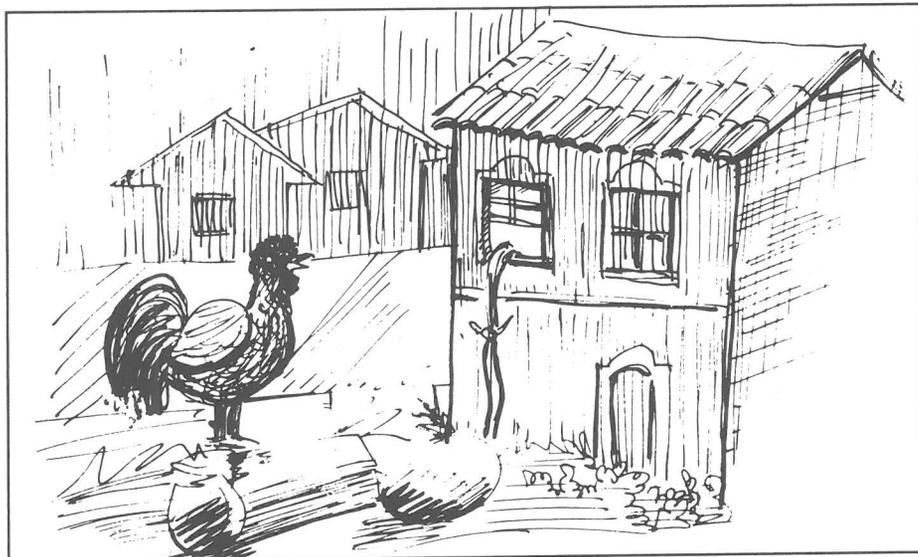
- Antes **burro** vivo que sábio morto.
- Antes covarde vivo que herói morto (variante).
- Antes magro no mato que gordo no papo do **gato**.
- **Boi** sono é que arromba cerca.
- **Boi** manso é que derruba o dono.
- **Boi** em terra estranha é vaca.
- Bom amigo é o **gato**, mas arranha.
- **Boi** velhaco conhece o outro pelo berro.
- **Gato** de luva, sinal de chuva (para alguém trajado com demasiado apuro).
- **Burro** velho é o que masca o freio.
- **Boi** solto lambe-se todo.
- Cada **macaco** no seu galho.
- **Cachorro** mordido por cobra tem medo de lingüiça.
- **Cão** que ladra não morde.
- **Cachorro** que late não morde.
- **Cavalo** velhaco no pasto se junta.
- Choro de **crocodilo** em enterro de **jacaré** (frase feita).
- Cautela e caldo de **galinha** não fazem mal a ninguém.
- Conforme o tamanho do **burro** é o coice.



É mais fácil pegar um peixe em águas calmas que em mar tempestuoso.

- **Cobra** parada não engole **sapo**.
- **Caça** ruim é que desarma mundéu (arapuca, armadilha).
- Cabeça quente chama **piolho**.
- Conhece-se a força dos **bois** na subida do morro.
- De grão em grão a **galinha** enche o papo.
- De fazer favor o **nambu** perdeu o rabo.
- De noite todo **gato** é pardo (variante).
- Dianteira de padre e traseiro de asno não facilite.
- É o olho do dono que engorda o **porco**.
- Em festa de **macaco**, **nambu** não pia.
- Em festa de **nambu** não entra **jacu**.
- Em rio onde há **piranha**, **jacaré** nada de costas.
- Em festa de **jacu** não entra **nambu** (variante).
- É melhor ser um ferrão pequeno do que um **boi** grande.
- Enquanto houver **cavalo**, São Jorge não anda a pé.
- Em terra onde não há carne, espinha de peixe é lombo.
- Espora existe para **cavalo** lerdo.
- Em **burro** velho não se bota freio pequeno.
- Em mata sem **onça**, **veado** salta e cabreia (dita por um carioca quando do 26.º FEFOL).
- Filho de **peixe** sabe nadar.
- Filho de **gato** mata **rato**.
- **Gato** escaldado de água fria tem medo.
- **Galinha** velha é que dá bom caldo.
- **Gato** com fome, come sabão.
- **Gato** com fome, come até farofa de alfinete.
- **Galinha** cega, poleiro cedo.
- **Galo** velho canta como **galinha**.
- **Galo** que fora de hora canta, faça na garganta.

SABENDAS



Galo quando canta fora de hora é moça roubada que vai dando o fora.

— **Jacaré** quando tem fome, até barro come.

— **Laranja** na beira da estrada ou está passada ou tem **marimbondo** no pé.

— **Laranja** madura, na beira da estrada, tem **marimbondo** ou está bichada.

— **Ladram** os cães, mas a carruagem passa.

— **Macaco** velho não trepa em galho seco.

— **Macaco** que pula quer chumbo.

— **Miguel, Miguel**, não tendes **abelha** e vendes mel? (variante de Abel, Abel).

— **Mais** puxa um fio de bondade do que cem **juntas de bois**.

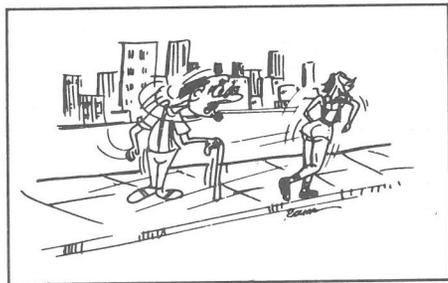
— **Macaco** senta sobre o rabo para ver o defeito alheio.

— **Macaco** não olha o seu rabo.

— **Macaco** de luva é sinal de chuva.

— **Macaco** roncando na serra é chuva na terra.

— **Macaco** que muito pula cai do galho.



Para bode velho, capim novo.



Pelo tamanho do burro se conhece a patada.

— Melhor ter um **cachorro** amigo do que um amigo cachorro.

— **Macaco** gordo não balança em galho fino.

— **Macaco** fala mal da vida alheia sentado em cima do rabo.

— Não mate um **boi** quando basta uma **galinha**.

— Não dê tiro para matar uma **barata** (não desperdiçar palavras ou energias).

— Não é com **vinagre** que se apanham **moscas**.

— O bom **cabrito** não berra.

— O **boi** roceiro, pelo berro conhece o companheiro.

— Onde a **vaca** vai o **boi** vai atrás.

— O **boi** na terra alheia, até de **vaca** leva chifrada.

— O carro não anda adiante dos **bois**.

— Onde **galinha** come, **tiririca** vai pro brejo (**tiririca** é erva daninha).

— O que é do homem o **lobo** não come.

— Praga de **urubu** não pega em **cavalo** gordo.

— Praga de **urubu**, cai no mesmo cu.

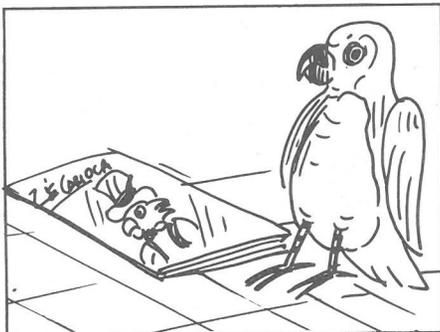
— Praga de **urubu** magro não mata **cavalo** gordo.

— Para **burro** comedor, **cabresto** curto.

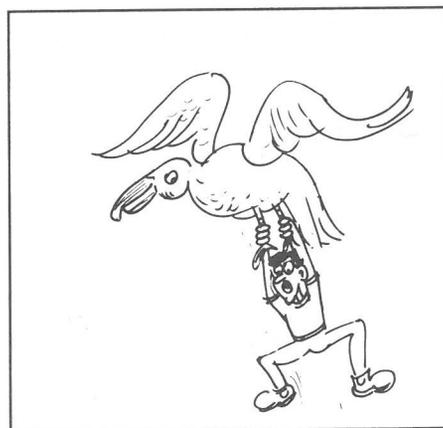
— **Prudência** e caldo de **galinha** não fazem mal a ninguém.

— **Pato** e parente só servem para sujar a casa.

— Para quem monta **cavalo** esperto,



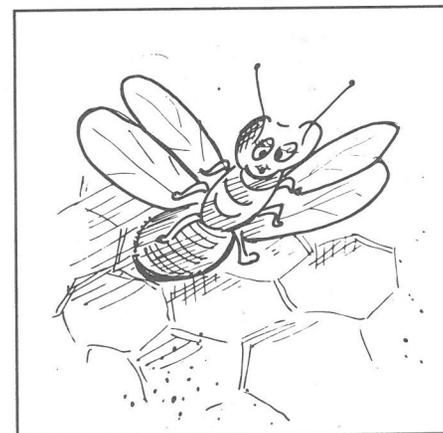
Papagaio come milho, periquito leva a fama.



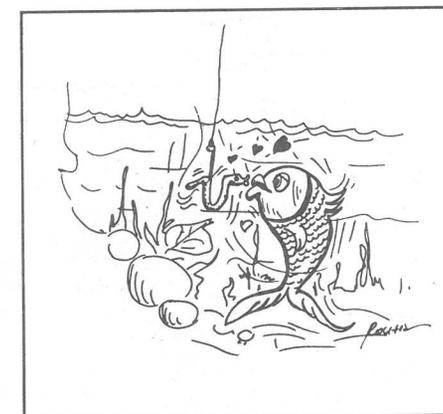
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.



Macaco que muito mexe quer chumbo.



Não há enxame que não comece com uma única abelha.



O peixe morre pela boca.

toda lonjura é perto.

— Quando um **burro** fala, os outros murcham a orelha.

— Quando o **gato** sai, os **ratos** dançam.

— Quando o **gato** não está, os ratos andam à solta (ou andam soltos).

— Quando se procura **porco**, até as moitas roncam.

— Quando o **gato** sai, o **rato** toma conta (variante).

— Quem aos **porcos** se mistura, come lavagem.

— Quem anda de banda é **caranguejo**.

— Quem não tem **abelha** e vende mel, de algum lugar lhe vem.

— Quem canta de graça é **galo**.

— Quem não arrisca não petisca, nem pega **peixe** sem isca.

— Quem **cabras** tem, **cabritos** vende.

— Quem dorme na praça, o jacaré abraça.

— Quem a **galinha** de Del Rei come magra, gorda a paga.

— Quem na teia a teia tece, na teia será tecido (da mana Ideh, Pirangi, significando aquele que faz rolos, trapaças). (**aranha**)

— Ronco de **cachaço** não assusta o bom peão (cachaço é porco reprodutor. Usado aqui como ser sem valia, quem a ninguém assusta).

— Só o **peru** morre na véspera.

— Sogro rico e **porco** gordo só dão lucro quando mortos.

— Suspiro de **burro** não arreventa o buçal.

— Se o meu **galo** canta o teu repinica.

— Tanto vai o **rato** ao ninho que acaba deixando o rabo no caminho.

— Uma **andorinha** só não faz verão.

— **Urubu** voando, carniça cheirando (variante).

— Uma **ovelha** desgarrada põe o rebanho todo a perder.

— Um **gambá** cheira o outro (variante).

— **Urubu** sem sorte, até nas pedras se atola.

Aqui estão, portanto, cento e tantas máximas que envolvem animais, que apresentam certos animais para mascarar as intenções ocultas, que ferem, que pretendem moralizar. Há sempre a sutil intervenção do animal quando a lição precisa ser dada, no momento oportuno, doa a quem doer ou entender. Há sempre uma válvula de escape: "Não falei de você". "Macaco velho não trepa em galho seco", não é?

Não acabei: estas surgiram no último fim de semana. Não vou perdê-las. Quebro minha ordem desordenada, têm que aparecer.

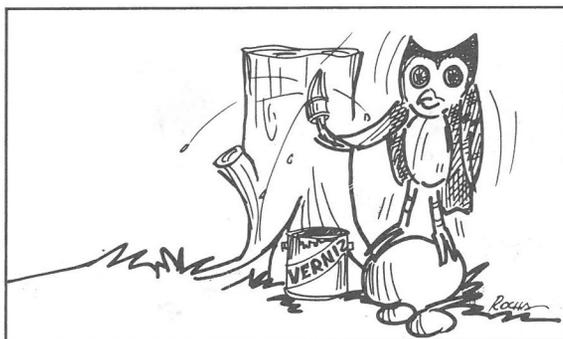
1ª) Frases Feitas

— Farinha do mesmo saco.

— Dar uma colher de chá.

— Ficar com um pé na frente e outro atrás.

— Com muito se vive, com pouco se



Quem gaba o toco é a coruja.

passa.

— Meter-se em camisa de onze varas (ir para a prisão ou meter-se em encercas).

2ª) Adágios

— Mais quero um asno que me carregue do que um cavalo que me derrube.

— Burro carregado de açúcar, até o rabo é doce.

— Jumento carregado de cana, até o rabo é doce.

— Pra bom entendedor, pingo é letra.

— Com quem pode não se brinca.

Um pequeno repouso, sempre faz bem ao guerreiro. Acho que é um provérbio, recém-nato, fresquinho. Vamos segui-lo, descansando um pouco. Enquanto descansamos, carreguemos pedras.

São um tanto quanto pesadas, fogem da conceituação que conseguimos, mas são jeitos de falar, zombando, acariciando, são ditos populares. Não sabendo que nome lhes dar, chamemo-las de "MÍNIMAS", opondo-se às MÁXIMAS. São do meu cunhado Valdemar e da mana Ideh, mananciais inesgotáveis desse sa-

Acho que descansamos o suficiente. Agora, para mostrar como é sábio o nosso homem comum, vamos ver como ele aproveita os fenômenos da natureza, os fenômenos meteorológicos, a própria natureza, e dela extrai lições de sabor popular. Batizemos estes de

Diretrizes Naturais (ou Natureza)

— A água quer quem tem medo dela, porque quem não tem já é dela.

— A água corre sempre para o mar.

— Águas passadas não movem moimho (ou paradas).

— A desgraça do pau verde é estar perto do seco.

— Amigo de bom tempo, muda-se com o vento.

— Céu pedrento, chuva ou vento.

— Céu pedrento, chuva de vento.

— Céu nublado, chão molhado.

— Cesteiro que faz um cesto faz um cento, desde que tenha cipó e tempo.

— Céu pedrado, chão molhado.

— Frio na lama, chuva chama.

— Cerração baixa, sol que racha.

— Fumaça na serra, chuva na terra.

— Muito barulho, pouca chuva (possui diversos sentidos: pessoa espalhafatosa, grita muito e age pouco;

briguento que foge à luta; chuva pouca após barulho intenso).

— Chuva miúda não mata ninguém (Deu até samba carnavalesco):

Chuva vai, chuva vem

Chuva miúda não mata ninguém.

Moça que muito namora

Não encontra casamento,

Um amor de hora em hora

É chuva de vento.

— Círculo fechado, chão molhado (círculo na Lua).

— Círculo aberto, chuva perto.

— Chuva que começa na Minguante vai até o mês entrante (seguinte).

— Círculo na Lua, lama na rua.

— Dias de muito, véspera de nada (quando se quer fazer muita coisa de uma só vez).

— Do mundo nada se leva.

— De onde sai fumaça vem o fogo

ber popular.

MÍNIMAS

— Ô zoeira, cabelo de negra é só poeira!

— O que engorda porco é lavagem, bunda de negra é garage.

— Ei vida, Margarida, passo a mão na bunda é só ferida!

— Não me olhe de lado que não sou melado.

— Não me olhe de banda que não sou quitanda.

— Não me olhe enfezado

que não sou casado.

— Pegue o Rompe-e-Diga, come leite e não mastiga (Rompe-e-Diga: cavalo. É ordem para ir-se rápido a algum lugar, sem paradas pelo caminho).

— Vai num pé lá e noutra cá.

— A Lua vem surgindo, vermeia que nem coaiada, se você não gosta de mim, por que montou na garupa da minha égua? (a rima seria grosseira e há o desvio que suaviza tudo). E há uma variante:

— A Lua vem surgindo, redonda como tamanco, se você não me quer mais, por que sobe na garupa do meu baio?

— Meu bem, meu chá, minha cambuca de mijá (beijando o pescoço da pessoa querida). Cambuca: o mesmo que cambuca).

— Homem com homem, mulher com mulher, faca sem ponta, galinha sem pé. (diz-se muié com muié, para rimar com pé).

E agora uma pergunta da pesada:

Por que a galinha é sapatão? - Porque tem pinto.

(com relação a boatos).

— Lua Nova trovejada, trinta dias de molhada.

— Lua com círculo, água traz no bico.

— Uma gota d'água no mar (frase feita).

— Manhã ruiva, vento ou chuva.

— Muito trovão, pouca chuva.

— Não se deixa caminho por atalho.

— Nuvem na serra, chuva na terra.

— Não se deixa arroteio por atalho (por ataio, como diz o povo).

— Não há Sábado sem sol, Domingo sem missa, Segunda sem preguiça.

— Não ria antes do amanhecer, para não chorar antes do anoitecer.

— Nunca digas desta água não beberei.

— Não é todo viajante que merece o melhor caminho.

— Onde há fumaça há fogo (variante).

— Orvalho não enche o poço.

— O tempo é testemunho da verdade.

— O tempo traz, o tempo leva.

— Pau que nasce torto, morre torto.

— Quem está na chuva é pra se molhar.

— Quem tem rabo de palha não brinca com fogo.

— Quem semeia ventos colhe tempestades.

— Quem brinca com fogo se queima.

— Quem engana malandro não perde o céu.

— Quem planta vento, colhe tempestade (variante).

— Quem vai na frente bebe água limpa (o esperto).

— Quem espinho semeia ferirá o pé.

— Quem viaja no mar avia-se na terra.

— Quem espera tempo ruim é sertanejo.

— Quem ri antes do Sol nascer, chorará antes do anoitecer (variante).

— Se queres ter alegria, planta e cria.

— Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

— Só se vê bem com o coração.

— Segue o rastio da porva e o fogo acharás (rastio: rastilho; porva: pólvora).

— Trovão longe chuva perto.

— Todo caminho conduz a Roma.

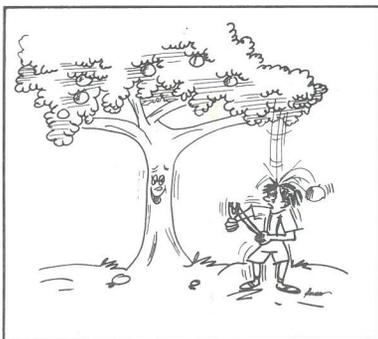
— Tombo de velho não levanta poeira.

— Todo amor tem seu tempo certo.

— Urubu no ar, vento sul no mar.

— Um pouco de perfume fica nas mãos que oferecem rosas.

— Vermelha alvorada, vem malencarada.



Só se atiram pedras em árvores que dão bons frutos.

— Vida sem amor é como jardim sem flor.

— Erva ruim, geada não mata.

— O Sol nasceu para todos.

— O tempo fabrica notícia.

— Gado na serra, chuva na terra.

— Se cumbuca de sal molhar, chuva vai pingar.

— Círculo lunar fechado, tempo seco

prolongado.

— Raio não cai em pau deitado.

— Cigarra zunindo, sinal de chuva caindo.

— Água não tem cabelo (não tem mácula; não pode ser agarrada).

Outro tema freqüente nos Adágios, é a comida, alimento, as formas de nutrição. Assim, vamos encontrar um número bem vasto de Provérbios que, velada ou explicitamente referem-se a alimentos. Vamos comer, isto é, vamos ver que os sábios singelos do povo comeram... Não... o que dizem. Portanto:

Comendo com os olhos

— A comida do vizinho é sempre mais cheirosa.

— A verdade sobrenada como azeite.

— A cuia do pobre só cai emborcada.

— A sopa ensopa, mas não derrete (ou não amolece).

— Antes pingar do que secar.

— Arroz e feijão é que criam caboclo ruim e bom (bão).

— Antes diminuir que secar (variante).

— A vingança é um prato que se come frio.

— Macaco velho não enjeita coco.

— Garapa dada não é azeda.

— Nem tudo que é mole é mingau.

— O caranguejo, por ser muito cortês, perdeu o pescoço (quem faz muitos rapapés acaba mal).

— Tudo que cai no muzuar é peixe (muzuar: recipiente, cesto, balaio).

— Comer e coçar é só começar.

— Com a barriga cheia não se deve reclamar.

— Colher vazia é que arranha a boca.

— Cumbuca de pimenta não perde o ardido (ou o ardume).

— De amarga basta a vida.

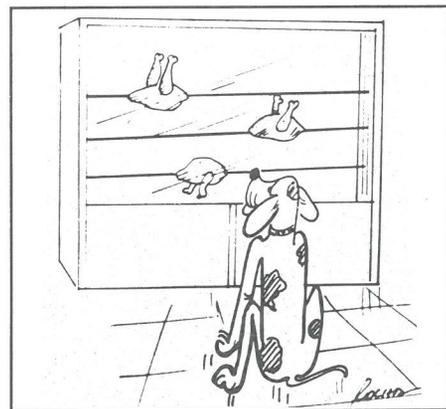
— É de pequenino que se torce o pepino.

— Em tempos de murici cada qual cuide de si (murici: fruta comum nas regiões quentes do país, muito doce, pequena, saborosa, é motivo de peregrinação à época da colheita. Muitos namoros, pois é planta nativa de cerrados e matas, muita moça grávida após a festa da apanha tradicional. Daí o ditado).

— É hora de assobiar e chupar cana.

O Sol nasce para quem compra e se põe para quem vende (quem compra está enriquecendo, quem vende nada segura).

Pronto. Tempo, chuva, sol ou vento, água, terra e mar, já vencemos mais uma etapa, mais um tento. Ditos populares que vêm de longe, que foram usados por número infindo de pessoas que pautam, ainda hoje, o viver de muita gente. Pois é, "vida sem amor é como jardim sem flor". Nisso nós cremos e, sem deixar de atender ao proverbial "nunca digas desta água não beberei", olhemos para o céu, para as miríades de astros, estrelas, satélites, naturais ou artificiais, que o pincelam e, queiramos ou não, pensaremos em algum desses velhos rifões que vimos. É a lei!



— É preciso separar o joio do trigo.

— Guarde o que comer, não guarde o que fazer.

— Mulher e cachaça em todo lugar se acha.

— Marmelo é fruta gostosa.

Que dá na ponta da vara

Mulher que chora por homem

Não tem vergonha na cara.

— Macarronada sem queijo é como amor sem beijo.

— Muitos cozinheiros, desperdício de tempero (onde muitos metem o nariz, há sempre perda de tempo e eficiência).

— Nem toda sede nos leva ao pote.

— Não há carne sem osso, nem farinha sem caroço.

— O vinho quanto mais velho, melhor.

— Cebola que muito muda, não cria muda.

— O amor é como o café, quando esfria perde o gosto.

— Onde não tem farinha, crueira serve

(crujeira: resto de mandioca ralada que fica no fundo do recipiente).

— O melhor prato é a fome (a melhor comida).

— O que não tem remédio, remediado está.

— O pote vai tantas vezes à bica que um dia fica lá.

— O amor proibido tem mais sabor.

— Panela velha é que faz comida boa.

— Pimenta nos olhos do vizinho é colírio pr'os meus olhos.

— Pimenta na boca dos outros é refresco.

— Pão com pão não faz sanduíche.

— Perto de quem come, longe de quem trabalha.

— Pra barriga cheia, goiaba tem bicho.

— Por causa de uma tripa, perde-se a barrigada (por coisa à toa, perde-se algo de mais valor).

— Quando você ia com o milho eu já vinha com o fubá (bom entendedor).

— Quando você ia para os cajus eu já vinha das castanhas (variante).

— Quando não há pinga, contenta-se com o cheiro de álcool.

— Quando o dinheiro fala, tudo cala.

— Quem ama o luxo padece o bucho (o enjoado fica com fome).

— Quem come sem regra, morre sem honra.

— Que nunca comeu melado, quando come se lambuza.

— Quem aos porcos se mistura, come lavagem.

— Quem faz luxo, o mal é pr'o bucho (variante).

— Quem conhece fundo de panela é colher.

— Quem nunca comeu mel, quando come se lambuza (variante).

— Quem tem pena de angu não engorda cachorro (o avarento).

— Quem está com fome come até arame farpado.

— Quem come a carne róí o osso.

— Quem não tem vergonha toma chá-de-congonha (congonha: planta de cujas folhas se faz chá).

— Quem comeu a carne que roa os ossos (variante).

— Quem à noite quer cear, de tarde vai

buscar (do Prof. Pedro, Alagoas).

— Quem a paca cara compra, paca cara pagará (do Prof. Pedro).

— Quem da terra o fruto come, por ela será comido.

— Se és velho comilão, encomenda o teu caixão.

— Saco vazio não pára em pé.

— Todo malandro tem seu dia de araruta (do jornalista Carlos Lomba, ditado baiano).

— Tanto vai o cântaro à fonte, que um dia fica lá (variante).

— Treme ao estouro da pipoca quem tem culpa no cartório (ou quem tem o rabo preso).

— Uma maçã podre põe todas a perder.

— Um dia da çaça, outro do caçador.

Pode-se ir comendo pela vida afora. Há muita relação entre comida, pratos, alimentação, bebidas e o dia-a-dia do povo. Às vezes é uma forma de gritar a sua revolta pelo pouco que há na mesa do pobre e pelo muito que se esbanja na do abastado. Outras, é puramente filosofia simples de quem quer dizer algo que sirva de meta, que seja cabível ao momento. Sempre uma lição de moral.

É infinita a sabedoria do povo! Ele é capaz de dar lições a qualquer instante, esteja onde estiver, ao lado de quem se encontrar. Pena que não seja ouvido, sequer seguido. Autêntico saber se perde, assim, por falta de auditório, por falta de seguidores. Enfim, assim é a vida...

Para o final, fiquei com um punhado de máximas que não se inserem devidamente entre as que arrolei. Por isso, sem muitas pausas, vou mostrá-las agora, esperando sejam úteis para educadores em geral, para conservadores sem mais o que fazer. Vou dar-lhes o rico nome de

Anexins... Anexins...

— Amor com amor se paga.

— Ajuda-te que te ajudarei.

— Antes só do que mal acompanhado.

— Amigos, amigos, negócios à parte.

— As alegrias são por quilos, as tristezas por arrobas (do Lomba, anexim baiano).

— Amigado com fé, casado é.

— A preguiça é a mãe de todos os vícios.

— A morte de um soldado não acaba a guerra (ou não põe fim à guerra).

— Antes que cases, vê o que fazes.

— Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher.

— A ocasião faz o ladrão.

— A sorte é pra quem tem, não pra quem quer.

— Antes cair em graça que ser engraçado.

— A felicidade nunca está onde a procuramos (ou onde a pomos, a colocamos).

— As aparências enganam.

— Antes um inimigo declarado que um amigo falso.

— Atrás de um sorriso pode existir uma espada.

— Anda com os bons e serás um deles, anda com os maus e serás pior que eles.

— A palavras loucas, orelhas moucas (moucas: surdas).

— A propaganda é a alma do negócio.

— A propaganda é a arma do negócio.

— A união faz a força.

— Antes um "toma" do que dois "te darei".

— A bodas e batizados, não vá sem ser convidado.

— A lei é dura, mas é a lei (adaptação).

— A alegria atrai simpatia.

— A ambição cega a razão.



Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.



Brigam as comadres, descobrem-se as verdades.



Com um chope dança, com seis descansa.



A alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo.

- Alegria de pobre dura pouco.
- Antes tarde do que nunca.
- A raiva não dá lugar.
- A verdade sempre aparece.
- A rico não devas, a pobre não prometas.
- Atrasado que só idade de moça (frase feita).
- A desgraça do homem é largar da mulher e morar perto dela.
- Anda devagar se tens pressa.
- A carro entornado todos dão as mãos.
- Age mais e fala menos.
- Atirou no que viu, pegou no que não viu.
- A boa caridade começa em casa.
- A bom entendedor meia palavra basta.
- A vigilância é o preço da liberdade.
- Antes lamber do que cuspir.
- Aço no aço se afia.
- Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz.
- Boa vontade é o que mais se perde no mundo.
- Briga faz quem quer, e quem desmancha é pau.
- Brincando, brincando se faz meninos.
- Brasa encoberta é que queima avental.
- Bem depressa cai quem muito alto vai (variante).
- Conforme se toca se dança.
- Casa de ferreiro, espeto de pau.
- Cem amigos é pouco, um inimigo é muito.
- Cada qual com o seu semelhante.
- Com quem pode não se brinca.
- Com perseverança tudo se alcança.
- Cria fama e deita-te na cama.
- Confia desconfiado (ou desconfian-do).
- Coitado do amarelo se não fossem os sem-gosto.
- Case sua filha com o filho do vizinho.
- Cá e lá más fadas há.
- Cabeça de prego nos outros não dói.
- Cada qual em seu canto chora o seu tanto (ou sem pranto).
- Conselho e rapé só se dá a quem pede.
- Cada casa tem seu uso, cada roca tem seu fuso.
- Cem filhos que uma mãe tiver, não tem nenhum para a morte (doação que não me agradou, mas é dito redito popular, anexo-o aqui. A revelia).
- Cedo virá quem bom me fará.
- Cada tampa tem o seu balaio (balaio: peça de fibras ou bambu, trabalho artesanal, várias utilidades domésticas).
- Confiar é bom, não confiar é melhor.
- Confiar é bom, desconfiar é melhor.
- Cada um sabe o que sabe, com a fidedência que lhe cabe.
- Cada coisa tem seu tempo certo.
- Cacunda no bobo é poleiro de esperto (corcunda).
- Casamento e mortalha no céu se talha (cada um tem sua hora determinada).
- Casa que não tem homem, moleque a rodeia.
- Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
- De médico e de louco todo mundo tem um pouco.
- De poeta e de louco todos nós temos um pouco.
- De tostão em tostão faz-se um milhão.



Cada um que carregue a sua cruz.

- De cruzeiro em cruzeiro se faz um milheiro.
- De cruzeiro em cruzeiro se conhece o mundo inteiro (cruzeiro marítimo; ou di-nheiro poupado).
- Devagar se vai ao longe (se vai longe).
- Dor de barriga não dá uma só vez.
- Dinheiro emprestado parte rindo e volta chorado (ou chorando).
- Dois bicudos não se beijam.
- Do ódio nasce o amor (e vice-versa).
- Devagar que o santo é de barro.
- Desgraça chama desgraça.
- Dai a César o que é de César.
- Da discussão nasce a luz.
- De todo canto sai um espírito santo (vários significados. Um deles, muito comum: uma jovem entra em uma fria e surgem palpites e recriminações de todos os lados. São palpites ditos errados).
- Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer.
- Deixa de ser branco para ser franco (deixa de lado a gentileza e passa a dizer as verdades cruas).
- Dos males o menor.
- De mau corvo, mau ovo.
- Duro com duro não faz bom muro.
- De pau em pau se constrói uma canoa (variante).
- Dinheiro de sacristão, contado vem, contado vai (ou contando vem, contando vai).
- Destino de preso é xingar soldado.
- Destino de preso é ver o sol nascer quadrado.
- É melhor prevenir que remediar.

PAUSA. Um pequeno descanso nunca é demais. Lá se vão cento e poucos Anxins e não estamos nem no meio do caminho. Já aquilatamos, até aqui, quão rico é o lingua-jar do povo, como é vasto seu vocabulário, que riqueza encobre o ar simplório do matuto, o jeito sério da mulher humilde! E há tanto para se falar deles, dos simples que forjam uma raça, que são as raízes de um povo que “brincando, brincando, faz meninos” e espanta, sorrindo, as agruras da vida hodierna.

É Sabenda demais, não?

Para melhorar um pouco estes instantes de lazer, brinquemos um nadinha a mais com a riqueza cultural do sábio homem do povo. Alguém diz: “Comeu garolê moreu”, entende? E se disser: “Comeu garô lê moreu”, adianta? Não! E assim: “comeu, garrô lê morreu”, quase dá para entender. Pior quando se diz emendando todas as palavras, e assim fazia o velho italiano de Itapira - SP, senhor Orlândi, lá pelos idos de 40/41. E era lição de moral: “comeu, começou a ler, morreu”, entendeu?

E esta graça que me foi transmitida pela

Dona Palmira Ferrânti, já com seus oitenta e poucos anos: “Não garimpa, não Mané, deixa a sorte pra quem Deus dé (dé, do verbo dar/der; Mané, de Manuel). Acompanha o conto. Dois irmãos gulosos, sempre com fome de novidades, foram convidados a comer uma feijoada na casa de um amigo.

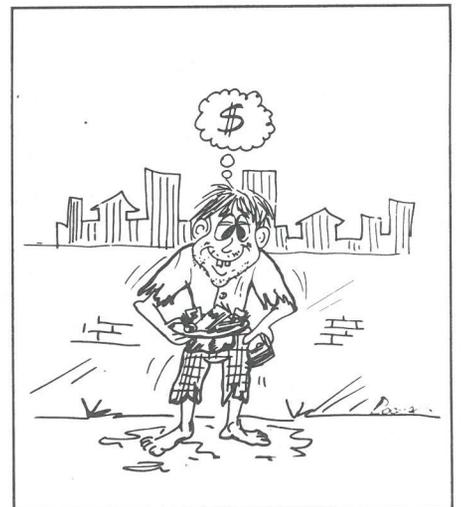
Logo cedo puseram-se a caminho, mais correndo que andando, um com medo que o outro chegasse muito antes e comesse tudo. Já perto da casa, um deles enfia o pé num buraco de tatu, fica para trás, coxo e desesperado. É quando grita, ao Mané, a frase. É para não ficar escolhendo só o que houver de melhor. E todas as vezes que estamos ante uma feijoada e começa a árdua tarefa da “garimpagem”, é certo aparecer alguém e lá vem: “Não garimpa, não, Mané...”

E estas duas maximinhas saíram de lá, também, no dia da feijoada. São do Brazil Ferrânti, filho de Dona Palmira:

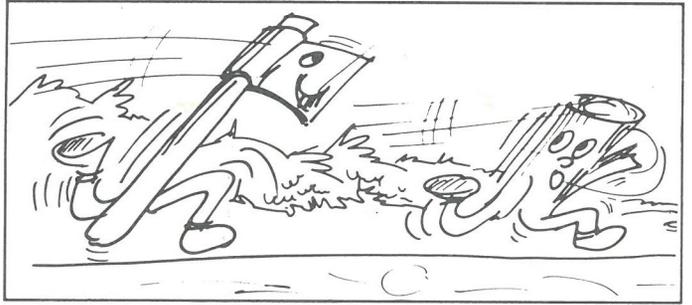
— O biscateiro é como papel higiênico: um dia está no rolo e outro está na merda (biscateiro: espécie de mascate, vendedor de objetos variados).

— A merda é a mesma, só mudaram as moscas.

Avante, pois. Onde arranjei tantas máximas, tantos Ditos, tantos Brocardos? Bem, o Prof. José Sant’anna trouxe-me grande número deles, entusiasmou-se pela pesquisa, e consegui muito de muitos. Vários fazem parte do meu cotidiano (cotidiano?), acompanham-me pelos anos vividos. Alguns vieram da mana Ideh e Valdemar, seu marido, residentes em Pirangi - SP. Uns poucos da televisão, das novelas atuais - Rainha da Sucata e Pantanal. Uns poucos de livros que ando lendo. Um ou dois de jornais. Um bom punhado, de alunas que cursam Magistério na E.E.P.S.G “Capitão Narciso Bertolino”, Olímpia, por ocasião do Ciclo de Palestras Sobre Folclorística, no 26.º FEFOL. O jornalista Carlos Alberto Lomba arrumou-me muitos. “Seo” Elias das Pernambucanas, Dona Luzia e Heloísa, esposa e filha do mesmo, conseguiram-me vários. Um ou outro foi ouvido em fila de Banco e na rua mesmo. “De grão em grão a galinha enche o papo”, não é mesmo?



De grão em grão a galinha enche o papo.



O risco que corre o pau, corre o machado.

Continuemos, um pouco mais de alento:
 — Espere sentado que em pé você cansa.
 — Em briga de marido e mulher não se deve meter a colher.
 — Entre marido e mulher não se mete a colher.
 — Esmola demais o santo desconfia.
 — É melhor dormir no chão, do que cair da cama.
 — É malhar o ferro enquanto está quente.
 — Escreveu, não leu, pau comeu.
 — Em tempo de guerra, mentira como terra.
 — É melhor ser mulher de um pobre que dama de um rico (dama no sentido pejorativo de amante, a “outra”, mulher-dama, vadia).
 — Em briga de pedra, garrafa não entra.
 — Eixo apertado faz o carro cantar.
 — É tão sabido que dá nó em pingo d’água.
 — Esticam-se as pernas conforme o lençol.
 — Espera-se a missa na porta da igreja (procura-se a coisa no seu devido tempo e lugar).
 — Em terra de cego quem tem um olho é rei.
 — Em cada cabeça uma sentença.
 — Em cem projetos de rico, noventa são para ficar mais rico.
 — Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.
 — É vivendo que se aprende.
 — É preciso cortar o mal pela raiz.
 — É melhor ser dono de uma moeda que escravo de duas.
 — É melhor ficar vermelha cinco minutos do que ficar amarela para sempre (enfrentar os problemas).
 — Em casa de mau homem, quem não trabalha não come (de um carioca, no 26º FEFOL).
 — É melhor servir de esterco do que ser espinho (não ferir os semelhantes).
 — Fazer o bem sem olhar a quem.
 — Filhos criados, trabalhos dobrados.
 — Filho és, pai serás, assim como fizeres, acharás.
 — Faz o que eu mando, mas não o que eu faço.
 — Falar sem pensar é atirar sem apontar.
 — Falar é prata, calar é ouro.
 — Faça o que eu mando e guarde o que sabe.
 — Faça sempre amanhã o que pode fazer hoje.
 — Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão.
 — Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém.
 — Feito mal feito, sujeito a crítica e defeito (de Alagoas).
 — Feia é a mulher do vizinho.
 — Ferro com ferro se afia.
 — Filho de pai manero não dá para ser caxero (manero: mole, molenga; caxero: caixeiro: quem vende no balcão).
 — Guarda hoje para não pedires amanhã.
 — Há sempre um chinelo velho para um pé doente.
 — Hoje por mim e amanhã por ti.
 — Hóspede constante (costumeiro), dívida eterna.
 — Há sorriso que fere mais do que punhal.
 — Hóspedes, alegrias nos dão quando se vão.
 — Há duas coisas que matam: vento pelas costas e sogra pela frente.
 — Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
 — Laranja na beira da estrada está podre ou bichada.
 — Ladrão de tostão, ladrão de milhão.

— Mais vale um gosto do que cem mil réis no bolso.
 — Mais fere a língua do adulator que a espada do perseguidor.
 — Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo.
 — Mais vale a experiência que a ciência.
 — Mais vale a prática que a gramática.
 — Mulher é como vinho: quanto mais velha, melhor.
 — Mulher doente, mulher para sempre.
 — Mocidade ociosa não traz velhice proveitosa.
 — Mais vale um covarde vivo que um herói morto.
 — Mais vale uma esperança tarde que um desengano cedo.
 — Melhor merece o dono.
 — Mato tem olhos e paredes têm ouvidos.
 — Mais fere a má palavra que a espada afiada.
 — Moça é como chita: uns acham feia, outros bonita.
 — Melhor levar por engano que deixar por esquecimento.
 — Me chamem de bobo, mas me dêem pão.
 — Mais vale a fé que o pau da barca.
 — Moça de mão parada, quando casa não faz nada.
 — Mãe é a que cria, não a que concebe.
 — Mais vale a derrota de não ter vencido do que a vergonha de não ter lutado.
 — Mulher é como lenha: chora, mas pega fogo.
 — Maior que a incerteza da partida é a alegria da volta.
 — Nem tudo que reluz é ouro.
 — Não precisa madrugar para encontrar o cão.
 — Não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe.
 — Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
 — Não há rosa sem espinho.
 — Ninguém é juiz em causa própria.
 — Nunca falta um pé torto para um pé direito.
 — Não há bem que cem anos dure, nem mal que a eles ature.
 — Não julgue os outros por si.
 — Nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que balança cai.
 — Ninguém tem mais valor do que aquele que lhe querem dar.
 — Negro quando pinta, tem 3 vezes 30.
 — Na hora do perigo é que se conhece o herói.
 — Negro quando furta é ladrão, branco quando furta é barão.
 — Na casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais.
 — Não peça a quem pediu, não sirva a quem serviu.
 — Não entre numa carroça sem ter as rédeas firmes nas mãos.
 — Não ame a mulher do próximo quando o próximo estiver próximo.
 — Namoro é igual boiada: descuidou, levou chifrada.
 — Nada mais velho no mundo que o jornal da véspera.
 — Os menores frascos contêm os melhores perfumes.
 — O segredo é a alma do negócio.

— O pior cego é aquele que não quer ver.
 — O saber não ocupa lugar.
 — O que os olhos não vêem o coração não sente.
 — O dizer é nada, o fazer é tudo.
 — O que é de gosto regala a vida.
 — O uso do cachimbo entorta a boca.
 — O hábito não faz o monge.
 — Os últimos serão os primeiros.
 — Na vida tudo tem sua hora (e este saiu fora da sua hora).
 — O que arde cura, o que aperta segura.
 — O bom filho à casa retorna.
 — O que não queres para ti, não desejes para os outros.
 — O alheio reclama o seu dono (ou chora o seu dono, significando que se deve conformar com o que se tem; só se pode reter o que é nosso).
 — O bem se paga com o bem.
 — O mal se paga com o bem.
 — O coração não sente o que os olhos não vêem (variante).
 — O que mais tem no mundo é pau torto e vontade perdida.
 — O que é raro é caro.
 — O desengano da vista é ver.
 — O hábito é uma segunda natureza.
 — O mal feito fica para quem o faz.
 — O risco que corre o pau corre o machado (risco de partir-se, quebrar-se, cair...).
 — O saber morre com o seu dono.
 — O amor é cego.
 — O trabalho engrandece o homem.
 — O que não mata aleija (aleija, do verbo aleijar, tornar aleijado).
 — O direito do enforcado é esperar.
 — Os audaciosos nem sempre vencem (ou são os vencedores).
 — O que não der para fazer hoje, fica para amanhã (variante jocosa).
 — Obra de vilão é atirar pedra e esconder a mão.
 — Os ricos riem à toa.
 — O justo paga pelo pecador.
 — O que é achado não é roubado.
 — Pobre quando enfia a mão no bolso só traz os cinco dedos.
 — Pelo dedo se conhece o gigante (ou pelos pés).
 Mais um merecido descanso...
 Agora, para os saudosistas, uma pausa musical. Vamos verificar aqui, que muito mais gente do que sabemos usa dos Provérbios para cantar sua vida... ou a do outro! A poesia, a música, todas as gamas musicais, utilizam certas Máximas, Ditos ou Adágios dando, assim, um toque ritmado ao que, cantando e dançando, ou puramente declamando, fixar-se-á com mais rigor. Lá atrás já falei do marmelo que dá na ponta da vara e da chuva miúda que não mata ninguém. Porém, há mais. Vamos desfiar um rosário disto, sem esquecer de “ir devagar com o andor, pois que o santo é de barro”.

Provérbios Cantados

Relembremos o Carnaval. E dancemos,
ao som destas músicas, o temário de marchas e sambas,
executado, largamente, no ano de 1957.

Papagaio Come Milho

Marcha de Vicente Longo e Valdemar Camargo



Soares e David Nasser, o samba

Sem Dinheiro e Sem Cabelo

“Sem dinheiro e sem cabelo
Eu só posso arranjar
Ai, ai, ai,
Sarna para me coçar.
À procura do dinheiro
Eu passei a vida inteira,
Dinheiro não arranjei
E perdi a cabeleira.
**Embora capim não cresça
Na cratera de um vulcão,**
Sinto frio na cabeça
E fogo no coração.”

D- Gravado por Carlos Henrique, de José Messias e Carlos Brandão, o samba

Chinelo Velho

“**Há sempre um chinelo velho
Para quem tem um pé descalço,**
O primeiro amor, meu senhor,
Também pode ser falso.
Não me desespero
Sempre resta uma esperança
Eu fumando espero
Quem espera sempre alcança.”

E- Gravado pelo Trio de Ouro, de Herivelto Martins e José Messias, o samba

Jurei

“Ela faz de mim o que bem quer
Acostumei com essa mulher
**Quem muito apanha
Acaba perdendo a vergonha.”**

F- Gravado por Araci de Almeida, de Mirabeau, Don Madrid e Urgel de Castro, a marcha

Mais Vale Um Gosto

“**Mais vale um gosto do que dois vin-
téns**
Eu guardei na memória
Esse velho ditado.
Deixa eu beber minha pinga
Se por ela estou apaixonado.”

G- Gravado pela Zilda do Zé, de Zé da Zilda e Zilda, a marcha

Laranja Madura

“**Laranja madura
Na beira da estrada
Tá podre ou envenenada.**

Mulher dando sopa

Pode acreditar
**Está arranjando sarna
Pra gente se coçar.**

H- Gravado por Marion, de Rubens Silva e Ricardo Galeno, a marcha

Cosme e Damião

“Vamos meu bem cair no samba
**Onde vai a corda também vai a ca-
camba.**
Quero brincar na rua ou no salão
Mas é você de Cosme
E eu de Damião (sozinha não).”

I- Gravado pelos Titulares do Ritmo, de Milton de Oliveira e Fernando Sérgio, a marcha

Marcha da Galinha

“Cuidado com a boca do povo,
Porque ninguém se livra dela.
**Galinha que não bota ovo
Está querendo panela...”**

J- Gravado por Blecaute, de Ernani Jotta e Hélio Amaral, o samba

Lá Vem Ela

“Lá vem ela outra vez
A insistir que o pai sou eu.
Sai pra lá, nega maluca
**Macaco velho
Não mete a mão em cumbuca.
Macaco velho
Não pula em galho seco
Macaco velho
Tem saída em qualquer beco
Eu não caio na arapuca
Macaco velho
Não mete a mão em cumbuca.”**

L- Gravada por João Dias, de Denis Brean e O. Guilherme, a marcha

Andorinha

“**Uma andorinha faz verão
Mas depois volta ao ninho antigo**
Você também veraneou
Mas não quer, mas não quer
Voltar comigo.”

M- Gravado por Randal Juliano, de J. Saccomani, W. Sales e Ercílio Consolli, a marcha

Largando Brasa

“**Quem pode, pode
Quem não pode vai pra casa**
Eu que posso
Fico aqui largando brasa.”

- 1- **Papagaio come milho,
Periquito leva a fama.**
Quem é bobo, fica em casa,
Quem não chora, não mama.
(Eu vou chorar).
- 2- Ora vejam só
O que aconteceu
Ele na jogada bobou
Quem mamou fui eu.

Foram muitos os sucessos tocados e cantados no mesmo ano de 1957. Sem a preocupação de transcrever toda a letra da melodia carnavalesca e a sua partitura musical, transcrevi apenas a copla onde está o provérbio popular.

A- Gravado por Cármem Costa, autores: Geraldo Blota, Mirabeau e Don Madrid, o samba

Gato Escaldado

“Se eu voltasse seria uma loucura
Não esqueça o que você me fez.
Sofri que não foi brinquedo:

Gato escaldado de água fria tem medo.”

B- Gravado por Roberto Silva, de Amaury Silva e Bernardino Vieira, o samba

Volta!

“**Águas passadas não movem moinho,**
Eu não posso viver sem os teus carinhos.
Volta! Volta!
Estou cansado de viver sozinho.”

C- Gravado por João Dias, de Rubens

N- De Vicente Longo e Waldemar Camargo, a marcha

Caiu Na Rede

Caiu na rede é peixe

Lé, lê, á
Eu não posso bobear. (bis)

O-Gravado por Orlando Silva, o samba de Marino Pinto e Zé Gonçalves

Aos Pés da Santa Cruz

Aos pés da santa cruz
Você se ajoelhou
E em nome de Jesus
Um grande amor você jurou.
Jurou, mas não cumpriu
Fingiu e me enganou
Pra mim você mentiu
Pra Deus você pecou.
O coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Faz promessas e juras, depois esquece.
Seguindo esse princípio
Você também prometeu
Chegou até a jurar um grande amor
Mas depois se esqueceu.

Por que na íntegra? Porque tem quase a minha idade e vivo a massacrá-la desde a primeira metade do século. E é linda essa Cruz...

E há muito mais músicas de Carnaval com aproveitamento de provérbios. Não só de Carnaval, mas também em modas de viola, música erudita e até na religiosa.

E agora, sem mais músicas para espaiar, retornemos. Estamos na letra P. Vejam só qual é o primeiro...

-Paciência e água benta não faz mal a ninguém.

-Para bom entendedor, meia palavra basta.
-Palavras sem obras, cítara sem cordas.
-Prepara-te para a guerra se queres a paz.
-Por bem fazer, mal haver (falta de gratidão).

-Por causa de uma esporada, perde-se uma vaquejada (um ato impensado pode pôr a perder um trabalho de muitos anos).
-Palavras boas são as que ficam por dizer.

-Para quem ama o feio, bonito lhe parece.
-Pela carruagem se conhece o dono.
-Poupa vintém e um dia serás alguém.
-Pior cego é o que não quer enxergar (variante).

-Prudente é quem fala pouco.
-Por causa do santo, beija-se o altar (os meios usados para alcançar os fins propostos).

-Pelo afinar da viola se conhece o tocador (variante).
-Pé de pobre não tem tamanho.
-Querer é poder.
-Quando a esmola é demais o santo desconfia (variante).
-Quando um não quer, dois não brigam.
-Quanto mais alto se sobe mais forte o

tombo.
-Quem vende, arremata (não sabe segurar para si).

-Queres empobrecer sem sentir? Bota obreiros e põe-te a dormir.

-Quando vires a barba do teu vizinho arder, põe a tua de molho.

-Quando a cabeça não pensa, o coração é que paga.

-Quanto mais alto o pau, maior é o tombo.

-Quanto maior a árvore, maior o tombo.

-Quando o dinheiro fala, tudo se cala.

-Quando a justiça se transforma em instrumento de vingança, seu aço vira relva.

-Ri melhor quem ri por último.

-Ruim com ele, pior sem ele.

-Rei morto, rei posto.

-Roupa suja se lava em casa.

-Roupa emprestada pouco aquece.

-Rasga o verbo se não temes o Inferno (rasgar o verbo: falar às claras).

-Rei de um dia, rei de nada.

-Ruço fica quem pelo avesso se levanta.

-Seguro morreu de velho.

-Só não se acaba o que nunca se começa.

-Suba devagar para chegar ao alto sem cansar.

-Se conselho fosse bom, ninguém dava: vendia.

-Se conselhos prestassem, não eram dados, mas vendidos.

-São brancos, que se entendam.

-Segredo entre três, só matando dois.

-Só conta o que na alma fica que todo o resto é títica (títica: coisa à toa, sem valia).

-Se homem fosse dinheiro todas as notas seriam falsas (de aluna da E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino" - Olímpia).

-Se não pode vencê-lo, junte-se a ele (idem mesma escola).

-Todo rei tem majestade (variante).

-Tristezas não pagam dívidas.

-Tudo que sobe, desce (variante).

-Tão boa a tampa quanto o balaio (variante).

-Uma desgraça nunca vem só.

-Uns gostam dos olhos, outros da ramela (ramela, acúmulo de pus no canto dos olhos, remela).

-Um por todos e todos por um (lema).

-O homem prevenido vale por dois.

-Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

-Um erro não justifica o outro.

-Um pai é para dez filhos; dez filhos não são para um pai (idem à mãe que ficou lá atrás..).

-Urubu quando está infeliz até no lajedo atola.

-Um pequeno amor expressado (expresso) vence um grande amor oculto.

-Vão as leis aonde querem os reis.
-Antes que o mal cresça, corte-se-lhe a cabeça (atrasadinho).

ALITERAÇÃO

Só coloquei o subtítulo para pausa dos olhos. Muita aliteração já anda pelo meio da pesquisa, só que sem batismo adequado. O que é ALITERAÇÃO?

Aliteração é um recurso de estilo, onde os mesmos fonemas consonantais se repetem diversas vezes numa oração, uma cantilena, eu diria. Não é privilégio da língua literária. Está na linguagem do povo e tem, sem qualquer dúvida, expressivo valor.

Nos Travalínguas encontramos aliterações nos Provérbios. Por exemplo:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Quem a paca cara compra paca cara pagará.

Quem, na teia, a teia tece, na teia será tecido.

Peixe grande papa peixe pequeno...

Do livro "QUADRAS ANÔNIMAS", ainda inédito, de autoria do Prof. José Sant'anna, extraímos, com sua licença, algumas trovas onde aparecem Provérbios, em graciosas e sábias colocações. Estas trovas são do agrado popular e as crianças são suas maiores admiradoras. Se o professor quiser, o campo é vasto e há muito o que ensinar dentro de cada uma delas. Vejamos algumas:

- 1- **A desgraça do pau verde**
É ter o seco encostado,
Pois o seco pega fogo
Lá vai o verde tostado.
- 2- **Quem corre nem sempre alcança,**
Nem vence por madrugar,
Quem quiser chegar a tempo
Ande firme e devagar.
- 3- **Aquele que sempre erra**
E quer encobrir a asneira,
É um bobalhão que vive
Tampando o sol co'a peneira.
- 4- **Quem se sentir infeliz**
Apele para a garganta,
Pois sábio ditado diz:
Quem canta seu mal espanta.
- 5- **Quem canta seu mal espanta,**
Quem chora seu mal aumenta,
Eu canto pra disfarçar
Este mal que me atormenta.
- 6- **Guarde bem esta verdade**
Como eu guardei para mim:
Não há bem que sempre dure,
Nem mal que não tenha fim.
- 7- **Se tu já sofreste muito,**
Nunca, nunca se apure:
Não há mal que nunca acabe
E nem bem que sempre dure.

SABENDAS

- 8- Neste mundo de maldades,
Leve vida bem cuidada:
**Pois não adianta pôr tranca
Numa porta arrombada.**
- 9- Guarde bem na sua idéia
E ao ditado esteja atento:
**Por fora bela viola,
Por dentro pão bolorento.**
- 10- **O sol nasce para todos,**
Muito justo me parece;
Mas a sombra, essa é boa!
Só nasce pra quem merece.
- 11- Não canso de repetir:
Quem teima em dizer verdades,
De uma coisa esteja certo:
Perde logo as amizades
- 12- Não há um que não aceite
Esta acertada verdade;
**Quem vento, acaso semeia,
Colhe sempre tempestade.**
- 13- **Em terra de gente cega
Quem tem um olho é rei,**
Por causa desse mal dito
Muito esperto burla a lei.
- 14- Não há sábado sem sol,
E nem há jardim sem flores,
**Não há velhas sem as dores
Nem há moças sem amores.**
- 15- Quem luta olhando pra Deus,
O mesmo Deus o defende
A vida é como uma escola:
Quem mais vive, mais aprende.
- 16- Eu quero dar um conselho
A quem o quiser tomar:
**Quem quiser viver no mundo
Há de ouvir, ver e calar.**
- 17- **Não quero mais teu carinho,**
Pois de ti já estou cansado,
Eu prefiro **andar sozinho
Do que mal acompanhado.**
- 18- A minha porta tem lama,
A tua tem um lameiro;
**Antes de falar dos outros,
Olhe para você primeiro.**
- 19- **As paredes têm ouvidos,**
Peço que me entenda bem,
**Se tiveres um segredo
Nunca digas a ninguém.**
- 20- **Toda meia tem seu pé,
Toda luva, sua mão,**
Todo o crente, a sua fé,
Todo mal tem solução.
- 21- Sou pobre e na pobreza
Não há mal e nem desdouro,
Neste mundo de incerteza
Nem tudo que luz é ouro.
- 22- Quem quiser ser bem feliz
- Do ditado não se esqueça:
**Quem com muitas pedras bole,
Uma lhe cai na cabeça.**
- 23- Afirma um certo ditado
Que é dos mais inteligentes:
**De cavalo que for dado
Não se deve olhar os dentes.**
- 24- Diz um ditado do povo
Bem fácil de decorar:
**Para comer ou coçar
Basta só principiar.**
- 25- **Nem tudo que ronca é porco,
Nem tudo que berra é bode,
Nem tudo que luz é ouro,
Nem tudo falar se pode.**
- 26- Não diz tudo de uma vez,
Não diz tudo de um estouro:
**A palavra é de prata,
O silêncio é de ouro.**
- 27- A vida de quem confia
Nos outros sempre desanda,
Siga, pois, a teoria:
**Quem quer vai, quem não quer
manda.**
- 28- Se eu tivesse dinheiro
Vivia sorrindo à toa,
Mas dinheiro eu não tenho,
Quem não tem asas não voa.
- 29- **Aquele que planta, colhe,**
Tem fartura no seu lar,
A terra produz de tudo,
Vale a pena trabalhar.
- 30- Não seja perguntador.
Pois **quem muito quer saber,
Se o brocardo certo for,
Mexerico quer fazer.**
- 31- **Água passada não volta,**
Ensina um velho ditado,
A saudade é um moinho,
Mói com água do passado.
- 32- **A união faz a força,**
O trabalho traz progresso,
O coração faz amigo,
A vitória traz sucesso.
- 33- É bem certo o ditado
Que o povo por aí usa:
**Quem nunca comeu melado,
Quando come se lambuzo.**
- 34- Evite o mal quanto pode,
Pague o bem com outro bem,
**O que não quer para si,
Não faça para ninguém.**
- 35- Corre a ronda no gonguê
Corre a ronda no gongá,
**Quem não pode com mandinga
Não carrega patuá.**
- 36- Onde há fumaça, há fogo,
Se há frio, não faz calor,
- 37- **Quem espera sempre alcança,**
Eu espero e vou vivendo,
Aguardando com paciência
Os dias que vão correndo.
- 38- **O apressado come cru,**
Vive sempre atrapalhado;
Troca uma coisa por outra,
Entra até em barco errado.
- 39- Você quer me dizer tudo,
Fala tanto, até se agasta:
**Para um bom entendedor
Só meia palavra basta.**
- 40- Avestruz é ave nobre,
A águia tem asa preta,
**Do burro se espera o coice,
Vou jogar na borboleta.**
- 41- Minha mãe sempre me disse
Que **andador de terra estranha
É o derradeiro que come
E é o primeiro que apanha.**
- 42- Os olhos e o coração
Juntos vão constantemente.
**O que os olhos não vêem
Nosso coração não sente.**
- 43- Falou bem firme um caipira:
**Quem é bom já nasce feito
E pra completar o dito:
Quem não presta não tem jeito.**
- 44- Já não sei quem fala mais
Se o homem ou a mulher,
Mas sei que a sentença diz:
Prosa longa faz quem quer.
- 45- Você disse que eu sou sua,
Você sabe, eu não sei;
**O mundo dá muitas voltas,
Eu não sei de quem serei.**
- 46- **O mundo dá muitas voltas,**
Um dia vou lhe encontrar.
E nesse novo encontro
Pode comigo contar.
- 47- Tu queres subir ao alto,
Ao alto queres subir?
**Mas quem ao mais alto sobe
Ao mais baixo vem cair.**
- 48- Quem quiser viver em paz,
Nesta verdade eu insisto:
Mantenha a **boca calada
Para não entrar mosquito.**
- 49- O pouco que Deus nos deu
Cabe numa mão fechada:
**O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada.**

Não é verdade que essas quadras encerram profundo saber popular? Basta decorá-las e há assunto para longo trabalhar com a mente. Obrigada, mestre Sant'anna.

ANTIPROVÉRBIOS

Já inseri alguns lá pelo meio, porém o Prof. Sant'anna conseguiu outros, e cá vão eles (sem cavar fundo demais...).

1- A mulher do meu vizinho é minha vizinha.

2- Antes mal acompanhado do que ficar só.

3- Devagar demora muito para chegar.

4- Em terra de cego ninguém nada vê.

5- Macaco que muito pula fica cansado.

6- Os últimos nada conseguem.

7- Pau que nasce torto, com jeito endireita.

8- Quem cedo madruga fica com sono.

9- Quem espera perde a paciência.

10- Quem muito dá aos pobres acaba na miséria (ou acaba mal).

11- Quem não tem cão fica sem caça.

12- Quem nunca comeu melado não sabe o que está perdendo.

13- Quem ri por último é retardado.

Quase exaurido o nosso assunto. Tudo que consegui, aqui está: Ditados, Máximas, Rifões, Frases, Provérbios, Lugares-Comuns, Adágios, Sentenças... Caminhamos pela imensidão do saber popular, agarrando um pouco da beleza que exala sua linguagem vívida, séria, triste e verdadeira.

Tento contar quantos amaldiçoei, mas a Matemática não está ajudando. E eles vão aparecendo fora de hora, o que complica mais a contagem. Sei que são mais de mil. MIL! Sabemos que outros milhares deles estão correndo por este mundão afora, alguns inusitados, outros corriqueiros, por nós desconhecidos. Amanhã, talvez hoje mesmo, surjam outros, não sei se conseguirei utilizá-los. Tendo, porém, MANDA!

Deixei de lado dois deles, a fim de tecer alguns comentários sobre os mesmos, por achá-los interessantes, do meu gosto. Há centenas de que gosto, mas não agüentariam vê-los comentados, eu sei, por isso, vamos aos dois apenas.

Um deles: "Um homem passa a vida a desejar e a chorar o que não tem e a fazer mau uso do que tem." Como é comum isso acontecer. A sabedoria popular usa-o com graça e verve. Desejar e chorar o que não tem. Verdade. Sonhos. Delitos. Crimes. Angústia. Lutas... Nem sempre se alcança o objetivo. Enquanto isso, tudo o que possui é malbaratado, gasto e destruído sistematicamente, sem que o choroso dissesse se apercebia. É um Ditado de peso, segundo meu alto discernimento. Se não for, não será. Será?

O outro: "Patife cheio de encanto, quando morre vira santo". É comum ouvir-se ao lado do caixão mortuário: "ele era um santo". Ou: "parece estar dormindo tranqüilo". Aqueles que o acusavam na véspera, tecem-lhe loas na morte. A pessoa feia em vida, fica "linda" quando falece. Todos os mortos são coitados. Mormente o patife. Quanto mais execrado em vida, mais cultuado na sepultura. Por quê? Medo do sobrenatural? Medo do além? Medo de que o defunto lhes venha "puxar pelos pés"? Só o povo mesmo, para fazer de um dito banal, ditado de sólido alcance.

BEM-VINDOS

Continuaram aparecendo. Enquanto estas folhas não forem para as mãos do Célio José Franzin, aquele gênio da Prefeitura que as datilografa, vamos aproveitando. Miscelânea completa, tudo junto, misturado... Eis os tardiamente recebidos:

-Se queres enfermar, lava a cabeça e vai deitar.

-Não há montanha sem neveiro, nem méritos sem calúnias.

-Dar um boi para não entrar numa briga, dar uma boiada para não sair dela (Lugar-Comum).

-Tudo o que é bom dura pouco.

-Quem mexe com maribondo quer ser mordido.

-Onde amarrei minha égua? (quando dá um fora ou recebe uma patada).

-Dar os passos maior do que as pernas.

-Sair com um quente e um fervendo (revide).

-Veio buscar brasa, saiu queimado (ou tostado).

-Dar o trocado (ou o troco, revide).

-Pintar o sete (fazer artes, estrepolias).

E do rol imenso catalogado pela professora Aparecida Gil, selecionei alguns diferentes, sérios e quase eruditos.

-Não largues os bens que tens, à espera de outros maiores.

-Há vitórias que são derrotas.

-Tudo na vida é questão de paciência.

-Não deixes o que já tens em busca do que não tens (ou do que esperas ter).

Mais um conto "esclarecedor" do meu pai Bastião Camargo: "Um caipira ia para a cidade, a pé. Deu-lhe uma dor de barriga tremenda, não teve outro jeito e resolveu o caso ali mesmo, no caminho. Ouvindo o tropel de cavalo, ficou sem graça por ver que outra pessoa vislumbraria sua obra de arte. Jogou depressa o chapéu em cima do monte. Chega o cavaleiro: sitiante bem de vida, rico até. Cumprimentos. Cismado como todo caboclo, perguntou: O que você esconde debaixo do chapéu? O caipira, em palpos de aranha, rapidinho respondeu: Prendi um canário, coisa do outro mundo, cantor como ele só. Eu compro, diz o ricaço. E o caipira: Tenho que buscar um saco, senão ele escapa, mas eu vendo. -Por quanto? - Cinquenta mil réis. É de ouro o canário?, pergunta o rico. -Mais do que isso, é filho de Deus, obra divina! -Leva o meu cavalo e metade do pagamento, traz o saco e acabamos o negócio. O caipira deu no pé, enquanto o rico, pensando em vender a ave por régio preço, resolveu dar o "calote" no matuto. Quando longe iam cavalo e cavaleiro, com muito cuidado seguiu a copa do chapéu e...lapt!, passou célere a mão sob o mesmo, não fosse o canário escapar... Bem, o resto é com quem quiser. Eu paro aqui, só sei que o caipira ganhou um cavalo e uma pequena fortuna. O rico ficou com..., e mais pobre. Ou não?

-Na hora do perigo quem mais nos trai é aquele em quem mais confiamos.

-É fácil insultar quando se está devidamente abrigado.

-Quanto maior o corpo, menor o espírito.

-Não há nada tão perfeito que não possa ser censurado.

-Mais vale mal em casa que bem fora.

-Vão-se os bens, fica a esperança.

-Quando subires, não te esqueças das origens.

-O insignificante vai, o grande fica.

-...e depois da bonança vem a tempestade.

-Com o tempo é que se vê o valor do tempo.

-De que valem as palavras quando não há mais remédio?

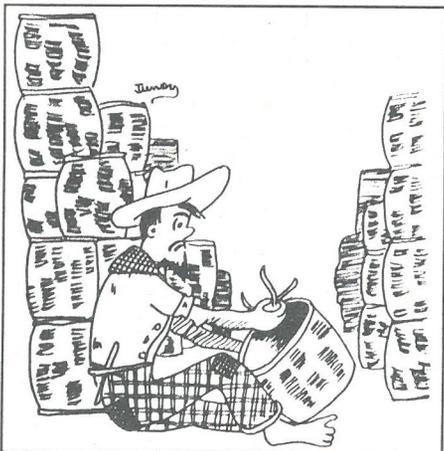
-É fácil perseguir, o difícil é enfrentar.

Provérbios Figurados

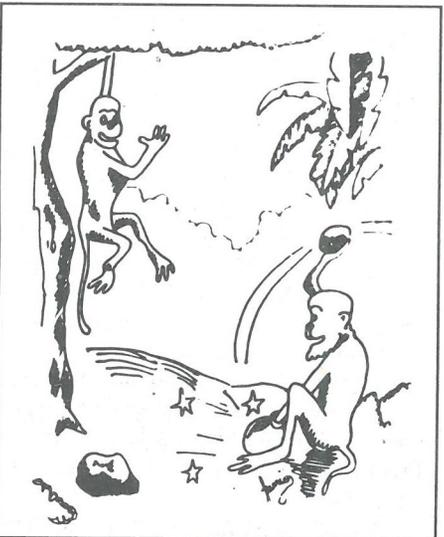
Aqui há três provérbios muito conhecidos e repetidos a cada passo. As ilustrações nos dão idéia de quais sejam. Vejamos:



A corda arrebenta sempre do lado mais fraco.



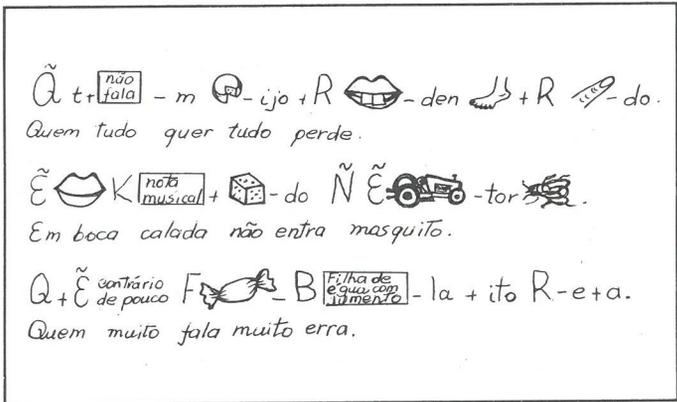
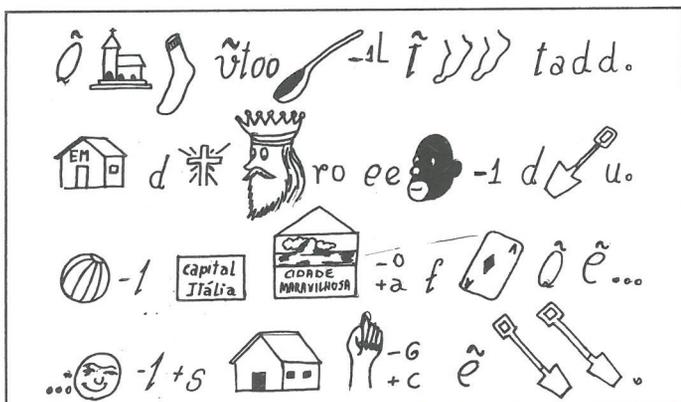
Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.



Macaco velho não bota a mão na cumbuca.

TEXTO ENIGMÁTICO

Alguns provérbios em forma enigmática.



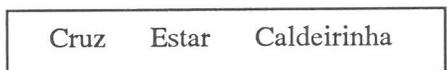
Agora, tente ler estes. Traduza-os:

ADIVINHE, ADIVINHADOR

Nestes simples hieroglifos estão expressos provérbios muito conhecidos:

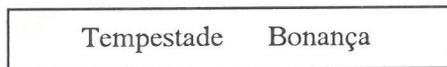


= Cada qual com seu igual.



= Estar entre a cruz e a caldeirinha.

Outro provérbio fácil de ser lido:



Descubra-o.

DIAGRAMA

Qual é o provérbio?

Encaixando as dez palavras abaixo, uma por uma nas horizontais do diagrama, você descobrirá um conhecido provérbio: Molestar, Manágua, Furacão, Empedrado, Rapadura, Embarque, Patético, Combatente, Entretanto, Comemorar.

1					M	A	N	Á	G	U	A	
2				M	O	L	E	S	T	A	R	
3			C	O	M	E	M	O	R	A	R	
4			E	M	P	E	D	R	A	D	O	
5		R	A	P	A	D	U	R	A			
6			E	N	T	R	E	T	A	N	T	O
7		C	O	M	B	A	T	E	N	T	E	
8				P	A	T	É	T	I	C	O	
9				E	M	B	A	R	Q	U	E	
10					F	U	R	A	C	Ã	O	

Resposta - O provérbio é: Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. As palavras do diagrama são: 1 - Manágua. 2 - Molestar. 3 - Comemorar. 4 - Empedrado. 5 - Rapadura. 6 - Entretanto. 7 - Combatente. 8 - Patético. 9 - Embarque. 10 - Furacão.

APROVEITAMENTO

Dentro do que se costuma denominar **Folclore Aproveitável**, estão os Provérbios. Como todo nosso trabalho visa à melhoria do rendimento escolar, o aprendizado sem rotina, é da alçada do professor saber utilizá-lo no momento oportuno. Extrair deles lições travessas de moral e ética, proporcionar felizes momentos de lazer dirigido, romper com a rotina impertinente, levar o educando a “filosofar” dentro de parâmetros concordes com as diferentes idades. Basta orientar a criança e a incipiente sabedoria desabrochará.

“Não poderás ajudar aos homens de maneira permanente se fizeres por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios”, disse Abrahan Lincoln.

Gostaríamos que o professor sentisse o valor que existe em tudo o que o Folclore possui. Que jamais dis-

sesse ser impossível aplicar na sala de aula o que os livros e revistas especializadas trazem sobre Folclore. Aproveitem, pois, o que tão gostosamente coletamos e esperem pelos resultados. Nas aulas de **Língua Portuguesa**: Recolhimento e interpretação de provérbios; Análise do Folclore Poético, contendo provérbios: quadras, música, etc... Coleta de contos com moral proverbial. Dizeres de pára-choques de caminhão. Elaboração de carta enigmática. Organização de Álbum com música carnavalesca ou de roda infantil em que haja provérbios. Criação de hieroglifos. Em **Educação Artística**: Recolhimento e utilização de músicas contendo provérbios; Concepção pictórica de alguns provérbios.

História do Brasil: Coleta de trechos de homens cultos que utilizam provérbios; Leitura de jornais e estu-

dos sobre o autor que se vale de ditos ou provérbios.

Geografia: Selecionar provérbios por regiões. A alguns dei-lhes a procedência: São Paulo, Bahia, Alagoas, Rio de Janeiro. Pesquisa é meio soberano para alargar os horizontes infantis e juvenis.

Em **Ciências, Matemática**, em todas as aulas, o professor descobrirá, com os alunos, um Provérbio Aproveitável. E a escola estará cumprindo o seu papel - formando enquanto informa.

Portanto, com mais de mil Anequins, ou Provérbios, ou Prolóquios, ou...ou..., temos base para filosofar por anos a fio. Fiquemos por aqui, pois “tempo é dinheiro” e “é melhor um burro vivo do que um sábio morto”. Aproveitem.

Quem canta, seus males espanta

INEZITA BARROSO

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Eu canto, tu cantas, ele canta. Cantar faz bem pra gente. Todo mundo canta. O povo canta em todos os momentos da vida. Canta nas festas de casamento. Canta pelo nascimento de uma criança. Canta para louvar a Deus. Canta para pedir chuva. Canta para pedir esmola. Canta nos brincueiros de roda. Canta durante o trabalho. Canta para vender mercadorias. Canta a mãe para fazer o filhinho adormecer. Canta em todos os momentos de alegria. Canta até para ajudar um morto a chegar no céu. Nossa fauna alada, imitando o homem, canta dia e noite. O povo confirma o valor do canto através desta quadra popular:

Quem canta refresca a alma,
Cantar adoça o sofrer;
Quem canta zomba da morte,
Cantar ajuda a viver.

Uma das mais sublimes formas de expressar a sobriedade do povo é, sem dúvida, a música. Uma forma alegre, suave, doce e acessível a todos, mesmo a quem não tenha bom ouvido musical. A música do povo, as canções, as cantigas de ninar ou acalanto, descrevem o amor que o ser humano traz dentro de si. Ela é como um espelho, espelho que nos faz compreender, um pouco, ao menos, o amor de Deus para com as suas criaturas, desde que a grande preocupação da sabedoria popular é a VIDA, é a FELICIDADE que o viver exige.

Olímpia, a Capital do Folclore, é uma cidade onde se canta muito, onde a música supre, muitas vezes, a carência afetiva e, de certa forma, esconde as mazelas da atual situação econômica do povo. Ainda se valoriza, e muito, a Serenata. Grupos de jovens, corais evangélicos e grupos de pessoas mais idosas se reúnem e se preparam para uma Seresta. Seresta no sábado, à espera do descanso dominical, seresta às vésperas de festas ou festivais, nos dias do Festival do Folclore, serestas para cumprimentar amigos que aniversariam, que recebem diplomas universitários, que fazem despedida da vida de solteiro, serestas para quem parte e para quem chega, seresta em praças públicas, pelo simples prazer de cantar o passado, de ouvir retinir seus velhos instrumentos, de reunir amigos, até desconhecidos...

Conheci diversos grupos de seresteiros e até participei de alguns, mas o que mais me prendeu a atenção foi o grupo intitulado "Os Reumáticos do Luar".

Maravilhoso conjunto musical que, há 33 anos, sem nunca se desanimar, vem conquistando os olímpenses, granjeando muitos adeptos e divulgando a mais lídima música da alma popular. Música quase nostálgica. Lirismo sincero e transparente. Pouquíssimos integrantes do conjunto tiveram uma iniciação nos estudos musicais. Os demais seguem sempre a expecta-



Parte do conjunto "Os Reumáticos"

tativa do ouvido.

Para contar um pouquinho da história desse grupo musical, entrevistei o Sr. Santo de Oliveira, olímpense dedicado ao progresso e desenvolvimento de Olímpia - a cidade divina - grande aficionado da música, violinista e um dos líderes do conjunto.

- Sr. Santo, como começou este importante trabalho de preservação da cultura artística?

-A história começa em 1954. Era chefe de estação da FEPASA em Olímpia, o Sr. Osório P. Tostes, de saudosa memória, que executava, com muita classe, um requintado bandolim. Após as atividades, em algumas noites da semana, ao lado da sua residência, perto da plataforma da estação, dava um belíssimo espetáculo musical. Atraídos pela beleza da música, somaram-se a ele alguns vizinhos: o violinista Paulo Ferrari (seleiro), o violinista Sr. Alberto Prado (cirurgião dentista) e o cavaquinista Sr. Avelino de Aquino (funcionário da estação), todos instrumentistas, que se distraíam durante algumas horas, antes de dormir. Tempo depois, o bandolinista, Sr. Alfredo de Oliveira (barbeiro), uniu-se ao movimento.

É o movimento cresce. Eu, curioso como sempre e amante da música, passava pela estação e não resistia ao encantamento daquela arte. Fui dando um jeitinho, até que um dia apanhei meu violino e me juntei a eles, nas noites festivas.

Daí, o entusiasmo de todos chegou a tal ponto que o Sr. Osório, depois de alguns meses, sugeriu a criação de um conjunto musical para alegrar as noites da cidade Menina-moça.

Em, em 1957, o conjunto estava preparado para dar espetáculos públicos. A 1ª apresentação ao público foi na Fazenda Santa Fé, de Olímpia, numa reunião organizada pelo Rotary Club local.

-Quais as outras pessoas que passaram a participar do movimento?

-Interessante dizer-lhe que somente pessoas da velha guarda se agregaram ao movimento. Jovem, nenhum.

Embora não haja até hoje um regimento para o conjunto, por tradição, ficou estabe-

lecido que a finalidade era reviver os grandes acontecimentos musicais do passado. Músicas que empolgaram, marcaram época. É constituído somente por amadores. O grupo se reuniria para quaisquer festas, desde que convidado, ou àquelas por ele organizadas. Serenata, festa de casamento, batizado, aniversário, quermesse e outras tantas.

O famoso médico, Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho; o sábio advogado, Dr. Silvano Pinto; o ilustre violinista, Prof. Nelson Alves Tremura (diretor de escola), já falecidos, foram, também integrantes do Conjunto que galgava muito êxito. Prestigiaram-no muito.

-E o nome Os Reumáticos do Luar como surgiu?

Como você sabe, Inezita, em toda cidade há uma pessoa de muito bom humor, acolhedora, festiva e até participativa.

Com o andar do tempo, o Sr. Orlando Lapa, respeitável funcionário público municipal, sincero e entusiasta, prezou muitíssimo o conjunto musical. Cheio de vivacidade e muito natural, verificou serem integrantes do grupo, homens com mais de cinquenta anos, não hesitou e nem poupou palavras. Batizou-o de "Os Reumáticos do Luar", levou em conta a idade dos artistas. O grupo aceitou e o aplaudiu.

-E os ensaios, Sr. Santo, quando e onde são realizados?

-No Regimento Oral ficou também estabelecido que não haveria necessidade de ensaios. Bastava indicar o nome da música, a letra e quando muito a gravação da mesma em fita magnética.

Em casa, cada um, dispensaria um tempinho para executá-la no instrumento. E assim é até hoje.

No dia da apresentação pública, logo após a afinação dos instrumentos, damos uma "passadinha" na música e só. Tudo pronto para a execução. Parece incrível, mas sai ótimo o espetáculo aos ouvintes. No início do grupo, o Sr. Tostes possuía bom acervo das músicas e, para os que conheciam leitura musical, ele passava uma partitura para que ensaiassem. Os que não conheciam música, seguiam-na em seus instrumentos com acompanhamento perfeito.

-Como sobrevive o Conjunto? Cobra alguma indenização pelas apresentações?

-Nada disso. O grupo sobrevive por si só. Somos amadores. Cultivamos a mais bela das artes: a música.

Inezita, para dizer-lhe que nunca fomos remunerados, houve um período: de 1978 a 1988, dez anos portanto, o Conjunto era convidado para participar do Serestão de Barretos, cidade vizinha, que o organizava como atividade correlata à Festa do Peão de Boiadeiro, sempre realizada no mês de agosto. Os organizadores do evento ofere-

ciam uma ajuda em dinheiro, ao Conjunto. Esse dinheiro era, então, aplicado nas reuniões festivas. Um jantar, por exemplo.

-Quais os instrumentos que fazem parte do Conjunto?

-Não são muitos. Atualmente: quatro violões, três acordeões, dois violinos, um cavaquinho e, na percussão, bumbo e prato.

-Qual o gênero musical preferido pelos Reumáticos?

A maioria dos instrumentistas é autodidata, sabe música pela força de vontade. Cultiva a música do seu tempo, música velha que permanece sempre atual para o Conjunto. A originalidade do modo de cada um apresentar a música, a grande dose de amor e entusiasmo, prometem-lhe a permanência no grupo enquanto houver possibilidade.

A música preferida é a de seresta. Executamos coreto, cururu, acalanto, chorinho, moda de viola, modinha, romance, toada e hinos religiosos. E, principalmente, as valsas antigas.

-Quais são as pessoas que atualmente fazem parte do Conjunto "Os Reumáticos do Luar"?

-Atualmente está assim constituído o Conjunto: **Acordeonistas:** Hilário Fossalusa, Sebastião Domingues e Valdemar Guerreiro. **Cavaquinista:** Avelino de Aquino. **Percussionista:** José Munhoz Amigo. **Violonistas:** Antônio Guimarães, Antônio Cavagna, Avelino Coelho de Carvalho, Joaquim Narciso e José Micheleto. **Violinistas:** Astrogildo Guimarães Junqueira e Santo de Oliveira. **Cantor:** Ovídio Ferrari de Oliveira.

Deste conjunto destacamos a modinha "Serenos da Madrugada", canção muito melódica e sentimental, cujo tema central é o amor. O texto se compõe de três quartetos, com repetição cantada dos dois últimos versos de cada um. O folclorista José Sant'anna, de Olímpia, já havia coletado a música, em 1959, e registrado o texto no Departamento de Folclore, do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", da cidade. A música é anônima, antiga e tradicional e foi transmitida oralmente através das gerações. No texto de "Serenos da Madrugada", encontra-se menção ao desprezo e à ingratidão. É de fácil memorização e a composição permanece usual no povo. E esta seresta eu tive a oportunidade de ouvi-la.

ANÁLISE MUSICAL

Serenos da Madrugada é uma melodia que se identifica com as formas da época do Império em que os seresteiros, apaixonados, andavam pelas ruas do Rio de Janeiro, cantando seus amores. Serenos da Madrugada é uma modinha.

Numa análise da estrutura melódica desta canção, encontram-se três características primordiais:

- a) variação intervalar baseada em notas de acorde,
 - b) cromatismo no final do segundo período,
 - c) apojaturas no final das frases.
- Usando a sincronissimidade do compasso

SERENO DA MADRUGADA

Cantada em Olímpia

ANDANTE

SE - RE - NO DA MA - DRU - GA - DA CO - RTO É TRIS - TE A - MU - SA
 VOZ A - COM - PA - NI - A DO SOM DA LI - RA FAZ LEM - BRAR DA - QUE - LES
 TEN - PO - JA - ME - SA - DO - QUE MI - NI - MA - DA SE - PAI -
 SÃO AIR - DA SUS - PI - RA - FAZ LEM - PI - RA

Serenos da madrugada como é triste,
 A minha voz acompanhada ao som da lira,
 Faz lembrar daqueles tempos já passados
 Em que minh' alma de paixão ainda suspira. bis

Só os ricos que de amor podem gozar,
 Eu sou pobre, minhas juras não têm valor
 Tens orgulho e desprezas quem te ama
 Talvez um dia tu sofrerás a mesma dor. bis

Adeus mundo de tristeza, de mentiras
 Adeus ingrata, o teu desprezo é que me mata
 Adeus querida, já sem forças, vou morrendo
 Adeus, adeus, é para sempre, adeus ingrata. bis

SERENO DA MADRUGADA

Cantada por Tonico e Tinoco

ANDANTE

SE - RE - NO DA MA - DRU - GA - DA CO - RTO É TRIS - TE A - MU - SA
 VOZ QUE A - COM - PA - NI - A DO SOM DA LI - RA FAZ LEM - BRAR A - QUE - LES
 TEN - PO - JA - ME - SA - DO - QUE MI - NI - MA - DA SE - PAI -
 SÃO AIR - DA SUS - PI - RA - FAZ LEM - PI - RA

Serenos da madrugada como é triste
 uma voz que acompanha o som da lira
 Faz lembrar daqueles tempo já passado
 que minh' arma de paixão inda suspira.

Eu também já fui amado e fui querido,
 hoje eu vivo neste mundo desprezado.
 Venha, morte, me tire esta triste sina.
 Aqui acha um coração abandonado.

Tu é rica de amor pode gozá.
 Eu sou pobre, minha jura não tem valor.
 Com orgulho, tu despreza quem te ama,
 algum dia sofrerás a mesma dor.

Adeus, mundo de ilusão e de mentira.
 Adeus, morena, seu desprezo é que me mata.
 De saudade e de paixão eu vou morrendo.
 Adeus, adeus, para sempre, adeus ingrata.

ternário, a estrutura deste canto se baseia num simples A-B, com repetição de B como coro.

Harmonicamente esta modinha se apóia numa seqüência de acordes I-V-I (tônica - dominante - tônica) com uma variação no segundo fragmento de A para I-IV-I (tônica, subtônica e tônica).

Cantada pelos Reumáticos do Luar, ao som de seus intrumentos, até alta madrugada, nas casas dos amigos, para celebrar um acontecimento importante, fugindo, de tarde, à regra de cantar à namorada

ou à amante, mencionando a incerteza do amor, como dizem as palavras das estrofes. Passam, então, para outro plano, o de reviver a melodia tradicional, saudosa, que relembra um passado, talvez muito feliz.

Como acontece com os demais seresteiros que fazem a saudação musical, e recebem os agradecimentos através do acender e apagar a luz do quarto, ou abrir um pouquinho a banda da janela para dizer-lhes muito obrigado, com os Reumáticos do Luar ocorre o oposto. Abrem a porta para entrarem e oferecem-lhe boa guloseima: boas bebidas e salgados, não permitindo que se retirem antes de clarear o dia.

Isto é bonito demais. É bem brasileiro. E distingue uma música de amor, muito apreciada pela nossa gente.

Ouvi o Conjunto "Os Reumáticos do Luar", em Olímpia, no ano de 1969. Vinte e um anos depois, pela graça de Deus, tive a feliz oportunidade de vê-los e ouvi-los, novamente, ainda muito fortes e musicais, interpretando ao som dos seus intrumentos: Serenos da madrugada como é triste.

As estrofes do Serenos da Madrugada são irregulares, ora apresentando onze, doze e até treze sílabas poéticas, aparecendo a rima (trova) entre os segundo e quarto versos de cada uma.

A propósito, este tema musical folclórico, há muito conhecido, sob o mesmo nome: "Serenos da Madrugada" (valseado), era cantado pela mais famosa dupla brasileira, meus amigos Tonico e Tinoco.

Foi lançado no LP "Na Beira da Tuia", pela Continental, em junho de 1958 e regravação em 1968, música 6, face A, no LP do mesmo nome 33 I CLP 9031 pela Cabloco/Continental - São Paulo, com uma pequena diferença no número de estrofes. Na deles são cantadas quatro. E também com variações melódicas, conforme nos mostra a organografia musical.

No livro "Da Beira da Tuia ao Teatro Municipal" de Tonico e Tinoco - a dupla coração do Brasil - encontram-se referências ao Serenos da Madrugada (valsas), nas páginas 87 e 88, 2ª edição, publicado em 1984, pela Editora Ática S. A. - São Paulo:

Tonico:

"Crescemos ouvindo essa música.

Nossa mãe conta que a avó Isabel já cantava Serenos da Madrugada para ela dormir. Porém, antes só existia o primeiro verso: nós criamos os outros três. E, como sempre cantávamos esta música nas serenatas, não pudemos deixar de gravar, imortalizando esta valsa brasileira, que hoje já pertence ao nosso folclore."

Cantando o povo vai prosseguindo até a jornada final da existência. Cantemos sempre, porque quem canta, seus males espanta. Este é o lema de Olímpia. Vale a pena existir Olímpia, morar nela ou, pelo menos, visitá-la. E viva a Capital do Folclore!

Se cumbuca de sal molhar, chuva vai pingar

APARECIDA GIL

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

O sal - cloreto de sódio - é um dos minerais mais comuns e ao mesmo tempo mais essenciais. É uma substância branca cristalina encontrada em solução na água do mar e em forma cristalina no subsolo. Usamos em casa no tempero dos alimentos.

É também empregado na conservação da carne de gados e ainda para preservar a saúde das reses vivas, no que muitos o reputam essencial. A indústria química faz também muito uso do sal comum.

Há partes do mundo em que o sal é muito escasso, sendo, por isto, o seu preço elevadíssimo. E em algumas terras não civilizadas, foi usado, ainda, em lugar de dinheiro (Daí a palavra salário).

O sal é obtido de três diferentes maneiras. Em certas partes do globo é encontrado em grandes depósitos conhecidos por "montanhas de sal". Uma das formas de se retirá-lo da terra é cavar poços, empregando-se o mesmo processo observado na extração do carvão. É o salgema.

Outro processo para se obter sal é conduzir a água para os poços cavados nas camadas de sal. A água dissolve-o, depois do que é trazida para a superfície, com o auxílio de bombas. Uma vez evaporada, ficam apenas os cristais salinos. Outra maneira de se obter sal é fazer evaporar a água captada no oceano ou nos lagos salinos.

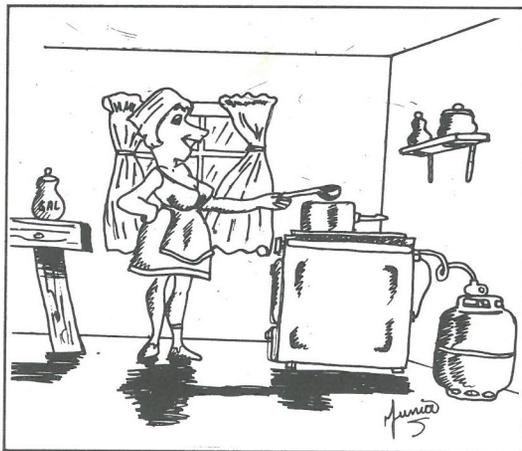
O uso do sal em excesso faz mal, podendo mesmo causar a morte pelos distúrbios que ocasiona ao nosso organismo.

Entre os produtores de Sal no Brasil, destacam-se alguns Estados onde se acham instaladas grandes salinas, ocupando vasta extensão do litoral.

SAL-RELIGIÃO

SAL - substância mineral empregada no Antigo Testamento e no ritual da Igreja.

Para os judeus, o Mar Morto era a grande fonte de sal, pelo que era chamado o Mar Salgado. Usado diariamente como condimento para os alimentos, o sal tinha também outros usos. Em Ezequiel, há uma referência a um interessante costume judeu de se apergir e se esfregar com sal os recém-nascidos. No Eclesiástico, o sal é contado entre as coisas necessárias à vida. Tanto nos sacrifícios cruentos como nos incruentos da Antiga Lei, o sal era acrescentado ao dom que era oferecido a Deus. Do livro primeiro dos Macabeus aprendemos que os judeus costumavam pagar suas dvi-



das com sal. Desde que o sal era tão comumente usado nos alimentos, "comer sal com alguém" podia significar: aceitar sua hospitalidade. Uma vez que o sal era um preservativo para os alimentos e lhe dava um sabor mais agradável, tornou-se símbolo de incorruptibilidade e de aceitação por parte de Deus. Daí o seu uso nos sacrifícios.

No Novo Testamento, Cristo, em seu

sermão da Montanha, afirmou que seus discípulos eram "o sal da terra", porquanto deveriam preservar o mundo da corrupção moral e torná-lo aceitável a Deus. São Paulo manda que a linguagem dos colossenses "seja temperada com sal", isto é, que saiba bem aos outros e lhes seja útil.

Na Igreja, o sal é o símbolo da divina sabedoria que dá o sabor cristão às coisas de Deus e as preserva do mal. O sal bento era dado aos catecúmenos, na primitiva Igreja, como sinal de que tinham deixado a corrupção de sua vida de pagãos para abraçar a nova vida que agrada a Deus. Atualmente, pela mesma razão, o sal é colocado na língua do batizando.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

Gênesis 14,3/ João 6,6/ Ezequiel 16,4/ Eclesiástico 39,31/ Levítico 2,13/ Macabeus 10,29/ Esdras 4,14/ Mateus 5,13.

CONTO

Destacamos um conto popular que faz menção ao sal:

O mercador de sal

Era uma vez um negociante que possuía muitos navios para viagens comerciais, para lá e para cá. Ele tinha três filhos. O caçula era chamado Sodes, o folgazão, porque não levava nada a sério e nunca trabalhava.

Assim sendo, quando os dois mais velhos cresceram, o pai mandou-os viajar, cada qual num navio carregado de ouro.

Sodes entretanto ficou em casa.

Um dia, pela primeira vez em sua vida, Sodes procurou seu pai e pediu-lhe um navio para que ele também pudesse tentar fazer fortuna.

— Você nunca fez nada útil em toda sua vida, mas se alguém quisesse anotar as suas loucuras levaria mais de cem dias a contá-las, disse o pai.

Mas, enfim, Sodes partiu com um navio velho e os seus marinheiros eram todos velhos e sujeitos.

Quatro dias se passaram e o vento, cada vez mais forte, levou-os a uma praia.

Sodes, passando pela ilha, avistou um monte tão alto e branquinho que pensou estar vendo uma montanha de neve. Entretanto era verão e o sol brilhava. Como sentisse sede, resolveu escalar as escarpas do monte para levar à boca um pouco daquela neve, mas quando a pro-

vou, não sentiu um gosto muito agradável, pois o monte era de sal e não de neve.

Sodes, não pensou mais. Correu à praia e chamou os marinheiros. Mandou que levassem tudo que encontrassem a bordo para encher de sal. Depois içaram as velas e seguiram sua viagem. Após navegar durante muitos dias, chegaram a uma cidade de torres douradas e telhados pintados de cores vistosas. Ancoraram num porto silencioso, ao pé de uma colina, e arriaram as velas.

Sodes desceu à terra e levou consigo um pequeno saco de sal, para mostrar a espécie de mercadoria que tinha para vender.

Mais tarde dirigiu-se para o palácio do rei.

— Sou um mercador. Trago aqui uma amostra de minha mercadoria.

Sodes tomou o punhado de sal e mostrou-o ao rei.

— Que é isto?, perguntou o rei.

— Bom sal, respondeu Sodes.

Naquela cidade nunca tinha falado em sal, de maneira que o rei olhou para Sodes e disse:

— Isto nada mais é do que uma poeira branca. Muito envergonhado, Sodes saiu. Quando estava lá fora, começou a pensar que espécie de tempero eles usariam

para substituir o sal.

Resolveu ir até a cozinha. Meteu a cabeça pela porta e disse:

— Estou muito cansado. Posso sentar-me aqui para descansar?

— Entre, e sente aí, disseram os cozinheiros.

Os cozinheiros eram sete e estavam preparando o jantar. Sodes, sentado ali, observava tudo e já estava ficando doente de pensar o que eles colocavam nos pratos para servir de tempero, mas não via nada. Depois os ajudantes saíram da cozinha para buscar as travessas e Sodes se levantou e colocou, em cada panela, uma pitada de sal.

A comida foi posta nas travessas e levada, enfim, ao salão de jantar.

O rei exclamou:

— Como a sopa está gostosa hoje!

— Nunca tomei uma sopa tão deliciosa!, disse a princesinha.

— Esta é a melhor sopa que eu já provei!, declarou a rainha.

Então o rei queria saber porque a comida nunca havia estado tão saborosa.

— Chame os cozinheiros, pediu ele ao copeiro.

Os cozinheiros vieram.

— Que tempero vocês colocaram na comida?, perguntou o rei.

— Não usamos nada de diferente dos outros dias, majestade!, responderam os cozinheiros.

Chamando depois um de seus ajudantes, este disse:

— Majestade, geralmente estamos sós na cozinha. Hoje, porém, lá estava um mercador que se dizia muito cansado.

— Chame o mercador, disse o rei.

Trouxeram Sodes, que se inclinou diante do rei, segurando o saco de sal.

— Você fez alguma coisa na minha comida?, indagou o rei.

— Fiz, majestade, confessou.

— Que fez você?

— Apenas pus uma pitada de sal em cada panela.

— Aquela poeira branca?

— Exatamente.

— Você ainda tem um pouco dela?

— Tenho um navio cheio, no porto.

— É uma poeira maravilhosa e quero comprar tudo e dou-lhe em troca sacos de ouro e pedras preciosas.

Enfim, o navio estava carregado de riquezas.

Sodes, muito contente, foi despedir-se do rei.

— Para onde você pretende dirigir-se agora?, perguntou o rei.

— Votarei à minha cidade, em meu pequeno navio, respondeu Sodes.

A princesa, era muito bonita, desejou visitar o navio e pediu ao pai que lhe desse consentimento para fazê-lo, acompanhada de suas damas de tratamento.

Sodes acompanhou-as ao porto e os marinheiros conduziram-nas a bordo e lhes explicaram a finalidade de cada coisa e o nome de tudo. Depois, as damas desceram e a princesa permaneceu no

navio.

— Posso ver as velas?, perguntou a princesa.

Os velhos marujos içaram as remendadas velas e o vento encheu-as. Os marujos puxaram a âncora e o navio começou a mover-se. Quando a princesa quis despedir-se, pensando que já era hora de regressar, estava bem longe da terra.

À distância, ela apenas pôde ver as torres douradas do palácio.

A viagem foi alegre.

Durante o dia, os dois se sentaram no

tombadilho e diziam palavras doces, um ao outro.

No fim da viagem, Sodes e a princesa resolveram casar-se, assim que desembarcassem.

Os pais de Sodes ficaram muito contentes com o êxito de sua viagem e gostaram bastante da nora que, afinal de contas, era filha do rei.

Contado por Maria Luísa Dadário, 17 anos (1968), residente em Olímpia. Recolhido por José Sant'anna, de Olímpia.

Técnicas, crendices, superstições, simpatias e benzimentos

1 - Quando o sal, no saleiro, estiver úmido, é sinal de chuva, mas se seco, é sinal de muita seca. Daí o provérbio que dá nome ao nosso trabalho: Se cumbuca de sal molhar, chuva vai pingar.

2 - Quando puser o leite para ferver, é bom batizá-lo com uma pitadinha de sal.

3 - Para caçar porco-espinho, nada melhor que colocar um pouco de sal no mundéu (armadilha), nos lugares por onde ele anda. O sal é a maior paixão do porco-espinho.

4 - Água salgada é o que se aconselha para limpar cadeiras ou sofás de vime branco. Depois de limpos, enxugá-los muito bem.

5 - Para limpar peças de marfim, basta esfregá-las com casca de limão embebida em sal. Retomam a cor primitiva.

6 - Quando a comida fica salgada, para que o tempero fique normal, coloca-se um pouco de sal sobre a tampa da panela, enquanto estiver sendo cozido o alimento.

7 - Quando a pessoa erra na quantidade de sal ao fazer o arroz (ou carne), enquanto este estiver sendo cozido, deve-se colocar na panela, duas batatinhas descascadas. Elas absorvem grande parte do sal.

8 - Quando se descasca chuchu ou abóbora, e as mãos ficam pegajosas, deve-se esfregá-las com um pouco de sal, antes de lavá-las bem.

9 - Para tirar o amargo da cidra (para doce), é bom lavar os pedaços ou massa, na primeira água fria, com um bom punhado de sal, durante uma hora.

10 - Tira-se o cheiro da cebola das mãos, facas, etc., esfregando-as com um pano de sal e, depois, passando água pura.

11 - Tira-se as gorduras das esponjas, esfregando-as com suco de limão ou submergindo-as em forte solução de água com sal, e lavando-as várias vezes com água quente.

12 - Para que a melancia não provoque má digestão, é bom espalhar um pouco de sal sobre ela, antes de comê-la.

13 - Para conservar as flores frescas, por mais tempo, é só ter o cuidado de submergir os talos em água morna, deixando-os nela até que a água esfrie. Depois de frio, pôr uma pitada de sal.

14 - Para que os tecidos mantenham a cor inicial, deve-se colocar um punhado de sal na água em que eles irão permanecer (ficar de molho) por determinado tempo. Isso

evitará que eles descorem, já na primeira lavada.

15 - Depois de escovar bem os tapetes com sal, esfregá-los com um pano molhado em água e vinagre. Isto fá-los conservar as suas cores vivas.

16 - O sal aquecido ao fogo e esfregado nos tecidos, tira as manchas gordurosas.

17 - Para tirar ferrugem de tecidos, espremer limão sobre ela e esfregar um punhadinho de sal, colocando o tecido ao sol.

18 - Misture algumas gotas de limão com um pouquinho de sal. Com a pasta que se forma, cubra a verruga e deixe secar. Retire a pasta e só lave o local no dia seguinte. Repetir três noites seguidas.

19 - Esfregar sal na verruga, e jogá-lo no fogo. Sair depressa para não ouvir os estalos. A verruga desaparecerá.

20 - Apanhar nove brotos de erva-santamaria, nove dentes de alho com casca, três pitadas de sal. Macetar a erva e os alhos, num pano limpo. Acrescentar o sal, misturando-se todos os adjuntos e aplicar sobre a parte inchada. É também muito bom contra quebra-dura no corpo.

21 - Machuca-se a verruga com uma agulha ou barbante. Enxugue o sangue que sai com um pouquinho de sal, jogando-o no fogo. As verrugas logo desaparecerão.

22 - Para acabar com as verrugas, jogar três pedras de sal no fogo, dele se afastando muito depressa, tampando os ouvidos para não ouvir os estalos, recitando, três vezes: O sal está queimando e a verruga se acabando.

23 - Apanhar um punhadinho de sal grosso e, sem olhar para trás, jogar o sal nas chamas do fogão a lenha e sair correndo para não ouvir os estalos. Proceder assim três dias seguidos, e a verruga desaparecerá.

24 - Passar três pedrinhas de sal em cada verruga e jogá-las no cocho para o gado comer. A verruga logo desaparecerá.

25 - Passar sal nas verrugas até que elas sangrem. Jogar esse sal no fogo. Sair rapidamente do local.

26 - Passa-se sal sobre as verrugas e o dá para uma vaca lambar. Elas desaparecerão em pouco tempo.

27 - Pegar tantas pelotinhas de sal grosso quantas verrugas a pessoa tiver. Passar uma pelotinha de sal em cada verruga e colocá-las numa caixa de fósforo vazia.

Numa sexta-feira, antes do sol esconder-se, ir a uma encruzilhada qualquer, virar-se de costas e jogar a caixa de fósforo para trás. Voltar pelo mesmo caminho sem olhar para trás. Ou ir ao fundo de um quintal, virar-se de costas para o muro ou cerca e atirar a caixa no quintal do vizinho. As verrugas desaparecerão.

28 - A pessoa que tem verruga é fácil eliminá-la: abra uma cebola grande e recheie com sal grosso. Esfregue-a na verruga até ficar bem vermelha e ela desaparecerá.

29 - Se tivermos uma verruga em qualquer parte do corpo, pegamos três pedras de sal e passamos uma de cada vez, em cima de cada verruga. Depois colocar as três pedrinhas dentro de uma caixa de fósforo e jogá-la dentro de um rio, mas sem olhar pra trás.

30 - Fazer um corte em cada uma das verrugas e colocar um pouco de sal. Depois dar uma volta ao redor da casa, jogando o sal em cada um dos cantos.

31 - Para visitas indesejáveis, fazer uma cruz de sal atrás da porta, durante a visitação.

32 - Quando a visita demora para ir-se embora, pega-se três punhados de sal e joga-os dentro do fogão a lenha.

33 - Quando uma visita é indesejável, ao sair da visitação, a pessoa jogará sal, em formato de cruz, sobre o rastro dela. Nunca mais voltará.

34 - Para expulsar visitas indesejáveis, faz-se uma salmoura para ser jogada sobre os rastros de saída do visitante. Em não havendo tempo para isso, jogar três punhados de sal atrás da pessoa. Ela não voltará mais.

35 - Quando estiver chovendo muito, para parar a chuva, é só jogar um pouquinho de sal no fogo.

36 - Para evitar temporal forte, quando se inicia a ventania, faz-se uma cruz de sal do lado em que vem o vento. A ventania se desfará.

37 - Quando está chovendo muito forte, para a chuva parar, é só desenhar um sol no quintal. Quando a chuva estiver mais lenta, jogar sal dentro do sol desenhado e logo parará de chover.

38 - Quando a chuva for de pedra, joga-se três punhados de sal, em cruz, no tempo (terreiro) ou no fogo.

39 - Para acalmar tempestade com ventos muito fortes, basta que se tome três punhados de sal, jogando-os para o lado de onde está vindo o temporal.

40 - Quando alguém estiver comendo alguma coisa que se passa no sal, cenoura crua, por exemplo, nunca se deve jogar o sal restante em lugar seco, mas sim no molhado, para não dar azar.

41 - Nunca devemos derrubar o sal, pois dá atraso à vida da pessoa. E a mesma coisa acontece quando emprestamos sal à vizinha.

42 - Dá azar pedir sal emprestado e depois devolvê-lo. Também dá azar pisar em cima de sal derramado no chão, ou comprá-lo à noite.

43 - Derramar sal na mesa, indicará falta de pão, prenúncio de miséria para a família. Quando isto ocorrer, a pessoa deve bater uma faca na outra, colocando-as, em

cruz, sobre o sal derramado, para evitar o malefício.

44 - Dar sal na mão a uma pessoa, traz miséria a quem der, assim como pegar o saleiro das mãos de outra pessoa.

45 - Não é aconselhável pôr sal na boca de criança pagã. Ela ficará perturbada. Ou se morrer, não irá para Deus.

46 - Para um inquilino desocupar uma residência, tomam-se três punhados de sal ao vizinho, para atirá-los sobre a casa. O inquilino se mudará.

47 - Jogar um punhadinho de sal sobre uma franga, ela botará logo.

48 - A fim de se evitar o goro dos ovos, é aconselhável pôr três pitadinhas de sal grosso no ninho da galinha choca.

49 - Para aumentar a criação de galinhas, juntar, numa vasilha, 120 grãos de milho e 120 grãos de arroz, juntamente com uma pitada de sal. Deixar no sereno por uma noite. No dia seguinte, dar às galinhas, jogando-os em forma de cruz.

50 - O sapo fica batizado pela pessoa que lhe jogou sal às costas. Isto serve também para afugentá-lo para lugar distante.

51 - Quando o fogo está crepitando, indica que a pessoa vai ganhar carne de porco ou que alguém está querendo fazer mexerico. Então, uma pessoa da casa deve jogar um punhadinho de sal no fogo, dizendo: Se é carne, está salgada; se é mexerico, está cortado.

52 - Para curar insônia, é aconselhável fazer uma cruz de sal sob a cama onde dorme a pessoa.

53 - Quando alguém acompanha um enterro, entrando inclusive no cemitério, ao chegar em casa, uma pessoa da família deverá recebê-la jogando-lhe um punhadinho de sal na cabeça. Isto evitará prontamente que o corpo da pessoa seja dominado pelo "carrego" e evitará os maus fluidos aos demais membros da família.

54 - Tira-se o mau-olhado, fazendo-se uma cruz de sal na entrada principal da casa.

55 - Para livrar-se de mau-olhado, colocar um galhinho de arruda dentro de um copo d'água com 2 pedrinhas de sal grosso. Cada 7 dias mudar o galhinho de arruda.

56 - Para curar o quebranto, pega-se um punhado de sal e diz, benzendo logo em seguida: Alecrim bento sagrado, nasceste no mar sem ser semeado. O quebranto desta criança quero tirá-lo. Se é quebranto ou mau olhado, benze-se a criança e depois joga-se fora aquele sal, usando outro para nova benzeção. Benzer durante três dias.

57 - Para se livrar de mandingas, basta tomar um banho com arruda, guiné, alecrim e sal grosso.

58 - Mudando-se de uma casa para outra, a primeira coisa com que se deve entrar na nova residência é com um saquinho de sal. Isto fará com que a família nela entrante seja bem sucedida.

59 - Quando se muda para uma casa é bom, para ter sorte, levar a vasilha de sal (saleiro) na frente e colocá-lo em primeiro lugar, no canto onde irá ficar.

60 - Em mudança, deve-se levar, primeiramente, o sal e o carvão.

61 - Quando se vai morar numa casa é bom jogar, em todos os cantos da parede,

um pouquinho de sal, pronunciando: Em nome da Virgem / E de todos os santos / Que desapareçam os encantos.

62 - Numa casa onde há discórdia entre os familiares, para reinar a paz é bom jogar, em todos os cômodos da casa, um punhadinho de sal em cada canto, com exceção ao canto esquerdo de cada saída do cômodo.

63 - Para acalmar aflição, tomar um copo de salmoura fervida numa panela nova sob labaredas de galho de goiabeira.

64 - Cura-se a impingem, passando sobre ela um pedaço de toucinho com sal, durante três dias.

65 - Queimando-se com óleo, basta apenas colocar sal sobre a queimadura.

66 - Para curar luxação de pé (entorse), aplicar azeite quente com sal, numa folha de bananeira, sobre o local, repetidas vezes.

67 - Se alguém estiver com caxumba, é só pegar uma colher de sopa de sal e misturar com cinza e deixá-lo no sereno, três noites. Depois passar sobre a caxumba, fazendo cruzeiros. Repetir três dias, para a pessoa sarar.

68 - Para curar mau jeito, basta pegar um punhado de sal e dissolver num copo de água morna. Passar essa mistura no lugar machucado, rezando duas Ave-marias e um Pai-nosso. Deixar um pouco dessa mistura no copo, jogando-a no fundo do quintal. Entrar em casa, sem olhar para trás.

69 - Para curar íngua devemos pôr três pitadinhas de sal, amarradas num papel, no bolso do lado em que ela está, durante três dias, para logo ser curado.

70 - O sal é utilizado contra infecções. É só aplicá-lo em pouca quantidade sobre o local afetado.

71 - Tendo necessidade de vomitar, basta que se prepare uma salmoura morna e tome-se três goles dela.

72 - Para fazer desaparecer hematomas, toma-se um punhado de sal e faz-se com ele e vinagre, uma salmoura, colocando-a sobre o hematoma.

73 - Para curar catarata, toma-se um copo duplo de água e uma colher de sal grosso. Esse sal será colocado numa panela de ágata, juntamente com a água, muito bem dissolvido. Isto feito, coar num pano branco, limpo. Depois de frio, colocá-lo em um vidro. Pingar uma gota em cada olho. Uma gota por dia.

74 - Para tirar qualquer tipo de espinho, pega-se um pequeno chumaço de algodão que será embebido em água ou álcool. Junta-se a ele um pouco de sal. O sal umidecido pelo algodão, deverá ser colocado sobre o estrepe ou espinho. Será, em seguida, amarrado frouxamente para que o estrepe ou espinho tenha espaço para sair.

75 - Quando uma pessoa estiver com dor de dente, deve-se fazer uma salmoura morna, colocá-la na boca e segurar quanto puder. Isso acalmará e fará mesmo com que a dor desapareça.

76 - Para curar pés inchados ou dores nas pernas, ferver água, colocar um bom punhado de sal e esquentar as partes doloridas.

77 - Pessoa que levou uma paulada, deve fazer uma salmoura morna e colocá-la sobre a machucadura, deixando, inclusive,

algum sal dissolvido sobre ela.

78 - Para curar machucadura, toma-se sal, fumo e urina, devidamente misturados e fervidos para esquentar o local machucado. Depois amarrar um pedaço de pano sobre a mesma.

79 - Para curar resfriado é bom tomar uma xícara de café amargo com banha de galinha e sal.

80 - Quando a pessoa estiver resfriada, pega-se uma xícara de café e põe-se três punhadinhos de sal, em cruz. Mexe-se e dá para a pessoa tomar.

81 - Sal dissolvido em água morna é bom para curar dor-de-garganta. Fazer gargarejos.

82 - Nas afecções catarrais é bom tomar queimadilha, isto é, chá de pinga, sal (ou açúcar) e casca de laranja.

83 - Para acalmar a crise de tosse, colocar um punhadinho de sal sobre a língua.

84 - Para se acabar com a tosse, deve-se tomar três punhadinhos de sal. A cada punhado, colocar uma pitadinha na boca. O restante dos três punhadinhos deverá ser posto debaixo do travesseiro. Isso será feito durante três dias consecutivos.

85 - Pessoa com rouquidão deverá colocar uma pitada de sal na garganta. A voz melhorará prontamente. O efeito é bem evidente entre as pessoas que usam a voz. Os cantores, por exemplo.

86 - Para curar inflamação da garganta, fazer uma infusão com folhas de pitangueira, caldo de limão, um comprimido de melioral e sal. Depois de três gargarejos, a inflamação desaparecerá por completo.

87 - Para hipotensão (pressão baixa), coloca-se uma pitadinha de sal sob a língua.

88 - Quem tiver pressão baixa, para regularizá-la, deve engolir um pouquinho de sal.

89 - A fim de evitar hematoma ocular, mastigar um pouco de sal e pôr a saliva no olho arruinado.

90 - Para renascer cabelos, faz-se uma salmoura com a água em que se lavou carne verde (fresca) e lavar a cabeça.

91 - Para curar panarício, enfiar o dedo num angu feito de farinha, água, sal e uns pingos de leite de banana.

92 - Para curar o vício de bebida, coloca-se sal grosso num pires, acende-se uma vela ao Anjo da Guarda e diz-se: Vai embora bebedeira/ E liberte o bebedor, / Pela força do sal grosso/ Que o livrará do mal. Quando encontrar uma pessoa embriagada, é só pegar um pouco deste sal e colocar no bolso dela (se homem) e no decote (se mulher).

93 - Quando a pessoa estiver doente, já sem esperança de cura, deve alguém, da família, apanhar meio copo d'água e um pires no qual se faça uma cruz de sal, em seu interior. De duas em duas horas, dar uma colher (de sopa) da água do copo, ao doente. Repetir três vezes a reforma da água. Na terceira reforma, quando faltar um pouquinho de água ainda no copo, pôr nela o restante do sal. No dia seguinte, à hora em que o sol se puser, jogar o sal que foi dissolvido na água do lado do poente. O doente se curará.

94 - O sal espalhado à porta da casa da moça rival, faz com que o namorado não a

possa ver jamais.

95 - Alecrim amassado com sal e guardado no estojo escolar, ajuda o estudante a ter sorte nos dias de provas.

96 - É bom que um jogador, ao entrar no campo, em dia de jogo, atire três punhadinhos de sal grosso no gramado, para dar sorte ao seu time.

97 - Para que a empregada seja zelosa, antes que ela inicie seu trabalho, a patroa deve lavar a cozinha com um litro de água fervida com dezessete pedrinhas de sal grosso e sete gotas de essência de flor de laranjeira. Depois, enxugar com um pano branco que deve ser jogado em água corrente.

98 - Para livrar-se de nervosismo, reúna três punhadinhos de sal grosso num copo d'água e deixe três dias embaixo da cama de quem está nervoso. Depois, retire o copo e jogue a água num rio ou córrego.

99 - Para desfazer mandingas, é preciso desamarrar o que encontrou amarrado dentro de casa, ou mesmo dentro do travesseiro. Desmanchar o que estiver ligado, espalhar os elementos todos e dar banho de álcool ou de água com sal grosso. Depois, atire as coisas em água corrente, durante o dia, antes do pôr-do-sol. Em seguida, tomar um banho com arruda, guiné, alecrim e sal grosso.

100 - Quando alguém vai viajar, é bom colocar três pedrinhas de sal, embrulhadas num paninho branco, dentro da mala de viagem, para ser bem sucedido.

101 - No dia 25 de março, dia em que o

Diabo anda à solta, é bom espalhar um pouquinho de sal nos cantos da casa. O sal vence o Diabo que tanto o teme como teme a cruz de Cristo.

102 - O sal é tão importante que é muito comum entre as pessoas, o emprego da paremiologia: Não vale o sal que come, equivalente a: Não vale o feijão que come, às pessoas preguiçosas ou lerdas demais.

103 - Nas festas em que aparece pessoa não convidada, por brincadeira de amigos, costuma-se atirar sal no intruso, como se estivesse dizendo: veio de sapo, não foi convidado.

104 - Diz o povo, na sua sabedoria peculiar que, ninguém deve criticar a vida do semelhante, sem que tenha comido, pelo menos, um saco de sal juntamente com ele.

105 - É muito comum aos integrantes dos grupos folclóricos, nos dias de festas, ao prepararem a comida, colocar muito sal na palma da mão e soprá-lo, delicadamente, nos cantos da cozinha, nas labaredas ou chamas do fogão, sobre os cozinheiros ou outras pessoas, invocando o nome de São Benedito, para que a comida não se queime.

NOTA: Estas informações sobre o sal na parte referente a Técnicas, Superstições, Simpatias e Benzimentos, foram dadas por pessoas de Olímpia, em 1990. Entre as pessoas, quase todas mulheres, as mais novas contam com mais de 50 anos de idade.

Adivinhas organizadas com quadras trovadas

1 - Na água nasci.
Na água criei,
Se à água voltar,
Na água morrerei.

2 - Você que é adiantando,
Diga rápido, rapaz:
O que é que é molhado
E ao sol se molha mais?

3 - Eu sou nascido na água
E na água me criei,
Se me puserem na água,
Na água eu morrerei.

4 - Venho nas ondas do mar,
Nascido da fresquidão,
Não sou água e nem peixe,
Mas sou tempero na mão.

Estas adivinhas versificadas foram extraídas do livro "Quadras-Adivinhas" de José Sant'anna, de Olímpia, recentemente publicado. A resposta é sal para todas elas.

BRINQUEDO INFANTIL:

PULAR CORDA

Há duas maneiras de pular cordas: a individual e a coletiva.

Brincando sozinha, a criança segura a corda pelas pontas e salta, repetidas vezes, até cansar-se.

No jogo coletivo, a corda é segurada por dois meninos ou meninas. Enquanto agitam a corda, um terceiro (ou mais) entra na brincadeira, muito preocupado, em não errar, porque a batida da corda, lenta ou

ligeira, independe dele.

Durante o tempo em que as crianças brincam, elas recitam, entre outras fórmulas, esta que se refere ao sal:

Sal, pimenta,
Fogo, foguinho.

Ao pronunciarem este dístico, a corda é agitada mais rapidamente, fazendo com que os pulos sejam os mais rápidos possíveis. Ainda assim brincam as crianças de Olímpia.

AINDA NAS BRINCADEIRAS

Quando duas crianças estão brincando e surge um desentendimento entre ambas, ouve-se sempre a declaração: Estou de mal! Ao que a outra lhe dá a resposta: Come sal!

A intenção do respondedor é fazer um jogo de sons ao mesmo tempo em que revela não estar dando nenhuma importância ao ato de ficarem inimigas. Coisa passageira.

EXPRESSÃO

É muito comum a pessoa mal humorada ou com a cara feia, ouvir de alguém: Parece que comeu sal.

O folclore do Sal é pobre, não possui literatura vasta e nem inspirou canções, danças ou peças teatrais. Por outro lado, é rico, porque representa modéstia e firmeza no trato, dignidade, decência e também pureza de alma.

Assim, enquanto a vida prossegue, retemperemo-la com um pouquinho de sal, na peleja de todos os dias.

Antes que cases, vê o que fazes

JOSÉ SANT'ANNA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE DE OLÍMPIA

Tudo quanto o povo pensa, sente e faz não é mais que o resultado do mesmo impulso que agitou a alma do homem do passado e aviventará a do homem do futuro. Os melhores exemplos disto são as quadrinhas que existem na tradição oral. De onde provieram? Como surgiram? Em que época?

Não oferecemos respostas a estas questões. Só podemos afirmar que brotam da alma do povo. São criações individuais de expressão coletiva.

Como o próprio nome diz, quadra é a estrofe constituída de quatro versos. Consta de combinações rítmicas, encerrando o quarto verso a conclusão do pensamento do trovador. A quadra, por si só, é auto-suficiente; é a síntese do pensamento completo.

Nas quadrinhas folclóricas os versos apresentam, quase que sempre, sete sílabas. As sílabas métricas não se confundem, porém, com as sílabas gramaticais.

O gramático conta as sílabas atendendo aos elementos morfológicos do vocábulo, enquanto que o versificador guia-se pelo ouvido, atendendo à prosódia. O versificador não conta sílabas que existem depois da última tônica. Os versos de sete sílabas, muito preferidos na cantiga folclórica, são os heptassílabos (ou setessilábicos), sempre com trova entre o 2º e 4º versos. As pausas métricas não são fixas, com exceção à última tônica. Se tiverem os acentos na 3ª e 7ª sílabas, ficam mais harmoniosos.

Damos início, a este trabalho, publicando quadrinhas recolhidas em Olímpia, relacionadas ao Casamento.

O casamento marca uma fase importante na vida do homem. É pura e bela instituição que existe, como salvaguarda da família e a garantia da perpetuação da descendência. Para um casamento feliz é essencial que os cônjuges se entendam, amem-se, relevem as faltas de cada um, auxiliem-se mutuamente para o governo do lar. Todo casamento deve ser por amor, pois casamento por conveniência resulta em cativo horrível. Daí, muitos casados se sentirem felizes e outros decepcionadamente desgraçados.



Focalizaram-no as Quadrinhas Folclóricas com simpatia ou exagerados dissabores, servindo-se também do verbo casar (flexionado ou não); das palavras casado, casada, casados, ou de assunto que lhe são pertinentes.

- | | |
|--|---|
| 1 - Casamento é a doença
Que muita gente renega,
Mas eu já fui vacinado:
Tal doença não me pega. | 8 - Lenço branco na janela
É sinal de casamento ,
Menina guarde este lenço
Que inda não chegou seu tempo. |
| 2 - Casamento é coisa séria
Que faz a gente pensar:
Aquilo que Deus uniu
Não se pode desmanchar. | 9 - A tristeza e o desgosto
Combinaram casamento
E foi daí que nasceu
A palavra sofrimento. |
| 3 - Casamento até parece
Um chiqueiro de engordar;
Quem tá dentro quer sair,
Quem tá fora quer entrar. | 10 - Cravo branco na janela
É sinal de casamento ,
Tira o cravo e põe a rosa
Pra casar tem muito tempo. |
| 4 - Casamento é como bonde,
Sem porta e sem campainha,
Quem pegar o bonde errado
Tem que ir no fim da linha. | 11 - Vida boa é de solteiro
Que detesta o casamento ,
Pois a vida de casado
Só resulta em sofrimento. |
| 5 - Casamento une os corpos
Perante Deus e a lei,
Mas se une os corações,
Juro por Deus que não sei. | 12 - Moça, se o seu pai chegar,
Vou pedir-te em casamento :
Se for mentira, eu não falo;
Se for verdade, eu sustento. |
| 6 - Mandei pedir casamento
Pra ver se eu era feliz,
Depois que eu mandei pedir
Eu vi o erro que fiz. | 13 - Quando se fala em casar
Eu nunca fico contente,
Casamento é desgraça
Da vida de muita gente. |
| 7 - Para arranjar casamento
É preciso não ter medo;
Custei a me resolver,
Fiquei chupando o dedo. | 14 - Namoro é laço de fita,
A noiva é linha comprida,
O casamento é nó cego
No cordão de nossa vida. |

QUADRAS ANÔNIMAS - CASAMENTO

- 15 - Na enxada precisa o cabo,
No cabo precisa cunha;
Se **casamento** prestasse
Não chamava testemunha.
- 16 - Santo Antônio milagroso
E bastante justiceiro,
A quem não dá **casamento**
Dá pelo menos dinheiro.
- 17 - Jesus Cristo, Bom Senhor,
Andou pelo mundo ao léu,
Não ligou pra **casamento**,
Subiu solteiro pr'o céu.
- 18 - Namorei uma menina
Desde o dia que nasceu,
No dia do **casamento**
Esta menina morreu.
- 19 - Uma velha muito velha,
Mais velha que meu chapéu,
Ouvii falar em **casamento**,
Levantou as mãos pr'o céu.
- 20 - Uma véia muito véia,
De tão véia se arcô,
Foi pedida em **casamento**,
A véia se endireitô.
- 21 - Tenho meu chapéu de palha
Que custou mil e quinhento,
Quando ponho na cabeça
Não me farta **casamento**.
- 22 - A pedra que muito rola
Não serve para o cimento,
A moça que só namora
Não encontra **casamento**.
- 23 - Primeiro Deus fez o homem
E a mulher em seguimento,
Primeiro é o pé-de-meia
E depois, o **casamento**.
- 24 - Lá do céu caiu uma velha
De tão alto, esborrachou;
Ouvii falá em **casório**
Logo se endireitou.
- 25 - Quem ama homem **casado**
Não tem a vida segura,
Ponha a enxada nas costas
Pra cavar a sepultura.
- 26 - Lá do céu caiu um fogo,
Pela terra se espalhou,
Homem que é mal **casado**
No Inferno já chegou.
- 27 - Gostei muito do seu jeito
Por ser bom e educado,
Porém, não lhe perguntei
Se é solteiro ou **casado**.
- 28 - Aluga-se um coração
De um rapaz bem comportado
Que seja bem direitinho
E que não seja **casado**.
- Variante:
Aluga-se um coração
Ao moço mais comportado,
Que seja bem bonitinho
E que não seja **casado**.
- 29 - Não andes muito depressa,
Não seas tão apressado;
Eu quero saber primeiro:
Se és solteiro ou **casado**.
- 30 - A vida de um solteiro
É uma vida muito boa,
Mas da vida de **casado**
A gente sempre enjoa.
- 31 - O cantar é dom dos anjos.
O bailar, dos namorados;
A alegria é dos solteiros;
A tristeza, dos **casados**.
- 32 - A **casada** que namora
E aconselhada, não pára;
Não tem marido que presta,
Nem tem vergonha na cara.
- 33 - Eu amei uma **casada**
E pus-me a considerar;
Por mim deixou o marido,
Por outro me há de deixar.
- 34 - Eu conheço uma **casada**
Que namora escondido,
Vive fazendo promessa
Para que morra o marido.
- 35 - Namorar mulher **casada**
É ser muito atrevido,
Ou então perdeu o medo
De bala no pé do ouvido.
- 36 - Quem ama mulher **casada**
Está brincando co'a sorte,
É um homem destemido
Que se contrata co'a morte.
- 37 - Quem ama mulher **casada**
Não tem a vida segura,
Traz a catinga da vela
E o risco da sepultura.
- 38 - Nunca vi ventar do Sul,
Que aos três dias não chovesse;
Nunca vi gente **casada**
Que não se arrependesse.
- 39 - A perdiz pia no campo
E o anu no formigueiro;
Quem ama mulher **casada**,
Olho vivo e pé ligeiro.
- 40 - Rapaziada de hoje
Não sei o que está pensando,
- Namora as muié **casada**,
Deixa as sorteira penando.
- 41 - Sou solteiro e infeliz,
Levo vida atrapalhada;
Mulher solteira me quer,
Mas prefiro uma **casada**.
- 42 - Eu sou bela e sou formosa
Na forma que Deus exige,
Casada com dez marido,
Até hoje inda sô virge.
- Variantes:
Fui **casada** sete vezes,
Sete homens conheci,
Mas meu segredo de moça,
Eu tenho como nasci.
- Eu me casei sete vezes,
Sete homens conheci,
Mas juro por todos santos:
Sou virgem como nasci.
- Possuí cinco marido,
Cinco marido possuí,
Mas para o senhor explico:
Tô virge como eu nasci.
- 43 - Eu ando por todo lado
Com o meu chapéu na mão,
Conquistando as **casadas**
Que as solteiras minhas são.
- 44 - Canto alto, canto baixo,
Canto de qualquer maneira,
Canto alto pr'as **casadas**,
Canto baixo pr'as solteiras.
- 45 - Não me caso com viúvo
Nem a troco de cipó,
Porque eles têm um dizê:
Que a finada era mió.
- 46 - Eu só caso com mulher
Que tenha muito dinheiro,
Pois eu quero ter de tudo
E descansar o dia inteiro.
- 47 - Não me caso com viúva
Pra livrá do aranzé,
Se a gente lembra o defunto
Em casa vira um tropé.
- 48 - Quando estava passeando
Eu pisei num pé de cana,
Só me caso com um moço
Que é bem cheio da grana.
- 49 - Joguei meu lenço pra cima,
Meu lenço virou um véu,
Eu não me caso com velho
Nem que ele desça do céu.
- 50 - Diga, morena bonita,
De que jeito que se casa?

QUADRAS ANÔNIMAS - CASAMENTO

- Põe-se o véu na cabeça
E dá o fora de casa.
- 51 - Lá vem o carro-de-boi
Carregadinho de abobra,
A moça que não se **casa**
É mais braba do que cobra.
- 52 - Todo homem quando embarca
Deve rezar uma vez;
Quando vai à guerra, duas
E quando se **casa**, três.
- 53 - **Casei** e não tive filho,
Criei um filho alheio,
Foi então que percebi
Colocar brasa no seio.
- 54 - Fui eu que cortei o pau
E eu mesmo fiz a gamela,
Eu mesmo roubei a moça
E eu mesmo **casei** com ela.
- 55 - **Casei** e me cativei:
E eu não me arrependi;
Quanto mais vivo ao teu lado,
Menos posso estar sem ti.
- Variante:
Casei-me e cativei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo contigo,
Menos posso estar sem ti.
- 56 - Viva o noivo, viva a noiva,
Viva o tronco que os gerou,
Viva o padrinho e a madrinha,
Viva o padre que os **casou**.
- 57 - Chora o noivo e chora a noiva,
Chora o padre que os **casou**,
Chora os casados de velho,
Chora quem nunca casou.
- 58 - Eu pisei na cana verde,
Cana verde me avisou:
Tome cuidado no amor
De mulher que já **casou**.
- Variante:
Eu pisei na lagartixa
Lagartixa me falou:
Tome cuidado no amô
De muié que já **casô**.
- 59 - Não me mande para o Inferno
Porque jamais eu irei,
Entrarei numa igreja
E com você **casarei**.
- 60 - Quase, quase te beijei,
Quase, quase te amei,
Por causa do quase-quase,
Contigo me **casarei**.
- 61 - Ganhei um lindo lencinho,
Pintadinho de abecê;
Se eu tivesse vinte anos,
- Casaria** com você.
- 62 - Tomara que eu me **case**,
Para eu ter minha casinha,
Para minha mãe dizer:
Já casei minha filhinha.
- 63 - Manjerição miudinho,
Salpicado de abecê,
Meu coração só me pede
Que eu me **case** com você.
- 64 - Tu dizes que não tens cruz
Nem mesmo no santuário;
Casa-te, minha garota,
E terás cruz e rosário.
- 65 - **Casai-me**, meu São Gonçalo,
Casai-me porque podeis,
Já tenho teia de aranha
Naquilo onde bem sabeis.
- 66 - Não **case** com mulher magra,
É ossuda e enervante,
Só case com mulher gorda
Que é macia e tolerante.
- 67 - Menino, **case** comigo
Que nós não morre de fome;
Lá no mato tem tatu,
Eu mato tatu, cê come.
- 68 - Morena, **case** comigo
Sou muito dado ao trabalho,
Tenho os dedos calejados
Da viola e do baralho.
- 69 - Minha mãe me **case** logo
Antes de eu envelhecer,
Que eu não sou moita de cana
Que corta e torna a nascer.
- 70 - No terreiro lá de casa
Tem um grande pé de angico;
Menina, **case** comigo
Mesmo eu não sendo rico.
- 71 - Menina de saia branca,
Corpinho da mesma cor,
Pede a teu pai que te **case**,
Que eu quero ser teu amor.
- 72 - Um dia papai me disse
Com toda a sinceridade:
- Minha filha não se **case**,
Goze sua mocidade.
- 73 - As coisas de hoje em dia
Tão se diferenciando,
Tão **casando** as moças novas
E as mais velhas tão ficando.
- 74 - Sonhei que estava no céu,
Casando com meu amor,
Nossa Senhora, madrinha;
Padrinho, Nosso Senhor.
- 75 - De dia eu estou andando,
Em você estou pensando,
De noite estou sonhando
Que contigo estou **casando**.
- 76 - Eu já fiz um juramento
Atrás de um monte de areia;
Que eu me **caso** com você
Nem que seja na cadeia.
- Variante:
Escrevi seu lindo nome
No sangue de minha veia,
Eu quero **casar** contigo
Nem que seja na cadeia.
- 77 - Aqui tem uma muié
Que se **casô** duas vez,
Anda toda se enfeitando
Pra chegá logo nas três.
- Variante:
Eu conheço uma muié
Que já **casô** duas vez,
Anda toda enfeitada
Pra compretá logo as três.
- 78 - Menina tu não te **cases**
Não deixes a boa vida;
Eu já vi uma casada,
Chorando de arrependida.
- Variante:
Solteirinha, não se **case**
Goze a sua boa vida;
Que eu já vi muita casada,
Chorando de arrependida.
- 79 - De amendoim se faz paçoca,
Perna de porco é presunto,
Quem se **casa** com viúva
Leva resto de defunto.
- Variantes:
Quem tem ovelha, tem lã;
Quem tem porco, tem presunto,
Não me **caso** com viúva
Por ser resto de defunto.
- Eu não como carne seca
Nem em forma de presunto,
Não me **caso** com viúva,
Porque é resto de defunto.
- 80 - **Casar** com mulher papuda,
Só com uma condição:
Da mulher dormir na cama
E o papo dormir no chão.
- 81 - **Casar** com mulher papuda
Que desgraça não será?
Quando for deitar na cama
Quantos roncos não dará!
- 82 - Se **casar** fosse tão bom
No fim, como é no começo,
Pediria à minha mãe
Que me casasse no berço.
- 83 - Se **casar** fosse tão bom

QUADRAS ANÔNIMAS - CASAMENTO

- E não surgissem espinhos,
Os noivos não precisavam
Arrumar tantos padrinhos.
- 84 - Se você **casar** um dia
Me trocando por alguém,
Eu morrendo de paixão
Te darei meus parabéns.
- 85 - Ser pobre e **casar** com pobre
É remar contra a maré,
Casar-se com mulher pobre
É andar com um só pé.
- 86 - Quem diz que **casar** é glória
Quando vai compreender?:
O gosto é naquele dia,
O trabalho é até morrer.
- 87 - Se meu bem **casar** com outro,
Morrerei no mesmo dia:
Casamento às dez horas
E enterro ao meio-dia.
- 88 - A moça pra se **casar**
Tem que prestar bem sentido:
Home baxo e muié arta
Fica mal comprometido.
- 89 - A moça pra se **casar**
Apega com Nossa Senhora,
Que casar não é casaco
Que se veste e joga fora.
- 90 - Você diz que vai **casá**
Larga mão dessa loucura,
Casá com muié ciumenta
É vivê na amargura.
- 91 - Quem quer ser muito finório
E **casar** com mulher rica,
Não fica como marido;
É como escravo que fica.
- 92 - Meu amor, não crie caso,
Se o nosso caso é **casar**;
Se cria caso, não caso,
Se não caso, que azar!
- 93 - A moça de hoje em dia
Vive falando em **casá**;
Põe a panela no fogo
Chama a mãe pra temperá.
- 94 - Os mocinho de hoje em dia
Só pensa em se **casá**,
Põe a enxada no terrero.
Chama o pai pra encabá.
- 95 - Eu fiz o meu juramento
Atrás de um monte de neve,
Se eu não **casar** contigo
Prefiro que Deus me leve.
- 96 - Eu tenho um belo lenço
Bordado de beabá,
- Se não me **casá** contigo
Com outro não vô casá.
- 97 - Eu amo o pai e a mãe,
Por eles eu morreria,
Mas pra **casar** com você
Pai e mãe eu deixaria.
- 98 - Palmeira entre palmeira,
Roseira entre roseira,
Se eu não **casar** com você,
Juro que morro solteira.
- 99 - Lá do céu caiu um lenço,
Bordadinho de abecê,
Quem **quiser casar** comigo
Bonitinho tem que sê.
- 100 - Lá detrás de minha casa
Está o caminho do céu,
Quem **quiser casar** comigo
Vá na loja e compre o véu.
- 101 - Eu plantei e semei
Carrapicho no terreiro,
Quem **quiser casar** comigo
Fala com meu pai primeiro.
- 102 - Tirei meu anel do dedo,
Botei na palma da mão,
Se não me **casar** contigo
Com outro não caso não.
- 103 - Menino, calcinha azul,
Camisa da mesma cor,
Se tu **qué casá** comigo
Venha cá, ó meu amor.
- 104 - Menino, calcinha branca,
Carrerinha de botão,
Se tu **qué casá** comigo,
Venha cá, meu coração.
- 105 - Plantei um pé de cravo
Na porta do cemitério;
Se não for pra me **casar**,
Namorar também não quero.
- Variante:
Lavei meu lencinho branco,
Estendi no cemitério,
Se não for pra casamento,
Namoro também não quero.
- 106 - Chove, chuva miudinha,
Percorrendo meio mundo;
Antes tomar esta chuva
Que **casar** com vagabundo.
- 107 - Aqui passa uma garota
Que só vale um vintém,
Eu sei que ela me ama,
Mas **casar** não me convém.
- 108 - Meu coração tá trancado
Co'a chave do bem querê,
- Ele será destrancado
Quando eu **casá** com você.
- 109 - Beijo não tira pedaço,
Abraço não tem perigo,
Morrerei apaixonada
Se não me **casar** contigo.
- 110 - Em cima daquele morro
Tem um pé de jatobá,
Um home que tem voz fina
Nunca deve se **casá**.
- 111 - O amor tem quatro letras
Pra quem sabe soletrar;
É com você, meu amor,
Que pretendo me **casar**.
- 112 - Enrosquei meu coração
Em um galho de roseira,
Se eu não **casar** contigo,
Prefiro morrer solteira.
- Variante:
Fui fazer um juramento
Debaixo de uma roseira:
Se eu não **casar** com você
Eu hei de ficar solteira.
- 113 - Sofre só quem é solteiro
Vou casar com meu amor;
Quando eu chorar, ele chora:
Repartimos nossa dor.
- 114 - A moça que **quer casar**
Nunca muda de sentido,
Debaixo de sua cama
Tem um santinho escondido.
- 115 - Sou velho e **quero casar**
Não estrague o meu pesqueiro,
Sou um velho, muito velho,
Mas tenho muito dinheiro.
- 116 - Eu lavei o meu lencinho,
Pendurei numa garagem;
Os mocinhos de hoje em dia,
Quer casar, não têm coragem.
- 117 - Lavei meu lencinho branco,
Estendi no galinheiro,
O moço de hoje em dia
Quer casar, não tem dinheiro.
- 118 - Quem **quiser casar** comigo
Lave a boca com sabão,
Se não estiver bem lavada,
Comigo não casa não.
- 119 - No alto daquela serra
Tem palmito e tem coqueiro,
Quem **quiser casar** co'as moças
Fecha as velhas no chiqueiro.
- 120 - Lá do céu caiu um cravo
Pintadinho de nobreza,

QUADRAS ANÔNIMAS - CASAMENTO

- Quem quiser casar comigo,
Não repare a pobreza.
- 121 - Joguei o lenço na água
O lenço saiu rolando;
Quem quisé casá comigo
Espere os dezoito ano.
- 122 - Na frente da minha casa
Há uma flor que já murchou,
Quem quiser casar comigo
Vá pedir quem me criou.
- 123 - Chove chuva maneirinha
Na copa do meu chapéu,
Quem quiser casar comigo
Vai na loja e compra o véu.
- 124 - Menina, minha menina,
Ó flor de maracujá!
Se quiser casar comigo
Largue tudo, venha cá.
- 125 - Tanto moço da cidade
E tanto moço moreno;
Tanto mocinho bonito
E minha mãe sem ter genro.
- 126 - Se eu tivesse, não pedia
Coisa nenhuma a ninguém,
Mas como eu não tenho, peço
Uma filha a quem tem.
- 127 - Dizem que o amor é feliz,
Tomara que assim seja,
Felizes nós dois seremos
Saindo de uma igreja.
- 128 - Meu desejo é pequeno
Na casa, você e eu;
No berço, um bebê chorando,
Você me compreendeu?
- 129 - O amor termina na praça,
O rio termina no mar,
Mas amor igual ao nosso
Termina só no altar.
- 130 - Escrevi seu lindo nome
Na tampinha da cerveja,
Eu quero nós dois juntinhos
No altar de uma igreja.
- 131 - Alecrim da beira d'água
Da folhinha do cai-cai,
Ai! que moço tão bonito
Pra ser genro do meu pai.
- 132 - Eu gosto de flores brancas
Que existem no meu jardim,
Eu gosto da minha sogra
Que criou você pra mim.
- 133 - Lá do céu caiu um cravo,
Caiu no meu colchoado,
Quero teu pai como sogro,
- Teu irmão como cunhado.
- 134 - Na casa da minha sogra
Há belo pé de jasmim,
O jasmim fica pra ela
E o filho dela pra mim.
- 135 - Mandei fazer uma casa
Com pedras de cor de fogo,
Queira o bom Deus que um dia
O teu pai seja o meu sogro.
- 136 - Escrevi na areia branca
Com a pena de pavão,
Quero ver eu e você
Na frente de um escrivão.
- 137 - Menina, minha menina,
Do teu pai não tenho medo;
Menina, mandei fazer
Aliança pr'o teu dedo.
- 138 - Menina, minha menina,
Do cabelo cacheado,
Avise já seus irmãos
Que me chamem de cunhado.
- 139 - Borboleta pintadinha,
Pinta cá e pinta lá,
Pinta a casa da minha sogra
Que é onde eu vou morar.
- 140 - Pedrinha da água doce
Que balança, mas não cai;
Você, moreninha linda,
Quer ser nora do papai?
- 141 - Em cima daquele morro
Tem uma casa amarela,
Minha sogra está na porta
E meu amor na janela.
- 142 - Lá no céu caiu um cravo
Dentro de um copo de vidro,
Resolva teu coração
Que o meu está resolvido.
- 143 - A minha querida sogra
Um presente vai me dar,
Se não for o filho dela
Então não vou aceitar.
- 144 - Atravessei grande rio
Numa folha de limão,
Fiz tão grande sacrifício
Por causa do teu irmão.
- 145 - Menina diga a seu pai,
Que não coma com colher;
Ele está pra ser meu sogro
E você minha mulher.
- Variante:
Menina, minha menina,
Seu pai faça o que quiser,
Ele tem que ser meu sogro
E você, minha mulher.

Concluindo: As estrofes são de rimas pobres. São, na quase totalidade, rimas **soantes**, excetuando-se as quadras de números 8, 10 (casamento/tempo), 21 (quinhen-to/casamento), 42 (exige/virge), 82 (começo/berço), 105 (cemité-rio/quero), 121 (rolando/ano), 125 (moreno/genro) e 135 (fogo/so-gro), que são **toantes**.

Em poucas estrofes, as de núme-ro 50 (casa/casa), 57 (casou/ca-sou) e 87 (dia/meio-dia), as rimas se operam entre as mesmas pala-vras e, nas de números 44 (ma-neira/solteiras) e 84 (alguém/para-béns), as rimas se dão entre pala-vras do singular e plural.

A quadra 75 é monorrima, isto é, todos os versos rimam entre si.

As estrofes são isométricas (re-dondilhas maiores), exceção feita aos 3º verso da 19, 4º verso da 33, 2º da 89 e 3º da 139, que são octossílabos.

A linguagem é pouco cuidada sob o aspecto gramatical, pois o versificador do povo desconhece os entraves das inversões. Os ver-sos são sempre fluentes. O modo de se expressar e as comparações surgem pitorescas e sem artifícios.

Elucidemos, com poucas pala-vras, o sentido de alguns termos e expressões empregadas nas qua-drinhas: 4 - **bonde** (carro antigo, para o transporte de passageiros), 7 - **chupando o dedo** (enganado), 17 - **ao léu** (à vontade), 23 - pé-de-meia (economias), variante da 42 (1.ª variante) - **segredo de moça** (virgindade), 45 - **cipó** (popular-mente, dinheiro), 47 - **aranzé**, forma popular de aranzel (fala-tório) e **tropé**, forma popular de tropel (tumulto), 64 - **cruz e rosá-rio** (padecimento), 80 - **papuda** (que tem papeira, bócio).

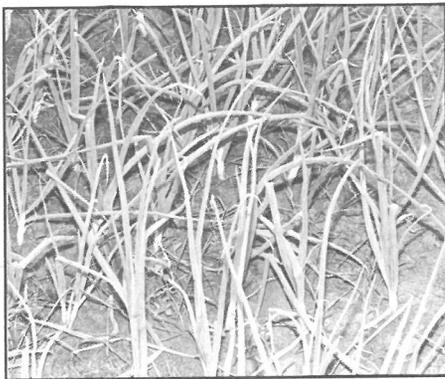
Aos que conosco colaboraram na coleta das Quadras Folclóricas, ob-jetos deste trabalho, alunos do extinto Colégio Olímpia (1957-1962) e do C.E.N.E "Capitão Narciso Bertolino" (1963-1977), nosso abraço e reconhecimento elogioso pela ajuda na salvaguar-da desta pequena parte do folclore verbal.

Cebola que muito muda, não cria muda

JOSÉ CARLOS ROSSATO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Exórdio Preliminar: A popular cebola, pertencente à família das Liláceas, conhecida no vocabulário científico como *Allium cepa*, é cultivada em todo o mundo habitado. (6) Planta bulbosa, tal qual o lírio, a tulipa e o jacinto, é anual, no período em que os dias são de curta duração. O "bulbo" ou "bolbo" é conhecido por "coletor" ou "pesçoço", pelos populares. Em nosso meio, o ciclo vital é completado no espaço de apenas uma estação, em virtude do fotoperiodismo ser maior.

Remotíssima cultura, plantada desde tempos imemoriais, originária provavelmente da Pérsia, é conhecida desde as antigas civilizações. (19) As Sagradas Escrituras relatam que os povos da Antigüidade não deixaram de ingerir a cebola, geralmente crua, em nenhuma refeição. (32) Um dos motivos que os israelitas se revoltaram no deserto, contra Moisés e Deus, foi a falta de cebola. (58) Os Caldeus, os Gregos e os Romanos foram consumidores de cebola, em larga escala. (34) As cebolas do Egito são um símbolo de fartura e bem-estar. (37) Foi encontrada nos sarcófagos, em decorrência da superstição dos Egípcios. (40) As antigas civilizações da Índia e da China não desprezavam a cebola. (60) Os Romanos atravessando os Alpes promoveram a introdução dela ao norte da Europa. (46) A cebola é a base alimentar do povo balcânico. (35) Quer seja branca, amarela ou roxa, a cebola não perde o aroma e o sabor picantes. É conhecida como: "balsal", no Egito; "cebula", na Polônia; "cebolla", na Espanha; "cipolla", na Itália; etc. (50)



Cebola verde

Essa Lilácea, objeto deste trabalho, é conhecida por "cebola de cabeça" ou "cabeça de cebola", por produzir bulbo sob a terra. A plantação ou cultivo de cebolas ou um volume mais ou menos apreciável de pés desse vegetal, dispostos entre si de modo aproximadamente regular, recebe a denominação de "cebolal". O coletivo de cebola é réstia, mas o povo insiste em falar "resta". É armazenada em réstias, em local ventilado. Ela reproduz-se por sementes, que deverão ser transplantadas em solo rico e leve.

Sem contar as aplicações na culinária são incontáveis as propriedades medici-

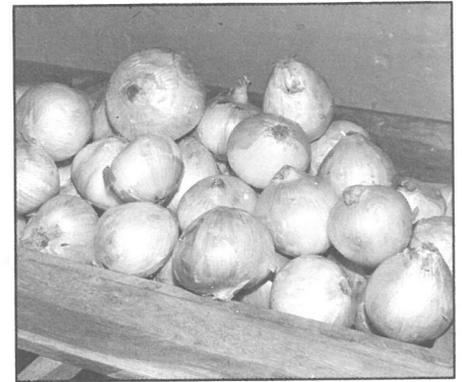
nais da cebola. É extraordinário remédio para inúmeras moléstias. Contém ácido fosfórico, cálcio, enxofre, ferro, flúor, iodo, magnésio, sódio e vitaminas. (57)

Se incluída na alimentação diária, previne tosses e resfriados; estimula a circulação sanguínea; diminui a pressão arterial, regulando-a; purifica o sangue; concede resistência, haja vista que os escravos, quando da construção da pirâmide de Gizé, a mais famosa de todas, ingeriam-na em quantidade, pois eram alimentados principalmente, quando não só, exclusivamente por cebolas; alivia as moléstias renais; facilita a digestão; ótima para a memória; reforça o coração, as glândulas e os nervos; favorece o apetite; combate a asma, a dificuldade de urinar e ajuda a vencer uma série considerável de moléstias, das mais variadas etiologias.

Dias antes da nossa Independência política, em dois de setembro de 1822, José Bonifácio, acusou adversários do Partido Conservador de quererem "o absolutismo antigo e as cebolas do Egito" - grifo nosso - (59)

Os portugueses foram os introdutores do uso da cebola em Olímpia, logo nos primórdios do povoamento. Outros povos

européus - espanhóis e italianos - quase na mesma época, em 1910, chegaram com o mesmo hábito. (32) Esses imigrantes influenciaram os mineiros e paulistas, residentes na área, a consumirem cebolas, inicialmente como condimento ou tempero. A seguir, paulatinamente, como alimento e demais aspectos da vida cotidiana.



Cebola colhida

Neste Município ela é muito consumida, embora pouco cultivada. Não deixou de ser uma planta de fundo de quintal.

ASPECTOS FOLCLÓRICOS

A cebola inserida no dia-a-dia da vida do povo passou a ter o seu folclore, não só na cozinha, como na folque medicina, como nos sonhos, no vocabulário e em outros aspectos.

Fazer Folqueculinária

Na culinária do povo, como condimento, isto é, o que serve para temperar, a cebola é muito utilizada e até insubstituível. Integra quase todos os temperos, de modo significativo. Sem contar esse atributo, é ingrediente indispensável na culinária do povo, da riquíssima cozinha folclórica. Exemplificamos com o receituário que segue:

ANÉIS DE CEBOLA (4)

Ingredientes: 4 cebolas médias / 1 xícara (chá) de farinha de trigo / 2 xícaras (chá) de leite / sal, a gosto / óleo (para fritar).

Preparo: Cortar as cebolas em fatias finas. Colocá-las numa vasilha e cobrir com leite, por meia hora. Escorrer. Passar em farinha. Fritar em bastante óleo, quente. Secá-las em papel absorvente. Salgar e servir, ainda quente.

BOLO SALGADO DE CEBOLA (12)

Ingredientes: separados para a massa e o recheio. Massa: 1 xícara e meia (chá) de farinha de trigo / 1 xícara e meia (chá) de maizena / 1 colher (café) de sal / 1 xícara e meia (chá) de manteiga / 3 gemas de ovos / queijo ralado, a gosto. Recheio: 1 quilo de cebola (rodela fi-

nas) / 2 colheres (sopa) de manteiga / 3 tabletes de caldo de carne / 4 ovos (batidos) / 2 colheres (sopa) de maizena / 1 xícara e meia (chá) de creme de leite fresco / 1 noz-moscada (ralada).

Preparo: da mesma forma que os ingredientes, a técnica de manipulação será apresentada separada. Massa: peneirar a maizena, a farinha e o sal, juntos. Adicionar as gemas e a manteiga. Amassar e deixar descansar uns dez minutos. Forrar com essa massa uma forma desmontável. Deixar de lado. Recheio: juntar aos tabletes de caldo, a noz-moscada e um pouco d'água. Levar ao fogo. Depois de derretidos, retirar para esfriar. Fritar a cebola na manteiga. Adicionar os ovos, a maizena e o creme de leite, mexendo. Reunir os conteúdos das duas vasilhas e misturar muito bem. Despejar, com cuidado, na forma forrada com a massa e levar ao forno para assar, tendo o cuidado de deixar a superfície bem uniforme. Polvilhe queijo ralado, pouco antes de retirar. Servir ainda quente.

CEBOLAS COM QUEIJO receita sem medidas exatas (7)

Ingredientes: cebolas / gordura de porco / farinha de rosca / queijo ralado (ou fatiado) / molho branco / sal.

Preparo: Cozinhar as cebolas, com pouco sal, e cortá-las em cruz. Colocá-las em forma untada. Cobrir com queijo. Espalhar molho branco. Polvilhar farinha de rosca. Colocar ao forno para dourar.

CEBOLAS RECHEADAS (13)

Ingredientes: 6 cebolas (grandes) descascadas / 5 cenouras (médias), descascadas e raladas (grosso) / 1 xícara (chá) de manteiga / 2 colheres (sopa) de cebolinha verde (picada) / 1 colher (sopa) de salsinha (picada) / sal, o necessário.

Preparo: Cortar uma tampa em cada cebola. Retirar a parte central, deixando uma borda de aproximadamente um dedo de espessura. A parte retirada, se não for usada logo em outros pratos, deve ser embrulhada e guardada em geladeira. Colocar as cebolas, sem miolo, numa panela. Cobrir com água e levar ao fogo com sal. Ao levantar fervura, tampar a panela para cozinhar em fogo baixo, até que fiquem macias, mas continuem firmes. Retirar com escumadeira, deixando escorrer. Numa pequena bacia, misturar todos os outros ingredientes, muito bem. Está prepara a massa. Recheiar as cebolas. Levar ao forno para assar lentamente. Caso goste do sabor mais natural, não leve ao forno.

Observação: Caso prefira, substitua a cenoura por outro legume ou até por mais.

CEBOLINHA CURTIDA

receita sem medidas exatas (60)

Ingredientes: cebolas pequenas ou cebolinhas (variedade ou cultivar próprio para conserva, isto é, um híbrido obtido, após a última Guerra, em laboratório estadunidense e posteriormente divulgado em todo globo) / alho / vinagre branco / sal.

Preparo: descascar e lavar bem, tanto as cebolinhas quanto os dentes de alho. Enxugar em pano-de-prato. Lavar muito bem o vidro de boca larga. Colocá-lo ao sol, para secar. Esterilizá-lo. Para isto, põe-se um pequeno chumaço de algodão, embebido em álcool, no interior do recipiente. Joga-se um palito de fósforo aceso. Terminada a ação do fogo, se sobrar resíduo, virar o vidro para sair. Acomodar os pedaços no vidro. Cobrir com vinagre, contendo sal. Caso queira que conserve por mais tempo, torna-se indispensável, depois da tampa fechada, esterilizá-la. Para isto é só colocar uma vasilha ao fogo com água. Pôr o vidro com a boca virada para baixo, ou seja, junto ao fundo da vasilha. Deixar a água ferver. De qualquer forma, as cebolinhas por não terem sofrido a ação da água fervente, não terão grande durabilidade. Deixar curtir pelo menos sete dias.

Observações: Também é conhecido como "conserva" ou "picles". É ótimo para acompanhar aperitivo, como "tira gosto".

Por estar curtido, não é necessário guar-

dar em geladeira, desde que o vinagre esteja cobrindo o conteúdo do vasilhame.

Não confundir "cebolinha" - diminutivo da palavra cebola - com o homônimo "cebolinha", conhecida também como cebola verde, cebola-de-cheiro, cebola verde de cheiro ou cebolinha todo o ano. É uma erva da família das Liláceas, cujo nome científico é *Allium fistulosum* (19), de flores brancas, ocas, cilíndricas e aromatizadas, sendo empregada como condimento, muito utilizado na cozinha folclórica. É o chamado "cheiro-verde", se acrescentar a salsa, também denominada pelo diminutivo.

PÃO DE CEBOLA (8)

Ingredientes: 1 xícara (chá) de cebola (ralada) / 4 xícaras (chá) de farinha de trigo (peneirada) / 2 colheres (sopa) de gordura / 3 colheres (chá) de fermento em pó / 1 colher (chá) de sal / 2 ovos / 1/2 xícara (chá) de manteiga / pouco mais de meia xícara de leite.

Preparo: Fritar a cebola em manteiga quente. Retirar e separar. Pôr a gordura junto com a manteiga para derreter. Peneirar a farinha, juntá-la com o sal e o fermento à frigideira. Misturar até dar a consistência granulada. Adicionar a cebola, os ovos e o leite. Mexer bem durante cinco minutos. Colocar essa massa em mesa polvilhada com farinha. Amassar. Abrir a massa com rolo, na espessura de um centímetro. Cortar com a boca de um copo e enrolar. Colocar esses pãezinhos em assadeira untada e polvilhada, antes de levar ao forno previamente aquecido, para assar.

PURÊ DE CEBOLA (5)

Ingredientes: 1/2 quilo de cebolas / 4 colheres (sopa) de manteiga / 1 lata de creme de leite / pimenta-do-reino / noz-moscada (ralada) / sal, a gosto / molho caseiro (receita anexa).

Preparo: Cortar as cebolas em rodelas. Colocá-las em salmoura para ferver cinco minutos. Escorrer. Pôr a manteiga em panela para derreter. Juntar as cebolas, a noz-moscada e a pimenta. Cozinhar até amaciar. Retirar. Preparar o molho pondo ao fogo duas colheres (sopa) de manteiga. Aos poucos, acrescentar 6 colheres (sopa) de farinha de trigo. Juntar, bem devagar, 3 colheres (sopa) de leite até obter consistência de creme, bem grosso. Juntar sal e pimenta-do-reino, a gosto. Pôr o molho à panela. Mexer. Servir morno.

RECHEIO PARA PASTEL

receita sem medidas exatas (60)

Ingredientes: cebola, cheiro-verde, alho, sal e manteiga.

Preparo: Refogar em manteiga, a cebola picada. Antes de dourar, adicionar o alho e o cheiro-verde, bem picados. Quando estiver na cor desejada, salgar. Retirar.

Observação: Serve também para re-

cheiar torta, croquete, esfirra, etc.

SALGADINHOS DE CEBOLA (30)

Ingredientes: 10 cebolas, bem picadas / 1 quilo de ricota / 1 quilo de manteiga / suco de 2 limões / 35 colheres (sopa) de maisena / 5 gemas de ovos / 3 xícaras (chá) de queijo ralado / 10 colheres (sopa) de água fervente / 10 tabletes de caldo de galinha / 35 colheres (sopa) de farinha de trigo.

Preparo: Bater a manteiga em creme. Misturar a ricota, passada em peneira. Juntar, aos poucos, o suco, a maisena e a farinha. Acrescentar as gemas. Amassar bem. Abrir sobre superfície enfarinhada. Cortar do tamanho de uma assadeira. Reservar. Preparar a cobertura, misturando os tabletes de caldo com água, queijo e a cebola (refogada). Forrar a assadeira com a massa. Espalhar a cobertura. Recortar pequenos retângulos, sem retirar a massa. Assar em forno quente, durante trinta minutos. Retirar e separar os pedaços. Servir, de preferência quente, acompanhando aperitivo.

Observação: caso queira, como é comum na culinária folque, esta receita poderá ser dividida à metade ou outra fração, de acordo com a conveniência da cozinha.

SOPA DE CEBOLA (53)

Ingredientes: 1/2 quilo de cebolas / 1/2 litro de leite / 6 colheres (sopa) de farinha de trigo / 3 colheres (sopa) de manteiga / caldo de carne / sal / pimenta-do-reino, a gosto

Preparo: Cortar as cebolas em rodelas. Colocar uma colher de manteiga em frigideira para refogar as fatias. Acrescentar sal e pimenta. Deixar esfriar um pouco. Ainda morno passar em liquidificador. Numa panela, colocar o restante da manteiga, farinha, sal e pimenta. Mexer e juntar o leite. Bater em liquidificador. Numa panela, colocar o restante da manteiga, farinha, sal e pimenta. Mexer e juntar o leite. Bater em liquidificador, misturando a cebola. Voltar ao fogo, acrescentando o caldo de carne e deixar ferver.

SOPA DE CEBOLA DA AMÉLIA (25)

Ingredientes: 2 cebolas grandes / 2 colheres (sopa) de óleo / 1 colher (sopa) de farinha de trigo / 3 copos de caldo de verduras (ou de galinha), conforme preferir / 2 dentes de alho / sal, queijo ralado e torradas, a gosto.

Preparo: Cortar as cebolas e o alho em rodelas. Colocá-los em óleo quente para que fiquem dourados. Juntar a farinha e o caldo para ferver e cozinhar as cebolas. Quando estiver cremosa é só acrescentar o queijo e as torradas.

SOPA DE CEBOLA DA INÊS (43)

Ingredientes: 1 quilo de cebola / 1/2 quilo de carne (tipo músculo, ponta de agulha ou outra semelhante) / 4 tomates / 8 dentes de alho / 2 ramos de salsa / 2

copos de cerveja clara/ pimenta-do-reino, o suficiente/queijo ralado, a gosto/ água, o necessário/ sal, a gosto.

Preparo: Fazer um caldo com a carne, alho, tomates, pimenta-do-reino, sal e salsão. Quando a carne amolecer, juntar a cebola (fatiada). Cozinhar para formar um creme ralo, acrescentando água, se necessário. Adicionar a cerveja. Mexer bem e servir quente, acompanhada de torradas.

SUFLÊ DE CEBOLA (61)

Ingredientes: 3 cebolas grandes/ 4 ovos/ 1/2 xícara (chá) de farinha de trigo/ 1 xícara (café) de leite/ 1 xícara (chá) de manteiga/ 6 colheres (sopa) de queijo ralado/ uma pitada de sal.

Preparo: Ralar as cebolas. Cozinhá-las, em fogo brando, até que fiquem transparentes. Preparar o molho com farinha, leite e manteiga. Adicionar as gemas, o queijo e a cebola. Misturar as claras em neve. Assar em forma untada. Forno moderado.

TORTA DE CEBOLA (25)

Ingredientes: 1/2 quilo de cebola/2 xícaras (chá) de farinha de trigo/1 xícara (chá) de queijo ralado/ 2 colheres de (sopa) de óleo/2 colheres (sopa) maise-na/ 1 copo de leite/1 xícara (chá) de cheiro verde/pitada de nóz moscada/sal, a gosto/ 3 ovos.

Preparo: colocar em uma vasilha duas gemas, uma clara, o óleo, a farinha e o sal. Amassar e estender em tabuleiro untado. Cobrir com cebola picada. Misturar, em outra vasilha, o queijo, um ovo, o cheiro verde e os demais ingredientes. Despejar, com cuidado, sobre as cebolas. Assar

TORTA DE CEBOLA DA MATILDE (33)

Ingredientes: 4 xícaras (chá) de cebola (picada bem fina) / 8 colheres (sopa) de gordura/ 1 xícara e meia (chá) de leite/ 1 xícara (chá) de bolachas salgadas (passadas em liquidificador)/4 ovos/sal, a gosto/ pimenta-do-reino, se gostar.

Preparo: Misturar metade da gordura com as bolachas. Despejar essa massa na forma e apertá-la no fundo e nos lados. Com o restante da gordura cozinhar, lentamente, a outra parte da cebola, até ficar bem macia, mas sem dourar. Aos poucos, juntar o leite e os ovos, ligeiramente batidos. Colocar sal e pimenta, a gosto. Despejar na forma. Assar.

Simbologia

O folclorólogo José Sant'anna, a quem a pesquisa folclórica nacional muito deve, passou-nos o esclarecimento que segue, informando-nos que consultou o "Dictionnaire des Symboles", dos autores Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, Éd. Robert Laffont e Éd. Jupiter, Paris, 1982:

A cebola "goza de uma tal reputação que uma seita se consagrou a seu culto. Sua forma bulbosa, suas camadas sucessivas, seu cheiro forte são outros tantos temas que se prestaram a interpretações simbólicas. A estrutura folhada do bul-

bo, não chega a nenhum núcleo sendo comparada por Ramakrishna à própria estrutura do ego, que a experiência espiritual debulha camada por camada até à vacuidade; a partir daí, nada constitui mais obstáculo ao Espírito universal à fusão em Brama. No plano mágico, os egípcios se protegiam de certas doenças com hastes de cebolas; os latinos, segundo Plutarco, proibiam o uso do bulbo, porque acreditavam que ele crescia, quando a Lua diminuía; quanto ao cheiro, provocava um sentimento de força vital. Virtudes afrodisíacas lhe são igualmente atribuídas, tanto por sua composição química, como por suas sugestões imaginativas".

Adivinhas

As adivinhas são chamadas por alguns folcloristas de enigmas populares. São problemas propostos para desenvolver nas pessoas agilidade mental. Essa forma de lazer consiste na colocação de questões, nada lógicas nas respostas, conhecidas por adivinhas, mas com clareza de idéia na proposta da problemática. As adivinhas não são meros brincos de crianças, mas um verdadeiro rudimento de ciência que começa a nascer, uma primórdia manifestação das faculdades especulativas do homem, ainda embrionárias. (3) Para efeito de exemplificação, citamos os exemplares:

1 - O que é, o que é, tem cabeça e não pensa, nem fala e nem enxerga? (48)

2 - Qual a semelhança entre a cebola e uma pintura? (52)

3 - O que acontece ao descascar cebola? (42)

Respostas

1 - cebola. 2 - ambas se descascam. 3 - fica-se com a cebola sem casca.

Sonhos

Denominamos de sonho ao conjunto de imagens que aparecem ao espírito, como se fosse uma tela de cinema ou de vídeo, enquanto dormimos. Ele é inerente ao ser humano. É próprio das pessoas. Ele é um presságio, consoante o pensamento do povo. Possui significado, seguindo a mesma linha de pensamento. Faz parte da nossa vida. Daí, a necessidade de ser interpretado, decodificado, decifrado. Geralmente esse processo é divergente. Via de regra, esse assunto não encontra consenso. Eis os exemplos que registramos, desde a década de setenta:

Ver cebolas - prenúncio de fase de altos e baixos. Se forem de tamanhos diversos ou médias, aumento na família. Se forem grandes, bons negócios, lucros, boa saúde e amizades generosas. Porém, se forem pequenas, rápidos abortamentos. Se aparecerem em réstias ou feixes indica velhice precoce ou doença iminente. (45)

Plantá-las - anseios alcançados. (26)

Colhê-las em abundância - lucro no

jogo-de-azar e loteiras. Mudança de situação, para melhor. Bons negócios, saúde e amizades agradáveis. Se a colheita for pequena indica que a vida não sofrerá qualquer alteração, continuando como está. (9)

Guardá-las ou armazená-las - preocupação com o futuro. (31)

Descascá-las - problemas de família, principalmente se lhe surgirem lágrimas nos olhos. Sem choro indica herança ou sorte no jogos-de-azar, dinheiro fácil e diversões em quantidade. (15)

Cheirá-las - desavença amorosa com rompimento de romance. (36)

Cozinhá-las - receberá uma agradável visita. Melhoria de posição econômica. (38)

Preparar pratos com cebolas - presagia o afastamento de amigo(a) valioso(a), dependendo da quantidade do produto. (44)

Servi-las - advertência contra a excessiva ênfase em prazeres triviais. (21)

Comê-las - se for crua, aborrecimento, cônjuge infiel, desentendimentos com subalternos e má interpretação por parte de vizinho(s). Frita - cuidado com os inimigos que estão próximos; restabelecimento de relações amorosas ilícitas, mas que trará muita satisfação e prazer. Assada - acréscimo em família ou opulência. Cozida - argúrio de imprevisto e bem sucedido progresso material, talvez através de jogo-de-azar, legado ou herança e boa saúde. (17)

Devaneando com cebola(s), os números de sorte indicados para quaisquer jogos: loterias, loto, sena, bicho ou mesmo rifa são 17 - cachorro -, 65 - macaco e 80 peru. (29)

Crendices

O povo eternizou-se, através da tradição oral, tendo por base o tempo que não espera nada, nem a ninguém. Nestas circunstâncias, a sabedoria popular, criou uma quantidade infindável de crendices. São verdadeiras pérolas incrustadas na memória da nossa gente. Essas crendices que o povo segue, sem qualquer reflexão, de modo cego, mas com absoluta pureza de espírito, são incontáveis, por menor que seja o espaço geográfico estabelecido. Exemplos:

1 - Cebolas penduradas em quarto evitam a chegada de doenças. (49)

2 - Cebola cortada pela metade e deixada embaixo de travesseiro faz com que a pessoa sonhe com a(o) futura(o) namorada(o). (54)

3 - Quando surgir dúvida ou desconfiança em relação às "paqueras" - pretensas(os) namoradas(os) - é fácil resolver. Escrever cada nome numa pequena cebola e plantá-la em local bem próximo de outra(s). Se forem várias, para facilitar, pode-se enfiar estaquinhos com os respectivos nomes. A primeira que germinar indicará o nome da(o) felizarda(o), o seu futuro cônjuge. (39)

FAZER

Medicina do Povo

Na folquemedicina, a cebola é assaz utilizada. Dentre outras possíveis aplicações, enumeramos:

1 - **Afonia** (perda da voz, mesmo que parcial).

Suco de cebola misturado em água, em temperatura ambiente ou natural, de jejum. (10)

2 - **Afrodisíaco**

Suco de cebola com mel e ovo de codorna cozido, diariamente, três horas antes de deitar-se. (1)

3 - **Anemia** (fraqueza generalizada)

Ingerir, de qualquer forma, três vezes ao dia, cebola, de modo progressivo, até sentir-se livre do mal. (27)

4 - **Antisséptico** (desinfetante)

Suco de cebola diluído em um pouco d'água e aplicado na região ferida. (11)

5 - **Apendicite** (prevenção de)

Chá de cebola, adoçado com mel, três vezes ao dia, e diariamente, antes de apresentar qualquer sinal da moléstia. (23)

6 - **Arteriosclerose** (endurecimento das membranas arteriais)

Ingerir, em todas as oportunidades possíveis e das mais diferentes formas, bastante cebola. (51)

7 - **Ascite** (hidropisia abdominal ou barriga d'água). Mastigar, de forma progressiva, o mais possível, cebola cruz. (20)

8 - **Asma**

Ingerir, ao deitar, cebola ralada com mel e canela moída, numa massa bem homogênea. (49)

9 - **Bronquite**

Macerar ou ralar uma cebola, amassando-a com mel de flor de eucalipto e tomar duas vezes ao dia, de preferência ao deitar e ao levantar. (14)

10 - **Cabeça** (dor de)

Tomar suco de cebola e deitar-se, cobrindo a testa com cebola crua. Se a dor não for debelada, trocar a cebola, até refrescar a área e resolver o problema. (41)

11 - **Cálculo renal** (pedra em rim)

Substituir a água por chá de cebola, o maior tempo possível, enquanto deve ser efetuado o uso do bulbo cru, cozido ou assado, tanto no almoço quanto no jantar. (60)

12 - **Calmante**

Ingerir bastante cebola, assim como tomar chá e suco desse vegetal. (46)

13 - **Calosidade**

Fatiar uma cebola e pô-la para ferver em um copo de vinagre ou suco de limão galego. Espremer bem e coar. Colocar esse líquido nos calos, protegendo-os com gase. (50)

14 - **Cárie**

Colocar no local cebola amassada com álcool, num pedacinho de algodão. (16)

2 - pôr cebola ralada e crua no furo do dente. (47)

15 - **Catarro**

Misturar suco de cebola, em partes iguais, com mel de eucalipto e caldo de limão galego, tomando ao deitar, durante três dias seguidos. Se for necessário, repetir a

dose. (56)

16 - **Cólica abdominal**

Tomar meio copo d'água em que foi cozida uma cebola, bem cortada em fatias finas. (2)

17 - **Congestão nasal**

Aspirar, várias vezes ao dia, sumo de cebola misturado com açúcar mascavo. (21)

18 - **Gripe** (garrotinho, difteria ou agina aguda, sufocante)

Fazer gargarejo com cebola ralada e crua em azeite de oliva, diversas vezes ao dia, enquanto tomar chá de cebola e erva-cidreira, sem adoçar, ao deitar e ao levantar. (55)

19 - **Dente** (dor de)

Colocar suco de cebola misturado com éter e aguardente, em partes iguais, no local. Trocar, se necessário. Retirar só depois que desaparecer o problema. (8)

20 - **Desinflamatório**

Pôr cebola assada com mel, de hora em hora, no local. (53)

21 - **Diabete**

Alimentar-se com muita cebola crua e/ou beber bastante suco desse vegetal para purificar o sangue. (56)

22 - **Diarréia** - Cortar em fatias, bem finas, três cebolas. Colocá-las em garrafa de vinagre de frutas. Enterrar o vasilhame. Depois de uma semana, tomar uma xícara, das de café, três vezes ao dia. (54)

23 - **Dificuldade em urinar**

Substituir toda e qualquer bebida por chá, ou melhor, pela água em que foi fervida cebola, sem nenhum adoçante. (49)

24 - **Disfonia** (rouquidão ou rouquice que difere da afonia por apresentar aspereza na voz)

Mastigar bem meia cebola pura, antes das duas principais refeições. (26)

25 - **Diurético**

Cozinhar quatro cebolas e meia xícara (chá) de mel de laranja em meio litro de vinho branco. Deixar esfriar bem, antes de filtrar. Tomar uma colher (sopa), antes das refeições. (9)

26 - **Febre**

Tomar suco de cebola, diluído em água, de hora em hora, em pequenos goles, desde o amanhecer até o momento de deitar, a não ser que ela desapareça. (1)

27 - **Ferida**

Espalhar cebola ralada no local afetado, protegendo-o com gase e esparadrapo, se tiver que movimentar-se. (11)

28 - **Fígado**

Tomar três vezes ao dia, suco de cebola diluído em água, comendo-se cebola assada, o máximo possível. (42)

29 - **Frieira** (pé-de-atleta)

Esfregar suco de cebola com o de alho, em partes iguais, três vezes ao dia, no local afetado. (18)

2 - preparar unguento, assim: retirar o suco de uma cebola. Juntar meia colher (café) de lanolina (consegue-se em farmácias). Friccionar a área prejudicada, ao levantar e ao deitar-se. (50)

30 - **Furúnculo** (cabeça-de-prego)

O mesmo tratamento dispensado às perfurações ocasionadas por pregos, estrepes, agulhas, etc. (41)

31 - **Gota** (artrite, reumatismo resultante da existência excessiva de ácido úrico no sangue)

Comer muita cebola e aplicá-la nas partes doloridas. (25)

32 - **Gripe**

Misturar muito bem, duas colheres (sopa) de suco de cebola, uma de mel, duas de suco de limão, em uma xícara (chá) de água quente. Deixar ferver e tomar sete vezes ao dia. Repetir por três dias consecutivos. (16)

2 - Cozinhar em uma xícara (chá) de leite, uma cebola ralada com um pouco de mel. Tomar bem quente. Repetir três vezes ao dia e eviar umidade. Repetir durante três ou quatro dias seguidos. (27)

33 - **Hemorragia nasal**

Aspirar, profundamente, e muitas vezes ao dia, suco de cebola. Como complemento deve-se pingar algumas gotas, desse suco, no máximo três, em cada narina, no mínimo três e no máximo sete vezes ao dia. (5)

34 - **Hemorroidas** (hemorróides)

Ralar uma cebola e misturá-la com um pouco de manteiga, sem sal. Passa esta massa no local. (13)

2 - Cozinhar uma cebola com óleo de linho. Esfriar e aplicar. (46)

35 - **Hepatite** (inflamação do fígado)

Usar cebola à vontade, das mais diferentes maneiras, tomando ora chá, ora suco, dessa planta. (11)

36 - **Hipertensão** (pressão alta)

A cebola facilita a queda da pressão arterial, desde que consumida no dia-a-dia, o maior número possível de vezes e por tempo indeterminado. O consumo deve prosseguir mesmo depois de constatar o surgimento do resultado esperado. (2)

37 - **Insônia**

Cheirar, durante bom tempo, aproximadamente meia hora, mais ou menos, antes de deitar, cebola cortada em cruz. (8)

2 - Cozinhar, em fogo lento, uma cebola em água ou vinho branco, em banho-maria. Tomar, adoçado com mel, em pequenos goles, três horas após o jantar. (6)

38 - **Intestinos** (infecção dos)

Fazer uso de cebola, dos mais diferentes modos, principalmente ralada, o maior número possível de vezes ao dia, até debelar o mal, por completo. (38)

39 - **Longevidade**

Chá de cebola misturado com suco de limão galego e adoçado com mel silvestre. (37)

40 - **Má digestão**

Tomar às refeições uma colher (café) de suco de cebola em um pouco de água morna. (56)

2 - Beber chá de cebola, sem adoçar, e, ainda morno, em pequenos goles. (20)

41 - **Malária** (impaludismo, paludismo, febre intermitente, febre palustre, maleita, carneirada, sezão, sezonismo, tremedeira

ou tremedêra)

Mastigar cebola crua, preferencialmente a branca, várias vezes ao dia, no mínimo durante uma semana ou enquanto o mal persistir. (10)

42 - Nervosismo

Tomar chá de cebola, adoçado com mel, de boa procedência, diversas vezes ao dia, nunca menos de sete. (15)

43 - Obesidade

Ingerir cebola assada ou crua, duas vezes ao dia, nas refeições principais, por tempo indeterminado. (14)

44 - **Olhos** (vista turva, embaraçada ou embaralhada, névoa ou nevoaça)

Ingerir cebola crua, diversas vezes ao dia, no mínimo três e por tempo indeterminado. (53)

45 - Perfurações (prego ou estrepe)

Triturar uma cebola e uma cabeça de alho, de tamanho médio. Colocar essa massa para ferver em um copo d'água. Ao diminuir o volume do líquido-massa, com a fervura, juntar três colheres, das de sopa, de mel e voltar ao fogo novamente. Mexer bem. Depois de bem fria, aplicar no local ofendido. (17)

46 - **Picada de abelha** (ou de maribondo)

Depois de retirar o ferrão, friccionar o local com cebola crua, cortada. (34)

47 - **Prisão de ventre** (dificuldade de evacuar)

Cortar uma cebola em fatias e cozinhá-la em meio litro d'água até ficar reduzido a um copo. Filtrar e adoçar com mel, de preferência de flor de laranja baiana. Tomar uma colher (sopa) ao deitar e outra ao levantar. (46)

2 - Comer cebola, de preferência roxa, assada, às refeições principais. (23)

48 - Resfriado

Cortar uma cebola em fatias e cozinhá-las em um copo de leite adoçado com mel, de preferência de eucalipto. Tomar antes de deitar, retirando os pedaços da cebola, caso não aprecie esse vegetal. (44)

49 - **Reumatismo** (artrite reumática com dores nas articulações nos músculos e nos tendões)

Consumir cebola roxa, das mais variadas formas: salada, refogada, assada, etc. não esquecendo de esfregar fatias do fruto na área afetada, pouco antes de deitar. (54)

50 - Tosse

Cozinhar em três litros de água, um quilo de cebolas cortadas em cruz, isto é, em quatro, e meio litro de mel, durante três horas, em fogo brando. Depois de frio, filtrar em pano ralo. O xarope conseguido deve ser tomado três vezes ao dia, uma colher, das de sopa, por vez. (27)

2 - Beber, em pequenos goles, suco de cebola bem misturado com mel de eucalipto, de modo que fique dissolvido, formando uma mistura homogênea, ao deitar e sempre que ela se manifestar. (15)

51 - **Trombose** (coagulação do sangue, no interior do aparelho circulatório, durante a vida da pessoa)

Tomar suco de cebola e comê-la, pelo menos três vezes ao dia, por tempo indeterminado. (31)

52 - **Tumor** (aumento de volume em par-

te do corpo)

Aplicar cataplasma (papa medicamentosa que se aplica entre dois pedaços de panos em uma parte qualquer do corpo para resolver inflamação) de cebola, três vezes ao dia, enrolando uma gase para fixar, temporariamente ao local. (56)

53 - **Vermífugo** (vermicida que destrói ou afugenta os vermes)

Macetar duas cebolas em meio litro d'água. Deixar em repouso até a manhã seguinte. Coar esse líquido, depois de esmagar bem as cebolas. Tomar em jejum, à tarde e ao deitar, até sentir que surtiu o efeito desejado. (33)

54 - **Verruga** (o povo que troca, com extrema facilidade o "v" por "b" falta "ber-ruga")

Fazer um orifício numa cebola e enchê-lo com sal. Tampar com o pedaço que foi retirado. Deixar num pires. Com o líquido conseguido, umedecer a pequena protuberância rugosa, diversas vezes ao dia. Ela desaparecerá, aos poucos, mas completamente, com o passar do tempo (10)

2 - Pôr uma fatia de cebola salgada, toda noite, sobre a verruga, até que desapareça por completo. Não pode esquecer de co-

locar nenhuma noite, senão atrasará a eliminação da pequena saliência. (49)

Existe ainda na cultura espontânea do povo, a chamada "cura pela cebola", também conhecida como "cura da cebola", ou ainda, "cura através da cebola". A utilização dessa receita (14) serve para prevenir e restabelecer a saúde, quando abalada. É a cebola usada para sanar muitas doenças, tais como: bronquite, coriza, gripe e diversas outras, sem contar que fortalece o organismo, deixando-o menos vulnerável ao ataque de doenças.

CURA DA CEBOLA

Espremer três cebolas, bem grandes, para obter suco. Separar. Ralar três dentes de alho e acrescentar o suco de três limões galegos. Juntar o suco das cebolas. Misturar tudo. De hora em hora, tomar uma colherada das de sopa desse líquido, executando-se uma antes e outra após o almoço e o jantar. Repetir durante sete dias. Parar três. Repetir, se necessário, mais duas vezes, ou mais, respeitando o intervalo, se achar que é indispensável. Enquanto isso, consumir muitas cebolas, das mais diferentes formas.

Folquecosmetologia

A cebola também ocupa lugar na cosmetologia do povo. Ela é usada para as seguintes aplicações que levantamos:

1 - Caspa (58)

Misturar suco de cebola e de alho com mel, preferencialmente de abelha Jataí. Passar esta pasta no couro cabeludo, depois de bem enxuto, um dia após lavar a cabeça, massageando-o muito bem. Esfregar, diariamente, durante uma semana. Lavar a cabeça. Reiniciar o ciclo. Assim deve ser feito semana após semana, até ter a certeza de que as escamas da pele da cabeça ou de outra parte da epiderme desapareceram completamente.

2 - Cor do cabelo (7)

O chá preparado com o suco das três primeiras camadas de uma cebola - por serem mais fortes, na expressão do povo - deve ser usado para lavar a cabeça, todos os dias. Caso queira clarear os cabelos, deve-se usar a cebola branca. Se ela for roxa, os cabelos tornar-se-ão escuros, com tendência para o tom avermelhado. Mas se

quiser manter a cor loura, ou clareá-los, é só utilizar a cebola amarela.

3 - Limpeza da pele (34)

Passar, diariamente, três vezes seguidas, suco de cebola no local, massageando-a para que seja absorvido.

4 - Pele ressecada (44)

Aplicar, ao deitar, durante sete dias seguidos, suco de cebola. Findo esse período, descansar três dias. Reiniciar novamente. E assim sucessivamente, tendo o devido cuidado de não expor, em demasia, a área aos raios solares, no período compreendido entre às dez às dezesseis horas.

5 - Queda de cabelos (47)

Friccionar suco de cebola, diariamente, no couro cabeludo, de preferência, pela manhã. Não lavar a cabeça, a não ser depois de sete dias. Enxugar muito bem, se possível, com aparelho elétrico. No dia imediato, reiniciar. Deve ter ou tomar cuidado para não entrar na chuva, e, dentro das disponibilidades, evitar até a transpiração na cabeça.

Magia

Os seres humanos, sobretudo os mais puros e por conseguinte, os mais simples, sempre viveram fascinados e encantados em exercer, de alguma forma, o domínio sobre a Natureza, através de forças ocultas, notadamente em relação à saúde. Para ilustrar, utilizamos os exemplos que coletamos:

1 - Cebola cortada em "cruz", ou seja, em quarto partes ou pedaços, e colocados no dormitório do doente, ajuda a curar a moléstia que está acometido. (4)

Isto já foi constatado pela medicina alopatia, pois a cebola atrai os micróbios.

2 - Chá de cebola cortada em "cruz" e

adoçado com mel, alivia a dor do parto, se entrar como substituto da água e de outros líquidos, desde que comece a tomá-lo, de modo preventivo, sete dias antes e prossiga treze depois. (30)

Como calmante, aliado às propriedades do mel, diminui a tensão, a angústia e o estado de solidão da parturiente.

3 - Cebola friccionada na pele, após rezar o Pai nosso, fortalece-a, deixando-a mais forte e resistente às pancadas e ou quedas. (22)

Daí está explicado porquê diversos massagistas profissionais, dos mais famosos clubes do futebol nacional, utilizarem a cebola dessa forma, na fase de

pré-aquecimento muscular, antes do início de cada partida do esporte das multidões:

4 - A pessoa idosa que ingerir, diariamente, e sempre ao meio-dia, uma cebola ralada, iniciando-se numa sexta-feira, terá a vida prolongada e não morrerá de infarto, desde que iniciar em condições normais de saúde: sem colesterol, sem ácido úrico e sem outros males.(46)

Está provado que a cebola é vaso-dilatador. Assim sendo, desde que usada preventivamente, irá dificultar e até impedir o envelhecimento prematuro do sistema arterial. Isto é primordial para a vida saudável, mesmo na fase senil.

5 - O indivíduo que pretenda ter vida longa deverá, desde os sete anos, habituar-se ter, na alimentação diária, cebola em profusão. Se não conseguiu nesta idade, poderá iniciar na adolescência aos quatorze anos. Mas se perdeu essa chance, só restará uma aos vinte e um, quando estará em idade adulta plena e emancipado.(20)

É sabido que uma área da Itália, onde a cebola integra o cardápio do cotidiano, com muita ênfase, a população não conhece determinados tipos de doenças, tidas como sendo da Era Industrial, e, em decorrência, adquirem longevidade.

6 - Para ficar livre de gripe não é difícil. Querendo deve agir dessa forma. Cortar uma cebola pela metade. Depois, cada metade deve ser dividida em quatro pedaços. Enterrar um deles. Cobrir os outros com mel. Deixar ficar no sereno durante três noites. Tomar uma colherada, das de sopa, cada duas horas, durante três dias. O que sobrar deve ser atirado em água corrente, ou deixar numa encruzilhada, numa sexta-feira, à meia-noite.(24)

A cebola é um antídoto contra gripe, resfriado e catarro, quer de forma preventiva, quer de maneira curativa. É bem eficiente.

7 - Quem pretende emagrecer deve cortar uma cebola em quatro partes iguais. Pegar três e pôr ferver em um litro de água. Deixar ferver até ficar reduzido a um copo. Tomar uma colher, das de sopa, em jejum, mas às seis horas da manhã, até acabar. Repetir a dose três vezes.(24)

Como o problema do obeso é obviamente devido a presença de excesso de gorduras e toxinas, a cebola vai combater, de forma comprovada, essa problemática, de modo efetivo. Todavia, se a pessoa não tiver o cuidado de se precaver contra evidentes males, presentes no dia-a-dia do glutão, pouco adiantará. A cebola é evidentemente muito boa para tal fim, mas, como é de se esperar, não faz milagres. Nem poderia!...

A magia é um ritual, também conhecido simplesmente por simpatia. Aliás, a quase totalidade dos estudiosos do assunto prefere fixar o termo simpatia, por ser mais generalizado no nosso círculo de leitores.

Facer

Expressões e termos do povo

Na fraseologia da Capital do Folclore, os olimpienses pronunciam locuções produzidas pela sabedoria popular. Arrolamos as que - ao longo do tempo - com muito amor, carinho e dedicação, recolhemos das conversas que mantemos, no dia-a-dia, com a população, especialmente da periferia. Eis os exemplos coletados:

1 - **Cebola(s)! Cebolinhas! Cebolório!** = interjeição que indica descontentamento, desdém, desprezo, irritação ou negativismo.(47)

2 - **Cebola(s)! Cebolório!** = interjeição indicativa tal qual à antecedente.(42)

3 - **Cebolório!** = caso idêntico às precedentes.(48)

4 - **Cebola de cabeça não é pimenta malagueta** = não confunda simples evidência com prova.(51)

5 - **Cebola que muito muda, não cria muda** = inexistência de vantagens em mudar-se muito de lugar.(60)

6 - **Cebola que muito muda de lugar não cria raiz** = equivale à expressão anterior.(56)

7 - **Cebola que muito troca de lugar não cria raiz** = tem o mesmo significado de cebola que muito muda, não cria muda.(9)

8 - **Cebola quente** = mulher assanhada, de vida lasciva, libidinosa, ferosa, sensual, pra frente, travessa, cabra, cabrita com o libido muito desenvolvido e à flor da pele, não resistindo a oportunidade de demonstrá-lo ou quente para usar o termo, tão a gosto do povo.(20). 2 - **Vagina**.(17)

9 - **Chorar pelas cebolas do Egito** = sentir saudade, mesmo não tendo sido feliz; sentir saudade apesar de ter sido muito pouco feliz.(26)

10 - **Mudar a(s) cebola(s)** - modificar ou alterar posicionamento sem qualquer benefício aparente. (29)

11 - **Mudar cebola(s)** - troca sem qualquer resultado favorável. (21)

12 - **Mudar cebola(s) de lugar** - mudança de posição sem nenhuma vantagem. (12)

13 - **Não pode entrar na "resta" quem não é cebola** = não é correto demonstrar o que o indivíduo, em verdade, não é. (18)

14 - **Não posso entrar na réstia para ser cebola** = é errôneo eu querer mostrar ou tentar provar o que, na realidade, não sou. (16)

15 - **Querer entrar na réstia para**

ser cebola = pretender manifestar o que, efetivamente, não é; aparecer. (43)

16 - **Trocar cebola(s)** = simples barganha, sem melhoria em nada; escambo sem qualquer sinal de melhora. (55)

17 - **Trocar cebola(s) de lugar** = idem à locução anterior. (7)

18 - **Voltar às cebolas do Egito** = regressar aos bons tempos; retornar aos tempos das vacas gordas; retroceder à época da fartura. (35)

Além das conhecidas frases feitas pelo povo existem, ainda, em voga, diversas palavras relativas ao assunto. Eis os exemplos que registramos, nos últimos anos:

1 - **Cebola** - antigamente, dos primórdios da cidade, até o pós-guerra significava qualquer relógio de bolso. Nos meados do século era o relógio masculino, antigo e de bolso, geralmente de prata ou niquelado. Na segunda metade deste século, o relógio grande de algibeira (o povo gosta de falar "gibera") e com menor frequência "gibeira". Posteriormente passou a ser o nome dado ao relógio de pulso de péssima qualidade. Na atualidade, é o sinônimo para relógio de bolso, independente do valor; relógio de pulso de pequeno valor; objeto inútil ou de preço irrisório; qualquer bulbo, inclusive de plantas medicinais e ornamentais; indivíduo cansativo, fraco, preguiçoso, exaustivo ou indolente; camisa ou camiseta demodê, fora de moda; cavalo que não tendo mais forças é insensível até à espora; vagina. (50)

2 - **Cebolada** - iguaria, guisada ou fritada de cebolas, ou ainda, molho de cebolas. Daí o nome tão comum na culinária folclórica olimpiense "bife de cebolada", também conhecido por "bife cebolado" ou "bife com cebola".(26)

3 - **Cebolão** - relógio antigo masculino, de bolso, redondo, grande, grosso e, no geral, feio, também conhecido por "patacão". É um vocábulo quase em desuso, quase em extinção, por ter praticamente desaparecido do mercado esse tipo de raridade. É sério candidato a peça de museu. (35)

2 - **Árvore típica**, quase extinta, das férteis terras dessa área, outrora muito procurada, por representar solo de boa estirpe para o cultivo do cafeeiro.

(36)

3 - Sinônimo generalizado para relógio, de bolso ou de pulso - grande e ordinário, de pequeno valor comercial. (2)

4 - Tipo de afinação utilizada em viola, que alguns insistem em adjetivá-la com o termo “sertaneja”, outros “paulista” e ainda “caipira”. (47)

5 - Bobo. (52)

4 - **Ceboleira** - mulher que cultivava e/ou comercializa cebolas, nas feiras-livres, que ocupam espaços na paisagem urbana da “Cidade Menina-Moça”. (1)

2 - Mulher que permite “bolinagem”, “bolinação”, “esfregão”, “sarro” ou “xumbregação”, por parte de populares, ou só mesmo por um mancebo galanteador. (20)

5 - **Ceboleiro** - indivíduo que cultivava e/ou vende cebolas, quer nas feiras, quer como comerciante ambulante nas ruas. (46)

2 - Hábito arraigado em certos indivíduos que procuram às multidões, geralmente, em locais populares previamente definidos tais como interior de coletivos; salão de bailes, conhecidos por “rala-bucho”, “bate-saco”; ambientes esportivos dos tipos: quadras, estádios, etc., para “bolinar” ou apalpar as mulheres, com segundas intenções, quando não com pretensões bem claras. (41)

6 - **Cebolinha** - pequena peça aco-plada no motor de explosão dos veículos movidos pelos mais diferentes combustíveis líquidos: álcool, gasolina ou diesel. É o marcador de nível de óleo. Todos sabem que o óleo age como se fosse o sangue do motor. Portanto, a cebolinha tem por função acusar qualquer anormalidade relativa às temperaturas elevadas, proveniente de falha no sistema de refrigeração. Imediatamente faz acender a lâmpada vermelha, existente no painel do veículo. (28)

2 - Um das figuras criadas pelo produtor de desenho animado, o empresário brasileiro, internacionalmente conhecido, Maurício de Sousa. O “Cebolinha” representa um garoto que tem problema de dicção, pronúncia, elocução, articulação correta dos sons das palavras. Não conseguindo exprimir verbalmente, de modo eficiente, os sons existentes nos vocábulos. Troca o “r” pelo “l”. Exemplificando: em vez de “rua”, diz “lua”; ao invés de “raiva”, “lailva”; no lugar de “árvore”, fala “álvo-le”; troca “pra” por “pla”, “turma”

por “tulma”, “super” por “supel”, “querendo” por “quelendo”, “resto” por “lesto”, e assim por diante. (40). O personagem “Cebolinha”, assim como Cascão, Chico Bento, Magali, Mônica e outros da criatividade do fenomenal artista são deveras apreciados pela petizada e até por pessoas de todas as faixas etárias, nas diversas classes sócio-culturais olimpienses, sobretudo da média para o topo da pirâmide sócio-econômica. Num País não desenvolvido, onde quase exclusivamente o vil metal é o comandante do quadro de valores, não é admiração nenhuma afirmar que a instrução e a cultura institucionalizada estão diretamente relacionadas ao mal da humanidade: a moeda, nos termos em que é tratada pelo capitalismo selvagem, desumano e incoerente à vida cristã, conforme somos vítimas, tal qual a quase totalidade da Nação.

7 - **Cebolinha** - semente de cebola, já germinada; sementeira de cebola; canteiro de cebolas, antes de se replantar no local definitivo; canteiro onde se plantam sementes de cebola; planta tenra de cebola, antes de desenvolver o bolbo, também chamada de bulbo, que é um tipo de caule subterrâneo. (19). 2 - pé ou cabeceira de cebola-verde ou cebolinha. (6)

8 - **Cebolo** - Pé de cebola, antes de formado o bolbo; semente de cebola; canteiro antes de semear cebola. (41)

9 - **Ceboloso** - qualquer objeto ou fruto que tenha a forma ou, a grosso modo, o aspecto de cebola. (52)

EPILOGO

O raciocínio lógico que desenvolvemos permitiu-nos chegar, concisamente, a determinadas deduções concluentes, bem generalizadas, algumas das quais, para evidenciar maior clareza de exposição, desejamos compendiar:

A primeira delas é que longa a história da utilização da cebola, quer como alimento, quer como medicamento, quer como função dupla e simultânea. É humanamente impossível precisar, com exatidão, esses fatos.

A culinária, a simbologia, as adivinhas, as crendices, os sonhos, a medicina, os cosméticos, a magia, as expressões e as palavras e algo mais permeiam o povo com o folclore num verdadeiro concerto de Antropologia Cultura, comandado pelo maestro e pai do universo, o Senhor da Criação.

INFORMANTES

A referência numérica, ou seja, o número que apareceu entre parênteses, imediatamente depois da informação, representa, para simplificar, o nome de batismo do declarante que prestou esclarecimento valioso para a realização deste estudo. A todos, em nome da Cultura Brasileira, os nossos sinceros agradecimentos. Eis a relação nominal:

1 - Aguiamar Alves de Melo. 2 - Alceu Clemêncio da Silva. 3 - Alcides Bezerra. 4 - Alzira Garbelin Cagliari. 5 - Alzira Sant’Anna de Oliveira. 6 - Ana Rosa Marcolino. 7 - Antonia de Campos. 8 - Antônia Mariana de Paula Sousa. 9 - Antônio Aparecido Bortuluzi. 10 - Antônio Aparecido de Miranda (Toninho). 11 - Antônio João Gubolin. 12 - Aparecida de Sousa Nishida. 13 - Aparecida Ivone de Moraes. 14 - Aparecida Vieira. 15 - Arcídia da Silva Brito. 16 - Carlos Alberto Sóssio. 17 - Célio José Franzin. 18 - Creusa Máximo. 19 - Dagoberto José Mira Alves. 20 - Elcio Gomes Ferreira. 21 - Elza Campos Lima. 22 - Flávio Beloni. 23 - Francisco Gabriel Junqueira Machione (Bié). 24 - Geny Alberini. 25 - Isaura de Sousa Clemêncio da Silva. 26 - Iseh Bueno de Camargo. 27 - Ivo Martins Cambuí. 28 - João José da Rocha. 29 - João Sanches Garcia. 30 - Jorgina Vitorino dos Santos. 31 - José Aparecido Oliveira. 32 - José Sant’anna. 33 - Josefa Aparecida Oliveira Nascimento. 34 - Lúcia Helena Romitelli. 35 - Luís Carlos Rossato. 36 - Luís de Miranda (Luisinho). 37 - Lolay Dumara de Jesus Toloni. 38 - Maria da Conceição Basso. 39 - Maria Jesus de Miranda. 40 - Maria Lúcia Rossato Ricci. 41 - Marino Domingos da Silva. 42 - Meire Irani. 43 - Narcisa Batista de Miranda. 44 - Narcisa Batista Franzin. 45 - Nelson Carlos Rodrigues. 46 - Nelson Marthos. 47 - Nivaldo Antônio Pereira. 48 - Rogério de Oliveira. 49 - Rosa Pereira dos Santos (Rosinha). 50 - Sebastião Almeida Oliveira. 51 - Sebastião Gonçalves do Carmo. 52 - Sérgio Alexandre Di Marco. 53 - Sílvia Canheu Marques Teodósio. 54 - Solange Maciel Garretti. 55 - Tatiana Mendes da Silva. 56 - Valdemar Balbo. 57 - Wilson Roncati. 58 - Wilson Zangirolami. 59 - Zaida Maria Ferraz Arruda. 60 - Zilda Ulian Rossato e 61 - Zuleica Carneiro Zangirolami.

Romance: O Conde e a Condessa

RITA DE CÁSSIA SANT'ANNA MARTOS
C.P. E ESTUDOS FOLCLÓRICOS - OLÍMPIA

Romance (ou rimance), forma lítero-musical de conteúdo lendário e histórico, vinda da Idade Média aos fins do século XIV, teve seu período áureo no século XV, na península ibérica (Espanha e Portugal). Nos dias de hoje, na geral em tom menor e compasso ternário, com texto narrativo ou dialogado, ele sobrevive no folclore brasileiro, pois é muito do gosto do sentimento popular. É cantado como modinha ou toada, nos brinquedos infantis, nas cantigas de ninar e também na moda-de-violão. Faz parte dos folguedos folclóricos: Nau Catarineta, Boi-Bumbá e outros.

O CONDE E A CONDESSA

Dois jovens casaram-se muito novos. Ele era conde. Tiveram uma filha. Logo após o nascimento da menina, o marido foi convocado para a guerra. O conde, embora muito aborrecido, não teve outra alternativa a não ser o cumprimento do dever em defesa da pátria. Recomendou à família que cuidasse muito bem da esposa e da sua filhinha, durante sua ausência, fosse quantos anos a guerra durasse. Fez a mesma recomendação a todos os seus criados.

Ao despedir-se da esposa, deu-lhe um valiosíssimo anel que trazia em seu dedo, um anel de sete pedras preciosas.

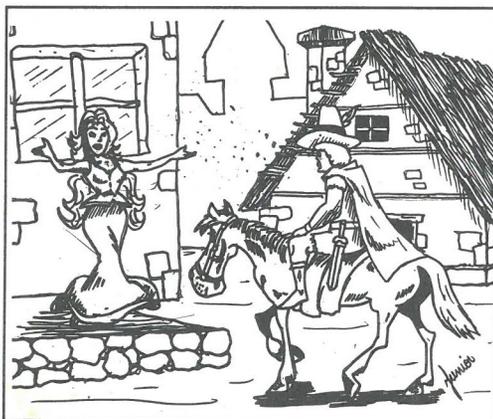
Quando a guerra teve o seu fim, a esposa ansiosa para ver o marido, pois sua filha já era moça e ainda não conhecia o pai, perguntava a todos que voltavam da guerra, se não sabiam do seu marido, o soldado de cavalo branco.

E ela o esperava, embora desconfiada de que ele pudesse ter sido morto em campo de batalha.

Numa manhã, aparece em sua mansão, um homem estranho, montado num cavalo desconhecido e ela, cantando, trava este diálogo com o visitante:



- 1 - Lá evém um cavaleiro
O que vem fazer aqui?
- Vim pra trazer um recado:



Teu marido foi degolado.

- 2 - O que é que você quer
Para dar com ele aqui?
- Nada eu não quero,
Porque eu não sou daqui.
- 3 - Eu te dou o meu sobrado
Pra você dar com ele aqui.
- Teu sobrado eu não quero,
Porque eu não sou daqui.
- 4 - Eu te dou a minha filha
Pra você dar com ele aqui.
- Tua filha eu não quero,
Porque eu não sou daqui.
- 5 - Não tem mais o que ofertar,
De tudo já te ofertei.
- Eu quero a bela condênsia
Para comigo morar.
- 6 - Venha de lá meus criado,
Venha de lá todos armado.
- Venha ver o cavaleiro
Como está muito confiado.
- 7 - Tenho mão nestes criado,
Estes criado são meu,
Anele de sete pedra
Que está no seu dedo é meu.
- 8 - Você é meu marido,
Tá querendo zombar de mim.
- Para ver a bela infância
Se era falsa para mim.

Foi nesse ponto que a condessa descobriu toda a verdade. O cavaleiro era o conde, seu próprio marido que, disfarçado em desconhecido, montado em cavalo estranho, volta-va para o lar.

(Cantado por D. Sebastiana Matos, 74 anos (1990), solteira. Vive no A-

brigo São José, para velhos, em Olímpia).

LIGEIOS COMENTÁRIOS

Neste romance "O Conde e a Condessa", também conhecido, em Olímpia, por "O Homem do Cavalo Branco" ou "A Bela Infanta", é composto de oito estrofes (quadras), predominando os versos heptassílabos, excetuando-se o 3º verso da 2ª estrofe que é pentassílabo, o 1º da 8ª que é hexassílabo; os 4º da 1ª, 2º da 3ª, 2º da 4ª, 2º e 4º da 6ª, 2º da 8ª, que são octossílabos. As rimas, assonantes, pobres, se sucedem sem uniformidade e com acentuação variável.

Na 1ª estrofe, o 3º rima com o 4º verso (esquema rimático: abcc); na 5ª estrofe, o 1º rima com o 4º verso (esquema rimático abca); na 6ª estrofe, o 1º rima com o 2º e 4º versos (esquema rimático: aaba) e, nas demais estrofes, há trovas entre o 2º e 4º versos (esquema rimático: abcb).

Linguagem popular, totalmente descuidada. A cantora do romance emprega: **condênsia** por condessa, **anele** por anel e **infância** por infanta.

TARDES DE LAZER

Aos sábados e domingos, no período da tarde, se reúnem as anciãs do Abrigo São José de Olímpia, na área de lazer, e revivem o tempo da infância e da juventude. D. Rosinha, D. Sebastiana, D. Palmira, D. Cândida, D. Nair e 10 D. Maria. Todas lúcidas. Recitam poemas, falam de orações, jogam versos, cantam, lembram coisas que alimentam a saudade, enquanto o tempo passa, para não se sentirem demasiadamente sós.

São gentis, de bondade condescendente, compassivas. Não abandonam nunca a esperança de serem felizes. Ensinam-nos a inclinar para a renúncia, para a tolerância. E do espírito paciente de cada idosa, brotam dos seus lábios, os romances: D. Jorge e Juliana, O Conde e a Condessa...

D. Sebastiana Matos, a que mais conhece romances cantados sussurra, comovida: "Ai, que saudade que eu tenho quando a gente cantava com uma porção de moça da mesma idade. Hoje tá tudo tão distante daqueles tempo, mas mesmo assim eu me sinto muito feliz".

Quartéis de São Benedito em Olímpia

JOSÉ SANT'ANNA

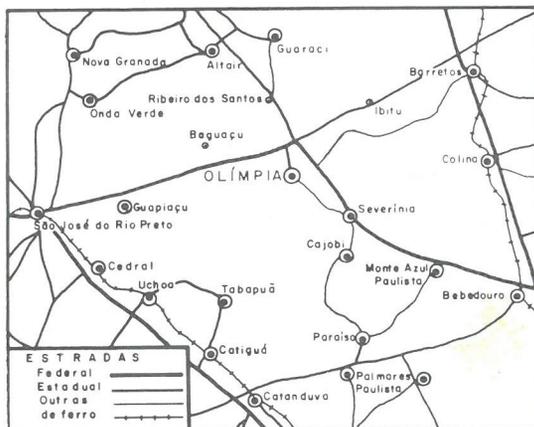
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE DE OLÍMPIA

O Prof. Rothschild Mathias Netto, historiador de nossa cidade, nos tem hipotecado muito apoio, compreensão, estímulo e ajuda na elaboração de nossos trabalhos e, na esperança de que Quartéis de São Benedito em Olímpia, se revista de alguma valia para os seus declarados propósitos, informou-nos:

“A penetração do homem civilizado, em nossa região, teve início, em princípios do século passado, com elementos aventureiros, vindos de Minas Gerais, que descendo o **Rio Grande** (Jetaicá para os indígenas) espalharam-se pelas margens do caudaloso rio e dos seus afluentes, tomando posse de vastas extensões de terras. Esses pioneiros acabaram por afugentar os aborígenes que habitavam essas paragens e cujos vestígios têm sido encontrados até nos dias atuais.

A abundância de madeiras de lei, a fertilidade do solo e os ricos mananciais existentes, no enorme sertão, formavam o quadro das condições favoráveis para a fixação desses primeiros penetradores, com suas famílias, que assim achavam todos os meios para a regularidade do esforço agrícola.

Não teriam sido outros motivos que atraíram Antônio Joaquim dos Santos, natural de Milho Verde, Caldas, no sul de Minas, que com a esposa, Maria Inês de Jesus, e os filhos João, José, Miguel e Joaquim, bem como **sessenta escravos**, veio tomar posse de grande gleba de terras, em 1859, instalando-se numa grande construção rústica, alta, de esteios de arueira, telha comum, paredes de pau-a-pique e chão batido, até ser substituído por “largas tábuas de cedro”, erguida à margem esquerda do córrego Olhos D'Água, não muito distante do cemitério que mandara abrir, na margem oposta.



Desde que se instalaram, nessa parte do então Município de **Espírito Santo de Barretos**, dedicaram-se quase que exclusivamente à agricultura. Entretanto, após a grande geada (a geada brava) que se abateu sobre a região, iniciada a 24 de junho de 1870, seguida de pavoroso e demorado incêndio, que transformou milhares de alqueires de matas, em campos propícios à criação, passaram a formar também enormes pastagens para o gado, surgindo desse modo, amplas campinas para as atividades pastoris.

As terras férteis e os campos que se formaram, muito influíram nos rumos do povoamento. Forte atração passaram a exercer no espírito de quantos desejassem vir criar, no sertão, qualquer forma permanente de economia.

Com a morte do desbravador do Sertão dos Olhos D'Água, os descendentes que passaram a administrar a extensa **posse**, viam a cada dia, com satisfação, inúmeras famílias que, aqui, surgiam, invadiam terras e nelas se fixavam.”

Com a vinda de escravos para o Sertão de Olhos D'Água (Olímpia), iniciou-se o culto ao padroeiro São Benedito. E enquanto revolviam continuamente o solo, dando-lhe a semente, cultivando e colhendo os frutos: milho, feijão, arroz; por toda a parte, os arbustos

copados do cafezal, sorriam aos escravos, cobrindo-se nesse instante de um manto esperançoso de lances e perfumadas cores, certos de que nessa esperança a força mecânica poderia substituir os seus braços, libertando-os da escravidão, emancipando-os para dar-lhes missão mais nobre.

À medida que a população crescia, o sentimento religioso, no fervor da crença em sua primitiva pureza, foi derramando misterioso perfume nas tradições do povo. E expandiu-se a crença em São Benedito por todo o território olimpiense.

Hoje, os grupos folclóricos que louvam São Benedito: Terno de Moçambique “São Benedito”, Terno de Congada “Chapéu de Fitas” e Folia de São Benedito “Pena de Ouro”, de Olímpia, além da realização da Festa de Treze de Maio, apresentam-se metafolcloricamente, no Festival do Folclore, em agosto, nas festas de aniversário dos municípios, nas festas de peão de boiadeiro, nas escolas e nos programas de televisão.

É raro encontrar em nosso tempo um município, como o de Olímpia, que se tem inspirado nas manifestações folclóricas, como fatos importantes das tradições nacionais e vistas como obras meritórias, para denominar suas ruas: Rua do Moçambique, Rua da Congada e Rua da Folia de São Benedito, todas no Jardim São Francisco. Merecem também menção as homenagens prestadas a personagens religiosas e ao fato histórico, como: Rua Treze de Maio, Jardim Santa Ifigênia, Praça de São Benedito, Bairro de São Benedito do Turvo (rural) e Núcleo Social Santa Isabel de Hungria (da Ordem Terceira Franciscana).

Quem foi São Benedito

No Brasil, a devoção a São Benedito é tão grande e fervorosa como em nenhum outro país do mundo. É santo querido em todo território nacional e invocado com muito fervor.

No folclore, nas festas de tradição, nas cantigas e lendas, Benedito é o santo que pela cor preta da pele, foi chamado de **santo preto**. Diz a lenda que São Benedito, nome originado da corruptela de Bento, nasceu numa aldeia da Sicília, Itália, hoje conhecida sob o nome de San Fratelo. Não se sabe ao certo o ano do seu nascimento, mas se presume que ele tenha nascido em 1524. Era filho de escravos-mouros, embora fossem pretos bem retintos. Seus pais, trazidos da Etiópia para o Ocidente, foram libertos por seus senhores, tomando assim o sobrenome deles, como era de costume. Chamavam-se Cristóvão Manassári e Diana Larcári (ou Arcan). Benedito foi pastor e depois eremita. Recolhendo-se ao convento dos franciscanos de Santa Maria de Palermo, foi irmão leigo e depois conselheiro.

Consta ainda de sua história que apesar de negro, iletrado e leigo, pela sua sabedoria, foi nomeado superior do convento.

Os escravos brasileiros acostumaram-se a festejá-lo e o elegeram padroeiro dos folguedos Moçambique, Congada, Folía e de outros grupos folclóricos.

As famílias, não só as pretas, mas também as brancas, durante muito tempo adotaram o nome Benedito para o batismo de seus filhos, e ainda o fazem, e muitos deles recebiam o apelido de Benê, Dito e Ditinho. E, entre o povo, uns são conhecidos com o reforçativo determinando a cor da pele: Dito Preto. Muitas meninas receberam o nome de Benedita, em louvor ao santo. E o costume permanece. Outra as Irmandades de São Benedito eram constituídas somente por homens de cor. Hoje, pela intensa devoção ao humilde santo negro, tal devoção não encontra similar no mundo, as irmandades passaram a ser de pretos e de brancos também.

No folclore religioso do Brasil, encontramos na maioria das cidades brasileiras, pelo menos, um grupo que homenageia São Benedito.

Em Olímpia de outrora havia seis quartéis do Santo, sendo que três deles encontram-se desativados.

Houve época em que se quis atribuir a ele uma cor morena, quase branca. Mas São Benedito era mesmo da cor preta, retinta. Por isso, foi um santo muito ridicularizado pela cor. Sofreu

severas humilhações o pobre santo pretinho. Por muito tempo foi lavrador. Como franciscano exerceu também um humilde ofício, o de cozinheiro. E a cozinha, para ele, era também, um santuário de oração e fervor. Com São Benedito ocorreu um fato inédito das ordens religiosas, como já dissemos, apesar de irmão leigo, pobre, filho de escravos, preto e analfabeto, tornou-se Superior do Mosteiro e realizou uma admirável administração. Iluminado pelo Espírito Santo, dava lições aos mais ilustres teólogos e mestres de seu tempo e que a ele recorriam solicitando ajuda para interpretação de textos bíblicos. Por um dom especial de Deus, conheceu e profetizou muitas coisas. Tornou-se um santo de fama universal. Muitos prodígios e milagres se contam de São Benedito que foi colocado entre os mais evidentes santos do catolicismo.

No dia 4 de abril de 1589, terça-feira de Páscoa, às 19 horas, morreu São Benedito. Tinha 65 anos de idade. Muitos anos depois foi beatificado. Somente depois de três séculos e alguns anos foi canonizado, ou seja, em

1807.

No Brasil, o culto de São Benedito iniciou-se na Bahia. Na catedral da Bahia, em 1686, já se festejava o beato. Antes da canonização, o santo já era popular no Brasil. Da Bahia, a devoção se espalhou pelo Maranhão. E, depois, por todo o Brasil. Em grande parte das cidades do Brasil, ele é venerado com uma festa especial. É santo dos ricos e principalmente dos pobres, dos grandes e pequenos. Diz o povo, exagerando que, São Benedito castiga. Na verdade ele é invocado por todos. Há muitas falsas superstições e credences em torno da devoção de São Benedito. Seu anedotário é imenso. Infelizmente há uma ignorância bem grande em torno do santo: uma devoção enorme prejudicada por uma superstição enorme também.

A grande verdade é que após 402 anos de sua morte, o povo permanece firme na crença e na invocação do filho espiritual de São Francisco de Assis. São Benedito é o chefe espiritual de muitos quartéis de grupos folclóricos que o homenageiam e lhe prestam culto no território nacional brasileiro.

Iconografia

Santo, segundo o catolicismo, é toda pessoa que está no céu, quer seja canonizada, quer não, e que constitui a Igreja Triunfante. Santo, em sentido mais amplo, é a pessoa cuja santidade a Igreja reconheceu e que tem sido considerada digna de veneração pública. Hoje para que alguém seja declarado digno dessa veneração como santo, ou seja, canonizado, requer-se severa investigação oficial da Igreja sobre sua vida.

Após longos exames pela Igreja, a cidade de Palermo, em solenidade pública, no dia 24 de abril de 1652, proclamou São Benedito seu padroeiro e o honrou com o título de beato. Em 25 de maio de 1807, o papa Pio VII o declarou santo.

Os iconistas representam o franciscano São Benedito sob variadas formas, mas sempre com o Menino Jesus ao colo, que geralmente aparece deitado (horizontalmente) em seus braços. Em algumas estampas, o Menino Jesus aparece no braço direito ou no braço esquerdo de São Benedito. É muito semelhante à imagem de Santo Antônio de Lisboa (ou de Pádua). A presença de Deus-menino na imagem de Santo Antônio é explicada por uma lenda muito difundida entre os seus devotos. E na imagem de São Benedito, como explicar? Talvez haja algum esclarecimento que elucide o fato. Não o conhecemos. Segundo depoimento anti-histórico de moçambiqueiros e congadeiros, "São Benedito era cozinheiro na casa da Sagrada Família e ajudou Nossa Senhora a criar o Menino Jesus. É por isso que ele traz o

Menino Jesus em seus braços". Quem sabe o fato se apóie nesta lenda? É possível.

Da iconoteca do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", de Olímpia, escolhemos algumas estampas de São Benedito para a ilustração deste trabalho.

Em algumas imagens São Benedito é retratado com um resplendor (de prata ou de ouro) sobre a cabeça.



Estampa tradicional



Estampa tradicional



De Cuiabá - MT



De S. Bento do Sapucaí - SP



De Olímpia - SP



De S. Bento do Sapucaí- SP

Consultei: São Benedito - "O Santo Preto", de Ascânio Brandão, 4.ª edição, 1979, Editora Santuário, Aparecida - SP.

Santo Antônio, São Benedito - Em se tratando de pessoa do sexo masculino, emprega-se a forma Santo ou São. Santo diante dos nomes começados por vogal e São diante dos iniciados por consoantes. A única exceção: Santo Tomás de Aquino.

Dia de São Benedito

São Benedito, conforme diz a legenda, morreu no dia 4 de abril de 1589. Segundo a tradição católica, sua festa é comemorada no dia do seu falecimento: **4 de abril** - festa do feliz trânsito para o céu. Este é o dia de Benedito, o frei franciscano.

Muitas pessoas celebram o seu dia na segunda-feira, após o Domingo de Páscoa. É que ele faleceu numa terça-feira após a Páscoa e o seu dia foi transferido para a segunda-feira (pascoela) como complementação das comemorações da Semana Santa. Na pascoela, apenas celebra-se um terço cantado ao santo preto e humilde.

A igreja reserva-lhe, ainda, o

dia **31 de março**, **5 de outubro** e também o **1º de novembro** - Festa de Todos os Santos, quando o comemora em conjunto.

Mas em Olímpia, os folguedos folclóricos que o têm como padroeiro principal, celebram-no no dia **13 de maio** (dia cívico), data da sanção da Lei Áurea, assinada pela augusta regente Princesa Isabel, que declarou extinta a escravidão no Brasil. Mas em se tratando de pagamento de promessa, todos os dias são o dia de São Benedito, dizem os seus devotos. Por isso, São Benedito, o Santo da Caridade, não tem dia certo. Certo é o dia que o crente escolhe. Uma vez escolhido o dia, este deverá ser guardado pelo devoto.



De Rio Claro - SP



De S. José do Barreiro - SP

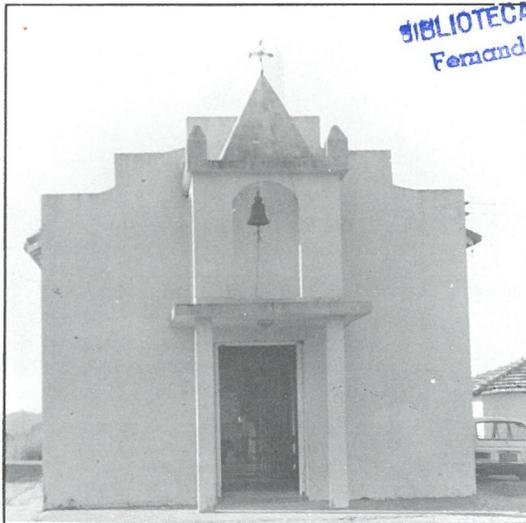
Oragos de São Benedito



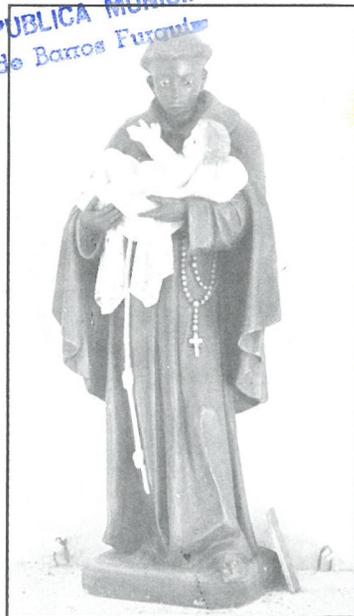
Igreja de São Benedito
Praça de São Benedito
Patrimônio de São João Batista



Imagem de São Benedito
Altar da Igreja



Capela de São Benedito
Bairro: São Benedito do Turvo (rural)



Altar da Capela



Capela de São Benedito
Fazenda Boa Esperança
Propriedade: Prof.^a Magali Lamana Sarti
Bairro: São Benedito do Turvo



Imagem do Santo

Hoje, não há cidade, vila ou povoado que não dedique uma igreja ou pelo menos um altar a São Benedito.

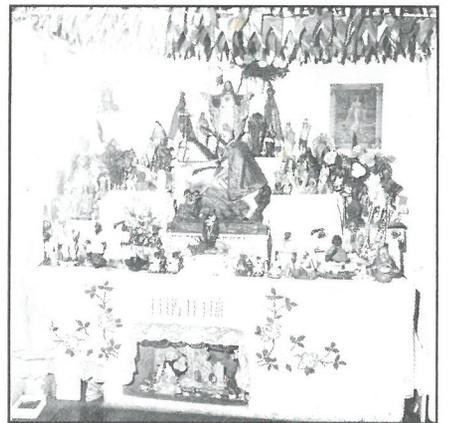
São Benedito alcançou grande popularidade no Brasil. Por ser preto, e mais da metade da população brasileira também o é, tem no Brasil mais devotos do que qualquer outro santo.

Foram os religiosos franciscanos, vindos de Portugal, que introduziram o culto a São Benedito, e sua cor foi elemento primordial na aceitação, principalmente pelos mais pobres.

Um exemplo desta popularidade são as numerosas igrejas e capelas a ele dedicadas.

No Município de Olímpia, São Benedito possui alguns templos em sua honra.

Nas Tendas de Umbanda de Olímpia, São Benedito tem seu lugar reservado no congá (santuário)



Terreiro de Umbanda "Caboclo Caramã e Pai Cesário" - Jardim Cisoto



Tenda de Umbanda "Caboclo Jaguaré e Preto Velho Pai Benedito da Cruz Vermelha" - Jardim Santa Ifigênia

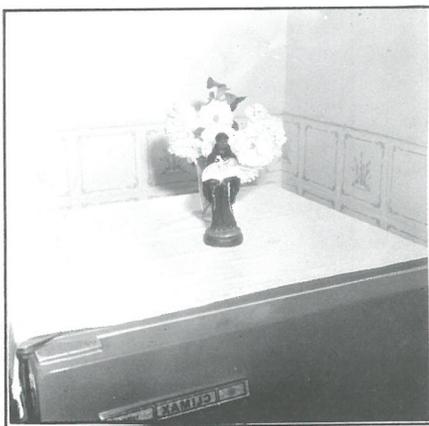
Nichos de São Benedito

Nos lares católicos e espíritas de Olímpia, São Benedito tem o seu lugarzinho permanente. As donas de casa o têm num nicho ou cantoneira, ou colocado sobre o armário, geladeira ou outra peça da cozinha. Mas o santinho parece sofrer quando situado muito próximo ao fogão, recebendo fumaça, gordura, cheiros de tempero e calor. Dizem que frei Benedito tinha aptidão para a arte culinária. Por isso mesmo que, ao ingressar no Mosteiro Santa Maria, foi cozinheiro, ofício humilde e penoso. Alguns hinos entoados pelos devotos relembram essa atividade do santo:

Meu São Benedito
Já foi cozinheiro
E hoje ele é santo
De Deus verdadeiro.

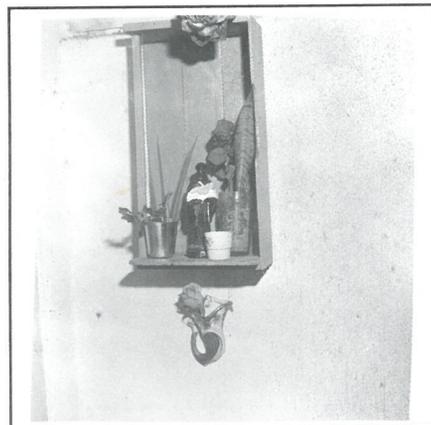
Por que é santo de plantão nas cozinhas? - Para dar sorte querendo significar a presença do alimento, indispensável à vida humana.

Eis a razão das donas de casa terem-no como padroeiro das cozinhas. Patrono das cozinheiras e das donas de casa. Para agradá-lo, todas as manhãs, reservam-lhe uma xícara de café (o primeiro que é coado), colocando-a diante de sua imagem.



Também é costume colocarem um ramo verde de salsa e cebolinha, num copo d'água, diante do santo, trocan-

do-o por outro ramo, sempre que perde o viço.



Quando alguém estiver em aflição, necessitando resolver, com urgência, um problema familiar, enquanto estiver coando o café, peça a São Benedito a graça e, em seguida, reze um Pai-nosso. Prodígios e milagres se contam de São Benedito.

A presença de São Benedito na Umbanda

A Umbanda faz suas súplicas e deprecações através de pontos cantados, da música e das batidas do atabaque, havendo para cada finalidade, uma curimba adequada. Desde a abertura dos trabalhos até o seu encerramento, não há necessidade de se repetir as curimbas, visto ser imenso tal repertório. Usam a batida de palmas para lhes facilitar na cadência do pé de dança. Dos pontos cantados depende a sintonia da vibratória entre a corrente de eguns dos planos terráqueos e astrais.

Há muitos pontos de louvação, expressivos, e muito cantados nas "Tendas".

Registramos três pontos cantados de São Benedito, da legião dos Santos, recolhidos nas tendas de Umbanda de Olímpia:

PONTOS CANTADOS



I - Ó que santo é aquele
Que vem acolá?
- É São Benedito
Que vem ajudá.

- Ó que santo é aquele
Que vem acolá?
- É São Benedito
Que vem trabaiá.



II - São Benedito é preto,
Sá dona,
Veio do roserá.
Ele é preto de coroa,
Sá dona,
Chefe de congá.



III - Nestas matas têm folhas,
Tem rosário de Nossa Senhora, (bis)
Tem aruê de São Benedito,
São Benedito que nos valha nesta hora. (bis)

São Benedito no cemitério

O Cemitério Municipal de São João Batista, único de Olímpia, é rico e muito bem construído. Suas alamedas de murta e canteiros de flores encantam todos os espectadores. Com ruas planas que alinham e separam as vinte e quatro quadras, nosso cemitério está quase

sem espaço para a abertura de novas sepulturas. Há nesse recanto de paz, muita obra artística, destacando-se luxuosas capelas de vários estilos. Em mais de dois terços dos jazigos, há imagens e quadros de diferentes santos. Observamos todos. Dada a popu-

laridade de São Benedito, por paradoxal que pareça, ele está de plantão em apenas uma capelinha de túmulo e em três altares das capelas. São imagens de gesso, de tamanho médio. No Cruzeiro principal, três pequenas imagens do santo, quebradas. Nada mais.

Os escravos no Brasil

Os escravos negros das várias nações africanas que vinham desterrados para o Brasil Colonial, a bordo de navios negreiros, não traziam consigo apenas o desgosto profundo e a saudade de suas origens de onde foram arrancados repentinamente. Traziam também em seus prantos e lamentações a fé no culto e ritos religiosos de seu povo lacerado, tão vitais quanto respirar e mais do que se alimentar e dormir.

À medida que chagavam à nova terra, estimulavam e transmitiam suas crenças àqueles que aqui já estavam, que por sua vez passavam os ensinamentos aos filhos, netos e bisnetos, de forma oral, mantendo tanto quanto possível as tradições como a dança, várias palavras em dialetos africanos, instrumentos musicais, o colorido de suas vestes, turbantes e miçangas, assim como a identidade de seus deuses.

O Brasil recebeu os primeiros escravos da Guiné, depois do Congo, Angola e Moçambique.

Desde que para o Brasil começaram a vir escravos procedentes de tribos bantos, os rituais foram-se espalhando das senzalas para o país.

Os povos bantos, habitantes do centro do Sul da África, sempre conservavam em sua cultura, forte influência da civilização egípcia. Na religião, em fundamentos e princípios filosóficos, reminiscências dos povos do Baixo Nilo foram transmitidas, influenciando na tradição, criando elos de afinidade.

Os costumes totalmente diversos, exuberantes, alegres, dinâmicos, foram se incorporando aos nossos e

formando uma terceira cultura, a afro-brasileira, que logo se fez sentir na culinária, na dança, na música, no canto, nos gestos, nos folguedos e na própria religião.

A religião popular, outrora, era olhada com desconfiança pela igreja oficial, porque nunca era completamente purificada de elementos africanos, de superstições e crendices.

“As devoções a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, são dos negros de procedência banto que deixaram marcos indeléveis da sua cultura, na língua, na religião e no folclore. Necessitando acomodarse à situação, para não serem castigados por suas práticas e costumes, que requeriam complicados e vistosos rituais, cantos, rezas, expressões coreográficas e sentimentalismo religioso, os negros encaminhavam-se por duas direções predominantes: a religiosa e a recreativa.

As devoções a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário já vieram prontas do Congo africano, por obra dos missionários europeus, principalmente portugueses. Proliferaram no Brasil, então, as irmandades e confrarias dos negros, as festas de coroação dos reis, etc.

É que assim ninguém os perseguia. Também pouco desconfiava que sob a proteção de Nossa Senhora do Rosário estava a devoção a Iemanjá e que, sob a tutela de São Benedito, executava-se todo o mágico preceito dos cultos aos deuses - Orixás”.*

Muitos africanos tombaram, desbravando os sertões, derrubando

matas, abrindo atalhos e picadas, domando o curso dos rios, escalando montes e colinas, desde os albos da nossa colonização. O papel do negro foi marcante na formação do povo brasileiro.

“De usos e costumes diversificados, adoradores de divindades, próprias e peculiares à sua região e desconhecidas em outras do país, os negros, arrancados do seu “habitat” para as terras do Novo Mundo, tiveram suas crenças e os cultos perseguidos e excomungados. Todo o seu rico e variado ritual, com suas práticas mágico-religiosas e mágico-rituais, foi considerado bárbaro pelo branco, e toda a galeria de seus deuses, Orixás (Ogum, Xangô, Iansã, Iemanjá, Obatalá e outros), acabou sumariamente banida, desmoralizada, proscrita.

Procuraram, pois, como elemento humano, como personalidade, como homens, disfarçar os legítimos sentimentos religiosos, operando curiosos sincretismos entre as suas divindades, fetichistas, e os santos do hagiológico cristão.”*

Hoje, os grupos de Moçambique, de Congada, com danças exóticas, batuques e cenas inimitáveis, comandados pelo sangue de origem africana, são traços marcantes da presença do negro que contribui de modo decisivo e respeitável para o desenvolvimento do Brasil.

* Raul Joviano Amaral - “Os Pretos do Rosário de São Paulo” - João Scortecchi Editora, São Paulo, 1991.

Por que Quartéis?

A palavra **quartel**, do espanhol **cuartel** derivada do francês **quartier** não se prende, nesse nosso trabalho, a nenhum outro sentido, senão ao de moradia onde se aloja o primeiro capitão de alguns grupos folclóricos que têm como padroeiro São Benedito. Pelo menos em Olímpia, cidade paulista, é assim. Nessa residência do primeiro capitão ficam guardados, sob sua vigilância, tudo quanto pertence ao grupo folclórico: indumentária, instrumentos, estandartes dos santos padroeiros, peças portáteis, emblemas, enfeites e outros mais. Atualmente, há, em Olímpia, três Quartéis de São Benedito.

AO LADO DE SÃO BENEDITO, OUTRAS FORTES PADROEIRAS NOS QUARTÉIS

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO



“O Rosário nasceu do amor dos cristãos por Maria na época medieval, talvez no tempo das cruzadas à Terra Santa. O objeto da recitação desta oração, o terço, é de origem muito antiga. Os anacoretas orientais usavam pedrinhas para contar o número das orações vocais. Nos conventos medievais os irmãos leigos, dispensados da recitação do Saltério, pela pouca familiaridade com o latim, completavam as suas práticas de piedade com a recitação dos Pais-Nossos, e para a contagem, São Beda, o Venerável, havia sugerido a adoção de vários grãos enfiados num barbante. Depois, narra uma lenda, a própria Nossa Senhora, aparecendo a São Domingos, indicou-lhe a recitação do Rosário como arma eficaz para

debelar os hereges albigenses.

Nasceu assim a devoção do Rosário, que tem o significado de uma grinalda de rosas oferecida a Nossa Senhora. Os promotores desta devoção foram os dominicanos, que também criaram as confrarias do Rosário. Foi o papa dominicano, São Pio V, o primeiro a encorajar e a recomendar oficialmente a recitação do Rosário, que em breve se tornou a oração popular por excelência, uma espécie de breviário do povo, para ser recitado à noite, em família.

A celebração da festividade hodierna foi instituída por São Pio V para comemorar a vitória de 1571 em Lepanto contra a frota turca (inicialmente dizia-se: Santa Maria da Vitória). A festividade do dia 7 de outubro, que naquele ano caía no domingo, foi estendida em 1716 à Igreja universal e fixada definitivamente por São Pio X, 1913. A festa do Santíssimo Rosário, como era chamado antes da reforma do calendário de 1960, resume, em certo sentido, todas as festas de Nossa Senhora.” (1)

SANTA IFIGÊNIA



“Heroína da fé, dedicou-se à oração e ao apostolado. Tornou o nome de Jesus conhecido em sua Pátria, a Etiópia.

Segundo consta, a jovem princesa IFIGÊNIA ouviu do próprio Evangelista São Mateus a pregação do Evangelho. Sua conversão a Jesus Cristo aprovou o ódio dos sacerdotes idólatras que chegaram a convencer o imperador a sacrificar a própria filha aos deuses pagãos. Se assim procedesse - garantiram os sacerdotes - seria imortal.

Deslumbrado pela possibilidade de viver para sempre, Égipo, o pai de IFIGÊNIA, entregou a filha para ser sacrificada e queimada.

Já para ser imolada, IFIGÊNIA, cheia de fé invocou com confiança o nome de Jesus. Apareceu-lhe um

anjo que a salvou das chamas e a levou ao palácio real.

Neste mesmo dia, o príncipe Efrônio, seu irmão, adoeceu gravemente. Apesar dos esforços dos sacerdotes magos faleceu. O imperador Égipo permitiu que São Mateus viesse visitar o filho. São Mateus ao impor as mãos sobre Efrônio, restituiu-lhe a vida. Então, o imperador permitiu que o Evangelho fosse pregado na Etiópia.

Sabe-se que IFIGÊNIA fundou um mosteiro e que ela própria o salvou das chamas, invocando o nome de Jesus. Havia se recusado a casar com o príncipe Hitarco, esse mandou incendiar o convento. Eis porque a Santa traz em suas mãos uma casa e tornou-se símbolo de todos aqueles que buscam a salvação do lar e lutam pela aquisição da casa própria.

Sendo muito ligada a São Mateus, a quem deve a sua conversão, Santa IFIGÊNIA tem a sua festa associada à de São Mateus.

Celebra-se a grande heroína da fé, primeira santa africana, no dia seguinte à festa de São Mateus, isto é, a 22 de setembro.” (2)

SANTA ISABEL O grande engano: qual Isabel?

Alguns grupos folclóricos dos Quartéis de São Benedito, em Olímpia, veneram Santa Isabel (a libertadora), convictamente chamada de santa, mas a imagem cultuada é a de Santa Isabel de Hungria. Houve sincretismo com as duas.

SANTA ISABEL A PRINCESA



Uma data muito bela, que é grata ao coração de todos os brasileiros, e recorda um dos episódios mais

emocionantes de nossa História é a abolição da escravatura em terras livres do Brasil.

E não podemos deixar de recordar, então, a Princesa Isabel, a redentora, que foi, indiscutivelmente, a figura mais impressionante desse mesmo episódio. O ato de 13 de maio, pode-se dizer que assinalou o ponto de partida de uma nova era para o Brasil, que desde então só contou, para seu desenvolvimento, com o trabalho livre, e não mais, como antes, com o trabalho escravo, inferior por natureza, forçado, em vez de espontâneo; cruel, em vez de salutar.

Muitos brasileiros trabalharam, lutaram, sacrificaram-se pela campanha abolicionista, mas o nome da Princesa Imperial Regente D. Isabel de Orleans e Bragança, filha do augusto Imperador D. Pedro II, avulta dentre todos, pois parece ter sido desígnio todo especial de Deus que fosse a mão feminina a que seguraria a pena com que se assinaria a Lei que extinguiria a escravidão.

Por isso os descendentes de escravos a têm como uma das padroeiras de seus grupos religiosos e a consideram santa.

SANTA ISABEL DE HUNGRIA A RELIGIOSA



“Noiva aos quatroa nos, casada aos catorze, mãe aos quinze e viúva aos vinte, Isabel, princesa da Hungria e duquesa da Turíngia, encerrou sua vida terrena aos vinte e quatro anos, a 17 de novembro de 1231. Quatro anos depois o papa Gregório IX a elevava às honras dos altares. Vista assim, em rápida sucessão, as etapas de sua vida têm a cor de fábula, mas se olharmos para além do quadro oleográfico desta jovem santa, aí descobriremos autênticas maravilhas da graça e da

virtude.

Seu pai, o rei André II da Hungria, primo do imperador da Alemanha, a havia prometido para esposa de Luís, dos duques da Turíngia, de apenas 11 anos; nove anos depois foram celebradas as núpcias, e embora tivesse sido um casamento decidido pelos pais, foi um matrimônio de amor e um feliz entrosamento entre a ascese cristã e a felicidade humana, entre o diadema real e a auréola da santidade. A jovem duquesa suscitou a animosidade da sogra e da cunhada por não querer ir à Igreja adornada com os preciosos atavios da sua casta: “Como poderia - disse candidamente - usar uma coroa tão preciosa diante de um rei coroado de espinhos?” Somente o marido, ternamente enamorado por ela, quis mostrar-se digno de uma criatura tão linda de rosto e de alma e tomou por brasão na sua divisa três palavras e também imprimiram concretamente o programa de sua vida pública: “piedade, pureza e justiça”.

Cresceram juntos na emulação recíproca, confortados e sustentados pela devoção; seu amor e a felicidade que dele derivara era um dom sacramental. Confidenciava a jovem duquesa à doméstica e amiga Isentrude: “Se eu amo de tal modo uma criatura mortal, como deveria

amar ao Senhor imortal, dono da minha alma?”

Aos quinze anos Isabel teve seu primeiro filho aos 17 uma menina e aos vinte, outra menina, quando já fazia três semanas que tinha perdido o marido, morto durante a cruzada à qual havia aderido com entusiasmo juvenil. Nessa oportunidade Isabel tinha dado o seu contributo, privando-se de tudo o que possuía para construir um hospital em Marburg, em honra de São Francisco, seu contemporâneo. Ficando viúva, desencadearam-se contra ela os maus rumores dos cunhados, que não suportavam sua generosidade para com os pobres. Separaram-na dos filhos e expulsaram-na do castelo de Wartemburg. Então, pôde viver o pelo ideal franciscano de pobreza, entrando na ordem terceira, para dedicar-se em absoluta obediência às diretivas de um rígido e intransigente confessor e às atividades assistenciais.”(3)

1 e 3: “Um Santo de cada dia”, de Mário Sgarbossa e Luigi Giovannini, tradução de Onofre J. Ribeiro, 5ª edição, 1983, Edições Paulinas, São Paulo - SP.

2: Folheto - Igreja de Santa Ifigênia - São Paulo - SP.

Audite Voces Suplicum

Este trabalho representa o resultado dos estudos realizados sobre os grupos folclóricos dos Quartéis de São Benedito de Olímpia, nos quais grande parte da música conserva a forma tradicional, como receberam de seus ancestrais. Por isso, nossa atenção principal recaiu sobre a música, a verdadeira arte que produz a eficácia requerida pelos referidos grupos.

A música contribui para o esplendor do ritual, aumenta o entusiasmo dos devotos e os excitam a receber os frutos da graça de seus padroeiros. É cultivada com amor pelo gosto que ela produz diretamente, não só o canto e a música religiosa, mas também a profana que admite nas composições e improvisos o caráter específico da região.

Contudo, os textos não ficaram escritos para cada grupo. Somente na

memória dos mais velhos que os transferiram aos mais novos. Apoiando-se na música, improvisam letras para qualquer momento do ritual. Há, ainda, a liberdade de adaptação de músicas populares, sobretudo a conhecida por música caipira. A isto chamamos folclorização. Todavia, estas passam a ser música de coro, mas o grupo não exclui o solo. O solo não predomina, é, antes, um simples aceno melódico.

Em face disto, recolhemos todas as toadas do Moçambique, da Congada e da Folia de São Benedito, em Olímpia, a fim de que todos os interessados possam conhecer o acervo musical cantado por tais grupos e realizarem o aproveitamento que lhes convier: peças para coral, teatro, escola e também para serem interpretadas por cantores populares, adaptadas, é claro.

Primeiro Quartel

Terno de Moçambique "São Benedito"

Moçambique (Maçambique ou Miçambique) é um grupo folclórico de homens e mulheres, brancos e pretos, sendo estes predominantes.

O moçambique "São Benedito" de Olímpia se distingue dos demais grupos paulistas. Enquanto estes são autônomos, com manejo de bastões, o de Olímpia é **sem manejo de bastões**, semelhante aos grupos de congada de desfile. Não tem enredo, é, antes, um simples bailado. Bailam e cantam em louvor a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e Santa Isabel (a princesa libertadora).

Os dançadores trajam saias compridas, bem ramadas ou lisas, e camisas de cor lisa, muito viva. É indispensável o uso de colares, brincos e pinturas. Usam também um turbante (fez) à moda africana. Dançam descalços, com exceção do Rei e da Rainha, com os pés bem espalmados, pois a coreografia reclama sustância nas canelas. O moçambiqueiro dança meio curvado. Às vezes chega a agachar-se. O Alferes não dança. Abaixo de São Benedito, segundo a hierarquia, estão o Rei (representado pelo mais velho), a Rainha, o Primeiro Capitão, o Segundo Capitão, dois Generais e o Alferes (portador do estandarte no qual está representado São Benedito) e o Sentinela (vigia do estandarte que leva consigo uma espada).

O Primeiro Capitão traja-se um pouco diferente dos demais componentes do grupo. É o violeiro, cantador, dono do apito e do cetro (símbolo de poder, o



O Capitão Adelis Paula dos Santos

emblema do mando) ricamente enfeitado. Os Generais zelam pela ordem do grupo e conduzem um cetro menor, enfeitado com flores e fitas.

Todos os integrantes do Moçambique, menos o Rei, a Rainha e o Alferes, amarram nas pernas, por baixo da saia, pequenos instrumentos feitos de latinha de massa de tomate, contendo chumbo até o meio, que são presos por uma correia e fivela. Quando os moçambiqueiros andam ou dançam, as latinhas produzem barulho característico. São dois instrumentos para cada perna. Dão-lhes o nome de gun-gas, chocalhos ou conguinhos e

servem para dar som de destaque às danças.

Ainda curioso é ressaltar, no grupo, a presença de um figurante especial, o Escravo, que no desempenho de seu papel, carrega um lenço branco na mão, para limpar as lágrimas e acenar a despedida. Faz lembranças remotas, sentindo-se preso a uma sombra do passado. Fumegando ofegante o seu pito de barro, de canudo comprido, canta, grita e dança, como ébrio de prazer, agitando-se todo em arremessos de vida, como se deu ao anoitecer do memorável 13 de maio de 1888. De repente, no rumor que o atorda, numa loucura sem par, ao

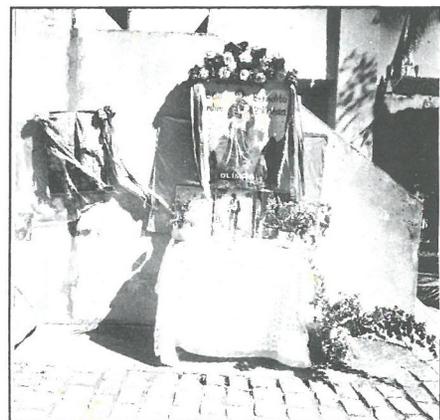
som dos cantos, dos roncões dos instrumentos, sente uma nostalgia profunda e não conseguindo abafar a cadência monótona da toada, repete em desespero, quase em fúria, esta cena: Ai, ai, ai, meu Deus, tenha piedade de mim! Pára, pára, não me bata mais! Ai, ai, ai! Ó meu Deus, tem dó! Quanto sofrimento, minha Nossa Senhora! Me livra do cativo! E dizendo estas frases, cai-lhe o pito da boca, enquanto ele cai no chão, remexendo-se todo e gritando sentidos "ais". Nesse ponto, o primeiro capitão do grupo presta-lhe socorro, em nome de São Benedito, dá-lhe as mãos para ajudá-lo a levantar-se. Erguendo-se de pronto, agita-se todo em bamboleios sem graça, batendo com as mãos nas ancas, a cantar arrastado numa algaravia estrambótica, resumindo uma história longa e triste.

Não fugindo ao peso do substrato das crendices e superstições, este escravo tem por finalidade expulsar o quebranto e o mau-olhado que, por inveja, poderão ser "jogados" sobre o grupo. Por isto é-lhe dado o nome de feiticeiro ou macumbeiro. A benzedura mais comum consiste numa reza que é feita silenciosamente. Dança, descalço, como os soldados do Moçambique e o traje só se difere pelo uso de um paletó preto, esfarrapado, calças comuns (ou saia longa), e um cachimbo. Protege os dançadores contra todos os perigos. Os demais elementos são chamados de Soldados e empunham bandeirolas de cores diversas.

O conjunto instrumental é formado por viola, violão, cavaquinho, rabeca, chocalho grande, gungas, "pandangone" (lata redonda com chumbo), bumba e



Bandeira



Altar



Macumbeiro

pandeiro.

No dia da festa maior do Terno de Moçambique, há uma série de dramatizações no ritual e, entre elas, o casamento de São Benedito com Santo Ifigênia. Para a encenação, uma moça de cor negra faz o papel de Santa Ifigênia e um moço, o de São Benedito. Os rapazes, soldados do grupo, dançando ao som dos instrumentos musicais, cada um de per si, chegam até Ifigênia e a convidam ao casamento e esta recusa o convite de todos, aceitando-o, porém, quando formulado por Benedito, que pelo preceito eclesiástico, morrera solteiro. O casamento é real para os moçambiqueiros, mas incoerente com o celibato instituído



Bandeireira e Sentinela



Instrumentistas

BIbliOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Formado de Barros Fuxquin
pela Igreja.

No momento de brincadeiras, recitam quadrinhas decoradas ou de improviso, de assunto chistoso ou escarecedor.

Das músicas entoadas, algumas têm muito sabor africano e versam sobre religião, defesa, insulto e divertimento. São chamadas cantigas, cantos, pontos ou toadas.

A residência do Primeiro Capitão, local onde são guardados a bandeira, os instrumentos e uniformes do grupo, como já foi dito, dá-se o nome de Quar-

tel.

De 6 a 13 de maio, reza-se a novena de São Benedito durante a noite, visitando a casa dos integrantes do grupo.

Numa procissão em louvor a São Benedito, em que se juntam os grupos dos Quartéis, o Terno de Moçambique, obrigatoriamente ocupa o primeiro lugar no cortejo.

No dia 13 de maio, há o encerramento da novena, no Quartel, residência do primeiro capitão - o festeiro, com a celebração do terço. Muitas danças. Nesse dia é servido um jantar ao grupo. Aos convidados é servido churrasco com farofa e mandioca cozida, sucos, refrigerantes, café e doce em pedaços.

A dança trazida há cerca de quatro décadas por migrantes mineiros, é dançada em todo o 13 de maio, no Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia.

De ano para ano, o grupo sofre pequenas modificações no ritual, mas não podemos contestar que o fato folclórico esteja sempre em mudança. A mutabilidade se prende ao fato de que ele está intimamente ligado com a cultura, da qual não é apenas veículo, mas parte integrante. Ora, toda a cultura é passível de transformações, o que, necessariamente, acarreta mudanças no grupo.

O Capitão Adelis Paula dos Santos, convicto, nos relata como apareceu o Moçambique: "A dança do Moçambique foi criada por São Benedito, que era preto, filho de escravos. Não sabia lê, nem escrevê. Foi cozinheiro, mas foi um grande religioso. Era chefe de um convento de padre.

Quando os negros foi forriado, ele apareceu e se reuniu com



Rei e Rainha



Gungas



Generais



Casamento: Benedito e Ifigênia

uma porção de libertos, cada um bateno numa lata, panela e banquinho de coro e saiu pelo meio das ruas cantano e dançano descalço. Louvava Nossa Senhora do Rosário que era a protetora dos escravos e também Santa Isabel que foi quem assinou a libertação. Foi assim que nasceu a dança do Moçambique. Moçambique é uma dança sagrada. Pode dançar home, muié e até criança. Quando alguém tem algum problema é só fazer promessa de dançar pra São Benedito no grupo de Moçambique, que fica curado. Mas não é só fazer a promessa, tem que cumprir de verdade."

Maria de Lourdes Borges Ribeiro, considerada uma das principais estudiosas do Mo-



Grande Roda

çambique no Brasil, nos declara: "As características apresentadas compõem o perfil do Moçambique sem bastão, cujos signos e símbolos ainda não estão suficientemente decodificados para conhecimento, avaliação e interpretação deste ritual e sua função no complexo cultural em que se realiza."

Músicas do Terno de Moçambique "São Benedito"

Nosso propósito, ao publicarmos as toadas do Moçambique, é trazer modestas achegas ao estudo da música folclórica.

PONTOS RELIGIOSOS

CHEGADA

(Cantam parados, diante do altar ou da casa visitada)

RECITADO

SÃO BE - NE - DI - TO CHE - GÔ PRA - BEN - CO - A QUEM TEM

FÉ PRO - TE - GEN - DO OS DE - VO - TO

PRA - BEN - CO - A QUEM TEM FÉ Ô Ô Ô Ô Ô

Ô Ô Ô Ô Ô UÊ, UÊ, UÊ A - BEN - CO - AN - DO SE -

PO - VO Ô Ô Ô Ô UÊ, UÊ, UÊ

RALL

São Benedito chegou
Pra abençoá quem tem fé,
Protegendo os devoto
Pra abençoá quem tem fé.

Ô, ô, ô, ô, ô, ô,
Ô, ô, ô, ô, uê, uê, uê!
Abençoando seu povo,
Ô, ô, ô, ô, uê, uê, uê!

EU VI O SOL E A LUA

ALEGRO

EU VI O SOL VI A LU - A CLA - RE - A

MO - CAM - BI - QUE - NOS JUN - TOS A RE - ZÁ

Eu vi o Sol,
Vi a Lua clareá,
Moçambiqueros
Juntos a rezá.

TREZE DE MAIO

ALEGRETO

TRE - ZE DE MA - IO É UM DI - A MUI - TO BO -

NI - TO FES - TE - JAI TRE - ZE DE MA - IO DI - A

DE SÃO BE - NE - DI - TO AI

TRE - ZE DE

Treze de maio
É um dia muito bonito,
Festejai treze de maio
Dia de São Benedito, ai, ai.

Vê a rainha
Com a bandera na mão,
Alegrando a nação
Foi quem deu libertação, ai, ai.

A PONTE TREMEU

ALEGRETO

MO - CAM - BI - QUE LÁ NA PON - TE A PON - TE TRE -

MEU, MO - CAM - BI - QUE CHE - GA EM CA - SA MEU CO - RA - ÇÃO DO -

EU AI AI

Moçambique lá na ponte
A ponte tremeu,
Moçambique chega em casa,
Meu coração doeu, ai, ai.

SÃO BENEDITO COZINHEIRO

ALEGRETO

(RITMO DA VIOLA) SÃO BE - NE - DI - TO NA

VI - DA JÁ FEI UM CO - ZI - NHE - RO NO

REI - NA - DO DE JE - SUS E LEI UM SAN - TO PA - DRO -

E - RO (RITMO DA VIOLA) SÃO

São Benedito na vida
Já foi cozinheiro,
No reinado de Jesus,
Ele é um santo padroero.

SINHÁ, SINHÔ

ALEGRO

SI - NHÁ SI - NHÔ SI - NHÔ SI - NHÁ SI - NHÁ

Sinhá, sinhô
Sinhô, sinhá.

VI JOSÉ E MARIA

ALEGRO

EU VI JO - SÉ EU VI MA - RI - A EU VI TRO -

PÉ DE CA - VA - LA - RIA EU VI JO - RI - A

Eu vi José,
Eu vi Maria,
Eu vi tropé
De cavalaria.

SÃO BENEDITO MANDOU ME CHAMAR

ALEGRO

SÃO BE - NE - DI - TO MAN - DÔ ME CHA - MÁ SÃO BE - NE -

DI - TO MAN - DÔ ME CHA - MÁ MAS EU SÔ MO - CAM - BI -

QUE - RO DO RIO DE JA - NE - RO MAS EU SÔ MO - CAM - BI -

QUE - RO DO RIO DE JA - NE - RO

São Benedito
Mandô me chamá, (bis)

Mas eu sô moçambiquero
Do Rio de Janero. (bis)

SENHORA DO ROSÁRIO

ANDANTINO

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO É PRATA SÓ É PRATA SÓ
SÓ, NOSSA SENHORA SÓ

Nossa Senhora do Rosário
É prata só, é prata só.

PONTOS DE DEFESA

ME DÁ LICENÇA

ALEGRO

ME DÁ LICENÇA QUE EU QUERO PASSÁ
EIÊ, EIÁ!
ME DÁ LICENÇA QUE EU QUERO PASSÁ
MEU SÃO BENEDITO VEIO ABENÇOÁ
EIÊ, EIÁ!
MEU SÃO BENEDITO VEIO ABENÇOÁ

Me dá licença
Que eu quero passá
Eiê, eiá!
Me dá licença
Que eu quero passá.
Meu São Benedito
Veio abençoá
Eiê, eiá!
Meu São Benedito
Veio abençoá.

QUE LUA BONITA

ALEGRO

QUE LUA BONITA QUE LUA LUÁ OS MOÇAMBIQUEROS
VÃO TRABALHÁ QUE VÃO TRABALHÁ

Que lua bonita,
Que lua, luá,
Os moçambiquero
Já vão trabaiaá.

Nós vamos pra rua,
Nós vamo-s'embora,
Nós vamo com Deus
E Nossa Senhora.

VAMOS VIAJAR

LENTAMENTE

EH AH OH OH EH AH COM SÃO BE-NE-
DI-TO YA-MO-VI-A-JÁ COM SÃO BE-NE-DI-TO YA-
MO-VI-A-JÁ

Eh, ah, oh,
Oh, eh, ah,
Com São Benedito
Vamo viajá. (bis)

Eh, ah, oh,
Oh, eh, ah,
A estrada é firme,
Nós pode passá. (bis)

Eh, ah, oh,
Oh, eh, ah,
Virge do Rosário
Vai acompanhá. (bis)

Eh, ah, oh,
Oh, eh, ah,
Santa Ifigênia
É quem vai guiá. (bis)

Eh, ah, oh,
Oh, eh, ah,
Nada de mal
Vai atrapaiaá. (bis)

Eh, ah, oh,
Oh, eh, ah,
Eh, eh, ah, oh,
Oh, oh, eh, ah, ah. (bis)

PONTO DE INSULTO

ALEGRO

MOÇAMBIQUE RO É DEVOTO NÃO BEBE ÁGUA PARADA
QUEM MEXE COM MARIMBONDO VAI LEVÁ UMA FERROADA

Moçambiquero é devoto,
Não bebe água parada,
Quem mexe com marimbondo
Vai levá uma ferroada.

Não mexe com moçambique
Seu cachimbo vai quebrá,
Quem num pode cum mandinga
Num carrega patuá.

QUEM MANDOU?

ALEGRETO

QUEM MANDÔ QUEM MANDÔ CANTINHA NA HORTA PANHÁ FULÔ
NOR-TA PA-NHÁ FU-LÔ QUEM MANDÔ

Quem mandô, quem mandô,
Candinha na horta panhá fulô. (bis)

Não vô lá, não vô lá,
Cidade grande eu vim visitá. (bis)

A ROUPA DESBOTOU

ALEGRO

A ROPA DESBOTOU EM CIMA DO QUA-RA-DÔ A ROPA
PA-E-NA TÃO LINDA MAS A ROPA DESBOTOU
NOR-TE DE-RE-NO ME FEZ MA-E-MA

A roupa desbotô
Em cima do quaradô
A roupa era tão linda,
Mas a roupa desbotô.
Ê, ê, ê, á
Andá de noite
Serenome fez má.

NÃO VEM NÃO, MEU BEM

ALEGRO

AI NÃO VEM NÃO, MEU BEM QUE LÁ TEM LA - DE RA - O - CÊ ES - COR -
RE - BA E CAI QUE - BRA - O GA - IO GA RO - SE - RA AI NÃO VEM

Ai, não vem não, meu bem
Que lá tem ladera,
Ocê escorrega e cai,
Quebra o gaio da rosera.

Pra cantá um desafio
Precisa sê rimadô
Pra conquistá os seus óio,
Zóio preto, matadô.

TREPEI NA ROSEIRA

VIVO

TRE - PEI NA RO - SE - RA QUE - BREI UM GAI - O TAI -
PEI NA RO - SE - RA QUE - BREI UM GAI - O SE - GU - RA MO - RE - NA SE -
NÃO EU CAI - O / SE - GU - RA MO - RE - NA SE - NÃO EU CAI - O -

Trepei na roseira
Quebrei um gaio,
Segura, morena, (bis)
Senão eu caio.

AI, MORENINHA

VIVO

AI MO - RE - NI - NHA MO - RE - NI - NHA MEUS A - MÔ NOS CA -
CHO DOS TEUS CA - BE - LO COR - RE Á - SUA E NAS - CE FLÔ.

Ai, moreninha,
Moreninha, meus amô
Nos cacho dos teus cabelo
Corre água e nasce flô. (bis)

DEM CÁ, MEU BEM

ALEGRO

DEM CÁ, DEM CÁ, MEU BEM DEM CÁ MEU CO - RA - CÃO, POIS
EU TE QUÊ - RO GÁ MAIS QUÊ - TRO DE - LIS - CÃO DEM

Vem cá, vem cá, meu bem,
Vem cá, meu coração,
Pois eu te quero dá
Mais otro beliscão.

TEMPINHO BOM

ALEGRO

TEM - PI - NHO BÃO PAS - SA DE RE - PEN - TE TRA - ZE - NO A SAU -
DA - DE CA - BA - MO QUÊ GEN - TE

Tempinho bom
Passa de repente,
Trazeno a saudade,
Cabano co'a gente.

MOÇA BONITA

ALEGRO

MO - ÇA BO - NI - TA DE REN - DA DE BI - CQ, DI PA - NHA LA
RAN - JA DO CHÃO TI - CO TI - CO MO - ÇA BO TI - CO PA - NHA LA
RAN - JA DO CHÃO TI - CO TI - CO SE - MEU A MÔ FÔ S'EM BO - RA EU NUM
FI - CO PA - NHA LA

Moça bonita de renda de bico, oi
Panha laranja do chão, tico-tico.
Panha laranja do chão, tico-tico,
Se meu amô fô-s'embora, eu num fico.

Panha laranja do chão, tico-tico
Oi, panha laranja...(várias vezes)

LARANJA BONITA

ALEGRO

LA - RAN - JA BO - NI - TA QUE O GUA - XO CO - MEU, PA - NI - NHA BO -
NI - TA, QUEM LE - VA SOU EU LA - RAN - JA BO - EU

Laranja bonita
Que o guaxo comeu,
Rainha bonita.
Quem leva sou eu.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Figueira

OS PEIXINHOS DO MAR

ALEGRO

QUEM TE EN - SI - NÔ A NA - DÁ, QUEM TE EN - SI - NÔ A NA
DÁ? FOI, FOI, MA - RI - NHE - RO FOI OS PEI - XI - NHO DO
MAR. MAR. EI, NÓS QUE VI - E MO DO TRAS
TER - RA, DO - TRO MAR MAR TE - MO POR - VA CHUM - BO E
BA - LA NÓS QUE - RE - MÔ É QUÊ - RE - Á TE - BO - A

Refrão

Quem te ensinô a nadá,
Quem te ensinô a nadá? (bis)
- Foi, foi, marinheiro,
Foi os pexinho do mar! (bis)

Ei, nós que viemo
Dotras terra, dotro mar, (bis)
Temo porva, chumbo e bala
Nós queremos é guerrea. (bis)

Refrão

O NEGRO DE ANGOLA

ALEGRO

O - LÊ! QU'EM - BAR - CA É O NE - GO QUE YEM DE, AN -
 GO - LA PU - UÃO - DO NO SEU CA - CHIM - BO TO -
 CAR - DO BU - A VI - O - LA

Estrilho

- Olê! qu'embarca?
 - É o nego que vem de Angola,
 Fumando no seu cachimbo,
 Tocando sua viola.

1 - O nego foi na caçada
 Co'a espingarda sem vareta,
 Atirô num urubu,
 Pensando que era o capeta.

Estrilho

2 - Não me chame de nego preto,
 Que eu sô neguinho dengoso,
 Pimenta-do-reno é preta,
 Mas faz um papá gostoso.

Estrilho

3 - Não me chame de nego feio
 Que eu sô nego de valô,
 Com a tinta preta escreve
 A cartinha do amô.

Estrilho

NO TEMPO DO CATIVEIRO

VIVO

SA - IU CA ZI - TRO - PA PR'O RIO DE JA - NE - RO SA
 IU CA ZI - TRO - PA PR'O RIO DE JA - NE - RO SA - IU CA ZI - TRO PA PRA
 SA - NHA DI - RHE - RO SA - IU CA ZI - TRO - PA PRA QA - NHA DI - RHE - RO

1 - Saiu c'a zitropa
 Pr'o Rio de Janero, (bis)
 Saiu c'a zitropa
 Pra ganhá dinheiro. (bis)
 2 - Chegô no zirranho
 Zinego ranchô, (bis)
 Moça bonitinha
 Logo me chamô. (bis)

3 - Ieu num fice conta,
 Ieu num fice caso, (bis)
 Daí bocadinho
 Chegô zidelegado. (bis)

4 - Meu Deso do céu
 Que diabo é isso, (bis)
 Isso é o diabo,
 Sinhô precipício. (bis)

5 - Foi no ziborná
 Tirô meu dinheiro, (bis)
 Mas mode i pra lá,
 Ieu foi bem digero. (bis)

6 - Chegô ni ziscada
 Era deu a mão, (bis)
 Ieu subi pra riba
 Dento de sarão. (bis)

7 - Chegô ni sarão
 Zinego prantô, (bis)
 Era puxô cadera,
 Zinego sentô. (bis)

8 - Aí era vortô
 Com seu caxiné,
 Dento de zixicra
 Me troce café. (bis)

9 - Dento de zixicra
 Me troce café, (bis)
 Me chamô pr'o quarto
 Pra lavá zipé. (bis)

10- Entrô pr'o ziquarto
 Pra dá lava-pé, (bis)
 Pertinho de cama
 Tinha fogaré. (bis)

11- Pertinho de cama
 Tinha fogarero, (bis)
 De todos os canto
 Respondia chero. (bis)

12- Cochão de rendado,
 Lençô de verudo, (bis)
 Ieu deitô ni cama
 E ficô sisudo. (bis)

13- Foi de madrugada
 Chamô zimucama, (bis)
 Café, chicolate,
 Pra nego ni cama. (bis)

14- Sinhô pai João
 Ieu vai te dizê: (bis)
 Vai bem ziscondido
 Pra ninguém te vê. (bis)

15- Zimoça bonita,
 Domingo que vem (bis)
 Te dá um pataca,
 Te dá um vintém. (bis)

ADEUS

(Ao sair de uma visitaçã)

ALEGRO

A - DEUS, MEUS IR - MÃO - QUE JÁ VA MO - EM - BO - RA VÓS
 FI - QUE COM DEUS - E NOS - SA SE - NHO - RA VÓS FI - QUE COM DEUS E
 NOS - SA SE - NHO - RA

Adeus, meus irmão
 Que já vamo embora,
 Vós fique com Deus
 E Nossa Senhora. (bis)

Adeus, meus irmão
 Que já vamo embora,
 Nós vamo com Deus
 E Nossa Senhora.

FIM DA DANÇA

(última música)

Com a mesma música de Que Lua Bonita

Nós vamo pra casa,

Nós vamo-s' embora,
Cês fica com Deus
E Nossa Senhora.
(Diversas vezes, cantando e dançando ao mesmo tempo)

Ele é um só Deus,
Peço uma estrela
Glória em sempre
Para sempre, amém! Ai!

MÚSICAS DO TERÇO

INÍCIO

VIRGEM DO ROSÁRIO

VIR - GEN DO RO - SA - RIO - COMO ÉS
 LIN - DA FLOR CE - LES - TE HAR - MO -
 NI - A SO - BE - RA - MO A - MOR
 MAN - DA EM NOS - SOR LA - RES -
 AS BÊN - ÇÃOS DE DEUS RA - I -
 NHA FOR - MO - SA DA TER - RA E DOS
 CÉUS RA - CÉUS

- 1 - Virgem do Rosário
Como és linda flor,
Celeste harmonia
Soberano amor
Manda em nossos lares
As bênçãos de Deus
Rainha formosa,
Da terra e dos céus. (bis)
- 2 - Em risos encobres,
Maria os seus dons,
Tesouro dos pobres
Riqueza dos bons
Manda sobre nós
As bênçãos de Deus,
Rainha formosa,
Da terra e dos céus. (bis)

DEPOIS DE CADA MISTÉRIO

GLÓRIA AO PADRE

GLÓ - RIA SE - JA AO PA - DRE GLÓ - RIA SE - JA AO FI -
 LHO GLÓ - RIA ES - PÍ - RI - TO SAN - TO SEU A - MOR TAM -
 BÉM AI E - LE É UM SÓ DEUS PE - QU - I - MA -
 TRIA GLÓ - RIA EM SEM - PRE PA - RA SEM - PRE A
 MÉM

Glória seja ao Padre,
Glória seja ao Filho,
Glória ao Espírito Santo
Seu amor também, ai...

AS DÉCIMAS

Durante a apresentação da dança, mais precisamente à hora de se divertirem, após terem cumprido a promessa, no rumor incessante da música, de vivas, de salvas, da vozeria infrene dos moçambiqueiros entregues à alegria relativa de um dia de festa, há oportunidade para cada um do grupo, espontaneamente recitar uma décima (quadri- nha), improvisada ou tradicional, recebida com gargalhadas alegres dos espectadores. Recolhemos algumas delas, que fortificam o espírito de amizade dos dançadores.

Quem muito fala, muito erra
É fácil de compreendê,
Assim para não errá
É mió nada dizê.

Lá em cima daquele morro
Tem um pé de pimentão,
Minha avó passô correno,
Quebrô a ponta do dedão.

Joguei meu chapéu pra cima
Pra vê onde ele caía,
Caiu no colo das véia,
Cruz credo, Ave-maria!

Eu não vô na sua casa
Pra você não i na minha,
Ocê tem a boca grande,
Vai comê minhas galinha.

Chique-chique é pau de espinho
Imburana é pau de abeia,
Carça é ropa de home,
Remédio de nego é peia.

Não quero moça daqui,
Quero só moça de fora,
Pois aqui tem um neguinho
Quantas vê, quantas namora.

Fui passá numa pinguela,
Chinelo caiu do pé,
Os peixim arrespondero:
Que cheirinho de chulé.

Quem quisé me dá um cravo,
Tem que sê inda em botão,
Que depois do cravo aberto
Quarquê bobo traz na mão.

Onte eu te amava tanto
Como rosa na roseira,
Hoje eu te odeio tanto
Como burro na cocheira.

Os mocinho de hoje em dia
Veste carça pra sê home,
Pra robá fia dos otro
E dexá morrê de fome.

Tenho um vestido branco,
Com vinte e cinco babado,
Toda vez que visto ele,
Eu arranjo namorado.

Baxa, baxa, limoero,
Eu quero sentá no gaio,
E dizê para as sortera
Não dá bola pr'os casado.

Moça de vestido branco,
Enfeitado de xadrez
Ou me ama com firmeza
Ou me larga duma vez.

Baxa, baxa, limoero,
Eu quero panhá limão
Eu quero tirá uma nódia
Que trago no coração.

O que é que ocê tem
Que tá todo jururu?
Parece galinha choca,
Pinicada de urubu.

Seus óio são dois farol,
Sua boca, uma buzina,
Sua barriga parece
Um tambor de gasolina.

Eu tive uma doença,
Quando alembro, acho graça,
Saí pra comprá remédio,
Eu errei comprei cachaça.

No arto daquela serra
Tem parmito e tem coquero,
Quem quisé casá c'as moça,
Fecha as véia no chiquero.

Eu já fui na sua casa
E já vi o que ela é,
A fartura que dá nela
É purga e bicho de pé.

Esta vai por despedida,

Por despedida esta vai:
Tua mãe morreu sem dente
De tanto mordê meu pai.

Ó que pinhero tão alto
Com uma pinha no meio,
Ai, que menina tão linda,
Fia de um home tão feio.

Você diz que eu sô feio,
Quero vê sua formosura,
Cara de feião quemado,
Temperado com gordura.

Avuô um passarim
Pra dizê pr'o meu amô
Que eu era tão traçoero
Como o espinho da frô.

Eu vinha pelo camim
Uma cobra me mordeu,
Meu veneno era tão forte
Foi a cobra que morreu.

Se a saudade matasse
Como faz emagrecê,
Eu já teria morrido,
Por saudade de você.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a flor que nasceu onte!
Agora vô dá um viva
Pr'as moça que tá defronte.

E assim, cada um, livremente, se diverte sorrindo, falando do passado, das perspectivas do futuro, das dúvidas do presente e do imprevisito sempre obscuro a ensombrar as almas que sonham.

O Capitão Adelis Paula dos Santos, gerente do Terno de Moçambique "São Benedito", nasceu em Engenheiro Schmidt - SP, mas desde criança reside em Olímpia. Seu avô paterno, Antônio Pedro dos Santos, mineiro de Cássia, era moçambiqueiro e Adelis empenhou todos os seus esforços e receber a maior soma de informações sobre o Maçambique e organizar um grupo. E o avô não lhe negou a orientação necessária. Aos 17 anos de idade, criou o Terno de Moçambique juntamente com Narciso, seu irmão, e mais de 5 anos o manteve à sua custa. A partir de 1974, o grupo tem merecido a atenção da administração municipal que vem cuidando da cultura folclórica com mais interesse e dedicação patriótica.

Capitão Adelis, coadjuvado por sua dedicada esposa, Lindaura, e graças ao espírito religioso de seu pai e de seus filhos, mantém, ainda, os grupos Folia de Reis e Recomendadores das Almas.

leR Segundo Quartel

Terno de Congada "Chapéu de Fitas"

Congada é um grupo folclórico de homens, mulheres e crianças. O grupo é conhecido por muitos nomes: Congada, Congado, Congo, Batalhão de Congada. O grupo de Olímpia registrou seu nome como Terno de Congada "Chapéu de Fitas", mas é muito mais conhecido por Congada do Capitão Zé Ferreira. Esse grupo é Congada como cortejo, não tem embaixadas. Somente a parte instrumental e cantada. É divergente das demais congadas paulistas.

José Francisco Ferreira, seu nome de nascimento, nasceu numa família de congadeiros, no Estado de Minas Gerais. É descendente de escravos. Mudou-se para Olímpia em 1953 e casou-se com dona Edna Ferreira, também descendente de escravos e muito devota de São Benedito. Na família de D. Edna, a dança preferida era o Jongo. Zé Ferreira e Edna tocavam alguns instrumentos musicais. Depois de casados, passaram a celebrar um terço no dia 13 de maio e, lembrando a vida em família, realizavam, no quintal da casa, um pequeno grupo formado por parentes e amigos e dançavam a Congada. Não dispunham de roupas apropriadas, mas por devoção e divertimento, realizavam as danças: congada e jongo.

Quando se realizou o primeiro festival do folclore de Olímpia, Zé Ferreira procurou a Comissão Organizadora e solicitou apoio para que o grupo pudesse participar do evento. Nasceu, assim, uma congada de fama e esplendor pela originalidade.

O Capitão Zé Ferreira, residente no Jardim Santa Ifigênia, na Avenida do Folclore, é homem de muita retidão, de convicção religiosa. É católico e umbandista. Como dirigente do grupo é muito rigoroso e impõe uma disciplina severa aos congadeiros. Com entusiasmo, conta a todos que o entrevistam: "A Congada é um reinado religioso. A dança veio da África. A congada tem uma linha religiosa um pouco católica e outro pouco da Umbanda. O reinado é protegido por alguns orixás, por isso é que passô a sê um grupo muito querido pela gente de cor. Hoje ela faz parte do folclore brasileiro.

São Benedito é o cabeça do reinado do Congo. Esse reinado não é só de



Capitão José Ferreira

pretos, é dos homens brancos também. No Terno de Congada, o trono é de São Benedito. É de orde negra. Todos os congadero deve sê de cor preta. É o causo do Terno "Chapéu de Fitas", que por muito tempo só aceitava como dançador as pessoa de cor. Mas o tempo foi passando e as coisa foi mudando. Hoje, por amor ao próximo, eu pedi licença ao protetor São Benedito pra podê deixá dançá pessoas de cor branca, que têm vontade de sê congadero. Mas o racismo e preconceito ainda existe dentro da Congada. Devagarinho, esse preconceito no meu Terno de Congada está desaparecendo. Quarquê pessoa que quisé dançá Congada, tem o seu lugá. Basta sê devoto de São Benedito e segui as regra da Congada. Nós temo muitos santo padroero, mas os principal da Congada são São Benedito, Santa Ifigena, Nossa Senhora do Rosário e Santa Isabel. São Benedito em primeiro lugá. Ele é que deu força pr'os negro criá o Grupo de Congada no Brasil. Depois que a Santa Isabel libertô os escravo, no dia 13 de maio, apareceu a Congada alumida por

São Benedito.

Ele é santo muito milagroso. Tudo quanto a gente pede pra ele, consegue. É só tê fé. Mas niguém pode brincá co'ele. Não pode sê farso e nem zombá dele, porque senão a coisa muda. Nossa festa é no dia 13 de maio, mas se fô pra cumpri promessa, pode sê em quarqué dia. O Terno de Congada tem se apresentado em muitas cidades do Estado de São Paulo e de Minas. Já fomos em muitas escolas e até na televisão."

Não há número fixo de participantes. Geralmente se apresenta com setenta figurantes. Os trajes são preparados por uma única costureira. Há variados trajes: camisas de cetim fulgurante, de cores vivas, com predominância do azul celeste e calças de brim amarelo ou preto. No dia 13 de maio, a indumentária é especial: camisa branca de mangas compridas e calças de brim branco com friso azul ou vermelho. Na cintura uma larga faixa tricolor: vermelho, preta e amarela, transformadas, por decreto, nas cores oficiais do Município de Olímpia e se destacam como nota

viva no conjunto dos matizes em movimento, na prática de animada coreografia. Calçam congas brancas. Na cabeça, chapéu de palha, enfeitado com muitas fitas variegadas de cetim, compridas, encimado por um ramallete de sete flores (rosas) de papel crepom: amarela, azul turquesa, branca, marrom, rosa choque, roxa e vermelha, cada uma com o seu significado. O chapéu é ornado, na aba rebatida, com um espelhinho ovalado, com a finalidade de devolver algum mau-olhado que o adversário possa lançar sobre os dançadores. O primeiro Capitão usa sobre a camisa branca, uma túnica azul com botões e franjas douradas, as fitas do chapéu e as flores que o enfeitam são todas azuis. O segundo Capitão usa túnica vermelha, com enfeites dourados sendo as fitas e flores vermelhas. Ambos usam colares prateados, dourados e de contas coloridas (guias). Esses dois figurantes do grupo trajando-se de azul e vermelho, relembram, por influência das Cavalhadas, as cores dos brinquedos simulados entre cristãos e mouros.

O Rei, além do uniforme do grupo, tem uma capa de cetim azul às costas e uma coroa de lata, enfeitada com cravos de papel azul e vermelho e muitas fitas coloridas. Na mão, uma espada de madeira com fitinhas azuis e vermelhas.

A Rainha, de vestido longo com renda branca, com passamanes de seda vermelha, traz às costas uma capa de cetim rosa, coroa e espada semelhantes à do rei. Desfilam sob um pálio de cetim azul e vermelho com franjas da mesma cor, transportados por quatro príncipes e guardados por quatro generais.

Nos trajes entra o bom gosto da harmonização das cores. É rico o colorido da indumentária dos integrantes, que constitui em soberbo espetáculo cromático.

Para os principais figurantes, os apetrechos de ornamentação consistam de colares compridos, correntes prateadas e douradas com medalhas de santos e colares de contas de diversas cores, chamadas guias e uma faixa de pano amarelo atravessada no peito, indicando a sua função no Terno da Congada. As mulheres, além destes, usam broches, brincos e pinturas: ruge e batão.

A bandeira, guia sagrada da Congada, estampando São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia é transportada pelo Alferes



Bandeira



Levantamento dos mastros



Bandeireiro e Guardião (Pajem)



Rei e Rainha



Pálio: Rei, Rainha, Príncipes e Generais



1º e 2º Capitães

(porta-bandeira). Sem a bandeira, a Congada não realiza nenhuma das suas atividades. Ela é um símbolo de muita importância para os congadeiros.

Aparece também um figurante, chamado Meirinho, que ocupa o último lugar no grupo, podendo deslocar-se de um para outro lugar, a fim de manter a ordem e o alinhamento dos dançadores. Este, porta uma cruz de madeira, enfeitada de fitas, carregada na mão direita, levantada acima da cabeça.

Durante a apresentação do grupo, na festa cíclica, ou em desfile, não é permitida a passagem de nenhuma

pessoa entre os congadeiros. Se alguém se atrever a fazê-lo, é impedido pelos componentes, até mesmo pelos mais novos, que empurram o transeunte, pedindo-lhe respeito ao cortejo sagrado.

O grupo elege o Rei e a Rainha por votação secreta, de dois em dois anos, sempre no dia 13 de maio. Os componentes do grupo que não têm um posto determinado é chamado Vassalo ou Irmão de São Benedito. O grupo possui uma organização mais ou menos fixa e permanente. Tem música vocal e instrumental, quase sempre ensaiada com antecedência. O conjunto musical se com-

põe de uma viola paulista, um violão, um cavaquinho, uma sanfona, um maracaxá, uma meia-lua (tipo de chocalho), seis reco-recos, oito caixas grandes e dezesseis pandeiros. Nos couros das caixas grandes são desenhados signos de Salomão, cruzes ou o nome do grupo. Os instrumentos são enjaezados com flores e fitas de papel crepom de várias cores. A harmonia é o canto entoado em terças por instrumentistas com repetição de todo o grupo, inclusive de crianças que cantam bem por cima. A música vocal recebe o nome de canto ou toada, e tem sentido religioso e bucólico.

O Terno de Congada "Chapéu de Fitas" aproveita muitos pontos de Jongo e de modas durante a realização das grandes rodas.

Há muitos padroeiros da Congada do Zé Ferreira. São Benedito é o principal, como não poderia deixar de ser, uma vez que as pessoas de cor são as predominantes desse Congado. Vem, a seguir, Nossa Senhora do Rosário, Santo Elesbão, Santa Filomena, Santa Ifigênia, Santa Isabel, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, Santo Amaro e São João.

Quando em desfile, a Congada como cortejo sai às ruas na seguinte ordem: Primeiramente o Alferes conduzindo a bandeira, acompanhado de um Guardiã (ou Pajem), que transporta um estandarte com o nome do folguedo, a seguir o Rei e a Rainha com sua corte. Usam, na formação do séquito, duas fileiras de dançadores, intercalando-se, na frente, o 1º e 2º Capitães, em linha horizontal, dando a impressão de que o grupo seja constituído por quatro fileiras. O conjunto musical interpõe-se ao grupo. Fica mais ou menos ao centro. Todos cantam e dançam, com exceção do Alferes, que transporta o estandarte dos santos.

Diz o Capitão Zé Ferreira: "Quando a Congada faz o balanceado, segue os passos da dança de Xangô, na Umbanda; quando realiza o bailado, os passos são da dança de Ogum".

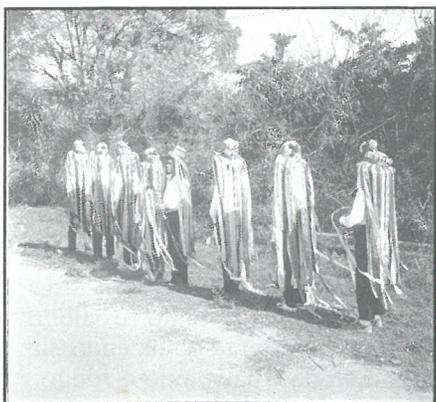
No dia 13 de maio, às 6 horas, espouca-se um foguete e uma caixa anuncia o início da festa. Rufam as demais caixas e retinam os metais dos pandeiros. Uma sanfona adere, com a grande variedade de sons agudos e baixos de suas palhetas. Começa a festa! Os componentes do numeroso grupo iniciam os cantos na porta do Quartel. Um por um,



Edna confeccionando os chapéus



Conjunto Musical



Uma fileira parada



Fotografia Geral



Bailado



Balanceado

todos beijam a bandeira e sobem três quarteirões da Avenida do Folclore, 677, do Jardim Santa Ifigênia. Dão meia-volta e pela mesma Avenida descem, voltando ao Quartel, residência do primeiro Capitão do Terno. As pancadas rítmicas das caixas ressoam pela encosta e chegam longe, enchendo a beirada da rua larga de curiosos. Os caixeiros são os que mais padecem. Com passos ágeis e sacudindo as baquetas, associam rufos entusiásticos. O sanfoneiro intercala sonoridades melódicas, coadjuvado pelos violonistas, violleiro e cavaquinista, ao ritmo da batucada, a que se associam o maracaxá, a meia-lua, os reco-recos e os pandeiros, agitados freneticamente. E quando atinge o Quartel, entoa o brado brando da liberdade - o canto

de gratidão - que exige poupança de fôlego. Faz uma pausa e, ao lado da casa, no espaço destinado às danças, são erguidos os mastros de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia. Antes dos mastros serem levantados, os integrantes da Congada beijam os quadros dos santos e lhes dirigem pedidos ou fazem promessas. Canta mais uma cantiga e, no Quartel, tomam o café matinal: café, leite com chocolate, bolo e pão com manteiga.

Ao toque do apito do Primeiro Capitão, junta-se, novamente, o grupo, e dançando, executa música vibrante, com a cadência marcada pelas caixas e se dirigem, a pé, para a Igreja de São Benedito, na Praça de São Benedito onde assiste à missa ritual, dela participando como ir-

mãos de São Benedito. Cantam diante do altar, ocupando quase toda a nave da igreja, fazendo do coração uma catedral de fé, solidarizando-se no infortúnio comum, alimentando a esperança de melhores dias. Terminada a missa retornam ao Quartel, onde é servido o Almoço de São Benedito aos congadeiros: arroz, feijão, macarronada, salada de tomate, carne cozida, frango e leitão assados, acompanhado de refrigerantes. Antes de se sentarem à mesa, rezam e dão vivas aos padroeiros, inclusive ao Rei Congo. Cabe aqui dizer que na cidade não há o Rei Congo mas, mesmo assim, é comum nas famílias, quando um menino se apresenta moleirão, deselegante no andar, este ouvir dos seus: Ande como o Rei Congo, menino!

Após o almoço, os dançadores descansam durante duas horas e, às 14 horas, saem em desfile para completar a visita prevista às casas, que teve início no dia 5 de maio, no período noturno. Às 18 horas voltam ao Quartel e, ao alcançarem o altar, soltam um canto de chegada, de música ligeira e alegre. Arriam os mastros.

A bandeira é colocada sobre o altar ricamente ornado. Muitos foguetes. Dá-se início ao terço popular, meio longo, com muita música, ladainha de Nossa Senhora, discursos e beijamento do altar. Terminado o terço, novo foguetório, e o grupo sai em procissão, a chamada Meia-volta, e se estaciona no pátio das danças. Dançam em honra aos padroeiros com manifestações da religiosidade popular, com respeito e alegria. Depois divertem-se, fazendo uma grande roda e dançando o Jongu.



Meia-Volta

Enquanto isso são distribuídos ao povo, em bandejas e cestos, sanduíche de carne moída, biscoito, bolo, rosca, café, chocolatada e doces secos. Não há bebida alcoólica e nem brincadeira dançante.

Desta forma, todos os anos se repete, com o mesmo entusiasmo e brilho, o Terno de Congada "Chapéu de Fitas", em Olímpia, a Capital do Folclore. José Ferreira, além de



Criança Congadeira



Altar

capitão da Congada, é embaixador de uma Folia de Reis e mestre de um grupo de Recomendadores das Almas.

O ritual da Bandeira

É muito solene o ritual de adoção de uma bandeira nova em substituição a outra inservível. O primeiro Capitão reúne o grupo e depois de tudo organizado, convida o Alferes a se posicionar, para a cerimônia de despedida ao estandarte já muito envelhecido. Fazem algumas evoluções à frente do Quartel, cantando músicas relativas à bandeira que, por muito tempo, foi guia do Terno de Congada. Depois, o Alferes se estaciona diante do altar e o primeiro Capitão pede licença e perdão aos santos nela estampados, para dar-lhe fim, isto é, incinerá-la. Um por um, com face entristecida, beija os padroeiros ali impressos, rezam um Pai-nosso e uma Ave-maria, coletivamente. Em seguida, o primeiro Capitão apanha o pano, sem os enfeites nem o suporte, e passa para as mãos do Rei da Congada, porque na cidade não há o Rei Congo, e este o embebe num pouco de álcool e o coloca numa vasilha virgem, geralmente de barro, e ata fogo. Daí, uma atitude a ser tomada, a critério do primeiro Capitão: a vasilha

(com as cinzas) poderá ser enterrada ali mesmo, em frente do Quartel, ou atirada em águas correntes.

Se em águas, é levada, em desfile, ao Córrego Olhos D'água. À hora que a enterram ou a atiram nas águas, todos fazem o Sinal da Cruz. Caso tenha sido jogada no córrego, o grupo volta, fora de ordem, ao Quartel, ou seja, não em fileiras organizadas, porque o grupo não está com sua guia, a bandeira.

Chegando ao Quartel, novamente é organizado o grupo. Cantam e dançam diante do altar. Em seguida, o primeiro Capitão, cantando sozinho, solicita aos padrinhos (um casal) que transportem a nova bandeira para as mãos do Rei e este a entrega ao Alferes. Os padrinhos a beijam. O Rei e o Alferes, ao recebê-la, beijam-na também. Novamente entoam melodias exultantes. Nas faces dos congadeiros surge uma alegria contagiante. O primeiro Capitão, em nome de São Benedito, convida o Rei da Congada para recitar a oração do benzimento. Nesta hora há o discurso do padrinho e o beijamento do estan-

darte por todos os congadeiros e pessoas presentes. Terminada a cerimônia do beijamento, o 1º Capitão sopra o apito e o conjunto toca uma toada muito emocionante, cantada por todos os elementos da Congada:

"Os Santos canta no céu
Canta com muita alegria,
Abençoano a bandera
Que será a nova guia.

Viva São Benedito! Viva Nossa Senhora do Rosário! Viva Santa Ifigena!" E outros vivas.

É um momento de agradável emoção. Com muito entusiasmo, a Congada realiza uma pequena viagem (desfile), cantando e dançando alegremente. Voltam novamente ao Quartel para guardá-la.

São cenas bonitas, de muita ordem, compenetração, respeito e, mais do que isto, de muito amor a São Benedito, principalmente.

Músicas do Terno de Congada "Chapéu de Fitas"

Este registro tem por finalidade apresentar aos interessados neste campo, um documento completo sobre a música da Congada do Capitão Zé Ferreira. Gravamos tudo o que ouvimos e registramos no papel, para que todos possam conhecer a música que vive no coração e domina a alma dos congadeiros de Olímpia.

É pena que esse grupo recebe apoio financeiro quase insignificante. É constituído por pessoas muito pobres. O apoio se faz necessário, para que os valores culturais do nosso povo sobreponham os apresentados pelos canais de televisão, geralmente vindos de povos estrangeiros.

CANTO DE CHEGADA

VIVO

Estribilho

A Congada chegô,
A Congada chegô, (bis)
É de São Benedito,
É de Nosso Sinhô. (bis)

1 - Viva São Benedito,
Viva Santa Ifigena, (bis)
Viva Nossa Senhora
E Santa Filomena. (bis)

Estribilho

2 - Viva Nossa Senhora,
Viva o Santo Rosário, (bis)
Viva meu padroero,
Viva meu Santo Amaro. (bis)

Estribilho

DO CÉU CAIU UMA ROSA

ANDANTINO

1 - Lá do céu caiu uma rosa,
Oi que rosa tão bonita,

Ai, ai, ai.
Vem caindo sempre viva,
Parecendo maravilha,
Ai, ai, ai.
Vem caindo sempre viva,
Parecendo maravilha,
Ai, ai, ai.
Ave Maria, Ave Maria, Ave!

2 - Amado São Benedito
E Senhora do Rosário,
Ai, ai, ai,
Guardaremos essa rosa
Pra enfeitá vosso oratório,
Ai, ai, ai.
Guardaremos essa rosa
Pra enfeitá vosso oratório,
Ai, ai, ai.
Ave Maria, Ave Maria, Ave!

TOADA DE SÃO BENEDITO

ALEGRETO

1 - Lovado São Benedito, ai,
Pai amado e padroero,
Ai, ai, ai,
Ele é chefe do Congo, ai,
Do Reinado Brasileiro, {bis
Ai, ai, ai.

2 - Senhora Santa Ifigena, ai,
Protetora coroadada,
Ai, ai, ai.
E a Senhora do Rosário, ai,
Comandante da Congada. {bis
Ai, ai, ai.

3 - Olha bem nesta bandera, ai,
O que nela está gravado,
Ai, ai, ai.
São os guia, nossos santo, ai,
Padroero da Congada, {bis
Ai, ai, ai.

ALERTA, CONGADEIRO! (Canto de Agradecimento)

ALEGRETO

No Jardim Santa Ifigena
E ninguém deve faltá.
Ai, ai, ai, ai.

5 - Congada "Chapéu de Fitas",
Antes de se arretirá
Pede a São Benedito
Pra todos abençoa.
Ai, ai, ai, ai.

NOTA: Quanto ao primeiro verso da primeira estrofe, os congadeiros dizem: Bom dia, caros amigos ou: Boa tarde, meus amigos, dependendo do horário da visita.

IDA PARA A IGREJA

ALEGRETO

O DE CA-SA O DE FO-RA VA-MO
LÁ NA CA-SA SAN-TA VI-SI-TA NOS-SA SE-NHO-RA

Ó de casa, ó de fora,
Vamo lá na casa santa,
Visitá Nossa Senhora.

OBSERVAÇÃO: Após a apresentação dos cantos religiosos, a Congada passa algum tempo divertindo-se, cantando e dançando Jongô. Desmancham-se as filas e brincam de roda. Servem-se até de músicas caipiras que se possam adaptar às danças.

A CHITA DESBOTÔ

MODERADO

A CHI-TA DES-BO-TÔ A-Í NO QUA-RA-DÔ A
CHI-TA TÁ BO-NI-TA MAS A CHI-TA DES-BO-TÔ
EH! EH! EH! AN-DÁ DE
NOI-TE SE-RE-NO ME FEZ MÁ EH! MÁ

A chita desbotô,
Aí, no quaradô
A chita tá bonita,
Mas a chita desbotô.

Eh!, eh!, eh!, ah!,
Andá de noite
Serenô me fez má.

SINHÁ MANDÔ

ALEGRO

SI-NHÁ MAN-DÔ VÔ NHO-TÁ NA-NA-CU-JÁ NO SA-LA-
-IM SI-NHÁ MAN-IM NO FUN-DO DO BA-Ú JO-A-SA
TU-VÔ-CÊ SA-SE NÃO ME COR-TE JOA-NA MEU BEM SI-NHÁ MAN-

Sinhá mandô:
Vô panhá maracujá no balaim. (bis)
No fundo do baú,
Joana tem
Você sabe não me conta,
Joana, meu bem.

BAMBICO-BAMBUÊ

VIVO

SU-BI SER-RA DE FO-BO COM PRA-CA-TA DÊ-BO DÔ A PRA-
CA-TA PE-DÔ FO-BO ME DE-XÔ DE PÉ NO CHÃO OI
SAM-BA DO BAM-BI-CO BAM-BU-Ê DO BAM-BI-CO BAM-BU-Ê DO LE-LÊ BAM-
BA OI SAM-BA DO BAM-BI-CO BAM-BU-Ê DO BAM-BI-CO BAM-BU-
Ê DO LE-LÊ BAM-BA

Subi serra de fogo
Com pracata de argodão,
A pracata pegô fogo
Me dexô de pé no chão.

Oi samba do bambico-bambuê,
Do bambico-bambuê,
Do lelê, bambá.

NOTA

PRACATA: forma popular de alpargata, alparca.
Variantes: alpergata, alparcata, alpercata, apragata, pragata,
paragata (calçado de pano), loré.

DANÇA DO ENGENHO

ALEGRETO

O EN-DE-NHO É SEU O BOI É SEU A GARAPA É MINHA
MI-NHA O BA-GA-PO É SEU LAI, LAI O EN-DE-NHO É SEU FUI NA
HOR-TA PRAN-TÁ PRAN-EN-COM-TREI PÉ DE JAS-MIM LÁ ES-
TÁ AS TRÊS-MARIA NÃO DEI-XO PRAN-TÁ SO-ZIM LAI
LAI O EN-DE-NHO É LAI

O engenho é meu,
O boi é seu,
A garapa é minha,
O bagaço é seu,
Lai, lai.

Fui na horta prantá fror,
Encontrei pé de jasmim,
Lá está as Três-maria,
Não dexô prantá sozim,
Lai, lai.

A peteca quando sobe,
As penas vai frutuano,
Enquanto a peteca desce,
As penas vai balançando,
Lai, lai.

Nosso Terno de Congada
Tem a mão do professor
E as bença de São Benedito,
Nosso Santo protetor,
Lai, lai.

SALVE MARINHEIRO QUE CHEGOU

ALEGRO

AB - DA DE HOI - TE DE - BE - DO ME PEX MÁ
SAR - VELO MA - RI - NHE - RO QUE CHE - GÔ
SAR - VELO MA - RI - NHE - RO QUE CHE - GÔ
CA - VA - CÔ ZUM - BA NÃO SÓ - DE NA LA - BARR -
JE - RA JE - RA SE - TE JUR - TA DE SA - DO NÃO PO
DE - Á A CAM - BARR - QUE - RA DE - TE QUE - RA U - Ê , U

Iê, iê, iê, iá!
Andá de noite,
Serenome fez má.
Sarve o marinheiro que chegô. (4 vezes)

Cavaco Zumba
Não sobe na laranjera (bis)
Sete junta de gado
Não pôde c'a carranquera. (bis)

Uê, uê, iê, iá! (bis)
Sarve o marinheiro que chegô. (4 vezes)

Papai não vai na roça
Que mamãe não dexa i. (bis)
Iê, iê, iê, iá! (bis)
Saravá se vai na roça
A calunga vai aí.

Iê, iê, iê, iá!
Sarve o marinheiro que chegô. (4 vezes)

Seu Chico Pomba
Todo o dia no pagode (bis)
Pegô café de a meia
P'a dexá morrê no mato. (bis)

Uê, uê, uê, uá!
Uê, uá, uá, uê!

Falô de jongo,
Falô do meu pai João. (bis)
E'a festa do terrero
Faz favô, preste tenção. (bis)

Uê, uê, uê, uá! (bis)

Caiu do arto
A pombinha do Senhor, (bis)
O galo tava cantano
Também já nunciô. (bis)

Uê, uê, uê, uá! (bis)

ENGENHO NOVO

VIVO

EN - GE - NHO NO - VO EN - GE - NHO NO - VO EN - GE - NHO
NO - VO SO - TA - RO - DA TRA - BA - LHA EN - GE - NHO LHA PAS - SEI NA
PON - TE A PON - TE TRE - MEU A - GUA TEM VE - NE - NO QUEM BE - BEU MOR

Engenho novo, engenho novo,
Engenho novo, bota a roda a trabalhá.

Passei na ponte,
A ponte tremeu,
Água tem veneno,
Quem bebeu, morreu.

Engenho novo,...

DEBOCHE

ALEGRETO

EU TA VA TI RAR DO LEI TE SAÍ TU DO MA CHU
CA DO EU CA - DO DA NA DA DEU - MA VA - CA NO - CHA OUE ME
DEU U - MA CHI - PRA - DA EU

Ieu estava tirando leite
Saí tudo machucado, (bis)
Danada duma vaca mocha
Que me deu uma chifrada. (bis)

E vinha um cego correndo
Eu gritei: você machuca! (bis)
E o nego e vinha em pêlo
Tinha um laço na garupa. (bis)

Fui descendo rua abaxo
Na minha mula machadera, (bis)
Encontrei um nego pelado
C'um relógio na gibera. (bis)

QUARTÉIS

O nego arriô sua mula,
Dizendo que ia na festa (bis)
Numa mula-sem-cabeça
C'uma estrela na testa. (bis)

Me descurpe minha gente
Qu'eu agora vô falá: (bis)
Certas coisa neste mundo
Qu'eu não posso conformá. (bis)

TERÇO RELIGIOSO

Durante o terço popular, são entoadas pelo grupo de congadeiros, estes hinos, sendo que Virgem do Rosário é cantado após cada mistério.

DIANTE DO ALTAR



- 1 - Diante deste artá
Faço uma oração. (bis)
Com fé a respeito,
Muita devoção. (bis)
- 2 - Meu São Benedito,
Virge Aparecida. (bis)
Protege minh'alma
Por toda esta vida. (bis)
- 3 - Ifigena Santa,
Virge do Rosário, (bis)
Nós agradecemos
Diante do sacrário. (bis)
- 4 - Todos de joelho
Diante deste artá: (bis)
Uma Ave-maria
Nós vamos rezá. (bis)

AVE MARIA

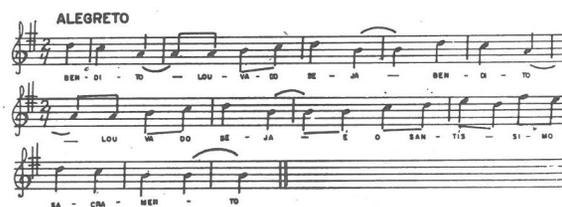


Ave Maria,
Cheia sois de graça.
Senhor é convosco,
Bendita sois.
Entre as mulheres,

Bendito é o fruto
Do vosso ventre
Nasceu Jesus.

Santa Maria,
Virge Mãe de Deus,
Rogai por nós,
Mãe dos pecador
Agora e na hora
Da nossa morte
Amém Jesus,
Maria e José.

BENEDITO



- 1 - Bendito lovado seja (bis)
É o Santíssimo Sacramento. (bis)
- 2 - Bendito da eucaristia, (bis)
Fruito sagrado da Virge Maria. (bis)
- 3 - Os anjo, todos os anjo, (bis)
Lovem a Deus para sempre, amém. (bis)

VIRGEM DO ROSÁRIO



- 1 - Virgem do Rosário,
Tu és uma rosa
Que entre as mais flores
És a mais formosa. (bis)
- 2 - És a mais formosa,
Mais clara que o dia
Que luz encheu
A Virgem Maria. (bis)
- 3 - A Virgem Maria
É a mãe de Jesus,
O verbo divino
Que assiste e conduz. (bis)
- 4 - Que assiste e conduz
Te peço também
O reino da glória,
Para sempre, amém. (bis)

Terceiro Quartel

Folia de São Benedito "Pena de Ouro"

D. Edávia Barbosa, gerente e mestra da Folia de São Benedito "Pena de Ouro", é mineira de Belo Horizonte e há 30 anos, reside em Olímpia. Seu sogro era de cor negra e, durante sua vida, foi curandeiro. Era devoto de São Benedito e fez promessa ao santo de sair sete anos com a Bandeira. Cumprindo o prazo, não conseguiu, pela devoção, deixar de realizar a festa, no mês de maio.

Pouco tempo antes de morrer, pediu ao filho Luís, marido de Edávia, que assumisse os compromissos e que, todo ano, saísse com a Companhia de São Benedito "Pena de Ouro", para que o grupo nunca viesse a morrer. Com a morte de Luís, Edávia assumiu o comando da Companhia. Já preparou seus filhos e está preparando os netos, para que esta tradição nunca pereça.

D. Edávia é eclética. Ela sozinha é muita coisa no grupo: confecciona as roupas, pinta as bandeiras, faz flores de papel crepom, toca viola, canta, enfim, cuida de tudo o que é necessário. É muito dedicada. Mantém, ainda, a Folia de Santos Reis e a Escola de Samba "Pena de Ouro". Atualmente, a Companhia de São Benedito, tem sua sede na Rua da FEPASA, 360, no Bairro do Pedregal, em Olímpia.

D. Edávia nos contou, com entusiasmo, esta história, para explicar como se originou o grupo Folia de São Benedito "Pena de Ouro".

"Há muitos anos passados, no tempo da escravidão, existia um rei que não acreditava em Deus. Seu deus era o dinheiro.

Esse ateu morava num povoado e tinha muitos escravos. Era muito malvado, um carrasco. Era de Hungria, casado, e tinha um filha chamada Isabel. Isabel era meiga, religiosa e boa de coração. Ela foi crescendo na esperança de um dia libertar todos os escravos do seu reino. Com a idade de dezoito anos, saiu para estudar e disputar na justiça sobre a alforria dos escravos.

Seu pai, o rei, indignado cada dia, comprava mais escravos e transformava todos em sofedores, na senzala. Amarrava eles no tronco e no pelourinho e mandava o feitor, que era do seu estilo, judiar e maltratar pelo prazer de mostrar que ele também era superior.



D. Edávia Barbosa, gerente e mestra da Folia de São Benedito "Pena de Ouro"

Isabel ficava indignada e nada podia falar, porque sabia que seu pai é que dava as ordens.

Então, ela resolveu agir de outra forma, escondida de seu pai. Ela ia para a senzala e levava comida e roupa para os escravos. E foi assim que ela conheceu um rapaz de nome Benedito que também se encontrava ali como escravo. Por ser moço e muito humilde, meigo e bom, Isabel não sabia que ele também cumpria a mesma missão, pois Benedito estudava para padre e tinha fugido do seminário para ajudar a libertar os escravos. Por ele ser preto, foi apanhado como escravo e vendido ao pai de Isabel.

Sem que o pai soubesse, Isabel descobriu que poderia ser ajudada pelo frei e pediu ao seu pai para deixar São Benedito ser criado dela. O rei não aceitou, mas ela pediu tanto que por fim São Benedito passou para o castelo, pra servir de companhia pra ela. Andava pelos jardins, pelos bosques, áreas do castelo, planejando o que poderiam fazer na defesa dos escravos.

Isabel pediu a Benedito que mandasse fazer as chaves da despensa e as

chaves do cofre do rei.

Isabel ia ao jardim todos os dias colher flores e levava no avental alguma comida e dinheiro para distribuir aos escravos. Um dia o rei resolveu viajar. Enquanto ele estava viajando, tudo no castelo ficou mais terrível, pois as ordens dadas ao feitor eram severas.

Mesmo assim, Benedito tirava as coisas da despensa e dava nas mãos de Isabel para dar aos escravos.

Numa tarde, o feitor malvado que sentia grande afeição por Isabel e queria fazer de tudo o que rei mandava, para conseguir a mão de Isabel, ficou muito enciumado.

O feitor não sabia que Isabel era uma enviada de Deus, que seu destino já estava traçado e que ela era uma santa verdadeira. E não sabia que Benedito era também enviado por Deus, com o destino igual ao de Isabel, ele era santo.

Então o feitor começou a perseguir São Benedito e passou a sondar o santo e Isabel. Levantou calúnias, fez grandes intrigas.

Quando o rei, pai de Isabel, voltou da viagem, surpreendeu a filha passean-

A Folia de São Benedito

do no jardim (com o avental cheio de algumas coisas) com São Benedito. Logo mandou o carrasco prender Benedito no pelourinho e perguntou a Isabel:

— O que você faz aqui no jardim, que ao me ver logo se encondeu?

Isabel, muito aflita, pois estava com o avental cheio de dinheiro e comida, respondeu:

— Estou colhendo flores para enfeitar a mesa de sua sala.

O rei não acreditou, pois já estava desconfiado pelas intrigas do feitor, pediu que ela abrisse o avental.

Então se deu um grande milagre. Em lugar de comida e dinheiro, apareceram lindas rosas.

Nesse momento um triste acontecimento se dava na senzala. Benedito estava sendo sacrificado pelo feitor, que há muito tempo estava planejando fazer isto. O invejoso feitor matou São Benedito.

Isabel saiu de viagem, e quando voltou, tinha estourado uma rebelião e, então, ela conseguiu a liberdade dos escravos.

O rei já se encontrava enfermo, muito doente, porque sua filha era contra ele. E acabou morrendo.

Nesse momento, na senzala, se ouvia o canto de liberdade dos escravos, louvando São Benedito e Santa Isabel. E os escravos, livres, continuaram morando no palácio".(1)

"Santa Isabel quando estava dentro de casa, seu vestido era de rainha, mas era uma roupa muito simples. Quando estava no jardim, trajava vestido amarelo e capa vermelha, para fazer suas orações. A cor amarela significava o desespero dos escravos e a cor vermelha, o sangue que os escravos derramavam na senzala.

O guarda-chuva era para tampar o sol e proteger contra a chuva que regava as rosas que ela colhia.

As jóias, que usava, era para vender e distribuir o dinheiro aos pobres.

Um dia ela usava guarda-chuva da cor do céu, para onde ela tanto olhava, pedindo proteção para libertar os escravos. Outro dia, ela usava guarda-chuva verde, da cor dos seus olhos, representando a esperança de um dia vencer e libertar os escravos.

Enfim, tudo que Isabel usava tinha um significado".(2)

(1) e (2) - Depoimentos anti-históricos.

Olímpia, dentre os grupos folclóricos que se mantêm organizados há muitos anos, um, que louva São Benedito e merece destaque pela sua originalidade e beleza é a Folia de São Benedito "Pena de Ouro", cuja festa se realiza no dia 13 de maio, data cívica santificada pelos fiéis devotos de São Benedito. O folguedo é conhecido pelo nome de Folia ou Companhia e os figurantes por foliões.

A Folia é composta, aproximadamente, por cinquenta participantes: homens, mulheres, predominando crianças.

Na peregrinação sagrada, que vai de 1º a 11 de maio, o conjunto musical, composto de 7 a 10 pessoas, percorre, a pé, durante a noite, nos dias úteis, até as 22 horas, as casas da cidade e, no sábado e domingo, durante o dia, as casas rurais, angariando adjutório para a realização da festa: 13 de maio. A zona rural, a que mais auxilia, é visitada de "perua" que é aproveitada também para o transporte de algumas "prendas" para a festa.

A folia encerra suas atividades de "pedição" no dia 11 de maio. No dia 12, preparam o ambiente para o dia da festa. Cuidam do cenário (senzala, muito enfeitada). Preparam, com a arrecadação recebida, em espécie e em dinheiro, a festança do dia 13 de maio.

Todos os elementos do grupo trabalham para este fim, coadjuvados pelos amigos, devotos do santo.

Tudo quanto foi arrecadado: bovinos, leitões, frangos, são mortos para serem servidos no dia da festa. Arroz, macarrão, farofa, mandioca cozida e pão. Completam o grande banquete: bebidas caseiras e doces. De espaço a espaço, queimam um foguete para alegrar o santo e expulsar o Coisa Ruim.

O ritual é muito parecido com o da Folia de Reis, mas não adota a figura do "palhaço".

A folia presta homenagem a São Benedito, mas presta louvor também a Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e a Santa Isabel que, segundo a mestra do grupo, é a santa libertadora princesa Isabel. No entanto, faz sincretismo com outra Santa Isabel da hagiologia católica, não a mãe de João Batista, nem a de Portugal, esposa de D. Dinis, mas a Santa Isabel de Hungria, esposa de Luís da Turíngia. No entanto, na bandeira, guia do grupo folclórico, está somente desenhada a estampa da Santa Isabel de Hungria, apresentada por todos os foliões como a figura da libertadora princesa Isabel, considerada santa. Bastante confusa a história.

O grupo não se desloca para nenhuma visitaçao, sem as bandeiras, guia religiosa obrigatória. É transportada por dois alferes (bandeireiros), que também se trajam com roupa muito especial. Homem, mulher ou criança pode exercer a função de bandeireiro no grupo.

O pessoal do conjunto musical veste-se



Altar



Bandeiras Transportadas



Conjunto Musical

especialmente para a execução de seus instrumentos e cantorias. As mulheres usam roupa longa com capa.

Aparecem diversos instrumentos musicais tocados pelos próprios cantadores: viola, violão, cavaquinho, sanfona, caixa, pandeiro, réu-réu e outros, conforme a disponibilidade dos devotos..

Quem dirige a cantoria é a gerente, que desempenha, no conjunto, o papel de mestra, auxiliada por outros figurantes que recebem o nome de contramestre, ajudante de contramestre, "contrato", tala e contratala, que fazem as vozes mais agudas.

O canto é iniciado pela mestra e o contramestre, em terças, e repetidos pelos demais integrantes, geralmente em harmonia de três sons. Nos finais, apresenta efeitos harmônicos de três, quatro, cinco e seis sons.

QUARTÉIS

Quase todas as toadas fazem menção aos santos padroeiros e são relativos à escravidão e à libertação dos escravos.

No dia 13 de maio é aquela correria no Quartel (casa da festeira) onde se realiza a festa.

De manhã, cozinheiros preparam as comidas, rapazes e moças adornam o ambiente com flores naturais (primavera, bico-de-papagaio) e bandeirolas coloridas. Enfeitam o altar. O espaço não é muito grande, mas, com dificuldade, dá para acomodar os visitantes que chegam por volta das 16 ou 17 horas.

Às 18 horas, a folia já está preparada para dar início à festa que conserva o seu caráter popular e, em nada, perde o brilho e o colorido que lhe são costumeiros, proporcionando um quadro de rara beleza. Primeiramente são queimados alguns foguetes, que dão ar muito alegre às comemorações.

O grupo, trajado em cores vivas, entra cantando o "Treze de Maio" e se estaciona ao lado do altar, que está armado no quartel, num espaço denominado "senzala". Abre-se, então, um espaço para dramatização, relembrando alguns momentos da escravidão e o seu fim, conforme o entendimento da gerente do grupo e seus foliões.

Um andor, bem ornamentado, leva a imagem de São Benedito e é carregado por duas crianças, predominando negros nesse grupo, embora seja permitida a entrada de mulatos e brancos. Entra ao som de uma toada cantada pelo grupo musical. Os transportadores do andor trajam-se de branco. No cerimonial aparece um escravo acorrentado, quase nu, só de calção branco, perseguido por um cruel feitor (de roupa branca e chicote na mão), sendo, no entanto, protegido por um casal de pretos: Pai João e Mãe Maria, pés descalços, que também se trajam de branco e fumam em cachimbo.

Uma personagem, ricamente paramentada, simboliza a Princesa Isabel (a libertadora), vestido longo amarelo, capa vermelha, guarda-sol amarelo, sapatos dourados, de coroa, anéis, pulseiras e colares, acompanhada por dois generais de roupa branca com enfeites azuis e um Anjo, todinho de branco, se colocam ao lado do escravo punido. O Anjo canta, louvando a pressuposta Santa Isabel. A presença da princesa, de certa forma, justifica o nome "Pena de Ouro", dado à Folia.

Por último, entram em cena dois cordões (meninos e meninas), vestidos em cores vivas, do mesmo modelo e, executam, descalços, danças alegres e vibrantes, ao estilo da congada, seguindo o ritmo determinado pelo conjunto musical. Dançam e cantam.

Após a apresentação da dança há a celebração do terço popular, diante do altar, com velas acesas.

São Benedito é deslocado do andor para o altar.



Andor



Escravo e feitor



Pai João e Mãe Maria



Princesa Isabel e Anjo da Guarda



Cordões



Geral

O terço conta com a participação de todos e também é cantado. Para finalizá-lo, rezam a ladainha de Nossa Senhora. Há muitos "vivas" aos santos padroeiros, foguetes, beijamento do altar e da bandeira, pagamento de promessas e pedidos aos santos.

O grupo continua cantando, recebendo novas ofertas e entoando cantos de agradecimento, enquanto a comida é, largamente, distribuída pela festeira.

O conjunto musical, depois de alguns atendimentos aos participantes da festa, pára, por algum tempo, as atividades, para jantar. Os foliões têm mesa especial para se servirem.

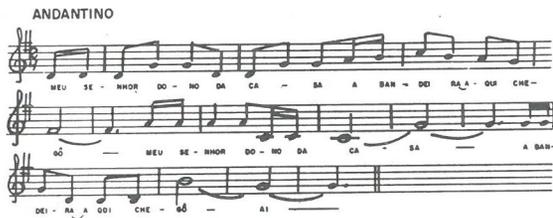
Tarde da noite, encerram a festa, com outras cantorias religiosas. Depois, há permissão da festeira para uma brincadeira dançante, um baileco.

Realizadas pesquisas em todo o território nacional, podemos afirmar que este grupo "Folia de São Benedito", com as características da Folia de Santos Reis, só é conhecido em Olímpia - SP e é, há longos anos, ciosamente preservado por Dona Edávia Barbosa Giudice de Jesus que, além de comandá-lo, toca viola e canta com voz possante. Dona Edávia mantém a tradição que herdou de seu sogro, já falecido, fervoroso devoto de São Benedito.

Músicas Entoadas pela
Folia de São Benedito "Pena de Ouro".
Nossa atenção maior
centra-se nas toadas que o grupo canta.

Chegada na casa do devoto

Quando a Folia chega à porta de uma casa, o portabandeira entrega a bandeira ao dono da casa ou a outro membro da família e pede licença para entrar. Canta, pedindo ajuda para a realização da Festa.



Meu senhor dono da casa
A bandera aqui chegô.
Meu senhor dono da casa,
A bandera aqui chegô, ai...

Filhos de São Benedito,
Visitano a família
Filhos de São Benedito,
Visitano a família, ai...

Vêm pra retirá esmola
Pra festejá o seu dia,
Vêm pra retirá esmola
Pra festejá o seu dia, ai...

Quem tivé ajuda, dá,
Servos de São Benedito,
Quem tivé ajuda, dá,
Servos de São Benedito, ai...

Recebe a ajuda (em dinheiro ou em gênero alimentício) e canta o **agradecimento**:



Gardecemo a sua esmola, oi, ai,

Dada de bom coração, oi, ai,
Vai pr'o Senhor Benedito
Nosso santo, nosso irmão, oi, ai.

Vamos então lhe convidá
E estamos lhe convidando
Para um terço nós rezá
Ao santinho franciscano.

No dia treze de maio
Por volta do meio-dia
No Jardim Santa Ifigênia
Lá na nossa moradia.

São Benedito vai embora,
E se despede da família
Pra vortá o ano que vem,
Com prazer e alegria.

Cantado o agradecimento, a mestra pergunta se alguém mais quer que a folia cante. Às vezes o grupo canta, atendendo ao pedido, em memória a pessoas já falecidas. O canto geralmente é improvisado.

Realizada a obrigação, o mestre faz o convite para a Festa de São Benedito, repetindo o horário e fornecendo o endereço.

TOADA DE DESPEDIDA

Para sair da casa, o grupo entoia o canto de despedida.



A folia vai-se embora,
Pedindo de coração
Pr'o senhor São Benedito
Que lhe ponha a benção, oi.

Que lhe ponha a benção
Toda hora, todo dia,
São Benedito é sagrado,
Santo de grande valia, oi.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim

DIA DA FESTA

No dia da Festa, 13 de maio, o local onde é realizada, simboliza a senzala. À entrada, o conjunto musical, sob a orientação da mestra, canta, louvando a São Benedito e Santa Isabel.



Treze de maio
É um dia muito bonito
Os foliões se reúne
Pra festejar São Benedito, ai, ai.

São Benedito
Que já foi um cozinheiro
Hoje ele está no céu,
É um santo verdadeiro, ai, ai.

E a rainha
Com a bandeira na mão
Reza pra Santa Isabel
Que deu a libertação, ai, ai.

Santa Isabel
É uma santa milagrosa
Libertou a escravidão
Por ser muito caridosa, ai, ai.

Santa Isabel
É uma santa caridosa
Ficou muito conhecida
Com os milagres da rosa, ai, ai.

Tarde da noite
A festa vai terminando,
Todos beijam a bandeira
Pra voltar no outro ano, ai, ai.

ENTRADA DO ANDOR DE SÃO BENEDITO

Quando o andor da imagem de São Benedito é introduzido na senzala, vestido de monge e trazendo o Menino que ele batizou, o grupo canta:



O mestre:
Que santo é aquele
Que está ali neste lugar. (bis)

Os escravos respondem:
É o meu São Benedito
Que veio pra trabalhar. (bis)

Todos:
Viva minha mãe Maria
E também meu pai João
Todos os dois já foi escravo
No tempo da escravidão.

Que santo é aquele
Que está aqui neste lugar
É meu São Benedito
Que veio pra abençoar.

PRINCESA ISABEL

Entrada no recinto.

O Anjo que a acompanha, ao som da música do conjunto musical, entoa o Canto do Anjo.



- 1 - Senhora Santa Isabel
Este anjo que aqui canta:
Na terra foi soberana,
No céu é tão linda santa.
- 2 - Da terra levou seu trono,
Seu trono, grande tesouro,
Pelas suas santas mãos
E sua pena de ouro.
- 3 - Princesa, santa, rainha,
Querida por preto e branco,
Fez tudo por merecer
No céu o seu lindo manto.
- 4 - Princesa santificada,
Rainha da liberdade,
Pôs fim na escravidão,
Revelou tanta bondade.

5 - No céu está o seu trono,
 Todo c'roado de flor,
 Os anjos cantam alegres
 Hinos de grande louvor.

Observação: Aproveitamento da música de Roda Infantil "Samba-Lelé". A canção original, em alegro, foi amaciada em compasso ternário, andante.

DANÇA DOS ESCRAVOS LIBERTOS

Cantado pelo grupo musical, os escravos (todos representados por crianças), dispostos em dois cordões, cantam e dançam a toada.



Nós viemo apresentar
 Esta sagrada folia,
 Louvando São Benedito,
 Nosso santo, nosso guia.
 Lá, lá, lá...

Viva Deus primeiramente
 E este chão tão brasileiro,
 Viva o São Benedito,
 Nosso santo padroeiro.

Viva a cidade de Olímpia
 E seu povo tão ordeiro,
 Viva nossa companhia
 Do folclore brasileiro.

Observação: Trata-se do aproveitamento (folclorização) da música do chote "As Mocinhas da Cidade", de autoria de Nhô Belarmino.

O TERÇO

Reza-se o terço popular. Dele participam mulheres e crianças, sendo pequeno o número de homens.

Inicia-se o terço com o hino aos padroeiros.



1 - Senhora do Rosário,
 Santa Mãe de Jesus,
 Senhor São Benedito,
 Santo de muita luz.

2 - Pra nossos padroeiro
 Co'as benças de Jesus
 E de Santa Isabel
 Pra sempre nos conduz.

3 - Vamos rezar o terço,
 Juntos vamos rezar,
 Louvando os padroeiro
 Diante deste altar.

APÓS CADA MISTÉRIO



1 - Virgem do Rosário,
 Celestial princesa,
 Quero ser escravo
 De tua grandeza.

2 - Quero, ó Senhora,
 Que na minha morte,
 Me seja o Rosário
 Um cordão tão forte.

PARA TERMINAR O TERÇO



Nossa Senhora do Santo Rosário,
 Rogai por nós, rogai por nós.

COMEZAINA

Após rezado o terço é servido o jantar a todos os convidados. Os foliões (grupo musical) são servidos por último, pois após o terço ainda cantam, recebendo ofertas e agradecendo. Somente os foliões se alimentam sentados juntos a uma mesa especialmente composta para esse fim: a Mesa de São Benedito.

Rezam, antes de tomar lugar à mesa e benzem-se quando se levantam.

Tudo quanto a Folia recebeu para a "bandeira" é gasto na realização da Festa. Todos são fartamente servidos.

DESPEDIDA DOS FOLIÕES

Encerram as atividades religiosas, cantando a Despedida dos Foliões.



Adeus, adeus,
Adeus, irmão,
Pr'o ano que vem nós vorta,
Cumprindo nova missão.

ARRASTA-PÉ

Depois das onze horas da noite, prosseguindo até às três ou quatro horas do dia seguinte, há uma brincadeira dançante para os convidados. Aí é servida bebida alcoólica das perigosas. Dificilmente não se realiza uma bringuinha entre os participantes.

E viva São Benedito!

TREZENA DE SÃO BENEDITO

A trezena inicia-se no dia primeiro de maio e termina no dia da festa. Nos cinco primeiros dias, a trezena é rezada nos quartéis beneditinos. Pode ser rezada individualmente. Nos grupos Moçambique e Congada é rezada, coletivamente, pelos devotos, no período noturno, de 6 a 12 de maio. No encerramento da festa, 13 de maio, a novena faz parte do terço popular.

É esta a trezena:

"Glorioso São Benedito que pobre e sem letras, guardaste os rebanhos, levaste aos campos, retirastes ao ermo, recolhestes ao convento onde socorrestes os indigentes e enfermos, onde fizestes rigorosa penitência, praticando todas as virtudes em grau elevado, a ponto de o Altíssimo ter-se dignado a operar milagres por teu intermédio em vida.

Excelso protetor São Benedito, sempre humilde e sem outra pretensão do que servir a Deus, alcançai-me pela tua profunda humildade a graça que agora imploro e que necessito para solucionar meus sofrimentos.

Fazei que eu tenha comiseração com o próximo, aspire sempre servir e tornar-me útil a quem necessite; que tudo de bem eu possa fazer com o teu auxílio, a fim de que, depois da morte, eu mereça entrar na bem-aventurança, na mansão onde habitam os justos; que com os Santos e em tua companhia eu mereça glorificar Aquele Santo dos Santos, Jesus, que disse: "Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus. Amém."

(Peça a graça, orando 13 Pai-nossos, 13 Ave-marias e 13 Glórias-ao-Pai).

SERÁ O BENEDITO?

Segundo os devotos de São Benedito e também conforme registra a tradição, não se deve dizer **comprar um santo**, mas sim, trocá-lo por dinheiro.

— Em se tratando da aquisição de imagem de São Benedito, duas pessoas, depois de adquiri-las, devem trocá-las entre si.

— Na época de seca, as imagens de São Benedito devem ser trocadas entre duas pessoas. Depois que cair a primeira chuva, cada imagem deve voltar ao lugar primitivo.

— Para chover, é bom dar banho na imagem de São Benedito.

— Imagem de São Benedito roubada, torna-a mais milagrosa.

— Também para chover, as pessoas organizam um grupo de fiéis de São Benedito. Os devotos andam descalços sobre o chão quente (penitência), conduzindo uma imagem do Santo a um Cruzeiro, meio distante do ponto de partida da procissão. Todos levam, em vasilhames, água limpa para ser despejada sobre o Cruzeiro e sobre a imagem de São Benedito, que é colocada aos pés da cruz, a fim de que o pedido seja atendido.

Vão e voltam, rezando e cantando, mulheres, crianças e poucos homens. Antes ou depois de aguardar a cruz, rezam um terço em louvor a São Benedito, um dos santos de chuva. Esse pedido (promessa) é feito durante nove dias (novena).

Durante o percurso de ida e volta ao Cruzeiro, cantam em coro de estilo simples, esta súplica:



- 1 - São Benedito
De nós tenha dó
Que a seca é tão grande,
Virô tudo em pó.
- 2 - Vós sois um jardim
Que no céu floresceu
Senhora Sant'Ana
De grande louvor.

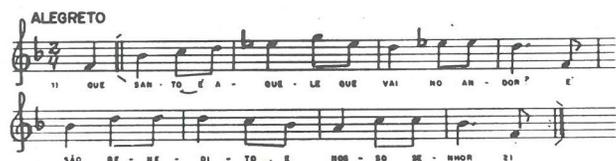
3 - Senhor São José,
Senhor São Joaquim,
Na vida e na morte
Alembrai vós de mim.

4 - São Benedito
De nós tenha dó
Que a seca é tão grande,
Virô tudo em pó.

5 - Tava na serra
Fazendo oração
Chegô Madalena,
Senhor São João.

6 - Dai-nos chuva
Que nos molha
Dai-nos pão
Que nos consola
Que nós somos pecador,
Senhor Deus, misericórdia.

À hora da saída da procissão e à chegada no Cruzeiro,
entoam o hino:



1 - Que Santo é aquele
Que vai no andor?
- É São Benedito
E Nosso Senhor.

2 - Que Santo é aquele
que vai lá pra fora?
- É São Benedito
E Nossa Senhora.

3 - Que Santo é aquele
Que vai lá pra dentro?
- É São Benedito
Que vai pr'o convento.

4 - Que Santo é aquele
Que vai indo embora?
- É São Benedito
Que vai para a glória.

5 - Meu São Benedito
Já foi cozinheiro
Hoje é um santo
De Deus verdadeiro.

6 - Meu São Benedito
Pedimos também
O reino da glória
Para sempre, amém.

**Hinos recolhidos na procissão dos molha-cruzes,
Jardim Cisoto, Olímpia, em outubro de 1989.**

PRECAUÇÕES

Os grupos folclóricos de São Benedito, de Olímpia, previnem-se com remédios caseiros para o dia da festa de 13 de maio.

Para curar **torção** no pé, braço ou pescoço, aplicam uma solução preparada com:

1/2 (meio) litro de álcool, 1 (uma) semente de abacate (ralada), 3 (três) folhas de maracujá (amassadas) e 3 (três) dentes de alho (descascados). Deixar três dias em curtimento. Aplicar com a mão, fazendo fricção, toda noite, antes de dormir. Dizem que se presta para curar bico-de-papagaio. (Terno de Moçambique).

Também para curar dores, usa-se **álcool temperado**. Num litro de álcool, acrescentar os adjuntos:

3 (três) folhas de saia-branca, picadas; 1 (um) punhado de erva-santa-maria, macetada; 9 (nove) folhas de laranja, cortadas; 3 (três) folhas de maracujá, rasgadas; 1 (um) punhadinho de mentrasto, cortadinho; 1 (um) pedaço da ponta da folha de pita, macetado. Deixar três dias em fermentação. Depois coar num pano branco, fino. Friccionar bem o local doído. (Terno de Congada).

REMÉDIOS EMPREGADOS POR TODOS OS GRUPOS

CONTRA QUEIMADURAS

- 1 - Bater 3 (três) colheres de azeite com 1 (uma) clara de ovo e aplicar a mistura na região queimada.
- 2 - Fazer um cataplasma com folhas de berinjela.
- 3 - Ralar uma cenoura crua e colocar a polpa sobre a região afetada.

CURAR ROUQUIDÃO

- 1 - Chá de raiz de almeirão velho, tomado morno, diversas vezes, duante o dia.
- 2 - Chá de raiz de fedegoso.
- 3 - Chá de gengibre.
- 4 - Tomar café com gordura de porco.
- 5 - Tomar leite com alho macetado e mel.
- 6 - Fazer gargarejos de água, sal e vinagre.
- 7 - Chupar limão com sal.
- 8 - Comer cebola de cabeça, crua.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim

Solomonides

Conclusão:

Os Quartéis do Santo devem ser preservados

Andar de grupo em grupo folclórico investigando, entrevistando, fotografando, gravando músicas, filmando, atendendo a pedidos financeiros para aquisição de tecidos, calçados e instrumentos, não é tarefa fácil. Pelo contrário, é trabalho que não exige apenas vocação, mas também coragem. Requer dedicação e paciência. Mas não deixa de ser agradável realizar as pesquisas em datas festivas, que explicam episódios da nossa história e fortalecem a crença e a religião dos homens simples. Infelizmente, em Olímpia, são raras as pessoas que se dão a esta atividade, com intenção alta e nobre de preparar trabalhos de cultura folclórica, numa reconstituição leal do passado para conhecer melhor o presente.

Quartéis de São Benedito é trabalho alicerçado em pesquisas próprias sobre o patrimônio cultural de Olímpia, feito com amor e seriedade, e de muitos anos de buscas e canseiras.

A dança, ainda hoje, tem servido aos humildes para exprimir seus anseios e sonhos, sua piedade e afeição. E dançam com o coração, bem ou mal vestidos, com fitas coloridas e bandeiras. A dança promove o homem. Infelizmente os folguedos dos Quartéis de São Benedito tendem a desaparecer muito em breve, pois os mais velhos já não querem ensinar e os mais novos não mostram muito interesse em aprender.

Olímpia tem seus encantos com os quais faz a sua história, impregnada da alma do seu povo, com suas tradições, usos e costumes, enriquecendo a sua vida cultural.

O assunto é, de fato, apaixonante, e vale a pena conhecê-lo de perto.

Outrora essa cultura surgida no catolicismo popular foi repelida pela igreja que a considerava imprópria à fé cristã, e que não deveria

ser apresentada com música e danças profanas. Por essa razão, os negros passaram a se reunir em Ternos de São Benedito.

Não obstante a demoradas buscas, este trabalho não encerra o assunto, que é muito rico e parece inesgotável.

Os folcloristas interessados no tema, nele encontrarão um valioso suporte para o estudo das Festas de São Benedito.

É também uma solicitação à sociedade em favor dos que ainda realizam a Festa com alegria, força, arte e religião e que rememoram através do gemido gritado de suas músicas, de seus antepassados, sem voz e sem vez.

Esses grupos de São Benedito: Moçambique, Congada e Folia trazem aos bairros onde estão sediados, uma dosagem intensa de muita alegria.

Quem dança Moçambique, Congada ou participa da Folia de São Benedito é gente pobre, que trabalha o dia todo para sobreviver. Essas manifestações, para cada um deles, são sagradas, por isso tornam compromisso e devoção, uma responsabilidade que levam dentro de si, em nome de sua fé. Merecem auxílio na difícil tarefa de preservar as tradições.

Neste registro queremos expressar nossa admiração e gratidão ao maestro Antônio Possato que ouviu, com muita cautela, todas as gravações e cuidou da organografia musical. Esses agradecimentos se estendem à Profª Cidinha Manzolli que, zelosamente, desenhou os pentagramas por ele elaborados. Externamos também nossa gratidão a Marcos Francisco da Costa, desenhista projetista-arquitetônico, que apôs a letra aos símbolos musicais, e ao jovem universitário, André Luiz Nakamura, que dedicadamente, revisou os pentagramas.

Quanto mais se vive, mais se aprende

ROGÉRIO DE OLIVEIRA

C.P. E ESTUDOS FOLCLÓRICOS - OLÍMPIA

A quem sabe ouvir e enxergar, a vida ensina muitas coisas. Por exemplo, há pessoas que não sabem ler nem escrever. Não sabem nada de História, de Geografia, de Gramática. Nada sabem das coisas que se ensinam nas escolas, mas vivem a vida de olhos abertos e têm uma grande experiência. Sabem coisas que os livros não ensinam e que só a vida faz saber.

Conseguem, assim, juntar uma grande sabedoria que, em nossos dias, às vezes, se chama filosofia de vida.

Essa sabedoria passa de pai para filho, de avô para neto e faz com que o povo simples, apesar da falta de instrução e meios, não desanime, continue firme, enfrentando a vida com otimismo que faz inveja.

Pessoas assim, você as encontra em qualquer parte, nos grandes centros, nos bairros mais pobres e nos lugarejos mais distantes. Faz um bem muito grande conversar com elas, pois a conversa delas é muito rica. O ensinamento de 8 anos da escola de primeiro grau nem é superior nem inferior a esse ensinamento armazenado na vida dessa gente, através dos séculos. Escola e sabedoria do povo são como dois galhos diferentes, igualmente importantes, que nascem da mesma raiz. Em vez de opor um contra o outro, seria melhor a união entre ambos, pois um tem muito para enriquecer o outro e vice-versa.

Tomemos as **Adivinhações** como exemplos.

ADIVINHAS

- 1 - Qual é o prato preferido dos gulosos?
- Prato cheio.
- 2 - O que é que quanto maior menos se vê?
- A escuridão.
- 3 - O que é que quem faz não quer, quem compra não usa e quem usa não vê?
- Caixão de defunto.
- 4 - O que é que quanto mais se perde, mais se tem?
- O sono.
- 5 - O que é que tem casa, mas mora pelo lado de fora?
- O botão de camisa.
- 6 - O que nasce nos socos e morre por facadas?
- O pão.
- 7 - O que é que chega até a porta da casa, mas nunca entra?
- A calçada.
- 8 - Qual a coisa mais dura quando se cai da bicicleta?
- O chão.



- 9 - O que é que de dia fica no céu e à noite fica na água?
- A dentadura postiça superior.
- 10 - O que é que tem orelha, mas não ouve?
- O livro.
- 11 - O que é surdo e mudo, mas conta tudo?
- O livro.
- 12 - Quem é que toma sol e nunca fica bronzeada?
- A água.
- 13 - Quem é que sempre é mordida, mas não grita?
- A bala (doce).
- 14 - O que caminha no ar e deixa rastro?
- Aranha.
- 15 - Quando é que 10 e 50 não são 60 e com mais 10 ficam 11?
- Quando são 10 h 50 min.
- 16 - O que nasce no rio, mas não é peixe e é sepultado na terra?
- O carioca.
- 17 - O que você tem que matar antes que ela mate você?
- A fome.
- 18 - Qual o melhor lado da casa para plantar uma árvore?
- O lado de fora.
- 19 - Qual o animal (bicho) que nasce no Brasil, mora no Brasil, mas não anda no Brasil?
- O sapo (não anda, pula).
- 20 - Duas mães e duas filhas entram em um restaurante e pediram quatro frangos. Cada uma comeu um e ainda sobrou um. Por quê?
- Porque eram só três pessoas: avó, mãe e filha.
- 21 - O que é que se macho cai e se fêmea faz cair?
- O pingo (de água) e a pinga (cachaça).
- 22 - O que é que com a fêmea se brinca e o macho se come?
- A bola e o bolo.
- 23 - De verde veio ao mundo, E de luto se cobriu, Deixando ilusão ao povo E no ar ela sumiu.
- Fumaça.
- 24 - Qual a maneira mais barata para se conhecer Portugal?
- Nascendo lá.
- 25 - O que é que cru não serve e assado não se come?
- Carvão.
- 26 - Como uma família italiana pode chamar seu mordomo francês?
- Tocando o sininho.
- 27 - Um garoto engoliu uma colher. O que aconteceu com ele?
- Passou a usar o garfo.
- 28 - Verde como couve
Encarnado como sangue
Doce como mel,
E amargo como fel.
- Café.
- 29 - Alto como torre,
Verde como couve,
Branco como um papel,
Com açúcar é um mel.
- Coco.
- 30 - Numa casa moram seis moças em quartos separados. Elas só podem sair uma a uma, mas pela mesma janela. Quem são?
- As balas do revólver.
- 31 - O que é preciso para acender uma vela?
- Que ela esteja apagada.
- 32 - Qual o lençol mais difícil de ser dobrado?
- O lençol d'água.
- 33 - Qual o bicho que não tem valor, hoje e nem amanhã?
- Javali.
- 34 - Qual o país estrangeiro que se juntando a uma mulher é uma cidade gaúcha?
- Uruguaiana.
- 35 - Se você jogar uma pedra branca no Mar Vermelho, o que acontece?
- Ela se afundará.
- 36 - Nem todos têm, mas ninguém pode passar sem ele. O que é?
- Ferro de passar roupa.
- 37 - Indagada sobre sua idade, uma jovem disse que tinha a metade dos anos de sua mãe, que por sua vez era cinco anos mais nova do que seu pai e os três juntos completavam cem anos. Qual a idade dela?
- A jovem tem 19 anos. A mãe dela, 38 anos (o dobro). O pai, 43 anos (5 anos mais velho). Somando: $19 + 38 + 43 = 100$ anos.

ADIVINHAS

- 38 - O que a gente tanto vê na luz quanto no escuro?
- A letra **u**.
- 39 - O que o boi tem e não é dele?
- A marca do dono.
- 40 - Se um é pouco, dois é bom, três é demais, o que são quatro e cinco?
- São nove.
- 41 - Onde podemos colocar toda a água que existe no mundo e nunca ela é suficiente?
- Numa peneira.
- 42 - O que é que tem pés, mas não anda; tem olho, mas não vê e tem cabelo, mas não penteia?
- O milho.
- 43 - O que é que tira a roupa e mostra os dentes?
- A espiga de milho.
- 44 - O que está no meio do começo, no começo do meio e estando em ambos assim, está na ponta do fim?
- A letra **eme**.
- 45 - O que é branquinho, brancão, redondinho ou redondão, não tem porta e nem portão?
- O ovo.
- 46 - O que é que passa a casa toda sem sair do seu lugar?
- A cerca.
- 47 - O que é que quando a gente deita, ele fica em pé e quando a gente levanta, ele fica deitado?
- O pé.
- 48 - O que é:
Uma árvore com doze galhos,
Cada galho com trinta frutas
Cada fruta com 24 sementes.
- Ano, meses e dias.
- O QUE DISSE? O QUE FALOU?**
- 1 - O que a pulga macho disse à sua companheira?
- Vamos a pé ou de cachorro?
- 2 - O que o cachorro disse à cachorra?
- Você me fez uma cachorrada.
- 3 - O que uma barata disse para a outra?
- Seu marido é um barato.
- 4 - O que a zebra disse para a mosca?
- Você está na minha lista negra.
- 5 - O que o macho do peixe disse para o peixe fêmea?
- Estou apeixonado.
- 6 - O que o frango disse para a faca?
- Você pode me cortar, mas não vai comer nem um pedacinho.
- 7 - O que o porco-espinho cego disse para o cacto?
- É a mamãe?
- 8 - O que uma pulga disse para a outra?
- Se eu ganhar na Loteria, vou comprar um cachorro só para mim.
- 9 - O que o porco disse ao cateto?
- Por onde você andou, colega, que te enfiaram tanto espinho?
- 10 - O que a galinha falou para o galo?
- Deixe de ir tanto ao quintal dos vizinhos, senão acaba virando galinha-da.
- 11 - O que a cabra disse para o bode?
- Já não suporto mais o seu fedor.
- 12 - O que o sapo fêmea disse ao macho?
- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- 13 - O que o açúcar falou para o café?
- Quando vejo este pretinho, me derreto todo.
Ou: Eta pretinho gostoso!
Ou: Você é forte, quente e gostoso!
- 14 - O que a máquina de somar disse para o contador?
- Você pode contar comigo.
- 15 - O que o pirex disse à gelatina?
- Não rebole tanto, porque eu não dou bola.
- 16 - O que o coador disse para o café?
- Pára de me encher o saco.
Ou: Pode me queimar, bandido, o saco não é seu.
- 17 - O que o prego disse ao martelo?
- Pare de me bater na cabeça!
- 18 - O que o cachimbo disse à boca?
- Você acha pouco o fogo que me queima numa ponta e ainda me morde na outra?
- 19 - O que o pára-queda disse ao pára-quedista?
- Estou contigo e não me abro.
- 20 - O que a panela disse para a pipoca?
- Minha bunda é que queima e você é quem pula?
- 21 - O que uma parede disse para outra?
- Eu te encontro lá no cantinho.
- 22 - O que o pires disse para a xícara?
- Que bundinha quente!
- 23 - O que a mesa disse para o vaso de flores?
- Sai de cima de mim que eu não sou defunto.
- 24 - O que o chão disse para a mesa?
- Fecha as pernas que eu estou vendo tudo.
- 25 - O que a zabumba falou para a guitarra?
- Eu apanho e você é quem grita.
- 26 - O que o asfalto disse para o carro?
- Não adianta correr, pois já vi tudo.
- 27 - O que o fósforo falou para o isqueiro?
- Largue a pedra e venha no braço.
- 28 - O que a chave falou para a fechadura?
- Vamos dar uma voltinha?
- 29 - O que o milho disse ao ralo?
- Posso dar-lhe uma raladinha?
- 30 - O que o pano de chão disse ao rodinho?
- Por você eu me arrasto aos seus pés.
- 31 - O que o bule disse ao coador?
- O que eu lhe fiz, para você me queimar tanto assim?
- 32 - O que a xícara falou para a colher?
- Mexa-se.
- 33 - O que o pano disse para a agulha?
- Largue de me furar.
- 34 - O que um bombeiro disse para o outro?
- É fogo!
- 35 - O que o guarda-chuva disse para a bengala?
- Você não tem vergonha de andar pelada?
- 36 - O que a buzina disse para a mão?
- Não me aperte que eu grito.
- 37 - O que o palito de fósforo falou para a sua caixa?
- Por você eu perco a cabeça.
- 38 - O que um extintor disse ao outro?
- Acabe logo com este fogo!
- 39 - O que um cigarro disse para o outro?
- Triste sina, companheiro, só sai de casa para morrer queimado.
- 40 - O que a panela falou para a bucha?
- Pare de me esfregar.
- 41 - O que o sino disse para o sineiro?
- Estou cansado de badalação.
- 42 - O que a tripa falou para o açougueiro?
- Você vive me enchendo.
- 43 - O que o copo disse para o gelo?
- Não conheço ninguém mais fresco que você.
- 44 - O que a roda dianteira disse para a roda traseira?
- Não adianta correr tanto. Você nunca me alcançará.
- 45 - O que um fantasma disse para o outro?
- Você acredita em gente?
- 46 - O que o monstro disse para a mulher dele?
- Vamos fazer um monstrinho?
- 47 - O que o sabonete disse para a água?
- Por você eu me derreto todo.
- 48 - O que a banana disse para a maçã?
- Tiram-me a roupa e você é quem fica vermelha?
- 49 - O que o tomate disse para a alface?
- Quando te vejo, fico todo vermelhinho.
- 50 - O que a cebola disse para a cozinheira?
- Você me pica em pedaços e depois se desmancha em lágrimas.
- 51 - O que a xícara falou pra colherinha?
- Você é magrinha, mas mexe bem.
- 52 - O que o Sol falou pra Lua?
- Você diz que é nova, vive mudando de quarto e depois aparece cheia.

No próximo Anuário tem mais.

Dança do Vaqueiro do Marajó

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Antes de tratarmos sobre a dança, teceremos ligeiras informações acerca do vaqueiro do Marajó. Servimo-nos de um completo trabalho — O Vaqueiro da Ilha do Marajó, Estado do Pará, de Napoleão Figueiredo, folheto Folclore, 1988, publicado pelo Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Pernambuco. De lá, extraímos: “A roupa do vaqueiro do Marajó é simples e leve. O calor não permite roupas pesadas, exige traje que facilite os movimentos e a transpiração. O que mais se distingue é a camisa que mostra a classe do vaqueiro. Ela é bordada. O tecido é leve, artisticamente trabalhado. Peça de arte e de bom gosto. As calças geralmente são de cor clara enroladas até a metade das canelas. Usa chapéu de palha de carnaúba, de abas largas, por ser mais leve e o que menos aquece, pois o sol na ilha, no verão, é inclemente e, na estação pluvial, parece ser ainda mais quente. Monta descalço, mas não dispensa a **muchinga** (pequeno chicote de couro cru trançado, com quatro ou seis pernas).

Na estação chuvosa, o vaqueiro se protege da chuva e do vento frio com a **baeta** (espécie de capa, antigamente confeccionada de lã felpuda, de cor vermelha, hoje fabricada em napa ou outro material plástico).

A **corda de serviços** ou corda de laçar é feita pelo próprio vaqueiro, de tiras de couro cru, medindo de 12 a 15 braças, com 3 ou 4 pernas, denominadas tranças, tendo em uma das pontas, argola de metal presa à mesma por botão de couro.

O equipamento de trabalho do vaqueiro do Marajó é composto pela **sela de cabeçada** (que compõe os arreios do cavalo), a **corda de serviços**, o **agulhão** (para chuçar), o **meio serrote** (lâmina denteada utilizada para cortar a ponta dos chifres dos animais, por ocasião da ferra, do rodeio ou da fechação) e o **meio terçado** (pequeno facão, com bainha de couro, usado para defesa).

DANÇA DOS VAQUEIROS DO MARAJÓ

LENTAMENTE

VEM MEU VAQUEIRO DE NOVO CONTÁ
 PRA ESSE POVO TÃO ALEGRE DO LUGÁ
 VEM MEU VAQUEIRO COM MUITA EMOÇÃO
 CONTÁ SUA GLÓRIA COM AMOR NO CORAÇÃO

Vem, meu vaqueiro, de novo contá
Pra esse povo tão alegre do lugá
Vem, meu vaqueiro, com muita emoção
Contá sua glória com amor no coração.

Estribilho

Laceia, laceia, o boi do Marajó (4 vezes)
Escuta povo o meu cantá. Eh, boi!
Do Marajó, o seu dançá. Eh, boi!
E uma coisa eu vô falá. Eh, boi!
Queiram todos escutá.

Laceia, laceia, o boi do Marajó. (3 vezes)

Sô dançadô do meu rincão. Eh, boi!
Chego a brigá nesta canção. Eh, boi!
Pra falá desta paixão. Eh, boi!
Pra contá essa aflição.

Laceia, laceia, o boi do Marajó (3 vezes)

Tive mãe e tive pai. Eh, boi!
De chorá, solto o meu ai. Eh, boi!
A saudade já se vai. Eh, boi!
Coração, calai, calai.

Laceia, laceia, o boi do Marajó. (3 vezes)

Quando vejo alguém dizê. Eh, boi!
Bênção, pai, a vosmecê. Eh, boi!
Sinto a alma entristecê. Eh, boi!
Cadê o choro, ó Deus, cadê?

Laceia, laceia, o boi do Marajó. (3 vezes)

E quem pai ainda tivê. Eh, boi!
Deve honrar ou dar-lhe fé. Eh, boi!
Veja, Deus, tu por quem é. Eh, boi!
Vê, mamãe, que santa é.

Laceia, laceia, o boi de Marajó (3 vezes)
Marajó!

Pausa

Minha terra tão guarida. Eh, boi!
Te louvando pela vida. Eh, boi!
Venho dar a despedida. Eh, boi!
Minha gente tão querida.

Laceia, laceia, o boi do Marajó! (várias vezes)

DESCRIÇÃO DA DANÇA
POSIÇÃO INICIAL
(Ajoelhados, cabisbaixos, laços sobre os ombros...)



Música - Vem, meu vaqueiro... no coração.
Estribilho - Laceia, laceia...
Levantam-se e dirigem-se para frente em 2 colunas, ao ritmo da música, sob a rebatida

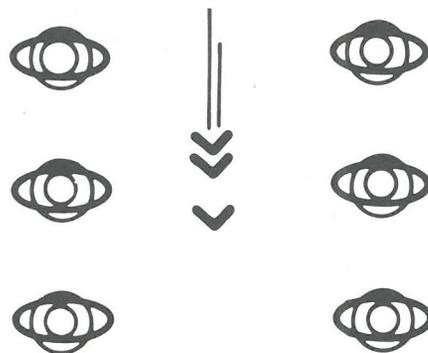
dos tamancos, que é sempre uma resposta ao canto.



1ª figura

1º movimento

Música - Escuta povo o meu cantá... Eh, boi!



A cada verso, há nova marcação dada pelos tamancos.

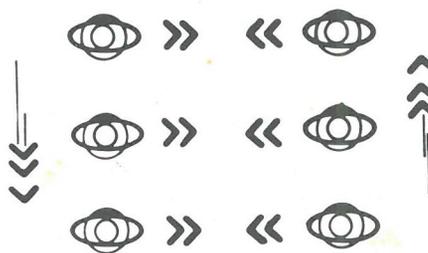
Eh, boi! - flexionam o tronco e retornam à posição normal.

Laço - girando sobre a cabeça

2º movimento

Estribilho - Laceia, laceia...

Laço - sobre o ombro

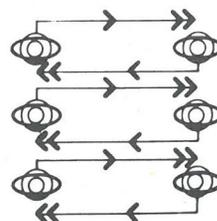


Voltam-se para dentro, face a face, movimentam-se em passos laterais: (1ª vez para frente, 2ª vez para trás, 3ª vez para frente a frente; a marcação dos tamancos é contínua).

2ª figura

1º movimento

Música - Sô dançadô do meu rincão... essa aflição.



DANÇA FOLCLÓRICA

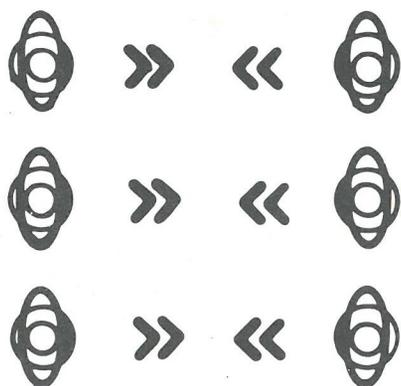
As duas colunas cruzam e vão para o lado oposto, ficam de costas.

Laço - girando sobre a cabeça

2º movimento

Estrilho - Lacea, laceia...

Laço - sobre o ombro.



Voltam-se face a face e executam o 2º movimento da 1ª figura.

3ª figura

1º movimento

Música - Tive mãe e tive pai... calai, calai.

Laço - girando sobre a cabeça

As colunas se afastam de costas.

2º movimento

Estrilho - Lacea, laceia...

Laço - sobre o ombro

Voltam-se face a face e executam o 2º movimento da 1ª figura.

4ª figura

1º movimento

Música - Quando vejo alguém... ó Deus, cadê?

Girando os laços sobre a cabeça, sentam sobre os próprios pés e inclinam o tronco para trás.



2º movimento

Estrilho - Lacea, laceia...

Laço - no ombro

Levantam-se. Com o rosto voltado para dentro, executam o 2º movimento da 1ª figura.

5ª figura



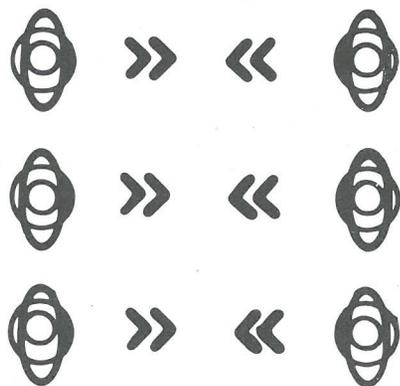
1º movimento

Música - E quem pai ainda tivé... que santa é. Repetem o 1º movimento da 2ª figura em sentido inverso, retornando à posição inicial; cruzam e se voltam face a face.



2º movimento

Estrilho - Lacea, laceia...



Repetem o 2º movimento da 1ª figura e dão um breque no final. As duas colunas voltam-se para o público.

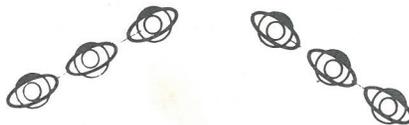
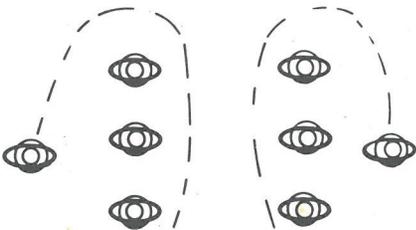
6ª figura

Depois do breque, canta-se mais uma estrofe da música.

1º movimento

Música - Minha terra tão guarida... tão querida!

Saem rebatendo os tamancos e girando os laços.



2º movimento - Lacea, laceia...

Depois de cada "laceia", rebatem os tamancos e giram o laço sobre a cabeça, repetidas vezes.

Param, atendendo a ordem do marcador.

7ª figura

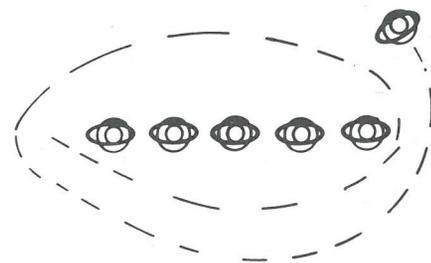
Saída

Música - Minha terra tão guarida... (repetição da última estrofe).

Estrilho - Lacea, laceia...

Saem em fila, dando uma volta pelo palco,

rebatendo os tamancos e girando os laços.



Origem

Criação de escravos africanos, mantida há vários anos na cidade de Santa Cruz do Arari, na Ilha do Marajó. Essa manifestação folclórica talvez tenha sido influenciada pela própria movimentação dos trabalhos que os vaqueiros realizavam nos campos. A dança é motivo de grande alegria por ocasião dos festejos religiosos. Interpretam-na com entusiasmo e arte.

Coreografia

Sempre em número par, os vaqueiros fazem uma série de movimentos, em ritmo vivo, alegre, com rebatidas dos tamancos que usam especialmente para a dança, observando-se que os efeitos rítmicos são sempre em resposta às partes do canto.

Instrumentos

São usados dois carimbós, dois maracás, dois milheiros, pandeiro, afoxê, ganzá, reco-reco e banjo. Os tamancos funcionam como idiofonos de grande efeito rítmico.

Indumentária

Calças brancas, pretas ou de mesclas azul-claro, arregaçadas nas canelas; camisa de manga comprida, vistosa, preferentemente na cor vermelha, bordada com motivos marajoaras; capa de baeta ou vermelha sobre os ombros; chapéu de palha, de abas largas, com enfeite na própria tectura ou na cor branca; laço de uma braça, nas mãos, sempre girando, movimentado à cadência da dança, simulando a laçada da rê; chicote de couro cru preso no lado direito das calças e tamancos com solado de madeira (tipo português).

A Dança em Olímpia

Pela primeira vez em Olímpia, a Dança dos Vaqueiros do Marajó foi apresentada pelo Grupo Folclórico do Pará, de Belém, sob a direção do maestro Adelermo Santos Matos, em 1977. Nessa ocasião, já eram integrantes do grupo o mestre Venâncio Oeiras Castro e seus filhos Edson e Raimunda. A dança foi carinhosamente aplaudida. Este grupo voltou a Olímpia em 1981. Cinco anos depois, em 1986, compareceu ao Festival do Folclore de Olímpia, o Grupo Parafolclórico "Os Baioaras", de Belém do Pará, dirigido pelos ex-integrantes do primeiro grupo belemense, professores Edson Janary Padilha Castro e Raimunda Edna Padilha Castro, sob a coordenação do Mestre Venâncio Oeiras Castro. "Baioaras" é grupo parafolclórico de rara beleza, muito aplaudido e solicitado pela platéia olimpiense que lhe pede "bis" a cada apresentação. É ainda muito respeitado pelo rigor com que apresenta as danças e folguedos, que se aproximam, ao máximo, das manifestações legítimas do povo. Este grupo já disse presente ao festival do folclore de 1986 a 1990, ininterruptamente.

Do Prof. Edson recebemos a Dança dos Vaqueiros do Marajó como herança. Foi sob a criteriosa orientação dos "Baioaras" que o Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", acrescentou, em 1982, essa atividade ao rol da colagem de danças brasileiras. Portanto, ao referido grupo "Baioaras" nossa gratidão para sempre, assim, como ao professor José Sant'anna, que nos deu condições para introdução de mais essa dança no Grupo "Menina-Moça".

Pare com essa Lengalenga!

ANALI DE OLIVEIRA

C.P. E ESTUDOS FOLCLÓRICO - OLÍMPIA

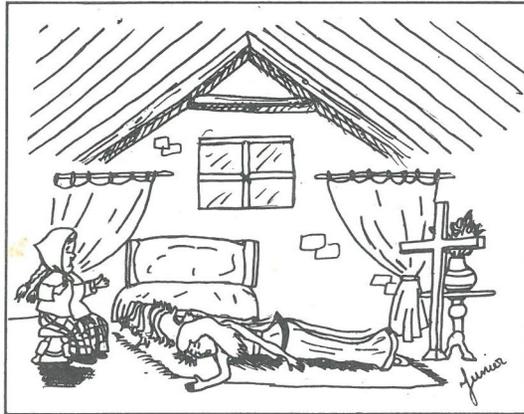
Quando comecei a falar, virei uma tagarela. A preocupação de toda a família, principalmente de minha mãe, era ensinar-me a pronunciar corretamente as palavras através de musiquinhas, rezas e sobretudo de contar os números na seqüência. E, por um longo período, eu pronunciava tão defeituosamente as palavras que, em lugar de conosco, dizia **fu nós**. Imaginem!

Depois, nos dedos da mão, aquela repetição monótona: um, dois, três... Até que um dia, com muita segurança, contei de 1 a 10. A partir daí, os dedos não tinham sossego. Viviam esticados, para cima, ao som de um, dois,... dez. Gostava de repetir palavras, até as mais complicadas. Há pouco tempo, minha mãe me disse que eu estava, naquela ocasião, na fase glóssica, isto quer dizer, com interesse pela palavra.

E quem pagava o pato pela minha curiosidade, era minha avó paterna, com quem vivi um bom tempo da infância. Percebendo que já dominava bem contar sucessivamente de 1 a 10, minha avó quis ensinar-me a contar o inverso, isto é, em ordem decrescente. E se lembrou de umas trovas que, há muito conhecia, e passou a recitá-las para que eu as memorizasse. Gostei muito da idéia e num zás-trás dei conta do recado. Tratava-se de uma parlenda, por sinal, agradável. Através dela tornou-se muito fácil contar de 9 a 1, ordem decrescente. Aprendi a poesia e a recitei demais. E, ainda hoje, reservo um tempinho para relembra-la. Chama-se:

A Velha Que Tinha Nove Filhas

- 1 — Uma velha que tinha nove filhas
Todas a fazer biscoito,
Deu pango-surupango numa delas
E das nove ficaram oito.
- 2 — Essas oito, meu bem, que ficaram
Foram vender confete,
Deu pango-surupango numa delas
E das oito ficaram sete.
- 3 — Essas sete, meu bem, que ficaram
Foram aprender francês,
Deu pango-surupango numa delas
E das sete ficaram seis.
- 4 — Essas seis, meu bem, que ficaram
Saíram pra comprar brinco,
Deu pango-surupango numa delas
E das seis ficaram cinco.
- 5 — Essas cinco, meu bem, que ficaram
Foram um dia ao teatro,
Deu pango-surupango numa delas
E das cinco ficaram quatro.



- 6 — Essas quatro, meu bem, que ficaram
Foram jogar xadrez,
Deu pango-surupango numa delas
E das quatro ficaram três.

- 7 — Essas três, meu bem, que ficaram
Foram passear nas ruas,
Deu pango-surupango numa delas
E das três ficaram duas.
- 8 — Essas duas, meu bem, que ficaram
Foram brincar na espuma,
Deu pango-surupango numa delas
E das duas só ficou uma.
- 9 — Essa única, meu bem, que ficou
Foi parar na correção,
Deu pango-surupango na coitada
E acabou-se a geração.
- 10 — E a coitadinha da velha
Mãe das nove donzelinhas,
Por causa do tal pango-surupango
Ficou no mundo sozinha.

Facilmente podemos perceber que os versos não apresentam o mesmo número de sílabas poéticas. A tabela elucida as irregularidades.

Estrofes	Versos - Sílabas Poéticas			
	1º	2º	3º	4º
1ª	10	7	10	8
2ª	9	6	10	8
3ª	9	7	10	8
4ª	8	7	10	7
5ª	9	7	10	8
6ª	9	6	10	8
7ª	8	7	10	7
8ª	9	7	10	8
9ª	9	7	10	7
10ª	7	7	10	7

Esta lengalenga é contida de 10 estrofes, de 4 versos cada uma: quadras. São estrofes irregulares, heterométricas. O 3º verso de cada uma tem 10 sílabas poéticas. É decassílabo. Os demais versos variam: hexassílabos, heptassílabos, octossílabos e eneassílabos. Há trova entre o 2º e o 4º versos de cada estrofe. As rimas são soantes, com exceção da 3ª estrofe, na qual aparece rima toante. É de fácil memorização.

Notas:

1 - **pango-surupango**: vocábulo onomatopaico que nos induz à idéia de doença que mata

repentinamente.

2 - **espuma**: espuma (forma variante).

E foi assim que decorei as estrofes, como se estivesse decorando uma música de muito interesse.

E a conseqüência de tudo isto?

Sem nenhuma dúvida, a implicação das pessoas que comigo conviviam. Os mais velhos, especialmente. Cansados da declamação enfadonha, gritavam, com energia: Vamos parar com essa lengalenga!

Anali de Oliveira, 13 anos (1991), é estudante do curso de 1º grau, 7ª série, E.E.P.S.G. "Dona Anita Costa", de Olímpia. Sua avó paterna: Alzira Sant'Ana de Oliveira.

O Folclore no Brasil

LAURA DELLA MÔNICA

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

A Príncipe

O Brasil-menino de Cassiano Ricardo havia rabiscado no seu caderno de figuras a história do seu destino. A história das figuras que na manhã indígena assistiram à missa rezada pelos marinheiros e mais tarde ouviram o canto dos orixás. A história das figuras que depois deram lugar aos gigantes e que, nas noites cheias de estrelas, nas madrugadas sem-fim, calçando bota-de-sete-léguas, rasgando caminhos — casaram-se com outras figuras que aqui vieram para um dia constituírem o Brasil-gigante.

As ladainhas cantadas pelos jesuítas eram ouvidas pelos indígenas que passaram a interpretá-las a seu modo. As festas começaram a se realizar em épocas certas e variáveis. Os homens bravios, com suas famílias, foram se unindo, sentindo a necessidade de cantar e contar as estórias de outras plagas.

As mulheres mostraram, nas suas canastras e baús, as coisas bonitas que haviam trazido e a gente daqui passou a olhar, a sentir e a usar tudo que se foi misturando, modificando, apocopando, aculturando...

Precursores

Estudiosos começaram a observar que a história do Gigante era muito importante e que devia ser lembrada e mostrada a todos. Falaram de Gandavo, das cartas de Caminha, de Anchieta e se deliciavam com as estórias contadas por eles. Comentaram Debret e se lembraram de Bento Teixeira Leite, Guilherme Piso. Então, Basílio de Magalhães conta como era a Uíara e toda a sua descendência que proliferou rapidamente por todo o Brasil. Sílvio Romero comentou as noites de catere-tês com sapateado, palmeado e modas de viola.

Outros, mais tarde, vieram, contando coisas notáveis, como Barbosa Rodrigues, Nina Rodrigues, Luciano Gallet, Arthur Ramos, Afonso Arinos, Mário de Andrade, Villa-Lobos...

Continuadores

Uma plêiade de estudiosos apareceu contando estórias do nosso Brasil, pela boca do povo: Mário de Andrade, Renato Almeida, Villa-Lobos. Logo a seguir, Joaquim Ribeiro, Cecília Meirelles, Nunes Pereira, Luís da Câmara Cascudo, Bruno de Menezes, F. Coutinho Filho, Gustavo Barroso, Domingos Vieira Filho, Osvaldo Cabral, Manuel Diegues Júnior, Aires da Mata Machado Filho, Mário Ipiranga, Saul Martins, F. Bezerra, Guilherme Santos Neves, Veríssimo de Melo, Alceu Maynard Araújo, Hélio Damante, Hildegardes Vianna, R. Tavares de Lima, Osvald de Andrade Filho, Yves Rudner Schmidt, Bráulio do Nascimento, Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Hernani Donato, Guerra Peixe, Benedito Pires de

Almeida, Jamile Japur, José Loureiro Fernandes, Theo Brandão, Regina Lacerca, Dante de Laytano, Paixão Cortes. E a fileira foi aumentando com outros pesquisadores, como: José Geraldo de Souza, Américo Pellegrini Filho, Maria Amália Giffoni, Karol Lencko, Kilza Setti.

Quando abri os olhos, estava envolvida e não pude mais sair.

Congressos Nacionais de Folclore

I - Rio de Janeiro - agosto de 1951 - Objetivo: "fixar os elementos essenciais de pesquisa científica do folclore em nosso país, de modo a permitir, em consequência, sua análise, interpretação e comparação. Para tanto é mister a maior coleta de material folclórico, a fim de tornar possível caracterizar não somente seus aspectos regionais como também seus valores tradicionais e as linhas de sua evolução. Cabe, pois, ao Congresso, como sua principal atividade, o exame e apreciação de teses, que, informando e expondo os assuntos escolhidos pelo respectivo autor, visem a estabelecer conceitos, planos ou caracterizações, indicar ou analisar material, ou ainda sugerir elementos de pesquisa. Para esse fim, as contribuições a serem apresentadas, em forma de teses ou de memórias, deverão enquadrar-se numa das seções, dentro de cada assunto geral e para fins de exemplificação, aspectos particulares que merecem ser apreciados".

Temário

I - Parte Técnica Geral: 1- Nomenclatura; 2- Pesquisa e Registro; 3- Classificação; 4- Divulgação e Intercâmbio. II - Parte Especializada: 5- Poesia Popular; 6- Novelistica Popular; 7- Crenças e Superstições; 8- Adagiário e Adivinhas; 9- Artes Populares; 10- Música e Dança Populares; 11- Demonstrações Folclóricas. III - Folclore Aplicado: 12 - Folclore e Educação; 13 - Folclore e Arte; 14 - Folclore e Literatura; 15 - Folclore e Economia.

Nessa mesma época, cria-se a Carta Magna do Folclore Brasileiro, documento onde se encontram os princípios fundamentais e as normas de trabalho a respeito do Folclore no Brasil, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, em 1951.

Eis alguns tópicos da Carta do Folclore, documento com 24 itens:

"Caracteriza o fato folclórico como as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, sem influências de círculos eruditos; reconhece como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular; e aconselha, para as pesquisas

folclóricas, métodos próprios de preferência, os histórico-culturais. Estatui a Carta a elaboração de um plano nacional de pesquisa folclórica, que vise o levantamento, dentro de base e princípios científicos, dos motivos folclóricos, em todo o país, estabelecendo que os trabalhos de pesquisa devem ser feitos por equipes, cuja constituição prevê, obedecendo às normas metodológicas das ciências sociais. Aconselha o levantamento de vários fatos folclóricos para o estabelecimento de um calendário folclórico e de mapas e cartas das várias unidades da Federação. Reconhece a conveniência de assegurar-se o mais completo amparo às artes populares, ao artesanato e à indústria doméstica, auxiliando-se as iniciativas que digam respeito ao seu desenvolvimento e à proteção aos artistas populares.

Considera o cancionário folclórico infantil fatos de educação, e recomenda o seu levantamento da forma mais completa possível, estabelecendo as diretrizes que deve seguir esse trabalho. Protesta contra alterações e deturpações de motivos folclóricos solicitando que uma lei torne obrigatória a transcrição, nas composições que os utilizem, dos temas folclóricos, indicando sua procedência. Formula um apelo ao Presidente da República para que crie um organismo de caráter nacional que se destine à defesa do patrimônio folclórico do Brasil e à proteção das artes populares.

Recomenda, para proteger os produtos de inventiva popular, tanto os de caráter lúdico e religioso, como os de caráter ergológico, a criação de um museu nacional e de museus locais de folclore, bem assim que se projetem os grupos folclóricos, nas suas apresentações e festas.

Apela para as autoridades competentes a fim de que sejam criadas cadeiras de folclore, nas Faculdades de Filosofia, e para que em todos os Conservatórios de Música, oficiais ou oficializados do país, figure a cadeira de Folclore.

Estimula a criação, em estabelecimentos de ensino secundário e normal, de centros de pesquisas folclóricas, e reconhece a necessidade de se formar uma biblioteca brasileira de folclore, editando-se obras originais e reeditando-se livros fundamentais, já esgotados, bem como incluindo-se nessa coleção traduções de obras científicas em que se encontrem estudos ou pesquisas de interesse para o folclore nacional. Aconselha várias publicações, inclusive de uma revista, e entendimentos para estabelecer uma cooperação com os órgãos de turismo. Recomenda um contato íntimo com os agentes do IBGE e com o professorado primário, como elementos valiosos de informação e de cooperação quanto às pesquisas e levanta-

○ FOLCLORE ORGANIZACIONAL

mento do folclore regional; e outras recomendações..." (Dicionário do Folclore Brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962).

II- Curitiba - agosto de 1953 - Estudos sobre: Autos Populares; Cerâmica e Trançados; Instrumentos da Música Popular Brasileira e Folclore do Paraná.

III- Salvador - julho de 1957 - Temário: Folclore do Mar e dos Rios; Folclore da Bahia; Proteção aos Folguedos Populares; Folclore e Ciências Sociais; Linguagem Popular e Romanceiro Nacional.

IV - Porto Alegre - julho de 1959 - Teses sobre Folclore Gaúcho; Mesas-Redondas: Festas Tradicionais; Modos e Escalas de Música Folclórica Brasileira; Folclore e Teatro; Pesquisas de Folclore; Cursos de Folclore e Cerâmica Folclórica.

V - Fortaleza - junho de 1963 - Temas: O Folclore do Ceará; Renovação dos quadros dos Folcloristas Brasileiros; Escalas de Folclore Brasileira; Folclore e Psicologia.

VI - Brasília - janeiro de 1974 - Uma série de mesas-redondas: Ensino e Pesquisa do Folclore; Arte e Artesanato Folclóricos; Folguedos Populares; Danças Folclóricas do Brasil; Museus de Folclore; Folclore e Literatura; Diretrizes da Política e Defesa do Folclore Brasileiro.

Congressos Internacionais de Folclore

I - São Paulo - agosto de 1954 - Temário: Características do Fato Folclórico; Folclore e Educação de Base; Música Folclórica e Música Popular; Folclore Comparado; Cooperação Internacional entre Folcloristas.

II - Buenos Aires - dezembro de 1960. Neste Congresso foi aprovado, por unanimidade, a comemoração do Dia Internacional do Folclore a 22 de agosto, respeitando a data de publicação da Carta de William J. Thoms.

Fato Folclórico

A conceituação do fato folclórico começou a preocupar seus interessados. Eis a definição aprovada no 1º Congresso Internacional de Folclore realizado em 1954, em São Paulo:

"Considera-se fato folclórico toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada".

Considerações - O fato folclórico é elemento dinâmico da cultura, não é estático. Modifica-se e se transforma de região para região, de acordo com o meio. De aceitação coletiva, não perde seu caráter, seu valor, sua autenticidade. E, por caracterizar-se pela espontaneidade e poder de motivação sobre os componentes da respectiva coletividade pode resultar tanto da invenção como da difusão, sempre subordinado aos processos da dinâmica cultural.

Divulga-se e é adquirido pelo homem no contato diário que mantém com seus semelhantes na prática da vida social. Seu habitat preferencial é constituído pelos agrupamentos humanos que vivem mais

em função da cultura espontânea, mas também pode existir entre aqueles que recebem orientação direta das citadas organizações intelectuais, pelos contatos que mantiveram com representações dos mencionados agrupamentos, no período da infância ou juventude.

Muitos cantadores de modas de viola, repentistas, dançadores de cateretê, reissado, carimbó, folias-de-reis, moçambiques, congadas e outras manifestações folclóricas são nossos conhecidos, amigos ou mesmo parentes.

O fato folclórico existe em todos os níveis sociais; aculturado ou aculturando-se é a representação máxima da maneira de sentir, pensar e agir da gente. Vamos encontrá-lo na Praça da Sé, com os vendedores de bilhetes de loteria, nas portas de circos, com os pipoqueiros e fazedores de algodão-doce; com os periquiteiros que solicitam à sua avezinha, a sorte melhor para aquela titia solteirona ou àquele que deseja bom negócios. Ainda ontem ouvi um grupo de jovens dizer: "chapa branca: 1, 2, 3" para encontrar-se com o namorado. Algum tempo atrás tiravam-se os 9 fora de qualquer chapa de automóvel ou caminhão com a mesma funcionalidade.

O fato folclórico está na boca do repentista, na fala da Bernúncia do Boi-de-Mamão de Santa Catarina, na poesia dos cantores e dançadores de cateretê ou catira, do carimbó ou São Gonçalo. Está na ciranda que a criança ainda, e graças a Deus, cria a cada instante na calçada do seu bairro. No pregão do vendedor de laranja oferecendo o gomo suculento. Na nota de 100 cruzeiros, que tirada detrás da porta, agora está dobradinha na sua carteira; e ainda nas orações para Santa Ifigênia, protetora do lar, para que o conserve sempre alegre e feliz.

O fato folclórico está na sua ou a na minha casa, nas escolas, nas ruas, nos escritórios, nas redações dos jornais, nos teatros, nas tevês. Ele está junto da gente, dentro da gente. Mas, às vezes, não o compreendemos bem ou nos envergonhamos dele; por isso passamos uma camadinha de verniz e saímos por aí contando vantagens.

Será um estudo mais sério a respeito do fato folclórico o que nos permitirá conhecer o povo, seu pensamento, sua maneira de agir e sentir; sua música e dança, seu pote detrás da porta, sua vassoura de guaxuma (guaxiúma ou guaxima), sua bandeira de Santos Reis, sua moda de viola, enfim, seu dia-a-dia.

O fato folclórico vive em função de relação, logo se vai modificando nas contingências da realidade circundante. A repetição de uma estória ou de um canto, assim como o uso de um utensílio ou a alteração de um costume ficam sempre sujeitos a uma série de fatores de ordem psicológica, social ou ocasional.

O campo folclórico se estende por todas as manifestações da vida popular.

O Impacto

A moda de se imitar o que era original veio dar uma confusão aos estudiosos

menos avisados. Ninguém mais sabia o que era folclórico, o que era popular. Novamente a Comissão Nacional de Folclore, que regia, no Rio de Janeiro, as demais Comissões Estaduais, se preocupava com isso e insistia nas realizações de Congressos que tratassem de dissipar dúvidas, de conjugar pensamentos, de orientar os caminhos da pesquisa. Cria-se a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em 1958, no Ministério da Educação e Cultura. Nessa mesma época todo o acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", criado no velho e querido casarão da avenida São João, 269, passou para a Associação Brasileira do Folclore.

Os Sucessos

Em 1965, o Diário Oficial da União nº 157, de 18 de agosto, publica o Decreto nº 56 747:

Dia do Folclore no Brasil

"O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, inciso 1 da Constituição e,

Considerando a importância crescente dos estudos e das pesquisas do Folclore, em seus aspectos antropológico, social e artístico, inclusive como fator legítimo para o maior conhecimento e mais ampla divulgação da cultura popular brasileira;

Considerando que a data de 22 de agosto, recordando o lançamento pela primeira vez, em 1846, da palavra Folk-lore, é consagrada a celebrar esse evento;

Considerando que o Governo deseja assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular não só estimulando sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira, DECRETA:

Artigo 1º - Será celebrado anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o DIA DO FOLCLORE.

Artigo 2º - A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura e a Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do Folclore na formação cultural do país.

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 17 de agosto de 1965, 144ª da Independência e 77ª da República".

- a) Humberto Castelo Branco
- a) Flávio Suplicy de Lacerda

Dois anos depois, o Governo do Estado de São Paulo decreta:

"Roberto Costa de Abreu Sodré, Governador do Estado de São Paulo, usando das atribuições legais,

Considerando que desde 1960, por iniciativa de diversas entidades culturais, vem sendo comemorado em São Paulo o "Mês

do Folclore”, em agosto, visando divulgar, estudar e pesquisar os fatos da cultura popular brasileira, e despertar o interesse, especialmente dos jovens, para a ciência do Folclore;

Considerando que o Congresso Internacional de Folclore, reunido em Buenos Aires, Argentina, em dezembro de 1960, aprovou proposta do Brasil, no sentido de o mês de agosto ser considerado o “Mês do Folclore”;

Considerando que, nos termos da proposta, aprovada no referido conclave, esse mês deve ser destinado à prática e à difusão de conhecimentos relativos ao folclore;

Considerando que o mês de agosto foi escolhido para essas realizações culturais em vista de a palavra “Folclore” ter surgido em 22 desse mês em 1846, data comemorada universalmente como o “Dia do Folclore”;

Considerando que o Poder Público não deve ficar indiferente à difusão e à defesa do folclore, pelo que ele representa como espelho da alma popular, e amálgama de conhecimentos e práticas que contribuem inclusive para fortalecer os laços da comunidade, da Nação e da fraternidade humana, DECRETA:

Artigo 1º - Fica instituído, no Estado de São Paulo, o mês de agosto como o “Mês do Folclore”;

Artigo 2º - O programa dos festejos comemorativos do mês do folclore, anualmente renovado, será elaborado por uma Comissão constituída pelo Secretário do Estado dos Negócios do Governo (1).

Parágrafo 1º - Sempre que possível, deverá ser incluída nesses atos comemorativos a participação dos museus folclóricos, das demais unidades da Federação, notadamente do Norte e do Sul do país.

Parágrafo 2º - Deverão igualmente participar dessas festividades, que poderão compreender, além de solenidades externas, de caráter popular, representações, aulas, palestras, conferências e cursos sobre temas folclóricos, as entidades regionais que cultuam as tradições folclóricas paulistas.

Artigo 3º - O Departamento de Educação da Secretaria da Educação, em entendimento com a Comissão instituída pela Secretaria do Governo, disciplinará a participação da escola pública nessas comemorações, em todo o Estado.

Artigo 4º - A Comissão expedirá certificados de participação, com direito a pontos em concurso público de magistério, aos professores que mais se destacarem na realização das comemorações patrocinadas pelo Departamento de Educação.

Artigo 5º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.”

São Paulo, 27 de junho de 1967.

a) Roberto Costa de Abreu Sodré

a) José Felício Castellano

a) Antônio Barros de Ulhoa Cintra

(1) - Depois, Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo,

e hoje Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Ciência e Tecnologia.

E, para cumprir o disposto no artigo 2º do Decreto nº 48 310, de 1967, foi constituída e empossada a 1ª Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, do Conselho Estadual de Cultura, pelos professores Rossini Tavares de Lima, Hélio Damante, Alfredo João Rabaçal, José Sant’anna e Laura Della Mônica, com o fim de realizar festivais, cursos de folclore e conferências pelo interior paulista, disciplinando as comemorações do mês do folclore nas escolas de 1º e 2º graus no Estado de São Paulo.

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, desse modo, foi criada pelo Decreto nº 43 178, de 5 de fevereiro de 1958, com os seguintes objetivos, em plano nacional:

-promover registro, pesquisas e levantamento, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

-proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

-organizar museus, bibliotecas, filmotecas, fonotecas e centros de documentação;

-manter intercâmbio com entidades congêneres;

-divulgar o folclore no Brasil.

Com a inauguração de sua sede, na antiga Casa da Guarda do Palácio do Catete, verdadeiramente se instala a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. O velho prédio, transferido em 1974 para a área do Ministério da Educação e Cultura e destinado à Campanha por ato do Professor Manuel Diegues Júnior, Diretor-Geral do Departamento de Assuntos Culturais, foi totalmente restaurado e adaptado para as novas funções com recursos provenientes do Programa de Ação Cultural.

A atuação da Campanha vem-se desenvolvendo em âmbito nacional, sendo enorme o acervo de suas realizações nos diversos setores: pesquisas, cursos em vários níveis, publicações, instalação de museus, exposições, concursos, estímulo aos grupos folclóricos, festivais, documentário sonoro, fotográfico e cinematográfico e divulgação intensiva do folclore no país e no exterior.

Na nova sede funcionam, além dos serviços administrativos, a Biblioteca Amadeu Amaral, o setor de audiovisual com sua documentação abrangendo cerca de 30 mil peças - recortes de jornais e revistas, slides, filmes, discos, fitas gravadas, fotografias, desenhos e outros documentos, e o Museu de Folclore com um acervo de peças provenientes das mais diversas regiões do país.

Todos os anos, desde a sua criação pela Portaria nº 215, de 23 de junho de 1959, do Ministério da Educação e Cultura, a Campanha promove o Prêmio Sílvio Romero, concurso de monografias sobre quaisquer temas do folclore brasileiro, tratados, quando for o caso, à base de versões locais e de linguagem usada pelo grupo estudado.

A Lei nº 6312, de 16/12/75 e o Decreto

nº 77300, de 16/03/76 tratam da mudança do nome da Campanha em Instituto Nacional de Folclore, mediante a incorporação à Fundação Nacional de Arte (FUNARTE).

Sem dúvida alguma, o Museu de Folclore “Édison Carneiro”, no Rio de Janeiro, do Instituto Nacional do Folclore, é um exemplo de luta, persistência e idealismo na preservação da forma de comunicação da nossa cultura popular. É preciso ver para crer. Dos mais variados tipos de artesanato às demonstrações de literatura de cordel; da lúdica infantil aos cultos populares; da medicina caseira à xilogravura, você poderá viver e sentir a realidade brasileira com toda sua pujança de arte e técnica e de grande sabedoria. “... e o Museu de Folclore Édison Carneiro, constitui um centro vivo de estudo e divulgação da nossa cultura popular”.

Aproveitamento

Por que não começar a verificar o número de museus existentes no Brasil que tenham, pelo menos, uma parte referente a folclore?

Projeto de Lei nº 1 162 de 1975

Altera dispositivo da Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, tornando obrigatório o estudo do Folclore Brasileiro nos currículos dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus.

O Congresso Nacional decreta:

Artigo 1º - Passa a ter a seguinte redação o artigo 7º da Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971:

“Artigo 7º - Será obrigatória a inclusão na Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística, Programas de Saúde e ESTUDO DO FOLCLORE BRASILEIRO, nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto do Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969.

Parágrafo único -

Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Justificação

O projeto dá nova redação ao caput do artigo 7º da Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, acrescentando as palavras “Estudos do Folclore Brasileiro”.

A iniciativa tem por fim transmitir o acervo folclórico nacional para as novas gerações que surgem.

Folclore, como próprio nome sintetiza, é a “Ciência do Povo”, são as tradições, os costumes, as crenças populares, o conjunto de canções de uma época ou região, enfim tudo o que nasceu do povo brasileiro e nos foi transmitido através das gerações.

Folclore é, pois, a ciência da psicologia coletiva observada através dos elementos citados e de todas as manifestações espirituais, artísticas, materiais e culturais de um povo. Portanto, no Folclore se encerram a cultura, as atividades artísticas, a História, a vida, o próprio espírito de um povo.

Todos desejamos ser sábios e conse-

qüentemente mais úteis à nossa tradição, aos nossos costumes, à nossa cultura.

A inclusão do ensino do Folclore nas séries de 1º e 2º graus é indispensável, pois, sendo o alicerce sobre o qual se ergue a tradição, os costumes, a cultura de nosso povo, o seu conhecimento torna-se imprescindível para melhor compreensão dos ensinamentos contidos nas demais disciplinas.

O Folclore, acrescido dos valores morais que encerra, faz o seu estudo essencial à formação do caráter do homem brasileiro.

O estudo do Folclore oferece, ainda, condições para uma melhor compreensão de diversas criações e manifestações artísticas por ser fonte artística inesgotável com seus cantos, músicas, danças, instrumentos, objetos, etc., produtos de séculos de arte brasileira, que nossa juventude absorverá com prazer.

O Folclore é também uma importante fonte histórica e só isto justificaria a sua inclusão como disciplina auxiliar da História nos currículos escolares.

Entretanto, acima de tudo, deve ser uma disciplina autônoma, por ser muito mais do que a História, pois conforme conclui a sua definição "Folclore é a própria Vida, o próprio Espírito de nosso povo, é o nosso Eu, a nossa Essência".

Pelas considerações expostas, esperamos que não apenas os nossos ilustres colegas, mas também as autoridades educacionais se interessem pela fascinante matéria, dando o seu apoio à iniciativa.

Sala das Sessões.

a) Jorge Paulo - Deputado Federal

Folclore no Currículo das Escolas Oficiais do Estado de São Paulo

A legislação estadual já institui no Estado de São Paulo, pelo Decreto nº 48 310/67, o mês de agosto como o "Mês do Folclore", incluindo programação de festejos, com a participação da escola pública, o que evidencia a preocupação do legislador com a divulgação do folclore.

Mediante o Ato nº 241/68, a Secretaria da Educação determina que os temas folclóricos sejam abordados por todas as disciplinas com as quais tiverem correspondência, sobretudo durante o mês de agosto, sendo as comemorações feitas sem prejuízo do andamento normal dos trabalhos escolares.

Os Guias Curriculares, elaborados pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, que se constituem em instrumento de apoio à ação docente, sugerem atividades que envolvem os aspectos folclóricos, merecendo enfoque especial nas áreas de Educação Artística e Estudos Sociais. Inclusive, as referidas propostas apresentam sugestões de atividades, integradas à área de Estudos Sociais, a serem desenvolvidas especialmente no tema "Fundamentos da Cultura Brasileira".

Constam, também, dos Currículos e Programas de Educação Moral e Cívica, definidos pelo Parecer CFE nº 94/71, itens específicos relacionados ao folclore.

Além disso, o folclore é um dos com-

ponentes curriculares listados pelas Deliberações nº 10/72 e 18/72 do Conselho Estadual de Educação, que relacionam as matérias da parte diversificada do currículo, respectivamente do 1º e do 2º Graus, do Sistema Estadual de Ensino. Assim, no Ensino de 1º Grau, ele pode se constituir em opção dos estabelecimentos estaduais de ensino, quando estes não apresentarem condições para proporcionar o estudo de Língua Estrangeira Moderna, nos termos do item 3, alínea a, do Comunicado CENP de 28/12/77, publ. a 29/12/77. No Ensino de 2º Grau, o folclore pode se constituir em opção da escola, quando o quadro curricular baixado para a habilitação inclui, na parte diversificada, "matérias de livre escolha".

Observamos, pelo acima exposto, que os temas folclóricos servem como recurso motivador e fonte de material a ser utilizado em atividades de expressão, e vêm merecendo destaque especial no currículo escolar em vigor.

ATO Nº 241, DE 12 DE AGOSTO DE 1968

O Secretário de Estado dos Negócios da Educação usando das atribuições, e considerando:

1- que as preocupações com o estudo e a utilização do folclore têm caráter internacional, sendo o dia 22 de agosto consagrado por razões históricas, como "Dia do Folclore", inclusive no Brasil;

2- que são ricas as fontes folclóricas e é grande o interesse dos estudiosos brasileiros por tais assuntos;

3- que grandes intelectuais brasileiros e artistas nacionais de renome produziram obras de elevada qualidade, utilizando o folclore;

4- que pelo decreto nº 48 310, publicado no Diário Oficial de 1º/8/67, foi instituído, pelo Sr. Governador do Estado, o mês do Folclore e que, posteriormente, foi criada a Comissão Estadual de Folclore, órgão do Conselho Estadual de Cultura;

5- que dada a riqueza de fontes do nosso folclore, merece este as atenções dos estudantes em geral, além de fornecer recursos apreciáveis à motivação de trabalhos escolares, tanto na escola primária, quanto na de grau médio;

RESOLVE:

1- os estabelecimentos oficiais de ensino primário e de grau médio do Estado de São Paulo comemorarão, durante o mês de agosto de cada ano, o mês do folclore;

2- tais comemorações serão feitas, sem prejuízo do andamento normal dos trabalhos escolares;

3- os temas folclóricos serão abordados em todas as disciplinas escolares com quais tiverem correspondência, sempre com duas ordens de preocupações:

a) de reconhecimento e compreensão do meio em que se situa a escola;

b) de recurso motivador e vitalizador da produção escolar, intelectual e artística.

FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

Ao encerrar este trabalho, devo mencionar algo que é muito importante e, de

certa forma, complementa minhas pesquisas. Em 1965 realizou-se o 1º Festival do Folclore de Olímpia, SP, pequena cidade na época. Antes, em 1955, um olimpiense, José Sant'anna, interessou-se pelo estudo da ciência folclórica. Dez anos depois, criou o Festival do Folclore que se repete, anualmente, no mês de agosto. ~~Vinte e sete já realizados!~~

Esse Festival é digno de ser visto por todos os brasileiros, por todos que se preocupam com a preservação da cultura popular nacional. Durante uma semana, grupos folclóricos de todas as regiões do Brasil apresentam-se nos palanques, trazendo folguedos e danças regionais, colorindo a cidade com seus trajes típicos, atraindo até os indiferentes ao som de instrumentos musicais.

Olímpia possui hoje um local apropriado para essas demonstrações - a Praça das Atividades Folclóricas ("Prefeito Wilson Zangirolami") com vasto anfiteatro a céu aberto, estacionamento para alguns milhares de carros, plantas ornamentais e árvores floríferas, de madeira de lei, algumas em perigo de desaparecimento. Imenso palanque permite aos espectadores apreciarem Congadas, Moçambiques, Caia-pós, Samba-lenço, Fandangos (de Tamanco e de Chilenas), Jongo, Batuque, Bacarmarteiros, Reisados, Cordão de Bichos, Catira, Folias-de-Reis, Ciranda, Carimbós, Frevos, Dança dos Velhos, Bumba-meu-boi, Repentistas e muito mais. Além disso, há cursos sobre Folclorística, brincadeiras infantis, roda de violeiros, serestas, desfiles, um Festival que, merecidamente, deu à cidade o título de Capital do Folclore.

Durante o festival é lançada uma revista, dirigida pelo Prof. José Sant'anna, que hoje conta com a colaboração da folclorista Profª Iseh Bueno de Camargo como redatora, além da contribuição valiosa de muitos olimpienses e folcloristas de todo o país.

Olímpia, inclusive, num Seminário realizado em 1980, apresentou as sugestões para o Currículo de uma Faculdade de Folclore, velho sonho do Prof. Sant'anna, constando do Anuário de 1982 um estudo preliminar sobre cursos afins com os "Festivais de Olímpia, Capital do Folclore", em destaque na disciplina Folclore II. Olímpia é a única cidade brasileira que conta com um Folcloródromo para apresentações de grupos e atividades folclóricas.

Também o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", com caprichado acervo de material folclórico, engrandece a cidade. Peças em desuso, artesanato regional, máscaras, luminárias, trajes típicos, revistas, livros, tudo faz parte do acervo do Museu.

Por isso afirmo que Olímpia pode ser considerada a cidade brasileira mais importante para o estudo do folclore nacional. Agosto enriquecerá qualquer estudioso das lides folclóricas brasileiras. Olímpia é, sem dúvida, a Capital do Folclore Brasileiro.

Fazer



NOTICIÁRIO DA ISEH

ISEH BUENO DE CAMARGO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Como foi o hasteamento das bandeiras

Na noite de 12 de agosto de 1990, na Praça das Atividades Folclóricas, sob coordenação do Prof. José Sant'anna, assistido por maciça assistência, deu-se o hasteamento dos pavilhões brasileiros, marco cívico da abertura do 26º Festival do Folclore. O locutor Hélio Athia foi, novamente, responsável pela leitura dos nomes e das palavras que marcavam o evento. Neste ano, o hasteamento foi efetuado no seu local definitivo, na Praça das Atividades Folclóricas, circundando em fraternal amplexo o recinto onde as apresentações se desenrolam. Pouco vento, porém, os pavilhões lá permaneceram, tremulando à leve brisa, lembrando que brasileiros de todos os rincões aqui se encontrariam.

Foi esta a seqüência da efeméride:

Neste início da noite, 18 horas do dia 12 de agosto de 1990, sob o cálido céu olímpense, nós nos reunimos para um acontecimento marcante do Festival do Folclore. Estamos iniciando, oficialmente, o 26º Festival.

A bandeira retrata o povo que a adota. Por isso, em 1990, o 26º Festival de Olímpia vem prestigiar a gigantesca campanha que o mundo todo vem desenvolvendo, a fim de diminuir, de acabar com o analfabetismo. Estamos solidários com esse movimento, queremos nossa cultura divulgada por gente que lê, que compreende o que lê, que escreve, que conhece o seu passado, preservando no presente, a fim de que seja mais promissor o futuro do povo que nasceu sob a égide da santa cruz. Abaixo o Analfabetismo! Salve o 26º Festival do Folclore de Olímpia.

Procederemos, agora, ao Hasteamento Solene dos Pavilhões Brasileiros que, neste ano, pela primeira vez, circundarão o palanque, na definitiva "ESPLANADA DAS BANDEIRAS", embelezando o recinto, introduzindo um pouco mais de civismo no coração dos que aqui comparecem. Como nos anos anteriores, com todo o respeito, acompanharemos o Hino Nacional Brasileiro, ao som da gravação oficial.

1 - **BANDEIRA DO BRASIL**, eu te reverencio pelas riquezas que retratas. Eu te saúdo no 26º Festival do Folclore de Olímpia. 1990 é o Ano Internacional da Alfabetização. Sei, sabemos que tuas cores encerram o escrínio de um porvir radioso, de um presente de lutas e sucessos, de um passado de vitórias e gran-



O prefeito Rizzatti hasteando a bandeira nacional



Bandeiras hasteadas

dezas. Que cada brasileiro se conscientize, hoje, agora, de que mais te honrará, deixando para trás o analfabetismo que nos maculou, que foi pobre herança de um ontem ainda próximo.

Ao te ver tremulando ao vento, orgulhosos do que simbolizas, prometemos: o Brasil será totalmente alfabetizado. Crescemos contigo, Bandeira do Brasil!

O Pavilhão Nacional, honrosamente será hasteado pelo nosso Prefeito Municipal, Sr. José Fernando Rizzatti.

2 - Bandeira das treze listas, **São Paulo** permanece como discípulo fiel e disciplinado, honrando o destino que lhe foi traçado. Desfralda, ao vento, as tuas suntuosas cores, gritando ao país todo, que homens letrados te farão eternamente bela e querida. Analfabetos nunca mais! (Canção do Expedicionário)

A bandeira paulista será hasteada pelo nosso vice-prefeito Marcelo Gil Munhoz.

3 - **Olímpia** progressista, Olímpia do Folclore, abre as asas de tua águia alviçareira e alça o etéreo vôo para o futuro, combatendo o analfabetismo que gera

pobreza, recessão e atraso. Bandeira de Olímpia, canta a glória dos teus homens, a cultura do teu povo, o amor aos visitantes ilustres. (Hino a Olímpia).

A bandeira de Olímpia, orgulhosamente será hasteada pela 1ª dama do Município, Profª Regina Céli Trindade Rizzatti. Durante o hasteamento das Bandeiras Estaduais, a musicista olímpense, a garbosa Denise Batista dos Santos, acompanhará no órgão, executando canções folclóricas brasileiras.

4 - Pequeno no vastidão brasileira, sabemos que lutas, **ACRE** grandioso, para que se alfabetizem todos os que aí vivem. Nós te saudamos, Bandeira Acreana!

- A Bandeira do Acre será hasteada por Francisco de Assis Madalena.

5 - **ALAGOAS** que preserva a cultura brasileira, que nos legou homens de grande porte, na certeza de que te empenhas, neste ano, para erradicar o analfabetismo do teu solo, nós te saudamos.

- Hasteará a bandeira de Alagoas, Miguel Caetano Rizzatti.

6 - Apesar de quilométricas distâncias que fazem de ti, **AMAZONAS**, o grande celeiro mundial, cremos que lutas, conosco, para que todos os teus filhos tenham acesso às letras, crescendo, progredindo.

- A bandeira do **AMAZONAS** será hasteada por Adenir M. Moro Fonseca.

7 - Bandeira da **BAHIA**, tu que ostentas número infindável de artistas e cultos autores, podes te orgulhar por seres pioneira na luta brasileira contra o analfabetismo. Que o Senhor te cubra de bênçãos.

- A bandeira da **BAHIA** será hasteada por Sidney Carlos Schalch.

8 - **BRASÍLIA**, sede do Distrito Federal, és o guia na luta erradicatória do analfabetismo no país. Tão altiva, estende os braços da tua cruz para que todo brasileiro ganhe essa batalha e prospere.

- A bandeira do **DISTRITO FEDERAL** será hasteada por Débora Aparecida Vicente.

9 - Nas dobras da tua bandeira, **CEARÁ**, há toda a história dos homens que te engrandeceram, há a história da luta hodierna que enfrentas para alfabetizar todos os teus filhos. Segue em frente, **CEARÁ** altivo.

- Hasteará a Bandeira do **CEARÁ**, Luís Eugênio Machado.

10 - O dístico "Trabalha e Confia" que

enobrece a bandeira do **ESPÍRITO SANTO**, nos dá conta de quanto se luta ali pela elevação cultural do povo brasileiro. Avante, pois, Espírito-santenses.

Será hasteado o pavilhão do Espírito Santo por Rita de Cássia Machado.

11 - **GOIÁS**, de vastas extensões, de imensas riquezas, entra na luta de 1990 pelo decréscimo do analfabetismo no país. Continuarás belo, celeiro do Brasil!

- Orgulhosamente hasteará a bandeira de **GOIÁS** Guiomar Midori Sato.

12 - Tantas batalhas ganhas, **MARANHÃO**, mais uma não te vergará, vencerás o analfabetismo que emperra a máquina progressista do país, temos certeza, tua bandeira o diz.

- Honrosamente hasteará a bandeira do **MARANHÃO** Célio José Franzin.

13 - Imenso **MATO GROSSO**, acrescenta aos mistérios que te fazem amado a glória de lutas contra o analfabetismo. Grande és, gigante serás.

- Será hasteada a bandeira do **MATO GROSSO** por João Carlos Amaro.

14 - Apesar da juventude que te cerca, já te fizestes grande, **MATO GROSSO DO SUL** e, na tua bandeira inscrito está que batalhas para que o analfabetismo jamais atrase tua marcha ascensional.

- Hasteará a bandeira do **MATO GROSSO DO SUL** Maria Giusepe Scura.

15 - Liberdade pede tua bandeira, rica **MINAS GERAIS**, liberdade que a alfabetização total proporciona e há de conseguir mais esse feito miraculoso. Luta, querida **MINAS GERAIS!**

- Carinhosamente hasteada a bandeira de **MINAS GERAIS** por Ineh Bueno de Camargo.

16 - Guardiã do norte, tu te desvelas, **PARÁ**, enfrentando problemas seculares, a fim de erradicar do teu solo o analfabetismo e alçar o teu vôo livre às estrelas do saber.

- Hasteará a bandeira do **PARÁ** Clarice Aparecida Queirós Guariente.

17 - Negarás, **PARAÍBA** de homens cultos, toda a forma de atraso acarretado pelo analfabetismo no solo pátrio, e continuarás gigante na tua pequenez territorial. Firmes, paraibanos!

- Será hasteada a bandeira da **PARAÍBA** pela Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli.

18 - **PARANÁ** que ainda de verde te cobres, mostra ao país o quanto já fizestes pelo analfabeto, tornando-te símbolo de luta vitoriosa e pacífica em prol da cultura nacional.

- A bandeira do **PARANÁ** será hasteada pela Drª Aurora Castro França.

19 - Sofrendo as agruras das intempéries, nem por isso, **PERNAMBUCO**, tu te rendes e brasilicamente enfrentas o problema do analfabetismo. Luta e vencerás, venceremos.

- Hasteará a bandeira de **PERNAM-**

BUCO Maria Jesus de Miranda.

20 - No verde-amarelo que ostentas, bandeira do **PIAUI**, gravadas estão em ouro, as lutas que solitário enfrentas em prol da alfabetização da tua gente. Por isso, nós te louvamos, povo de raça viril.

- A bandeira do estado do **PIAUI** será hasteada por Zélia Faria Siqueira.

21 - À sombra do Cristo te engastas, no gigantesco Brasil, **RIO DE JANEIRO** que samba, sofre e exaure em busca da cultura e do progresso do país. Salve, **RIO!** RIO de encantos mil.

- Hasteará a bandeira do **RIO DE JANEIRO** Luís Fernando Cintra.

22 - Entre dunas, céu aberto, **RIO GRANDE DO NORTE** em vigília, enfrenta com garra a luta pela alfabetização do teu sofrido povo. Avante gente de raça, sentinelas do Brasil.

- Hasteará a bandeira do **RIO GRANDE DO NORTE** o Prof. Clarismundo Santana.

23 - Símbolo de lutas aguerridas, o **RIO GRANDE DO SUL**, marco divisor do país tem sido, através dos tempos, o líder das revoluções culturais do Brasil. Estás na campanha 1990 pela alfabetização de todo o Estado. Vencerás, é certo.

- Com orgulho, hasteará a bandeira do **RIO GRANDE DO SUL**, o gaúcho Alberto Maier.

24 - Que os eflúvios da pirâmide verde, destaque da bandeira de **RONDÔNIA** lhe permitam vencer a luta contra o analfabetismo, nódoa do país, que anseia galgar os mais altos cimos da história.

- a bandeira de **RONDÔNIA** será

hasteada pelo Sr. Luís Fávaro, gerente do **BRDESCO**.

25 - **SANTA CATARINA**, no inverno, vê suas águas gelarem, mas o coração ardente de todo catarinense se expande ao lutar pela erradicação do analfabetismo no seu território. Nós te louvamos, bandeira verde-encarnada.

- Hasteará a bandeira de **SANTA CATARINA** a Profª Neusa Aparecida Pereira dos Santos.

26 - Também **SERGIPE** se ufana de ter pouco analfabeto, podendo ostentar com gáudio, o seu verde amarelo na bandeira que é o símbolo de gente que luta e progride.

- Hasteará a bandeira de **SERGIPE** o vereador, Sr. Orlando Moço.

27 - Simbolicamente hasteamos a bandeira do **TOCANTINS**, estado de muita riqueza, com sérios problemas divisórios, sociais e culturais. Temos certeza de que sua bandeira nos falará, em breve, da luta vencida. Parabéns, **TOCANTINS**.

28 - Bandeira do Folclore de Olímpia, mostra aos que te vêm desfraldada que és amiga da cultura, que preservas o saber pátrio, que lutas, em 1990, para erradicar de tuas terras o analfabetismo, símbolo de atraso e pobreza. Cada lar uma escola, cada pessoa um culto brasileiro. Eis o que nos conta a bandeira do folclore.

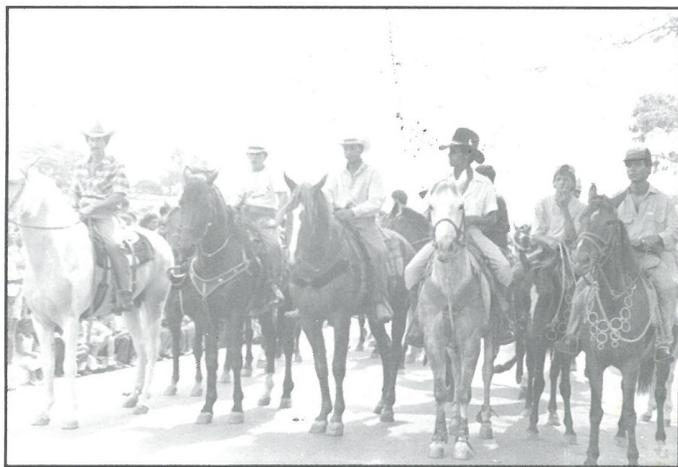
- Será dignamente hasteada pelo Vereador, Doutor Aldo Casarini Júnior.

(Hino da Proclamação da Independência)

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim

Os cavaleiros da Estância Fazendinha

Pela segunda vez, fizeram-se presentes à Abertura dos Festivais do Folclore de Olímpia, os garbosos cavaleiros da Estância Fazendinha, desta cidade. Com classe e garbo, trajados com as cores olímpicas, montando disciplinados animais, ao som do Guarani, desfilarão à frente do Palanque das Atividades Folclóricas. Impedidos de belas evoluções pela compacta massa de assistentes, mesmo assim deram o seu rico recado, e a platéia os aplaudiu com entusiasmo. Estes os cavaleiros: José Francisco Tomazini, João Correia da Cunha, Tiago Daniel Correia da Cunha, Jurandir Vieira, Murici Alves de Almeida (Norinha), Luiz



Leandro Silva Nunes (Neca), José Roberto Estêvão, César Nunes, Paulo Gil e Ediberto Rodrigues. Os pavilhões: nacional, paulista e olímpico desfilarão em poderosas mãos. Com galhardia. Aos cavaleiros da Estância, ao seu proprietário, nossos sinceros agradecimentos. Esperamos por vocês no 27º FEFOL.

Violeiros de Várzea Paulista cantaram a missa

Um evento cristão, de rara beleza e religiosidade, a Missa dos Violeiros já é uma tradição nos Festivais. O palanque se engalana com os paramentos exigidos pelo ritual católico e, ao fundo, como uma colorida cerca-viva, os violeiros acompanharam a missa rezada, em 1990, pelo Frei Lázaro José da Silva. Os violeiros, do grupo "Flor da Várzea", vieram da cidade de Várzea Paulista. Magníficos, afinadíssimos e disciplinados, encantaram a todos, acompanhando a missa com um repertório digno de menção. Foi comovente cerimônia religiosa, parte da abertura oficial do Festival do Folclore. Durante o ofertório, verdadeira caravana de devotos depôs, aos pés do altar, a mais variegada gama de oferendas que se possa imaginar. Até uma viola. Realmente bela essa missa. Assim, além dos nossos agradecimentos ao Frei Lázaro e seus acólitos, um imenso



obrigado aos violeiros do "Flor da Várzea" e um abraço de gratidão ao senhor Prefeito de Várzea Paulista, Dr. Kenyty Nozaki que tornou possível a vinda do grupo, e enviou ao Prefeito Rizzatti este ofício:
Várzea Paulista, 10 de agosto de

1990

**Excelentíssimo Senhor
JOSÉ FERNANDO RIZZATTI
MD. Prefeito de Olímpia**

Lisonjeados pela consideração demonstrada por Vossa Excelência aos violeiros, Flor da Várzea, filhos de nossa terra, vimos credenciá-los a representar Várzea Paulista em tão importante encontro, onde estarão presentes os mais diversos representantes do folclore brasileiro.

Com a mais alta consideração e apreço, manifestamos nosso desejo de que o evento seja coroado de pleno sucesso.

Saudações atenciosas,

**KENYTY NOZAKI
Prefeito Municipal**

Que o Senhor a todos cubra de bênçãos, são nossos votos.

Um solitário berrante



Um dos destaques da Missa dos Violeiros foi o plangente toque do berrante, arrepiando a todos que assistiam à cerimônia. Um som marcante, nos momentos de maior silêncio, elevava aos céus o clamor de um povo cristão, transformando a abertura do 26º FEFOL numa verdadeira apoteose religiosa-folclórica. Por isso, ao senhor Osório Rodrigues, berranteiro de Olímpia, nosso especial agradecimento. Que seu berrante jamais se cale, unindo religiões as mais diversas, emocionando céuticos e ateus, fazendo vibrar corações humildes e amantes da beleza, seja ela qual for. Parabéns, berranteiro de Olímpia. Volte sempre.

A presença do Coral Municipal

Marcante à abertura do 26º FEFOL foi a presença do Coral Municipal de Olímpia, sob a regência firme e decidida do maestro Antônio Possato. Encantadoras vozes masculinas e femininas, em perfeita harmonia musical, deram o seu recado folclórico, interpretando temas da folquemúsica brasileira. O "Boi-Bumbá", repleto de tons diferenciados, transformou-se em autêntica obra musical, agradando mesmo aqueles que de coral nada entendem. É gente nossa, jovens, senhoras e senhores que trabalham duro o dia todo, e encontram tempo para ensaiar e aprender, entre outras, músicas folclóricas, enriquecendo, assim, os nossos Festivais. Além da apresentação no palanque das atividades folclóricas, o Coral Municipal cantou em barracas do Recinto, cantou pelas aldeias que contornam a Praça, encantou, parou o trânsito. O mais belo, porém, o maestro Possato guardou para o último dia do 26º Festival, unindo a Banda de Barretos a elementos do Coral Municipal, fazendo a costumeira seresta madrugadeira. Cinco horas, o bairro Parolim despertou ao som de velhas melodias, Possato, Sant'anna,



Cidinha Manzolli à frente. Após lanche no lar de Iseh e da Ineh, rumo à Praça da Matriz, sol despontando. A cidade recebeu o som das velhas músicas do passado e o povo foi chegando. A pé, até a casa do professor Maurício, um grande maestro, mais música. E termina a maratona musical na casa do Prefeito José Rizzatti, onde, após maravilhas musicais, um delicioso lanche encerrou a seresta. Parabéns Possato, parabéns Coral de Olímpia, parabéns Banda Municipal de Barretos. Viva!

Esta revista foi diagramada, composta e editorada pela

FOLHA DA REGIÃO - Jornais especiais, revistas, livros, malas-diretas... Ligue: 81 1261 - e consulte quem tem mais de uma década de experiência para oferecer.

O Curupira governa por uma semana

Aluno da EEPG "Silva Melo", o garoto Gustavo Marco Reginaldo, incorporou, neste ano, 1990, o já nosso conhecido e indispensável Patrono do Festival do Folclore - o Curupira. Desenvolto, voz possante, o Curupira entrou em cena, mostrou-se pronto a governar Olímpia por uma semana e, como bom político ecológico, fez promessas...

Eis, na íntegra, o que aconteceu entre ambos mandatários: Prefeito José F. Rizzatti e Patrono do Festival do Folclore, o Curupira Gustavo.

FALA DO CURUPIRA

Curupira entrou correndo.

Olhando para trás, para os lados, mãos espalmadas à frente, parou, abriu os braços em cruz e gritou:

— Deus, deuses, Tupã, que estão fazendo com o meu reino? Quase não vejo matas. Há poucos animais. Poucos pássaros. Os rios estão morrendo. Meu mundo está a se acabar? (Ajoelhando-se, quase cai, em silêncio. Ergue-se num rompante) e diz:

— Não, isso não irá acontecer. Eu, o Curupira, protetor das matas e dos animais não permitirei que isso aconteça. Lutaremos, olimpienses, lutaremos, brasileiros, para que a destruição pare por aqui, que se faça o reflorestamento, que os rios se povoem de peixes e plantas aquáticas, que os ares sejam preenchidos com o alarido dos pássaros (gritando: Pára, machado! Pára, serra ou serrote! Parem, poluidores! Eu, Curupira lhes ordeno!) Caminha para o Prefeito:

— Salve chefe olimpiense! Salve prefeito de Olímpia e o seu 26º Festival.

Prefeito: Você quem é?

Curupira: O patrono do Festival do Folclore de Olímpia, o Curupira, o rei das matas.

Prefeito: Que veio fazer aqui?

Curupira: Buscar as chaves da cidade. Vou governar Olímpia para que o 26º Festival seja belíssimo, para que todos se divirtam em paz. Meu reinado durará poucos dias, mas serei justo, honesto, trabalhador, um dirigente ideal.

Prefeito: Será que você dará conta de tudo?

Curupira: Promessa será cumprida. Tudo farei pelo festival e pelos seus participantes.

Prefeito: Aqui estão as chaves. A cidade é sua. Cuide bem dela, Curupira.

Curupira (chave bem levantada): Prometo ser bom governante. Preciso da ajuda de todos. Nada de brigas. Não destruam as plantas. Não matem os animais. Paz para todos. Alegria minha



gente. Alegria" (enquanto percorria o palanque).

Só um lembrete: Curupira, entidade mitológica, é considerado o protetor das matas, da fauna e da flora brasileiras. Empenhado na manutenção do que nos resta do verde que cobriu o solo pátrio, nada melhor que um ser mitológico para lembrar aos homens o que a terra lhes pede - conservação, preservação, reflorestamento. Salve, Curupira!

Ao término do Festival, o Curupira tem a incumbência de prestar contas ao senhor prefeito, do que fez enquanto de posse das chaves da cidade. Neste ano,

no entanto, antes do solene momento da devolução das mesmas, fortes chuvas, acompanhadas de vendaval, impediram que tal solenidade fosse assistida pela plateia. E o Curupira, molhado e friorento, fez a devolução ao Prof. Sant'anna, que representou o prefeito, único corajoso a enfrentar o temporal. E assim o Patrono do Festival do Folclore se expressou:

"Senhor Prefeito, estou de volta! Vim devolver-lhe a chave e a carta da cidade. Gostei de Governar Olímpia durante o 26º Festival do Folclore. Vi muita coisa bonita:

Grupos Folclóricos de todo o Brasil - do Pará, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraíba, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, de todos os lados do Estado de São Paulo. A chuva que caiu, necessária para a floresta, atrapalhou um pouco. Mas valeu. Porém, prefiro ser só Curupira, o protetor da fauna e da flora. Isso de ser prefeito não é muito bom.

Parabéns, Senhor José Rizzatti.
Parabéns, Sant'anna pelo festival!
Parabéns, Olímpia.
Adeus. Adeus. Adeus!"

Os gaúchos de Capão da Canoa

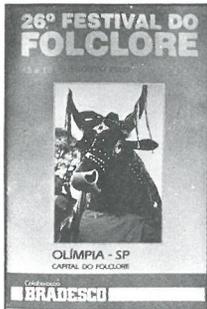
Pequeno grupo de cantores e instrumentistas gaúchos, liderados pelo nosso amigo Alberto Mayer, participaram da abertura do 26º FEFOL. No palanque, apresentaram variado repertório do folclore gaúcho e fronteiriço, agradando a todos que da arquibancada os aplaudiram. No decorrer da semana, esse mesmo grupo esteve presente no salão onde se realizava o Ciclo de Palestras sobre Folclorística, fazendo com que todas as participantes cantassem ao som de suas alegres mensagens folclóricas. Cantaram e nos foram de grande valia, cedendo aparelhagem de som para as palestras, agüentando firmes as quatro horas de intenso



calor que ali reinava, enquanto o curso caminhava. Só nos resta agradecer ao Alberto e companheiros, e que suas vozes continuem a levar, pelo país todo, o folclore musical do Rio Grande do Sul. Parabéns!

Capas do Anuário 1990

Felicíssimas ambas, 1ª e 4ª capas do Anuário do 26º Festival do Folclore. Na 1ª capa, o magnífico "Boi" do Grupo Cazumbá, de São Luís, MA, boi que faz parte do folclore mundial. Símbolo da força, do trabalho e da paciência, este boi especial alegra as danças do auto secular - Bumba-meu-boi, não só do Maranhão, mas de todas as partes do planeta.



Mais feliz ainda, a 4ª Capa que, mostrando personagens do Moçambique de Olímpia, ataviados com fortes cores, flores e fitas, traz a foto do Prof. José Sant'anna, incansável em sua luta para que danças e folguedos olimpienses não desapareçam do cenário da vida hodierna.



Parabéns aos fotógrafos e aos queridos colaboradores que permitiram fosse possível a apresentação de tais maravilhas. Parabéns, Sant'anna, pela feliz escolha! E o Boi do Maranhão se fez presente, também, nos Cartazes que percorreram todo o país e nos Convites que chegaram a ilustres mãos. Viva, professor, feliz escolha...

Mais uma vez "Silva Melo"

Os alunos da EEPG "Silva Melo", liderados por sua diretora, a professora Ivete Fernandes, mais uma vez compareceram ao recinto das Atividades Folclóricas, participando do cerimonial de Abertura do 26.º FEFOL. À frente do palanque, sob a regência da dinâmica mestra e auxiliares, esses alunos, graciosamente vestidos, apresentaram um encantador espetáculo de mágica coreografia. Do alto das arquibancadas, o cenário era indescritível. As cores do Olímpia, em fitas assimétricas, acompanhando o ritmo da música escolhida, formavam como que uma auréola cintilante, transformando o início oficial do 26.º Festival em verdadeira



apoteose. Luzes, som, ritmo, rostinhos sadios e felizes, deram um recado inesquecível. Parabéns, "Silva Melo", parabéns Ivete e todos aqueles que a auxiliaram, parabéns jovens olimpienses, alunos de tão pequenina e marcante escola.

Estejam sempre conosco.

O novo astro Almir Sáter

Novo na telenovela, nome já muito conhecido nos meios artísticos, violeiro de dedos mágicos, cantor de voz suave, e homem de muitos instrumentos musicais. Almir Sáter, após infindos contatos telefônicos, marcou, para sempre, a abertura do 26.º Festival do Folclore. Verdadeira multidão acorreu ao Recinto das Atividades Folclóricas para vê-lo de perto e ouvi-lo. Com seus dois famosos instrumentos, a viola de 10 cordas que ressuscitou, a viola comum, e o violão, Almir Sáter eletrizou a platéia, gente que firme se postou nas arquibancas das 17 horas até meia-noite ou mais. Seu repertório da novela Pantanal foi esgotado. Solos de viola quebraram a placidez da noite da abertura oficial do 26.º FEFOL, ano de 1990. Seus acompanhantes, Fernando de Mello e Rodrigo Sáter foram, também, vivamente ovaciona-



dos. Por essa graça que a todos os olimpienses e visitantes foi outorgada, agradecemos àqueles que, enviando todos os esforços, trouxeram Almir Sáter para alegrar nosso festival. Parabéns, Sant'anna e Cidinha Manzolli, pela luta que enfrentaram. Parabéns José Rizzatti que fez com que isso fosse possível. Parabéns Comissão do Folclore que, sem cobrar nada, nos proporcionou um eletrizante final de noite de abertura. Parabéns, Almir Sáter.

Pela primeira vez, concurso Óleo sobre Tela

Com este nome, realizou-se, durante o 26.º Festival do Folclore, comandado pela dinâmica Zeca Scura, o 1º Concurso de pintura - óleo sobre tela, com temas do Folclore brasileiro. E, segundo Zeca, concurso pioneiro no país. Parabéns.



1º lugar -
"Folguedos"

Ivone Albano Simões, Maurício Scalon e Romeu Angelo Tamelini. Dez outros participantes receberam medalhas, pela insigne participação.



2º lugar - "O Capitão Ferreira"

Honraria especial foi prestada à olimpiense Lurdes Alessi, pintora já muito conhecida em todo o país, participante de programas de televisão até no exterior. Lurdes pinta com os pés, é perfeita em tudo o que faz. Suas cores fortes encantam a todos que entendem de arte. Por isso, recebeu o prêmio pelas

mão do Sr. José Rizzatti, Prefeito de Olímpia e da primeira dama, D. Regina Céli Rizzatti, além de brindes oferecidos pelo Vice-Prefeito e senhora, bem como do proprietário da Casa Paulista e esposa.



3º lugar - "Bailado, Bumba-meu-boi"

Que essa 1ª exposição não feche, fazemos votos. Parabéns, Zeca, pelo trabalho que teve, parabéns pelos resultados que alcançou. Parabéns.

A organização da exposição das telas revestiu-se de muito bom gosto e, desde a sua abertura aos jurados: Tereza Coletto Souza, Ineh Bueno de Camargo, Francisco Gabriel Junqueira Machione, Ivoneth Gomes Miessa, Gabriel de Almeida e Dorothea Alexandra Ritzinger, até a entrega dos prêmios aos participantes, tudo correu a contento, sob a incansável fiscalização de Zeca Scura. Os trabalhos apresentados eram belíssimos, difícil o julgamento dos melhores. E o júri decidiu: 1º lugar - "Folguedos", pintura de João Carlos Oliveira da Rocha, troféu "Orlando Moço". Brindes do Foto Kiko, Village, Foto Color, Popular Calçados; 2º lugar - "O Capitão Ferreira", do Terno de Congada de Olímpia, pintura de José Luiz Franco, troféu "Sorvete Bâmbi", com brindes de "A Triunfal Modas", de Antônio Augusto Zanola; 3º lugar - "Bailado, Bumba-meu-boi", tela de Adenir Maria Moro Fonseca, troféu "Zeca Scura", brindes "Bazar das Noivas"; 4º lugar - "Omolu ou Abaluaí", tela de Leonor Machado Watanabe, troféu "Casa Brasil", brinde "artesanato Coisas de Lá"; 5º lugar - "Moçambique", tela de Odete Alves Martins Coradini, troféu "Profª Zeca Scura", brinde do Sr. Jair de Alencar.

Receberam "Menção Honrosa":

BRADESCO

Quem tem

BRADESCO,

tem mais **banco.**

E não é só:

tem o

Anuário do

Festival do Folclore de Olímpia

por ele patrocinado.

BRADESCO é cultura

O desfile alegórico em homenagem ao Festival

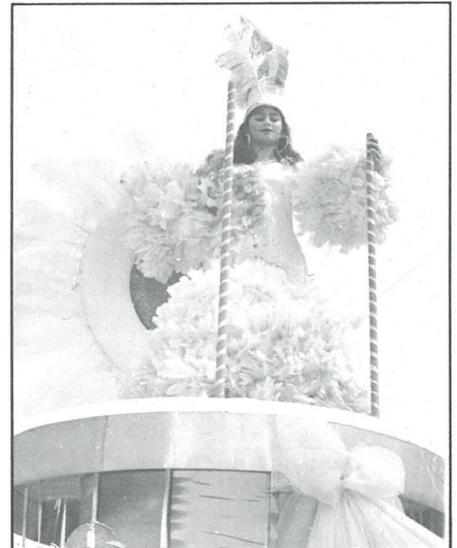
Sob o comando da Prof^a Edemir Moreira de Oliveira, o 26º FEFOL apresentou o seu já famoso e conhecido Desfile de Alegorias. Esse desfile tem como objetivo precípuo homenagear os grupos folclóricos que aqui se apresentam durante o festival e, por outro lado, agradecer aos olímpenses e aos visitantes a sua colaboração prestada no decorrer dos eventos. É grande a responsabilidade da Prof^a Edemir Moreira de Oliveira e seu trabalho é intenso, não só no momento do desfile, quanto na sua organização e coordenação, que dura todo um ano de lutas e reveses. Portando bandeiras, tocando instrumentos de fanfaras, em carros ou carretas, com belos trajes típicos, desfilaram: Maraísa Barsalho, Camila Pedroso, Fanfara Municipal de Guapiaçu, Daniela Trindade Rizzatti, Cristina Mara Trinca, Daniela Madrona, Fabiana Alves de Lima, EEPG "Maria Ubaldina de Barros Furquim", Associação Hípica de Olímpia, Valéria dos Santos, Andressa Carla Maieiros, Ana Paula Miranda, Mara Lúcia da Silva, Analúcia Bórtolo Cestrini, EEPG "Silva Melo", Roseli Cristina Bergamasco, Banda Marcial de Barretos, Naila Furlaneto Pereira, EEPG "Dr. Antônio Augusto Reis Neves", Deise Gonçalves, Centro de Convivência Infantil - CCI, Rosa Aguilar, EEPG



Fernanda Gonzalles Rizzatti (Minas Gerais)

"Santo Seno", Andrelúcia Aguilar, Selma de Andrade, Márcia Cristina do Carmo, Fernanda Gonzalles Rizzatti, Adriana Queiroz, Sílvia Barros, Helena Aguiar, Vanessa de Mello, Cibele de Mello, Renata Santos, Cláudia Passarela, Liliane Albergaria Prado, Flávia Caminada Trindade, Veridiana Trindade Rizzatti, Flávio Ferreira Cassilhas, Milca Lustre, a Rainha do Folclore, Fanfara de Mirassol "Genaro Domarco" e muita gente mais.

Parabéns à professora Edemir e a todos que participaram desse desfile, realizado sob sol escaldante, porém com o garbo e beleza que o caracterizam. Parabéns.

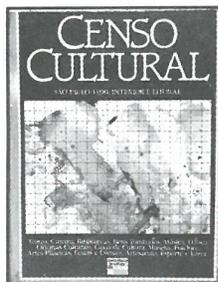


Daniela Trindade Rizzatti (Brasil)

Olímpia no Censo Cultural 1990

Editado em 1990 pela Secretaria de Estado da Cultura, abrangendo municípios paulistas: interior e litoral, o Censo Cultural traz, à página 316, dados relativos a Olímpia. Dados estatísticos, com algumas revisões a serem efetuadas, observações sobre economia, política, turismo, cultura. Um rápido apanhado do histórico da cidade, um grande destaque para os eventos relativos aos Festivais do Folclore.

Narra a obra como surgiram os festivais e o incansável trabalho



do seu criador, o ilustre Prof. José Sant'anna, esclarecendo serem os mesmos, únicos do gênero no país.

Uma síntese muito bem feita sobre nossa terra e aqueles que a visitam. Por isso, a todos que trabalharam na confecção desse Anuário paulista, ao Sr. Governador Orestes Quéricia, à Secretaria de Estado da Cultura, ao CEPAM, aos pesquisadores anônimos, nossos

agradecimentos sinceros pois, graciosamente, nos dão destaque entre os mais proeminentes municípios. Gratíssimos.



Veridiana Trindade Rizzatti (Folia de Reis)

8º Ciclo de Palestras sobre Folclorística

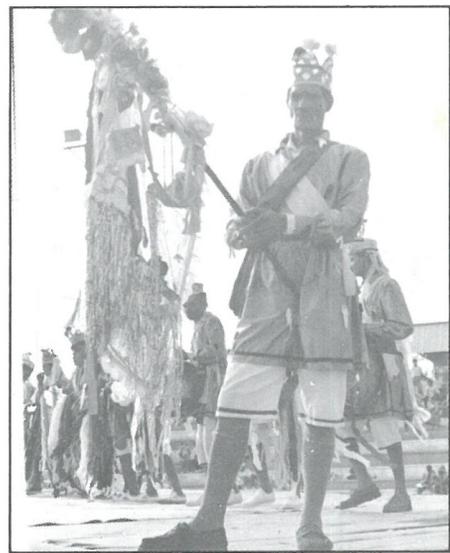
Ensinando folclore a principiantes

Realizou-se, de 13 a 17 de agosto de 1990, como evento pertinente ao 26º Festival do Folclore, o 8º Ciclo de Palestras sobre Folclorística. O curso foi coordenado pela Profª Iseh Bueno de Camargo, assessorado pelo Prof. Sant'anna e auxiliado pela Profª Ineh. Participaram desse ciclo de palestras, alunas do Magistério da EEPSG "Capitão Narciso Bertolino" e, esporadicamente, professoras e alunos de outras escolas da cidade e de vários pontos do Estado. A freqüência foi excelente e, desde a abertura feita pelo Prof. Sant'anna até o seu encerramento, os participantes vibraram com os conhecimentos adquiridos e acontecimentos correlatos. Os objetivos propostos foram plenamente atingidos, embora o conteúdo da apostila distribuída não pudesse ser esgotado por carência de tempo - fica para o próximo, especialmente a parte de danças e canções para aproveitamento na escola de 1º grau e pré-escola. Além das palestras diárias: Sant'anna, Iseh, Ineh, Ivo Cambuí, Francisco Gabriel Junqueira Machione, Alberto Mayer, Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos, de Alagoas, os

alunos assistiram a danças e folguedos diversos. Fizeram-se presentes os grupos do Rio Grande do Sul, do Pará, de Sergipe, de Alagoas, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, além das apresentações do grupo de Cidinha Manzoli, da turma do Laranjinho e crianças da Creche Tia Nastácia. Esperamos que o curso não pereça, que turmas dinâmicas como as deste ano se inscrevam sempre, participem, aprendam, levem o seu aprendizado às escolas onde lecionarão no futuro. Agradecemos ao proprietário do bar que funcionava dentro do salão pela gentileza de nos receber, diariamente, com tudo limpo e arrumado. E nos agüentar das 13 às 17 horas, até bem mais tarde algumas vezes. Um dia, quem sabe, as palestras serão realizadas em local próprio, com freqüência bem maior e muito melhor aprendizagem. Um dia... quem sabe... Até nós, coordenadores, aprendemos muita coisa útil e bela, com as explicações do Mestre Pedro, dos diretores dos grupos parafolclóricos que tão pacientemente responderam a muitas perguntas. E como dançaram! Ninguém resistiu ao Rio de Janeiro e, palestras à parte, muito samba

e maracatu. O mesmo com os Garotos do Rio Grande do Sul e com os Baioaras do Pará. Gratos a vocês, meninos do Narciso Bertolino e aos grupos de danças que participaram.

O próximo Ciclo as convida para a continuação.



Congada (Sto. Antônio da Alegria-SP)



Fandango de Chilenas (Capela do Alto - SP)



Congo Mirim (Linhares - ES)



Fandango de Tamancos (Capão Bonito-SP)



Catupé (Cumari - GO)

Crianças participam ativamente do 6º Minifestival



Festa de São João (Escola Laranjinho - Olímpia)



G.T.C. "20 de Setembro" (Capão da Canoa-RS)

Complementando o 8º Ciclo de Palestras Sobre Folclorística, o 6º Minifestival foi muito bem recebido no 26º Festival do Folclore. Também sob o comando das Prof^{as} Iseh e Ineh Bueno de Camargo, contou com a presença de grande número de crianças. As maiores equipes vieram da EEPG "Silva Melo", sempre acompanhadas por dois ou mais professores que procuravam, com empenho, levar a criançada a participar ativamente. Cada equipe composta por 50 ou 60 crianças, transformando o pequeno salão em recanto de alegria e encantamento. A turma da Escolinha "Laranjinho" não faltou e, além da participação em brincadeiras, jogos, poesia e canto, dançou e mostrou que a Guísela, diretora, e suas professoras valorizam os Festivais do Folclore. Crianças de outras cidades, acompanhadas de seus professores também participaram, com menor regularidade: Baguaçu, Ribeiro dos Santos, Monte Azul Paulista, Marília e outras. Acreditamos, assim, que através dos poucos conhecimentos que adquirem nos Minifestivais, possam as crianças, além da alegria do momento, gravar algo mais duradouro, que lhes garanta o amor ao folclore brasileiro, em futuro bem próximo. E é através dos pequeninos que havemos de perpetuar nossas mais lídimas e belas tradições. Objetivos alcançados. Viva o 6º Minifestival do Folclore de Olímpia!



Grupo Parafolclórico "Os Baioaras" (Belém - PA)



Grupo Parafolclórico "Aruanda" (Belo Horizonte - MG)

25ª Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis

Réquiem para as brincadeiras das crianças



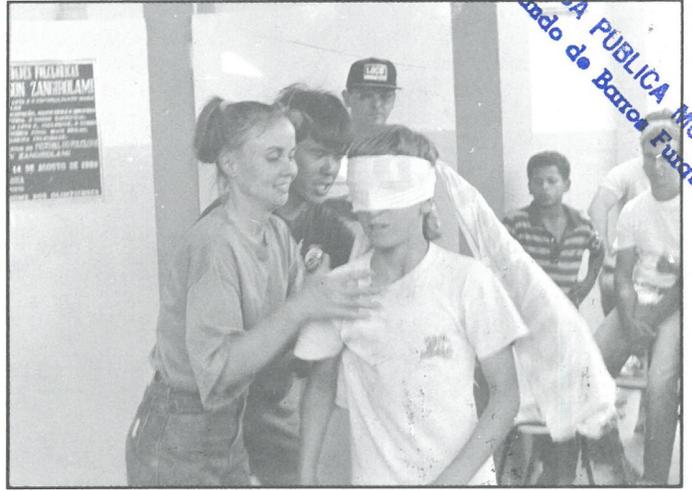
Corrida-do-saco



Briga-do-sabugo



Quebra-pote



Cabra-cega

Durante o 26º Festival do Folclore, a tradicional gincana de brinquedos infantis, ligados ao folclore, foi um dos mais altos eventos do período diurno no Recinto das Atividades Folclóricas. Preparado com esmero, a programação esteve sob o comando do Prof. Sérgio Eiji Abe, que contou com a ajuda de dedicados Professores.

Desde o primeiro instante, antes mesmo da abertura oficial do Festival/1990, os céus olímpicos já se coloriram de vívidos tons, ao oscilar indeciso de centenas de pipas ou papagaios. E, na tarde do domingo, dia 12 ainda, na Praça Rui Barbosa, a vibração da criançada - e de adultos assistentes, foi grande: corrida-de-roleimã, arco e rodar de pneus. E a grande novidade do professor - passeio com rodas (bicicleta, patins, "skate", tudo que roda), em verdadeira passeata pela cidade. O povo gostou, gostou muito. Durante a semana, no Recinto do Festival, as brincadeiras se desenrolaram em ritmo de crescente animação, corridas, disputadas, muita assistência, alegria imensurável. E lá se foram pega-porco, corrida-de-três-pernas,

bitto, bolinha de gude, amarelinha, quebra-pote, égua-de-pau, briga-do-sabugo, corrida-do-saco, corrida-do-ovona-colher, pô-orabo-no-burro, bétia, pau-de-sebo, pular corda, cabo-de-guerra, estilingue, perna-de-pau, pião... Brincadeiras saídas, aguerridas, as mesmas que alegraram nossos

avós, nossos ancestrais, preservadas em Olímpia pelo espírito empreendedor do mestre Sant'anna que, graças aos céus, encontra sempre um colosso como o Sérgio Abe, que leva avante seus anelos. A esse professor de extraordinária capacidade de organização, capaz de ingentes sacrifícios para "cumprir sua tarefa", nossos sinceros agradecimentos. Às firmas, às pessoas que o auxiliaram, ajudando na orga-

nização, dando prendas e brindes à criançada participante, e foram muitos, nossa perene gratidão. Parabéns, Sérgio Abe, parabéns colaboradores anônimos. Não nos desamparem nos próximos anos, por favor. Deus lhes pague...



Perna-de-pau



Pau-de-sebo

Um poema que retrata o Festival

Participando do 26º Festival com seu grupo de Catira, o Sr. José Gomes Barbosa, de Ituiutaba - MG, assistindo ao festival, vendo danças e folguedos folclóricos de toda parte do Brasil, com a programação ao seu alcance, apanhou lápis e papel, e sem arredar os pés do palco oficial, redigiu estas dez estrofes (1 décima e 10 oitavas), procurando, desta forma, retratar, em poucos minutos, a beleza que via, no dia 19 de agosto de 1990 - Encerramento do Festival, e assim se expressou na escrita:

26º Festival do Folclore - 1990
Estados, Cidades e Manifestações
que marcaram presença na Capital
do Folclore

- 1 - Parabéns para Alagoas,
Espírito Santo e Goiás
Pará e Rio de Janeiro
Sergipe e Minas Gerais
O Rio Grande do Sul
Também Santa Catarina
Paraíba e São Paulo
Folclore é coisa divina
Parabéns deste mineiro
Deus que a todos ilumina.
- 2 - Vou dar um grande abraço
À turma do Guarujá
Álvares Florence e Atibaia
Votuporanga e Mauá
São José do Rio Pardo
Santo Antônio da Alegria
Bebedouro e Campinas
Taubaté, Paulo de Faria.
- 3 - Capão Bonito e Tatuí
Capela do Alto e Barretos
Monte Alto e Nova Granada
E São José do Rio Preto
Espírito Santo do Pinhal
Cosmorama e Jundiá
Tudo isto é Brasil
Com Itapira e Guaraci.
- 4 - Laranjeiras e Capela
Linhares, Vitória e Muqui
Cabo Verde e Campestre
Belo Horizonte e Jacuí
Poços de Caldas e Belém
Uberlândia e Pratápolis
Serro e Campina Grande
Cumari e Florianópolis.
- 5 - Nova Iguaçu e Passos,
São Tomás de Aquino,
São Sebastião do Paraíso
Seu povo é muito fino
Contagem e Itaú de Minas
Também Capão de Canoa
Ituiutaba e Olímpia
Agradece esta gente boa.
- 6 - Monte Aprazível e Franca,
Altair, Várzea Paulista,
Severínia e Ilhabela
E a festa fica benquista.
Lorena, Piracicaba,
Tietê e Capivari,
Cajobi, Itapetininga

Festa assim nunca vi.

- 7 - No Festival há de tudo:
Congada e Catupé,
Moçambique e Vilão,
Bugrada e Candomblé,
Caiapós e Samba-lenço,
Jongo, Quadrilha e Toré,
Cordão de Bichos, Catira,
Fandango agitam os pés.
- 8 - Bataque e Caboclinhos,
São Gonçalo, Pastoril,
Reisado e Guerreiro,
Coisas lindas do Brasil.
Quilombo, Cambindas, Chula,
Maculelê e Tamboril,
Capoeira e Babelô,
Ciranda, adulta e infantil.
- 9 - Cururu, Dança dos Velhos,
Xaxado muito agradou.
Folias de Santos Reis,
Bataque que impressionou
Boi-Bumbá, Boi Paraíba,
Reis do Boi, Boi de Mamão,
Vaqueiros do Marajó
E a dança do Retumbão.
- 10- É a Festa mais bonita
Isto posso lhe afirmar.
São tantas danças, folguedos,

Que não sei nem lhes contar
Há grupos parafolclóricos
Que fazem todos vibrar,
Só conhecendo a Festa
Pra você acreditar.

- 11- Repito agora e sempre,
Repito em qualquer lugar:
É a festa mais bonita,
Ande por onde andar.
É alegre, emocionante,
Chega até a impressionar,
A beleza é tanta, tanta
Que faz o cristão chorar.

Queremos agradecer ao senhor José Gomes Barbosa pelo improviso, pelas loas que tece aos festivais de Olímpia, pela fiel descrição dos grupos que se apresentaram nesse dia já de saudades - último dia do 26º Festival do Folclore. Agradecemos mais ainda, pois suas palavras singelas, saídas de um ímpeto sincero do coração, lidas ou ouvidas por aqueles que amam o folclore, valorizam os grupos que aqui vêm, ano a ano, preservando a cultura popular brasileira. Parabéns José, um outro José, que é o Sant'anna, gostou do que ouviu e, através deste Anuário, envia-lhe saudações amigas, esperando vê-lo, conosco, muitas vezes mais. Nossos agradecimentos.

D. Ceci, de Belém, canta o Fefol

Com um certo atraso, deveria ter sido inserido no anuário anterior, vamos mostrar o que D. Orquídea Padilha, (D. Ceci para a família), campos para comemorar, conosco, o 25º Festival do Folclore de Olímpia. Antes, D. Ceci é esposa do mestre Venâncio, há várias vezes presente aos festivais, ambos pais dos maravilhosos jovens dançarinos, cantores, compositores e instrumentistas, Edson e Edna Padilha. Compõem o Grupo de Danças Parafolclóricas "Os Baioaras", de Belém do Pará. Grupo que é a alma dos festivais, que anima a todos, que persevera na preservação fidedigna do folclore do Norte e Nordeste. É gente que se fez nossa, que amamos como se daqui fosse e, oxalá, jamais nos esqueça. Eis pois a

HOMENAGEM AO JUBILEU DE PRATA DO FESTIVAL DO FOLCLORE

Letra e música:
Orquídea Padilha (D. Ceci)
Belém - PA (1989)

Olímpia, minha Olímpia,
Festival do coração,
O teu Jubileu de Prata
Festejamos co'emoção. (bis)

ALEGRETO

Nós vimos lá do Pará
Ao cerimonial
Dos teus vinte e cinco anos
E dançar no Festival. (bis)

Parabéns a você
Nesta data querida,
Muitas felicidades,
Muitos anos de vida.

Haja sempre esta festa
E tudo o que ela tem,
Esta festa haja sempre,
Para sempre, amém.

Olímpia, um forte abraço,
Abraço marajoara:
Que Deus a todos proteja
São votos dos "Baioaras". (bis)

O Curupira do José Viaro

Letra e música de José Viaro, nosso já conhecido compositor popular, um novo Curupira nos foi apresentado por ocasião do 26º FEFOL. Aqui ficam nossos agradecimentos ao amigo olimpiense, esperando esteja sempre conosco nas lutas pela preservação do folclore brasileiro. Parabéns pelo Curupira, José Viaro!

CURUPIRA

Letra e música: José Viaro

- 1 - Em agosto o Curupira,
Personagem irreal
Sai das matas para Olímpia
Pra ser chefe municipal. (bis)

Refrão

Curupira em Olímpia
É ente tradicional
E dirige, com firmeza,
Nosso rico festival.

- 2 - Para quem não conhece
Ele é um mito sagaz,
Vai avante, para frente,
Deixando rastro pra trás. (bis)

Declamado:

Depois de muitos milênios
Curupira parece real
Cuida das nossas florestas,
Defende qualquer animal
Protege o Meio Ambiente
Do patrimônio nacional
Defendendo nossa mata
Que está ameaçada
Por catástrofe sem igual.

- Fim - Venha e fique Curupira
Livre-nos do grande mal. (bis)

Nota: Deixa de ser publicada a pentagramatização desta melodia, por ser muito longa. Os interessados poderão obter cópia junto à Comissão de Folclore, Prefeitura Municipal.

O Curupira do Maurício

Maurício de Sousa, o grande desenhista das histórias em quadrinhos, em Chico Bento, nº 75, apresentou gracioso e elucidativo conto, "Na Pele da Onça", em que o nosso conhecido Curupira faz das suas. Além de divertida estória, onde o Chico sofre por ser malvado, há uma boa lição de moral, de fundo ecológico. Não maltratar os animais, cuidar das espécies em extinção, como o mico-leão, perseguir caçadores que depredam. Belas lições. Como admiradores que somos das artimanhas do Curupira, só nos resta cumprimentar o grande Maurício, esperando que muita gente que aprecia esse tipo de recreação — história em quadrinhos, leia e aprenda, com o Chico Bento, a lição. Parabéns, Maurício, entre firme no folclore brasileiro. Só tem a ganhar!

O capitão Sant'anna

Na noite de 18 de agosto de 1990, no palanque do Recinto do Folclore, o Prof. José Sant'anna recebeu, solenemente, das mãos do Dr. Manoel Fonseca dos Reis - Rei Perpétuo do Moçambique sob a coroa de Santo Antônio, de BH - MG, um bastão belamente ataviado.

Achamos sugestiva a cerimônia, um Rei passando o cetro a um grande batalhador porém, só agora nos chegamos às mãos esclarecimentos sobre a oferenda. Segundo o Rei, é preciso conhecer a história do bastão para valorizá-lo ou a ele fazer jus.

Há uns 300 anos, negros de um reinado de Nossa Senhora do Rosário, viram surgir nas águas do mar a figura da mãe de Jesus. Não vinha para a terra. Curiosidade. Conjecturas. Sant'anna, preto velho, devoto da Virgem, lançou-se ao mar, para ajudar a santa na travessia. Levava tosca bengala, estendeu-a à santa, como uma ponte. O milagre se fez: a bengala transformou-se em engalanado bastão, exalando doce perfume. Por isso, o bastão é o distintivo do Capitão.

E 300 anos depois, longe do mar, o Rei encontrou o velho Sant'anna, na pessoa do coordenador dos festivais do folclore - à frente de uma guarda (Presidente da Câmara), usando das bengalas (patrocinadores) para preservação do passado brasileiro. E, na Olímpia brasileira, sede dos



festivais do folclore nacional, ante a Olímpia grega, sede dos festejos pan-helênicos, os dois Sant'annas como que se fundem. Palavras do Doutor Manuel Fonseca dos Reis: "Ao levantarmos José Sant'anna, conferindo-lhe o título de Capitão, reconhecemos que sua vida tem sido dedicada à história, à tradição popular, à sua Pátria. Podemos afirmar ser um trabalho único em todo o território nacional e, em nome dos filhos do Rosário, agradecemos a Deus".

Uma bela cerimônia, marcando os últimos eventos do 26º FEFOL, um bastão real, um símbolo do poder que emana das mãos de quem realmente batalha pela nossa tradição. Ainda bem que até os reis enxergam isso. Gratos, portanto, ao Doutor Manoel Fonseca dos Reis, Rei Perpétuo do Moçambique, de Belo Horizonte, Minas Gerais. Parabéns, Sant'anna, por mais esse título nobiliárquico.

Marcante visita política

Não foi o único a vir a Olímpia, porém marcou a sua passagem pelo vigor e emoção com que falou de nossa terra, de nossa gente, do nosso folclore. Foi o **Dr. Ronaldo Caiado**, então candidato a deputado federal, por Goiás. Esteve em Olímpia no dia 16 de agosto de 1990 e, às 16 horas, foi recebido na Câmara Municipal pelos vereadores olimpienses. Recepcionado pelo GTC de Capão da Canoa, RS, mostrou-se encantado e grato. E, em sessão muito rápida, além de receber o título de visitante ilustre, foi saudado pelos vereadores Dr. Nilton e José Sant'anna. Suas palavras entusiastas calaram fundo em todos os corações, palavras que enalteciam os esforços dos olimpienses na manutenção dos festivais do folclore, palavras que se dirigiam especialmente ao Prof. Sant'anna, pelos seus muitos anos de árduo labutar. Ficou feliz o visitante, ficamos felizes os olimpienses em geral, felicíssimo o Sant'anna que preparou a recepção. Parabéns, Caiado, volte sempre.

O Deputado remeteu estas palavras ao Prof. Sant'anna

*Câmara dos Deputados
Meu amigo Prof. José Sant'anna
Sensibilizado, coloco-me à sua inteira disposição para que juntos possamos mostrar às autoridades Federais o seu trabalho.*

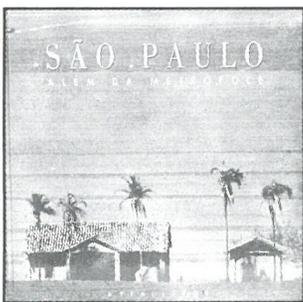


Espero estar com vocês novamente este ano. Transmita um abraço a todos companheiros da equipe.

*Abraços
Ronaldo Caiado
D.F. 08/02/91*

São Paulo além da MetrÓpole

Eis o título da obra que as Instituições Financeiras Sogeral SA - associados à Societé Générale - França lançaram,



como contribuição excelente à cultura nacional. Um livro encantador, sob coordenação de Ronaldo Graça Couto, com equipe de fotógrafos que merecem o crédito de grandes artistas do ramo. Nessa obra estão retratadas inúmeras regiões do interior paulista e, em destaque, a nossa região. Antes mesmo das explicações de Juca Martins, a foto 3 apresenta "o olhar de um participante de grupo de Congada de Fitas de Olímpia, onde, há mais de duas décadas, vem se realizando o maior festival do folclore brasileiro".

E mostra Terra Roxa, Monte Alto, Bebedouro, Monte Azul, Barretos, Catanduva, Ribeirão Preto e muito mais. A foto 69 mostra dona Edna Ferreira preparando os chapéus para o Terno de Congada "Chapéu de Fitas" e a 70 traz elementos de uma delas que se apresenta nos festivais, bem como um Caiapó retratado pela foto 71; a 74 mostra três elementos da folia de Reis "Presépio de Belém", do mestre Antônio Ângelo Garcia e a 79 o Fandango de Tamancos que nos encanta há mais de 25 anos. É uma obra de arte, sem dúvida alguma e, pelos destaques aos nossos festivais do folclore, aos nossos amigos, registramos estes agradecimentos ao Sr. Ricardo Augusto Salles Sgarbi, do Banco Sogeral S/A e ao Sr. David de Oliveira Neto que nos "cedeu" tal trabalho. Cumprimento autores dessa maravilha. Parabéns e gratos pela divulgação.

No Anonimato

Creemos ser obra da Companhia Telefônica Regional, pois trata-se de Lista de Assinantes de Olímpia. Na primeira capa, com grande destaque, a belíssima Congada "Chapéus de Fita", de Olímpia, onde chapéus, flores e fitas ornamentam quase todo o espaço. E ali, à esquerda da foto, escrito "Olímpia, Capital do Folclore". A seguir, em tipos maiores, "Olímpia 90/91". Com muito esforço lê-se, a um canto, "Eventos publicidade". Esta é, sem dúvida, encantadora homenagem que



se presta ao nosso folclore; cada lar onde houver um telefone terá, com certeza, uma feliz lembrança do Grupo Folclórico que todos os anos, há 26 anos, precisamente, desfila pelas ruas de Olímpia a beleza de seus passos álcres, falando dos Festivais do Folclore. Tradição guardada em todos os lares olímpien- ses. Feliz idéia. Parabéns a quem idealizou a Lista, a quem compôs, a quem distribuiu. E ao Professor Sant'anna, que cedeu a foto. Nossos agradecimentos.

Agradecendo

Queremos deixar registrados nossos agradecimentos aos meios educacionais que diretamente cooperaram com os eventos do 26º FEFOL. Destacamos a Delegacia de Ensino, tendo à frente o Prof. Ademir Antônio Freitas, a EEPG "Silva Melo", sob direção da Profª Ivete Fernandes, a EEPG "Dalva Vieira Ítavo", dirigida pelo Prof. Néelson Carlos Antunes, e a EEPG "Anita Costa", direção da Profª Elza E. Sachetim. Todas essas entidades colaboraram, incansáveis e dedicadas, para que o 26º FEFOL pudesse ser realizado, parti-

cipando dos eventos com seus alunos, cedendo as dependências das escolas para acomodação dos grupos folclóricos. A todos vocês, nossos respeitosos agradecimentos e que, sob as bênçãos do Senhor, se torne menos árdua a tarefa de educar, que lhes compete. Mil vezes obrigada, obrigado de todo olímpense, obrigado dos grupos folclóricos, especialmente daqueles que se alojam na COHAB. Amam aquela escola! Gente daí, Deus a proteja e conserve assim...

Como brincavam nossos avós

Como brincavam os nossos avós

Em agosto, a cidade paulista de Olímpia, reúne grupos folclóricos para um passeio pela memória festiva do Brasil



manifestação religiosa, sem dúvida, porém "não se brinca com os santos" - elevam-se preces a eles sob a forma de passos de dança centenária, sob a forma de cantos votivos, folclóricos sim, brinquedos não. E Foliás de Reis, embora algumas apresentem o "palhaço", também não são brincadeiras. Folguedos, autos e danças podem levar aos brinquedos, mas são levados muito a sério.

Valeu, porém, a intenção, pelo que somos gratos ao Guia Rural. Todos aqueles que se preocupam com o nosso folclore são sempre bem vindos. Apareçam por aqui, tentaremos mostrar-lhes, durante o festival, as brincadeiras que pertenceram aos nossos avós. Parabéns pelas fotos, pelo destaque dado aos festivais de Olímpia, pelas explicações relativas aos grupos folclóricos. Obrigada pela lembrança, estamos no mesmo barco.

Sant'anna foi ver o Círio de Nazaré

A convite da FUNBEL (Fundação Cultural do Município de Belém - PA), estiveram na capital paraense o Prof. José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva. O objetivo primordial era assistir aos eventos do Círio de Nazaré, mês de outubro. E nos 10 dias de permanência na encantadora Belém, orgulho do Norte brasileiro, muitas visitas foram efetuadas: Galeria Dom Pablo, Museu da Universidade Federal, Galeria Portinari, Galeria Rômulo Maiorana, Galeria Teodoro Braga, T. Experimental Waldemar Henrique, Escola Superior de Educação Física, Federação Paraense de Desportos, Fumbel, Museu Emílio Goeldi, Cidade Velha (mais velho bairro belenense), Forte do Castelo (berço da vida social e política de Belém), Feira do Ver-O-Peso, Bosque Rodrigues Alves, Memorial da Cabanagem, Museu da Cidade de Belém, Complexo Cultural do Mercado de São Brás, Igreja de Santo Alexandre, Basílica de Nazaré, Praça da República, onde fica o Teatro da Paz, Memorial Magalhães Barata, Feira de Artesanato da PARATUR - Praça Kennedy, Distrito de Icoaraci, Mosqueiro, Mostra de Marionetes e Mamulengos.

Ainda fizeram visita aos folcloristas Maria Brígido e Armando Bordallo. Mestre Venâncio Oeiras de Castro ofereceu aos visitantes, um banquete em sua residência. Pratos



típicos foram servidos: tacacá, pato no tucupi, maniçoba, frutas regionais, doces e sorvetes de frutas os mais variados. Grande mestre e família!

Como não podia deixar de ser, foram conhecer o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a maior festa religiosa do Pará, há quase dois séculos. Homens, mulheres e crianças, descalços, vestidos de mortalhas, carregando pedras e outros objetos na cabeça, marcham ao lado do andor da santa. Com início no dia 13 de outubro - Círio das Águas, com homenagens da população ribeirinha, a imagem da santa vai da capela do Colégio Bittencourt à Catedral Metropolitana de Belém, onde chega perto das 23 horas. No dia seguinte, a procissão parte da Sé e, após 5 horas de percurso, chega à Basílica de Nazaré, com acompanhamento ininterrupto de músicas sacras, rezas, flores e foguetório. É um sufoco para os visitantes, muita correria, muito

aperto, mas é assim que o povo demonstra a sua fé nos poderes da Virgem de Nazaré. Depois da fé, festas para o encerramento do grande evento que atrai gente de todo o país, até do exterior.

Apesar de tantos compromissos, ainda houve tempo para serem homenageados. O Grupo Parafolclórico "Os Baioaras", de Belém, dirigido pelo Mestre Venâncio e por seus filhos Edson e Edna, homenageou, através do Prof. Sant'anna e de

Antônio Clemêncio da Silva, o prefeito de Olímpia - José Fernando Rizzatti e esposa, mencionando colaboradores olímpenses, ante imenso público. Outras homenagens foram prestadas ao criador e coordenador dos Festivais do Folclore, Prof. José Sant'anna, durante a 1ª Semana de Arte e Educação, promoção do Instituto Superior do Pará; na Praça Kennedy - Feira do Médio e Pequeno Empresário do Pará - FEMIP; na Fundação Educacional do Pará, por ocasião da abertura dos Jogos dos Servidores Municipais de Belém - 1º JOSBEL, além de homenagens registradas pelo Jornal Província do Pará.

Muito justas as homenagens e, junto ao agradecimento dos dois convidados, ficam os agradecimentos de Olímpia a esse querido rincão brasileiro, Belém do Pará. A todos os paraenses, aos Baioaras, à família querida do Mestre Venâncio, nossos agradecimentos muito particulares.

Contos folclóricos de Olímpia

fazer

Não que todos ocorram aqui ou nas cercanias. Há palácios. Há castelos. Reis e rainhas. Muita coisa que não há por cá. Porém, graças a pertinácia do Prof. José Sant'anna, o povo vai lembrando o que ouviu há anos e anos, vai contando. Depois de tanto conto registrado, nada melhor que perpetuá-los em um livro. E é o que o mestre está fazendo. Entrevistando gente da zona rural e gente da cidade, mais de 500 contos estão coletados e irão constituir o acervo dos "Contos Folclóricos Recolhidos em Olímpia".

Diz o Sant'anna que esse trabalho representa a memória do povo reorde-

nando espaços, situações e conceitos, que o regime de produção cultural vigente vem impedindo, ultimamente. Ninguém melhor que a menina das escolas para auxiliá-lo nessa pesquisa, indicando-lhe o nome das pessoas que contam um conto aumentando ou não um ponto. E que belos contos!

Para tanto, Sant'anna é apoiado pelo Grêmio Estudantil "Dona Hypólita Theodora da Silveira Sant'anna", (nome de sua genitora), da E.E.P.G. "Silva Melo", Olímpia e o apoio da diretoria do Grêmio Estudantil "Prof. José Sant'anna", da E.E.P.G. "Comendador Francisco Bernardes Ferrei-

ra", do distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia. Dois grêmios estudantis que, levando o nome do filho, grande folclorista, criador e coordenador dos festivais do folclore - José Sant'anna, e da mulher que dedicou sua vida ao lar, à criação da vasta prole e à caridade sem fronteiras, só podem trazer benefícios ao escritor, à comunidade, ao folclore brasileiro.

E, mais uma vez, viva a família Sant'anna! Parabéns, professor, aguardamos a sua coletânea de "Contos Folclóricos Colhidos em Olímpia". Parabéns grêmios do Silva Melo e de Ribeiro. Parabéns, Olímpia!

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim

Repercussão do livro Quadras-Adivinhas

No finzinho de 1990, afinal, veio às nossas mãos o Caderno de Folclore - 1, com o trabalho do Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore. A obra visa a prestar homenagem ao Jubileu de Prata do Festival do Folclore de Olímpia - 1989, prestando, ao mesmo tempo, preito de gratidão aos folcloristas Arthur Napoleão Figueiredo (in memoriam), Ático Vilas-Boas da Mota, Saul Alves Martins e Veríssimo de Melo. É uma obra de grande aceitação pública, vinda ao encontro dos anseios lúdicos de crianças, adolescentes, adultos. Brincadeiras sérias que levam a imaginação a caminhos insólitos, que instruem, que demonstram a sabedoria do povo brasileiro. "Visto de frente pra trás / Sou um pássaro voando /. Visto de trás para frente, / Sou o mesmo regressando. - Arara... E são mais de 300 quadras. Parabéns, professor Sant'anna, Olímpia estava à espera das suas obras há um bom tempo. Não pare agora, para a frente sem esmorecer. Parabéns.

AGRADECEM AS HOMENAGENS

Por terem sido alvo das homenagens do Prof. José Sant'anna em sua obra "O que é, o que é", pessoalmente, ou através de um familiar, agradeceram, enviando cartas: Ático Vilas-Boas, Veríssimo de Melo, Saul Martins e Arthur Napoleão (na pessoa de sua esposa, Maria Célia). Eis, na íntegra, o que enviaram:

Ilmo. Sr.

**Prof. Dr. José Sant'anna
Prezado Senhor**

Recebi e agradeço o Caderno de Folclore - 1, de sua autoria, assim como muito nos sensibilizou a lembrança do nome do Arthur, incluindo-o entre os homenageados em sua dedicatória aos mestres da Cultura Brasileira.

Na oportunidade, desejo que tenha um alegre NATAL, e que o ANO NOVO continue a lhe proporcionar muito sucesso e realizações, não apenas em seu trabalho, como também junto aos familiares.

MARIA CÉLIA

Estimado Colega e bom Amigo José Sant'anna

Acabei de ler o livro seu das Quadras-Adivinhas. Beleza. Sim, é um livro lindo. Lindo e útil. Fácil de memorizar por que é feito em versos. Melhor ainda porque são versos democráticos ou rondilhas.

A introdução da p. 1 foi esplêndida, uma síntese magnífica e necessária à entrada da obra.

As notas das pp. 43-45 também foram oportunas e constituem uma aula segura a respeito da versificação.

Sou grato a você pela cortesia da homenagem.

Olímpia e olimpienses estão arquivados na minha memória e presos no meu coração.

Atenciosamente
SAUL MARTINS

Ao ilustre folclorista e velho amigo José Sant'anna com profundo agradecimento pela homenagem que me prestou na dedicatória do seu belo livro "O que é - Quadras-Adivinhas", Caderno de Folclore - 1.

Com votos de um Natal feliz e ótimo Ano Novo do

**Veríssimo de Melo
Natal, dezembro de 1990**

Of. 386/90

Macaúbas/BA, 27 de dezembro de 1990.

Do: Presidente da FUNDAÇÃO CULTURAL PROF. MOTA

Ao: Folclorista Prof. José Sant'anna
Assunto: Congratulações pelo lançamento do Caderno de Folclore - 1:

O que é? O que é?

Distinto Professor:

O nosso fim de ano em meio às festas natalinas, reflexões, programações e aos balanços, envolvendo os anos de 1990 e 1991, não poderia ser melhor gratificado, pois o estafeta, qual diligente e generoso Papai Noel trouxe-nos o seu livro, sob a forma de um Caderno, fruto de longa e paciente pesquisa no setor da Literatura Oral brasileira. Com o lápis na mão, eu o li de ponta a ponta, podendo nele recolher filigranas demóticas dignas dos nossos fiéis arquivos e da atenção dos insaciáveis pesquisadores das coisas populares. Rico pela

variedade de temas, nem sempre presentes nos melhores estudos do gênero. Guardá-lo-ei com carinho e a ele recorrerei quando me for dada a oportunidade de realizar estudos comparativos de Literatura Popular.

A sua posição de pedagogo, estudioso e animador cultural honra não apenas os quadros sociais da simpática Olímpia - Capital do Folclore - mas a cultura brasileira, tão necessitada de personalidades da estatura intelectual do ilustre folclorista, no desempenho da preservação e dignificação de nossa surgente identidade cultural.

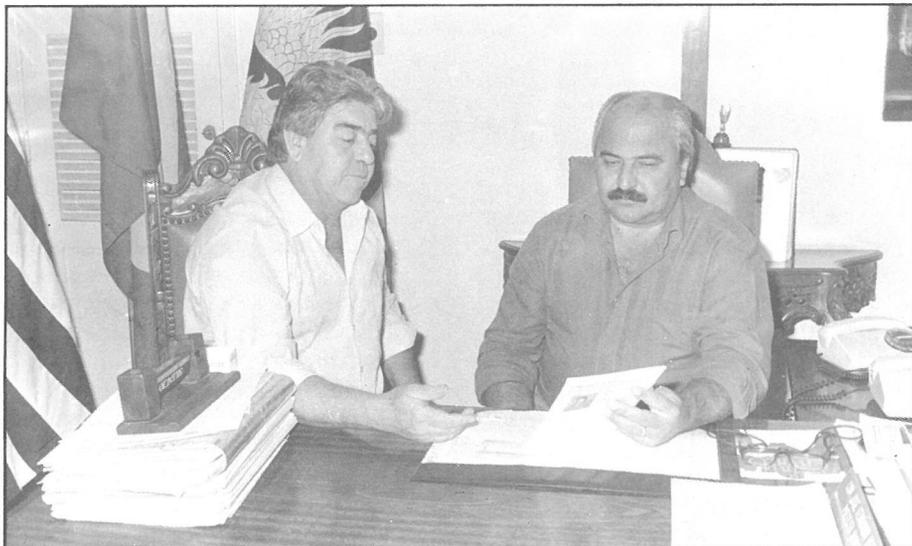
Os nossos elogios estendem-se, também, a WM - Construções e Comércio de Rio Preto Limitada, empresa avançada, caixa de ressonância das aspirações progressistas da importante microrregião paulista. Louvo o descortínio de seus administradores por terem compreendido o entusiasmo, a dedicação e o esforço do Professor Sant'anna, incansável batalhador pelo desenvolvimento da Folclorística brasileira e pela valorização de nosso folclore.

Feliz Natal e Próspero Ano Novo,
PROF. ÁTICO VILAS-BOAS DA MOTA - Presidente

Mais uma vez, nossos agradecimentos às palavras elogiosas, em nome do Sant'anna, de folcloristas em geral, de todos os olimpienses. Gratos, os homenageados foram merecedores.

**JORNAIS FALAM
SOBRE OBRA DE SANT'ANNA**

Os Semanários olimpienses: O Tablóide da Nova Paulista, n.º 1205, de 14/12/1990, página 3; O Jornal, n.º 48, de 14/12/1990, página 3; Folha da Região, n.º 770, de 12/1/1991, página 4; Cidades, n.º 149, de 23/1/1991, página 3, sob o título "Professor estimula folclore" tece comentários sobre a obra de Sant'anna - O que é,



Sant'anna e seu ex-aluno, Com. José Fernando Rizzatti, Prefeito do Município de Olímpia

o que é - Quadras-Adivinhas. Esclarecem ser esta o início de série que objetivará resgatar o folclore brasileiro. As emissoras de rádio "Difusora" e "Menina", de Olímpia, teceram loas ao autor.

O Estado de São Paulo, 16/1/91, com palavras semelhantes, apresenta o trabalho do folclorista José Sant'anna. O Diário da Região, de São José do Rio Preto, 19/1/91, além de apanhado sobre trabalhos do Sant'anna, apresenta algumas quadras do Caderno, a fim de exemplificar.

Assim, mal o livro chegou às mãos do público, os jornais já tomaram conhecimento do seu conteúdo, o que é muito bom. Oxalá muitos o vejam e, conseqüentemente, passem a apreciar mais as manifestações folclóricas e melhor conheçam o mestre que por elas se esfalva - José Sant'anna. Gratos à imprensa que está alerta aos eventos folclóricos. Parabéns, Sant'anna, pela obra.

UMA QUADRA POR DIA

O folclorista, cantor, compositor e escritor Theo Azevedo, além dos muitos setores a que se dedica, possui programa na Rádio Atual, SP, "a Primeira emissora nordestina de São Paulo". Seu programa, "Coisas do Sertão", diariamente, das 6 às 7 horas, além de muita música, apresenta novidades brasileiras. E o livro do Prof. José Sant'anna, "O que é, o que é", é destaque: uma quadra - adivinha por dia, com o carinho e sabedoria do Theo Azevedo. Viva! O Sant'anna ficou feliz ao saber, nós ficamos felizes. Vamos providenciar farto material para você, Theo. Continue divulgando o que é nosso. Parabéns.

LAGARTO - SE, CUMPRIMENTA SANT'ANNA

Através de belo cartão postal, de Lagarto - SE, o folclorista Sant'anna foi assim cumprimentado: Que a felicidade possa estar com você durante sua existência, pois os dias que nos fazem felizes, nos tornam sábios". Assina Maria Soledade Oliveira Rocha. Corroboramos



Sant'anna e seu ex-aluno, José Braz Alvarindo do Prado, Prefeito do Município de Altair (Comarca de Olímpia)

suas palavras, amiga Soledade, e fazemos votos que as mesmas sejam devolvidas, centuplicadas.

DE BETIM, MG, UM CUMPRIMENTO AMÁVEL "Senhor Doutor José Sant'anna, PAZ e Bem

Acuso o recebimento do seu livrinho / caderno: O que é? Seu importante trabalho em favor da cultura oral, isto é, principalmente dos pobres, há de dar frutos. O povo há de descobrir que sua cultura tem valor e descobrir sua dignidade, que é a base da capacidade de decisão e resistência. Mais uma vez parabéns pelos seus bons trabalhos. É uma pena que alguns bons programas da TV domingo de manhã (Som-Brasil, Empório Brasileiro) estão desaparecendo por uma infeliz política cultural das emissoras. Finalmente venho desejar-lhe um bom ano de 1991, ainda com o eco do canto dos foliões na memória: Senhora dona da casa, põe azeite na candeia, não me chama de atrevido, por mandar em casa alheia, (foliões do Vale do Jequitinhonha). Frei Francisco Van Der Poel, OFM. S. Santa Isabel - Betim, MG".

Muito bonito, frei Francisco, só nos resta dizer-lhe o quão gratos ficamos por tal desabafo. Sant'anna e os olímpenses agradecem.

DA BIBLIOTECÁRIA CHEFE BP 114 - SP

Acusando recebimento da obra "O que é, o que é" - Quadra - Adivinhas do Prof. José Sant'anna, agradece e cumprimenta o folclorista emérito, na pessoa de Aglaê Benfatti Rogano. Nós nos sentimos felizes por saber que o mestre olímpense já se encontra no caminho da preservação histórica - literária do país. Gratos e parabéns, Sant'anna.

JACKSON DA SILVA LIMA CUMPRIMENTA SANT'ANNA

Meu caro José Sant'anna, Recebi seu trabalho sobre adivinhas, em quadras, por sinal, um bom trabalho, pelo qual quero parabenizá-lo. Além do fato de dar início à publicação "Caderno de Folclore", cuja série há de constituir-se em importante acervo de cultura



Sant'anna e seu amigo, Gustavo Sebastião da Costa, Prefeito do Município de Cajobi (Comarca de Olímpia)

popular. Espero receber os números subseqüentes, e para isso escudo-me em sua sombra e prestígio, como folclorista e político. O que vocês têm realizado aí, em Olímpia, é digno de aplauso e de imitação, já que, no resto do país, o folclore acha-se desprestigiado, salvo raríssimas exceções. Acredito que você aparecerá em Sergipe, em janeiro, quando do Encontro de Laranjeiras, ocasião em que poderíamos trocar idéias sobre as suas atividades de pesquisa no campo folclórico. Do contrário, ficará para outra oportunidade.

Com a minha admiração e agradecimento, firmo-me cordialmente,

Jackson

NÚBIA NASCIMENTO ACUSA RECEBIMENTO

Escrevo-lhe para acusar o recebimento de sua publicação. O que é? (Quadras e Adivinhas) que vai dar suporte a muitos pesquisadores do Folclore. Muito grato pela sua lembrança.

Cordiamente, Núbia Marques



Sant'anna e seu conterrâneo, Dr. Valtercides Monteiro, Prefeito do Município de Guaraci (Comarca de Olímpia)



Sant'anna e seu ex-aluno, Dr. João Batista Ribeiro da Silva, Prefeito do Município de Severínia (Comarca de Olímpia)

Amigos homenageados em Severínia

No transcurso das festividades do 77º aniversário da cidade, Severínia, através do senhor prefeito, Dr. João Batista Ribeiro da Silva e demais autoridades locais, homenageou gente que conviveu, por anos, em nosso meio. Foi o caso do irmão do Prof. José Sant'anna, Néelson Joaquim, a quem foi atribuído o nome de ampla rua central. Néelson, já falecido, foi casado com Afonsina Roxo, pai de Rita de Cássia e Antônio Maria e deixou, também entre nós, suas pedadas de grande brasileiro. Incentivou a preservação do folclore musical regional, contribuiu, de muitas formas, para o brilhantismo dos primeiros festivais olímpenses. Assim, quando alguém ler a placa da rua **NÉLSON JOAQUIM DE SANT'ANNA**, com orgulho poderá dizer: foi um amigo de Olímpia. Foi um folclorista. Severínia, obrigada!

Na mesma ocasião, prestou-se justa homenagem, não póstuma, ao **Prof. DIMAS EGYDIO DOS SANTOS**. Nosso companheiro de lutas, nosso alegre mestre dos tempos da escola "risonha e franca", ao Professor coube a honraria de apor o seu nome ao Ginásio de Esportes de Severínia. Assim, para sempre, atletas do país todo, saberão que Prof. Dimas Egydio dos Santos foi, é cidadão ilustre de Severínia e região. Olímpia muito lhe deve e o respeita, pois, com o Prof. Sant'anna, enfrentou as batalhas do início dos festivais do folclore. Tem sido colaborador freqüente dos Anuários, apresentando artigos meticulosos e de grande aceitação.

Parabéns, Dr. João Batista, tanto pelos 77 anos de Severínia, pela excelente administração como pelo rol de homenageados, muitos dos quais sequer mencionamos. Gente amiga de lá e de cá, homens e mulheres que dignificam cidade próspera como Severínia! Parabéns, severinienses. Parabéns amigos que lá estão!

Comissão nacional destaca trabalho

O boletim nº 5, da Comissão Nacional de Folclore, menciona o recebimento do Anuário do Folclore, nº 26º Festival, destacando pesquisa do Sant'anna sobre a popularidade da devoção a São Pedro. É sempre bom saber que não passamos despercebidos. Gratos ao Prof. Ático Vilas-Boas da Mota, Presidente da Comissão e bom amigo dos olímpenses. Gratíssimos.

Pintando o Folclore

Diversos alunos de escolas olímpenses participaram dos Concursos Literários e Artísticos do 26º Festival do Folclore. Os trabalhos apresentaram motivos do folclore nacional, singelos alguns, dignos de exposição outros, demonstrando que os escolares, quando incentivados, conhecem nossos mitos e lendas, distinguem danças de folguedos, amam o que da terra é.

O Prêmio "Oswald de Andrade Filho", oferecido pelo prefeito José Rizzatti, foi entregue à equipe da E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino", um belíssimo Painel, de proporções imensuráveis, criativo e decorativo.

O Prêmio "Dr. Silviano Pinto", desenho, oferecido por Zeca Scura, coube a Ednaldo de Paula Martins, da E.E.P.S.G. "Dr. Antônio Augusto Reis Neves" e o Prêmio "Saci-Pererê", oferta de Zeca, também ficou para Alisson Queiroz e Alessandro Pacheco, da E.E.P.S.G. Profª "Dalva V.

Ítavo". Os dois prêmios "Originalidade", oferecidos por Iseh B. de Camargo, foram para Luciano Carlos da Silva da E.E.P.S.G. "Dr. Antônio Augusto Reis Neves" e Sílvio Roberto de Souza Carvalho, da E.E.P.S.G. "Profª Dalva Vieira Ítavo".

Além desses cinco prêmios, mereceram menção honrosa os alunos Luciano Carlos da Silva (desenho Lobisomem), Ricardo Alexandre Bertoco (Iemanjá), Eliel da Silva (Sereia e Mula-sem-cabeça), todos da E.E.P.S.G. "Dr. Antônio Augusto Reis Neves".

Ficam aqui nossos cumprimentos a todos que participaram, a todos que foram premiados, aos professores que incentivaram, às escolas que se fizeram representar. Contamos com vocês para o próximo festival, com trabalhos carinhosos e eloquentes, retrato de amor da criança e do jovem pelo nosso folclore. Parabéns.

Uma medalha para Sant'anna

O Senhor Rei de Moçambique, guardião da Coroa de Santo Antônio, Dr. Manoel Fonseca dos Reis fez saber ao Prof. José Sant'anna que, a 16 de junho de 1991, por ocasião da Festa Folclórica de Santo Antônio, Jaraguá, Belo Horizonte, lhe será conferido o Diploma da Medalha

da Ordem da Cruz de Santo Antônio. Agradecemos pela lembrança merecida e nossos cumprimentos ao homenageado. Um Diploma que, temos certeza, ampliará o conjunto dos já recebidos pelo criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, Prof. José Sant'anna. Parabéns!

Mineiros homenageiam Sant'anna

Aconteceu em Belo Horizonte, no dia 16 de junho de 1991, às 9 horas, na Igreja de Santo Antônio da Pampulha. Nessa cerimônia singular, SS.MM. os Reis de Moçambique e Guardiões da Coroa de Santo Antônio de Pádua conferiram a dez brasileiros, diploma e medalha da Ordem da Cruz de Santo Antônio de Pádua, durante a missa Conga.

Do Estado de São Paulo, coube a homenagem ao Prof. José Sant'anna e do Estado de Minas Gerais, ao grande amigo desta terra, Prof. Saul Alves Martins. A missa, celebrada por Dom Wernner, bispo auxiliar da Região Episcopal de Nossa Senhora da Piedade, do Bairro das Graças, coadjuvado pelo sacerdote Lourival Felipe Soares, foi muito tocante. Durante a mesma, o Dr. Manoel Francisco dos Reis, rei de Santo Antônio e José Maciel Jr., guarda-coroa de Santo Antônio teceram loas ao trabalho de Sant'anna pela divulgação e preservação das tradições folclóricas. Das mãos da rainha de Santo Antônio, Francisca Leandro, recebeu o diploma, sob aplausos da assistência e ao som dos cantos de grupos de congo e moçambique.

Acompanharam o homenageado, Antônio Clemência da Silva, Midori Sato, Maria Cláudia Clemência e Eduardo M. Faria.

Elementos do Grupo Aruanda cultuaram o mestre, e aos homenageados foi oferecido lauto almoço no Reinado de Santo Antônio, com a participação dos grupos folclóricos e convidados especiais. Foram prolongadas as festividades, canto e dança, e muita alegria pela noite afora. Assim, só nos resta, mais uma vez, cumprimentar o Prof. Sant'anna pelas homenagens justas e felizes, desejando que muitas outras o

aguardem na longa estrada da labuta folclórica. Parabéns, mestre, Olímpia, amigos de Belo Horizonte, amigos do Brasil!

Visitando o Museu



Grças à dedicação e zelo de Maria Jesus de Miranda, o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", transformou-se em agradável ponto de estudos e encontro de amigos. A criançada procura o Museu, diariamente, em grupos alegres ou isoladamente, e ali está a Maria explicando, orientando, fazendo com que o folclore pareça ser uma realidade olímpense. É digno de ser visitado, impecável e bem cuidado, um dos mais acolhedores que conhecemos por esse Brasil afora. Parabéns, Maria! Olímpia só pode agradecer o seu trabalho e carinho. Parabéns.

Um patriota de fato

Por ocasião das comemorações da Semana da Pátria, entre vários eventos, contamos com a presença de elementos da Polícia Militar da Segunda Companhia e do Corpo de Bombeiros, ambos de Olímpia. Participaram de muitas cerimônias, levaram às escolas e à população em geral o seu apelo de amor à Pátria e às suas tradições. Louvaram a história nacional pelo seu valor no passado, pela sua presença marcante no panorama atual, pela esperança que depõe sobre o futuro da Pátria. E, em tocante cerimônia em praça pública - Semana da Pátria, no dia 5 de setembro de 1990, o jovem tenente Manoel Pesqueiro Miotti, de improviso discursou, discurso este que, gravado e retransmitido por uma emissora local, foi transcrito na íntegra, pelo fato de homenagear aquele que, por sua ingente batalha em prol da preservação dos valores nacionais, por seu amor ao folclore brasileiro - Prof. José Sant'anna, merece ter o seu lugar inscrito, para todo o sempre, nos nossos Anuários do Folclore. Eis o que disse o tenente Miotti.

"Aqui comparecemos para dizer o que é Pátria. Pátria é um conjunto de fatos, passando, desde a Cidade em que nascemos, pelo nosso Estado, enfim, pela Nação.

Nunca teremos Pátria se não formos patriotas. Nunca teremos Pátria, se não tivermos liberdade, fraternidade e uma sociedade justa. O legado que nos deixaram os antepassados serve como estímulo a continuarmos o trabalho, a termos uma Pátria forte, humana e justa. Pátria é nosso lar, a nossa família, são os nossos amigos, os nossos irmãos.

Pátria é a nossa juventude que se prepara hoje, para substituir-nos amanhã. Pátria é viver o presente, pensando no futuro, sem nos esquecermos dos antepassados, para tirarmos deles os exemplos, as coisas boas, para hoje e para o futuro.

A história da nossa Pátria e, para se ter Pátria, tem que se ter história, começa em 1500, passa por Tiradentes, passa por Dom Pedro I, que em 1822, dá-nos a oportunidade de nossa independência, de nossa liberdade. Mas essa liberdade continua. Essa procura e esse caminho continuam, porque só teremos uma Pátria forte, quando houver a compreensão e a fraternidade entre os homens.

E nesta Semana da Pátria, queremos prestar uma homenagem a um brasileiro ilustre, conhecido neste País, de Sul a Norte e de Leste a Oeste. Este brasileiro de Olímpia, que se dedica 365 dias por ano, preserva nossas tradições, usos e costumes, servindo aos nossos jovens como protótipo, exemplo maior de ser patriota.

Para se ter Pátria tem que se ter história. E essa história é preservada por esse brasileiro de Olímpia. Trabalha arduamen-

te, noite e dia, para cultuar nossa História, através do folclore. Estou falando e prestando esta homenagem da Polícia Militar da Segunda Companhia e do Corpo de Bombeiros de Olímpia, ao nosso querido Professor José Sant'anna, pelo seu amor a Olímpia, por seu amor a São Paulo e por amor ao nosso Brasil.

Este exemplo de patriotismo nos ajudará e nos dará forças necessárias para continuarmos este trabalho. Cada um dando sua contribuição, para construirmos um Brasil mais justo, mais humano e mais fraterno.

Este exemplo do Professor Sant'anna procura preservar e cultuar nossa Histó-

Prof. Sant'anna é nome de sala de aula

Em sessão especial, realizada no Gabinete do Prefeito de Severínia, Dr. João Batista Ribeiro da Silva, no dia 1º de maio de 1991 - Dia do Trabalhador, às 10 horas, 8 pessoas, 7 vivas e uma falecida, foram homenageadas.

O Prof. Felício Tamberlini, encarregado do cerimonial, discorreu sobre o motivo das homenagens, ressaltando as qualidades de cada um.

Ao Prof. Sant'anna que, pelo Decreto nº 1373, de 30 de abril de 1991, passa a ser nome de uma das salas de aula da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus "José Marcelino de Almeida", prestou-se a homenagem pelos motivos:

1º) Residiu por algum tempo no Município de Severínia;

2º) Ministrou aulas a jovens de Severínia, em Olímpia, desde 1955 até abertura do Ginásio que passou a recebê-los, alunos que diariamente percorriam o trecho rude que ligava as duas cidades;

3º) Pesquisou o folclore de Severínia, com equipe de alunos severinienses;

4º) Divulga, através de sua obra incansável, o acervo sócio-econômico-cultural de Olímpia, sede da Comarca.

Coube ao Dr. Uebe Rezeck, DD. Depu-

ria, porque só existirá Pátria enquanto existir história e a História deve ser feita com trabalho, com dedicação, com amor e com patriotismo.

Parabéns Olímpia, pois este trabalho que está sendo desenvolvido nesta semana, de implantarmos o patriotismo em nossa juventude, é muito importante, pois o Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever. E nos valem das sábias palavras proverbiais que dizem: Quem não vive para servir, não serve para viver. E para vivermos, temos que servir, pois somente assim, com patriotismo e com amor, iremos construir um Brasil mais justo, mais humano e mais querido pelos brasileiros."



tado Estadual, homenageado na mesma sessão, falar em nome de todos que Severínia escolheu, agradecendo e enaltecendo-lhes os feitos. Publicamente foram assinados os Decretos pelo senhor Prefeito.

Dentre os convidados pelo Prof. Sant'anna para a cerimônia estavam Antônio Clemêncio da Silva e Célio José Franzin, bem como seus familiares, Antônio Maria, Rita de Cássia e Anali, sobrinhas do mestre.

Assim, mais um elo une a vizinha cidade de Severínia a Olímpia e o criador e coordenador do Festivais do Folclore, Prof. José Sant'anna, deixa suas pegadas pelo solo brasileiro. Parabéns, Dr. João Ribeiro, parabéns povo de Severínia, parabéns José Sant'anna.

Um folclorista partindo

Armando Bordallo da Silva, Presidente de Honra da Comissão Paraense de Folclore participou, com grandes nomes brasileiros, da criação da Comissão Paraense, instalada por Renato Almeida, em 1949.

Médico, antropólogo, professor da Universidade Federal do Pará, Diretor do Museu "Emílio Goeldi", pertenceu a várias instituições culturais e científicas no Brasil e no exterior, viveu em contato direto com as manifestações folclóricas de todo país. É grande a sua contribuição literária em defesa do folclore do Norte, especialmente da cultura amazônica. O

Prof. José Sant'anna, em 1990, durante a festa do Círio de Nazaré, teve a oportunidade de fazer visita rápida ao ilustre folclorista.

E, a 5 de abril de 1991, Armando Bordallo partiu, foi batalhar pela preservação do rico folclore brasileiro em outros rincões, deixando, entre nós, lacuna imensa que dificilmente será preenchida.

Adeus, amigo, adeus folclorista! Que os Anjos o auxiliem nas estradas do além. Nós louvamos sua obra, pranteamos sua perda. Adeus.

Você conhece Olímpia?

Eis, como tema central, a pergunta que o grande folclorista José Maria Tenório Rocha faz a todos que porventura venham a receber a Programação do 27º Festival do Folclore. É álcere, ágil como o pensamento, profundo quanto sói ser grande pesquisador, Tenório Rocha canta as belezas de Olímpia. Conclama a brasileiros e estrangeiros, convoca-os para o 27º FEFOL, relatando, rápido e certo, o que poderá ser visto e ouvido quando da realização do festival. Que palavras mais encantadoras! Que sobriedade e ampla visão demonstra o amigo alagoano! Palavras ao Prof. José Sant'anna, comovem e se espalham para todos os que, como ele, lutam pela preservação das manifestações folclóricas. Palavras merecidas. Parabéns, grande folclorista brasileiro. Parabéns pela beleza literária que nos enaltece, muitas vezes gratos pelos elogios feitos à cidade, ao Sant'anna. Deus o mantenha sob suas bênçãos perenes, José Maria Tenório Rocha!

DIZERES DO ENVELOPE DO 27º FEFOL A REALIZAÇÃO DO SONHO ACALENTADO PELOS ESTUDIOSOS BRASILEIROS TEM UM NOME: OLÍMPIA!

Você já conheceu a cidade paulista de Olímpia, a Capital Brasileira do Folclore? Como? Nunca ouviu falar? Pois meu amigo, não espalhe isso por aí, porque vai depor contra os seus conhecimentos de geografia e sobretudo das raízes da cultura brasileira; em última análise, você vai ser tido como aquele homem que morreu afogado num rio pequeno, por não ter aprendido a nadar, embora possuísse todo o conhecimento erudito que um homem pode conseguir. Então, também não conhece essa história? Pois vou lhe contar.

Certa vez um estudioso pedante, indo a uma pequenina cidade do interior, para chegar ao destino desejado, teve que atravessar um rio, de canoa; não existia outro transporte.

Sem ter outra alternativa, contratou um canoeiro e lá se foi. Para passar o tempo, começou a perguntar se o canoeiro sabia falar francês, inglês. Ele respondia: - Não senhor! Nunca leu as grandes obras-primas da literatura universal? - Não senhor! Não conhece Joyce, Cervantes, Dante? - Inhor não! Pois bem, você já perdeu uma grande parte de sua vida! O homem olhava para ele intrigado.

Momentos depois, surge uma tempestade daquelas. O cidadão ficou apreensivo, aperreado, com medo que a canoa virasse. Sentindo o vexame, o canoeiro perguntou: - O senhor sabe nadar? - Não, foi a resposta. - Então o senhor perdeu sua vida toda, vai ser comida de piranhas!

Não estamos querendo dizer que o fato de não conhecer Olímpia, o leve às piranhas, também não pretendemos que a história aconteça com você.

O que queremos deixar claro é que desconhecer a Capital do Folclore, é ter perdido a possibilidade de conhecer "de visu", por assim dizer, todas as manifestações da cultura folclórica do Brasil, em um só espaço cultural e geográfico.

É que Olímpia, por um esforço hercúleo de um estudioso dos maiores do Brasil, e de um grandioso coração, que atende pelo nome de José Sant'anna, foi transformada há vinte e sete anos em um reino mágico, onde se alia a pesquisa à prática das manifestações folclóricas mais puras, mais autênticas; o viver folclórico em toda a sua planitude.

Nessa cidade mágica, o esforço do organizador, coroado pela boa vontade dos cidadãos olímpenses, foi construída uma cidade dedicada às práticas espontâneas

da cultura, chamada carinhosamente de "recinto". Lá, o olímpense e o visitante se irmanam, para ver, aplaudir, comprar, trazer e guardar lembranças imorredouras, que ficarão para todo o sempre.

Chegar ao "recinto" é se orgulhar de ser brasileiro, e muito mais, saber que ainda é tempo para aplaudir os homens de grandes idéias que, esquecendo mesquinhez, realizam sonhos acalentados há dezenas, centenas de anos.

Ser olímpense é saber dar amor e receber o respeito de todos os que chegam na cidade para ver, aplaudir, amar, ter eterna saudade e querer voltar sempre.

Mais que uma obrigação, conhecer Olímpia é se deliciar com o que há de mais significativo de nossa cultura: o folclore.

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA
UF de Alagoas - Maceió

Folcloristas se reúnem em Uberaba

Por intermédio da Fundação Cultural de Uberaba, MG, o Prof. Sant'anna participou, no dia 22 de março de 1991, de excelente reunião de estudiosos do folclore brasileiro, realizada na Casa do Folclore. De Olímpia, foram convidados os folcloristas José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva e, de Barretos, o maestro Antônio Possato. Viajaram juntos e se encantaram com o que presenciaram.

Lá em Uberaba visitaram o Museu de Arte Sacra, o Circo do Povo e o Museu de História, reunindo-se, após, para troca de idéias sobre as várias atividades folclóricas brasileiras. Foram, com muitos outros convidados, recepcionados na Casa do Folclore, localizada em propriedade agrícola do empresário Dr. Gilberto Andrade Resende, tendo sido este seu idealizador, aquele que cuidou da sua construção e quem a mantém, até hoje.

O encantamento dos visitantes não pode ser medido. A arte com que o folclore se abriga, as inúmeras salas para preservação das mais belas manifestações, a organização perfeita, a facilidade com que, em poucos instantes, todo um acervo cultural pode ser apresentado aos interessados, tudo isso deixou os convidados perplexos e felizes.

A recepção, oferecida pelo anfitrião, Dr. Gilberto, também deixou-os deslumbrados e, aliando estudos a prazeres da mesa, resultou excelente encontro de gente que entende de folclore e luta por preservá-lo, abrindo as portas amigas a uma elite privilegiada.

Diversas obras já publicadas, atestam o profundo conhecimento do Dr. Gilberto quanto a Catiras e Folias de Reis. Sabe

tudo sobre catira, possui vasto material visual sobre catireiros do país - Minas Gerais, São Paulo e Goiás, além de acervo respeitável sobre Folias de Reis. Tudo fixado em palavras escritas, fitas de vídeo-cassete, discos e fitas, preservando e divulgando o nosso folclore.

Assim, por poderem se abrigar sob o teto desse autêntico templo do folclore, voltaram agradecidos e satisfeitos, esperando, em breve, poderem retribuir tantas gentilezas. Parabéns Uberaba, obrigada, Dr. Gilberto Andrade Resende e sua excelentíssima esposa, Sr.ª Maria Aparecida Alves Resende. Gratos à Fundação Cultural de Uberaba, ao secretário municipal da Educação, Cultura e Desporto Prof. João Batista; à Prof.ª Rosana Pontes Prata Oliveira, diretora administrativa da Fundação Cultural de Uberaba; Prof. Jorge Alberto Habut, coordenador de Museus e à Prof.ª Gláucia Eli da Silva, secretária da Fundação.

Nota máxima para Cascudo

Ele merece, ninguém contesta. Por indicação do presidente Collor, nosso insigne historiador e folclorista brasileiro será homenageado através das cédulas de Cr\$ 100 mil. Sua effigie, estampada nas cédulas de alto valor, contará ao Brasil inteiro que Luís da Câmara Cascudo é um imortal e, consequentemente, faz jus à lembrança. Que a Casa da Moeda seja abençoada por essa figura inesquecível do folclore nacional. Salve, presidente, pela felicíssima lembrança. Parabéns, Brasil, pelas novas cédulas que perpetuarão nosso Cascudo saudoso e tão querido. Viva!

Cumprindo o programado

Além das várias atividades já registradas, outros eventos houve durante o 26º FEFOL que merecem ser lembrados. Assim, falemos do 22º Festival de Seresta. Em 1990 esteve sob o comando do Maestro Antônio Possato. As chuvas não impediram que, com elementos do Coral de Olímpia e atuação do Grupo Folclórico do Rio de Janeiro, a seresta se fizesse presente, nostalgicamente lembrando o passado musical brasileiro. Parabéns, Possato.

Um vibrante momento foi marcado pelo término do 19º Campeonato do Truco, comandado por Valdemar Aparecido Domingos, da Prefeitura Municipal de Olímpia. Segundo consta, o ânimo dos competidores foi tão exarcebado que os seus gritos ainda soam, dispersos, pelos ares da terra. E os cobrões vencedores, João Ferreira e Marco Antônio Fossalussa (1º lugar), Gilmar Doniseti Lourenço e Orivaldo Doniseti Lobo (2º lugar), Carlos Brás Alves e Reginaldo Azevedo Marques (3º lugar), já estão preparados para o 20º Campeonato. Parabéns, impávidos competidores. Firmes! Truco, seis!

Menos barulhento, porém também acirrado, desenrolou-se o 17º Campeonato de Malha, supervisão de Osvaldo dos Santos. Não podem deixar morrer essa modalidade de desporto, nossos ancestrais ibéricos não o permitem. Parabéns a todos que malharam com denodo, especialmente aos vencedores: João Antônio Torres da Silva e Sebastião de Sousa (1º lugar), Arlindo Cassiolato e Luís Cesarino (2º lugar) e Osmar Morassuti Pinto e Osvaldo Lourenço Miller (3º lugar).

A Feira do Artesanato, a cargo da Profª Regina Céli Trindade Rizzatti, 1ª dama de Olímpia, apresentou, na Barraca da FOSAC, verdadeiras obras de arte que enaltecem as mãos de fada da mulher olimpiense. Parabéns, Regina e colaboradoras.

O 2º Folclore de Rua, felicíssima idéia do Prof. Sant'anna e Cidinha Manzolli, extrapolou todos os parâmetros imaginados. Os grupos folclóricos percorreram casas comerciais, bancos e ruas, atraindo aplausos, provocando congestionamentos e parando o expediente em muitos locais: Prefeitura, Bancos como o Bradesco, Banespa, Caixa Econômica. E assim, gente que trabalha, tem oportunidade de aprender um pouco mais sobre o folclore pátrio. Parabéns aos muitos grupos que se apresentaram.

Finalizando, registramos que danças e folguedos folclóricos, assim como grupos parafolclóricos, brilharam no palanque, nos desfiles, nas ruas do recinto, nas ruas da cidade, na Cozinha Piloto, nas escolas que os hospedaram, nas casas dos amigos que os convidaram. Abrilhantaram o 26º FEFOL e, com chuva e vento, muitas noites se apresentaram no palanque, esfuziantes, incansáveis, dando ao público valente o seu recado de amor ao que é nosso.

Foi cumprida a programação prevista, ultrapassou o que, comedidamente organizamos. Isso é bom. Parabéns ao Sant'anna

que tudo coordenou, parabéns, Olímpia, que a tudo assistiu, parabéns grupos que brilharam, que brilharão, que estão na re-

tina e nos corações de todos que os aplaudiram em agosto de 1990. Já é quase hora de começar tudo outra vez. E viva!

Solidariedade olimpiense

Realizou-se em Monte Azul Paulista, nos dias 14, 15 e 16 de setembro de 1990, a I Feira Regional de Solidariedade. Dela participaram Olímpia, Guaraci, Severínia, Cajobi, Altair, Viradouro, Terra Roxa, Taiúva, Taiapu, Jaborandi, Colina, Monte Azul, Bebedouro, Vista Alegre do Alto, Barretos, Pirangi, Colômbia e Guaira.

Olímpia, presidida pela primeira dama, D. Regina Céli Trindade Rizzatti, apresentou variado artesanato local, vendendo rápido e facilmente quase tudo. Já que a finalidade da Feira é filantrópica, as entidades que merecem apoio da primeira dama, ficaram bem servidas.

Dentre as várias apresentações, destacaram-se o Grupo de Danças Parafolcló-



ricas "Cidade Menina-Moça", dirigido por Cidinha Manzolli e o Grupo Parafolclórico Jeticai, do Fundo de Solidariedade do Município de Olímpia. Apresentou-se o Coral Carlos Gomes, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de São Paulo que, entre músicas sacras e populares, cantou melodias folclóricas: Vou vender meu barco, Galo Garnizé e Apolinário.

Portanto, um evento de grande envergadura, a I Feira Regional agradou a todos, participantes e visitantes. D. Regina Rizzatti, encerrando as solenidades, sentiu-se plenamente realizada. Parabéns, 1ª dama, que outras feiras sejam sucesso como essa. Parabéns.

Cartões de Boas Festas para Sant'anna

Foram inúmeros, como sempre. Ao mestre, ao folclorista, ao amigo, ao coordenador e criador dos festivais do folclore, ao escritor, também. Até nós - Iseh e Ineh, lhe enviamos os nossos de Socorro, Serra Negra e Amparo. João Francisco dos Santos, Diretor da Cultura e Turismo de Laranjeiras - SE, Jackson Silva Lima (Aracaju), Saul Martins (Belo Horizonte), Maria do Carmo Vedramini, Instituto Nacional do Folclore (registro do Caderno O que é), Inezita Barroso (São Paulo), Maria Amália Corrêa Giffoni, que diz, em um trecho:

- O que é, será de grande utilidade para o desenvolvimento intelectual das crianças e adolescentes. As adivinhas constituem forma de aprender brincando. Distraído, recreando, favorece os contatos, educa e auxilia a criatividade. É mais uma colaboração sua de alto valor para a cultura popular"; Baronesa Esther Karwinsky, Alexandre Vieira Mesquita (diretor-presidente do Grupo Aruanda), Maria Célia C. Coimbra, Laura Della Mônica, Gerson Brito (Paraíba), Cásia Frade (Rio de Janeiro), Veríssimo de Melo (RN), Dulce Martins Lamas (RJ), José Tenório da Rocha (AL), Renato José Costa Pacheco, Marina A. Marconi (Franca -SP), tantos folcloristas e amigos desejando ao mestre um feliz 1990. Feliz e rendoso, pelo menos no que diz respeito ao folclore brasileiro...

Quase um cento de congratulações

Por indicação do vereador, Prof. José Sant'anna, a Câmara Municipal de Olímpia aprovou, por unanimidade, votos de congratulações a escritores, poetas, professores, folcloristas, gente que divulgou e divulga os nossos festivais. Foram quase cem e os vereadores Adorival Batista da Costa, Dr. Aldo Casarini Junior, Antônio Aparecido Carrocelli, Durval Britto, Edicívio da Cunha Sobrinho, Fabício Cardoso de Oliveira, Jesus Ferezin, Dr. João Batista Dias Magalhães, João Vazão Primo, Dr. Joel de Alencar, Dr. José Carlos Ferraz, Dr. Luiz Antonio Moreira Salata, Dr. Nilton Roberto Martinez, Orlando Moço, Otacilio de Oliveira Neto e Wanderley Dario Forti, sem contestações, aplaudiram as moções do mestre, deram-lhe todo o apoio. Infelizmente, não há espaço para mencionar todos os amigos que felicitaram Olímpia e seus festivais, que cumprimentaram o Sant'anna, a Câmara, os olimpienses em geral. Agradecemos a todos que nos cumprimentaram.

As manifestações que chegaram de todo o Brasil

Belo Horizonte, 20 de agosto de 1990

Ilmo. Professor

DR. JOSÉ SANT'ANNA

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia - São Paulo

Caríssimo professor:

Ainda vivamente impressionados com o monumental trabalho desenvolvido por você e sua equipe, queremos parabenizá-lo e exortá-lo a continuar com a sua luta pela preservação e divulgação daquilo que nos é mais caro: a nossa cultura.

Apesar de não termos ficado até o final do festival, por motivos de trabalho, pudemos avaliar a dimensão e a importância da dedicação de seis pequenos gigantes para a construção de tão ciclópica obra. Ciclópica, porque em se tratando de Brasil, onde o apoio e incentivo do governo e outras entidades oficiais é quase nulo, só mesmo o amor, dedicação, perseverança, fé e muito trabalho de verdadeiros patriotas, conseguem edificar tal obra.

Sentimos orgulhosos e honrados em participar e gostaríamos de voltar sempre, pois temos muito que aprender e sabemos agora onde encontrar a fonte para saciar a nossa sede de conhecimentos.

Tomados de novo ânimo, sentimos com mais forças para continuar com o nosso trabalho de preservação e divulgação da nossa cultura popular, pois conhecemos de perto os frutos de um trabalho tão nobre e abnegado e sentimos os nossos problemas pequeninos diante de tão portentosa realização.

Deus o proteja e mantenha-o com saúde e com essa imensa fé nos homens, para que possa continuar por muitos anos ainda a encantar o Brasil e o mundo com essa enorme demonstração de brasilidade.

Um abraço fraterno do amigo

Alexandre Mesquita

Dir. Presidente do G. F. ARUANDA

Brasília - DF

Coordenador do 26.º Festival do Folclore

Olímpia - SP

S/NR/GP/31-8-1990. Incumbiu-me o excelentíssimo senhor presidente da República de acusar e agradecer o gentil convite para o 26.º Festival do Folclore desse Município.

O presidente Fernando Collor cumprimenta as entidades patrocinadoras e o povo de Olímpia, reafirmando o seu propósito de construir um Brasil economicamente forte e socialmente justo para todos os brasileiros.

Cordiais saudações - Cláudio Vieira - Chefe de Gabinete Pessoal do Presidente da República.

Ofício n.º 0156/90

REF.: GD/DECTUR - Laranjeiras (SE), 28 de agosto de 1990

Nobre e Caro Amigo,

É com muito orgulho, de coração, que o considero assim, pois o povo de Olímpia está de parabéns, em manter entre si uma personalidade deste tão nobre quilate. Seria importante que em cada cidade Brasileira existisse uma Pessoa como Vossa Excelência, digno dos interesses Culturais e Educacionais de uma comunidade simpaticíssima como considero este povo lindo de Olímpia, a nossa "Capital Nacional do Folclore". Que festa divina! Nós que representamos Sergipe durante o 26.º Festival queremos dizer que estamos felicíssimos e com muita saudade de todos vocês.

Parabéns ao Prefeito JOSÉ FERNANDO RIZZATTI e sua digníssima esposa, a todos os Vereadores, à magnífica Comissão Executiva. Deus abençoe a você, Prof. e DR. JOSÉ SANT'ANNA. Deus lhe conceda muitos anos de vida e saúde. São os sinceros agradecimentos de todos os componentes do Grupo Folclórico SÃO GONÇALO.

Atenciosamente,

JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS
Diretor de Cultura e Turismo do Município

Exmo. Senhor

DR. JOSÉ SANT'ANNA
MD. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
OLÍMPIA - SÃO PAULO

Jundiá, SP, 12 de setembro de 1990

Ilmo. Sr.

Professor **JOSÉ SANT'ANNA**

Departamento de Folclore do Conselho Municipal de Cultura

Prefeitura Municipal de Olímpia

Olímpia - SP

Caro amigo e confrade Prof. José Sant'anna:

Recebi e agradeço o ANUÁRIO DO FOLCLORE alusivo ao 26.º Festival do Folclore de Olímpia, evento que já transpôs as fronteiras do Brasil, por sua importância e regularidade tradicional.

Como sempre, este saiu magnífico, constituindo-se em documento de inigualável valor, pelas contribuições de toda ordem ao estudo comparativo e exposição da matéria que é objeto de estudos, seu e meu.

Parabéns ao grande amigo e colega e a todos que ajudaram a realizar o Festival e editar o Anuário. Um dia, se Deus quiser, irei levar-lhe meu abraço pessoal, com muitas saudades. Não se esqueça do com-

panheiro,

Adelino Brandão

Ribeirão Preto, 12 de setembro de 1990

Ilmo. Sr.

Prof. **JOSÉ SANT'ANNA**

Vimos por meio desta, acusar o recebimento do Anuário do 26.º Festival do Folclore, que será encaminhado para nossa Biblioteca, onde será de grande importância para nossa matéria de Folclore Brasileiro.

Aproveitando, seguem os nossos cumprimentos por esse relevante evento, pois o mesmo é muito importante para a Cultura Brasileira.

Agradecemos pela atenção dispensada,

Cordialmente

Yeda Ginatto Suzigan

Diretora

Vitória (ES), 14 de setembro de 1990

Professor José Sant'anna:

Pelo terceiro ano consecutivo recebo o seu Anuário do Folclore.

É sem favor, a melhor publicação, do gênero, que se edita, hoje, no país.

Olímpia dá a nota.

Uma tradição que merece ser preservada.

Sinto que meus compromissos aqui (em agosto especialmente) me impedem de ir aí. Soube que este ano foi daqui uma Banda de Congo Mirim, de Linhares, se me não engano.

Parabéns.

Abraço do

RENATO J. C. PACHECO

Secretário Geral - Comissão E.S. de Folclore

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1990

Prezado Sr. Dr. José Sant'anna

Saudações

Aproveito a oportunidade para parabenizá-lo pelo 26.º Festival do Folclore e acusar o recebimento da Revista. Envio-lhe meu terceiro trabalho que data de 1989, porém, somente agora está sendo distribuído pelo MEC.

Ao seu inteiro dispor e, mais uma vez, congratulações por seus feitos em prol da Cultura brasileira.

Atenciosamente,

ERMELINDA AZEVEDO PAZ

Natal, 13/9/1990.

Ao amigo José Sant'anna - sempre atencioso e fraterno - muito agradeço a revista

comemorativa ao 26.º Festival do Folclore, de Olímpia - fruto de sua tenacidade e amor ao folclore brasileiro.

Louvo, sobretudo, neste número que tenho às mãos, o seu ensaio "SÃO PEDRO DA TERRA E DO CÉU", exaustivo trabalho de pesquisa. Penso que ali você esgotou a temática de São Pedro no nosso folclore. Não será mais possível escrever sobre o tema sem consultar o seu trabalho magnífico.

Parabéns pela realização do 26.º Festival do Folclore de Olímpia. Na próxima encarnação não faltarei a um só dos seus Festivais.

Abraço fraternal do velho admirador e amigo.

VERÍSSIMO DE MELO

Fortaleza, 14 de setembro de 1990

Prezado amigo e confrade José Sant'anna. Recebi com muito agrado, como das outras vezes a excelente publicação concernente ao 26.º Festival do Folclore, realizado em Olímpia, muito justamente considerada a "Capital do Folclore".

Quanto senti não ter podido viajar até essa bela cidade paulista, quando do convite que recebi por intermédio da distinta colega Laura Della Mônica, para participar de um Simpósio Sobre Cultura Popular.

Espero, no entanto, poder fazê-lo um dia. Passei este ano à categoria dos octagenários, mas continuo a trabalhar nos meus campos prediletos - a linguagem e a cultura.

Enviar-lhe-ei um exemplar do meu último livro *Temas da Linguagem e de Folclore*. Venho lutando, há cerca de 2 anos, para obter uma publicação oficial em 2.ª edição do meu *Dicionário de Temas Populares*, que foi editado a primeira vez no Rio de Janeiro. Quando vier a lume - o que penso ainda demorar - terei o prazer de enviar-lhe um exemplar.

Aceite os meus agradecimentos e um cordial abraço.

do confrade amigo
FLORIVAL SERAINE

Betim - MG, 15/9/90.

Senhor José Sant'anna e todos os responsáveis pela publicação do Anuário do Folclore de 1990.

PAZ e BEM

Parabéns por mais este bom trabalho. Vocês conseguiram reunir material da religiosidade popular sobre São Pedro de grande qualidade e quantidade. E me admiro como há muitas pessoas que dizem que "estas coisas estão desaparecendo".

Em Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, tenho encontrado muito material semelhante. É preciso acreditar que nosso povo tem uma cultura rica, diferente daquela apresentada na televisão. Ajudar o povo é em primeiro lugar, dar valor àquilo que o povo já tem. A descoberta do valor próprio é a base da capacidade de decisão, luta, e da própria felicidade. Continuem firmes no seu importante trabalho.

Abraços
FREI CHICO

Petrópolis, 15 de setembro de 1990
Mestre José Sant'anna

Acabo de receber o n.º 26 da Revista do Festival do Folclore de Olímpia. Grato pela gentileza.

Sem entrar propriamente no mérito, já que apenas folhiei o volume, vi, que o amigo ao abordar "São Pedro da Terra e do Céu", parece ter esgotado o assunto. São páginas e páginas densas de pesquisas sérias, de documentação, inclusive no que concerne à iconografia. Vou ler com atenção esse seu trabalho e depois direi melhor, quiçá na página que estou mantendo quinzenalmente, sempre às sextas-feiras na Tribuna Piracicabana.

É um espaço cultural que criei e que coloco à disposição do amigo para suas divulgações folclóricas.

Aproveito a oportunidade para enviar-lhe os números já publicados para que você avalie o espírito do empreendimento.

Um grande abraço do **FRANCISCO DE VASCONCELOS**

Salvador - BA, 15 de setembro de 1990
Caro José Sant'anna:

Recebi o seu já tradicional relatório com um apanhado geral de mais um Festival de Folclore. Como sempre Olímpia e sua gente dão um exemplo positivo do que é possível ser realizado quando há interesse e coordenação. Muito bom o assunto em foco, reunindo tanta coisa valiosa sobre São Pedro. Parabéns também por continuar a sensibilizar o Bradesco que propicia uma apresentação gráfica de primeira qualidade.

Faço votos para que o seu esforço, boa vontade e tenacidade estejam sempre presentes em todos os momentos dedicados ao estudo e divulgação do folclore. O seu trabalho merece ilimitados aplausos.

HILDEGARDES VIANNA

Valença - RJ, em 17 de setembro de 1990

Emérito Cultor do Folclorismo
Professor José Sant'anna
Olímpia - SP
Insigne Amigo

Pela terceira vez sinto-me honrado com a gentileza da oferta de mais um exemplar da magnífica revista - Festival do Folclore - desta vez o 26.º aniversário, como também de sua distinção enviando-me, em separado e antecipadamente, o programa-convite da festividade comemorativa do Folclore, este ano de 12 a 19 de agosto.

Por motivos alheios à minha vontade, fui impedido de comparecer, ficando assim furtado desta alegria contagiante que Olímpia sabe distribuir entre todos os seus visitantes.

Muito grato pela distinção a mim dispensada, fazendo extensivo ao Exmo. Sr. José Fernando Rizzatti, DD. Prefeito desta histórica cidade que perpetua em suas

páginas a tradição dos hábitos e cultura desta gregária raça, esta humanidade ainda tão deficiente quanto aos fatos atinentes à evolução espiritual. Mas, como o Criador é superlativamente perfeito, sem limites comparacionais, podemos antecipar que um dia (na escalada do infinito-tempo) os renegados alcançarão a perfeição, em mundos compatíveis, em esferas celestes de imensurável sutileza.

Lendo essas revistas tão valiosas, podemos constatar o quanto já evoluiu o homem, abolindo as superstições e credulidades, porém, ainda arraigado às coisas materiais e transitórias.

Sensibilizado fiquei ao ler a sua fraterna dedicatória, dando-me a sua amizade sincera, como provou vindo em mim tudo de bom, muito embora assim ainda não o seja, mas pela lei reflexa da vida, cada um vê o seu semelhante pelo prisma de sua alma.

Atenciosamente subscrevo-me, ofertando-lhe alguns jornais da terra onde colabore. Amigo e admirador

JOSÉ PINHEIRO FERNANDES

Tietê, em 17 de setembro de 1990
Ao ilustre escritor e diretor
Dr. José Sant'anna
Olímpia

Meus efusivos cumprimentos e votos de boa saúde para os seus incansáveis trabalhos.

Acabo de receber o volume do Anuário do Folclore relativo ao 26.º Festival do Folclore de Olímpia, que muito agradeço. Vou mandar encadernar conforme os demais números anteriores, para minha biblioteca. Meus parabéns. Sílvio Romero se ressuscitasse e visse o seu trabalho, ficaria de boca aberta. Meus parabéns mais uma vez. Sinto bastante ter 87 anos e não poder conhecer e prestigiar o seu trabalho do futuro.

Um cordial abraço deste velho amigo e tradicional animador.

BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA

*** **BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL**
Fernando de Barros Furquim

Olinda - PE, 18/9/1990

Meu caro Dr. José Sant'anna

Recebi, ontem, o ANUÁRIO DO FOLCLORE/1990, excelente publicação que você organiza e edita com tanto entusiasmo, com tanto amor, com tanto carinho. Muito bons os trabalhos nele publicados. Mais uma vez meus parabéns pelo êxito do 26.º Festival do Folclore que já constitui uma tradição na história do folclore brasileiro.

Aqui, como sempre acontece, a luta continua. Terminei, de parceria com Leonardo Dantas Silva, a **ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE**, reunindo 33 textos e uma introdução. Foi um trabalho danado... Agora, já estou pegado com uma nova pesquisa sobre cantigas de ninar do Nordeste. Vamos ver se vai prestar.

Fico aguardando suas notícias.

Um abraço.

MÁRIO SOUTO MAIOR

Rio, 20-9-90

Prezado Prof. José Sant'anna

Fiquei sensibilizada com a delicadeza do seu autógrafa, a mim dedicado, na primeira página do Anuário n.º 20.

Mas se o Bom Deus deve ajudar com todas as suas Graças - é ao idealizador dos Festivais do Folclore de Olímpia - SP.

É necessário, entretanto, ressaltar não apenas pela realização dos eventos de tais proporções, porém, principalmente, pela publicação dos Anuários que vão se constituindo um acervo de inextinguível valor para a conservação das tradições do nosso povo.

Muito obrigada por tudo. O senhor o abençoe, bem como a todos que o ajudam na realização de tais empreendimentos.

Saudações cordiais

DULCE MARTINS LAMAS

Library of Congress Office - Rio de Janeiro

American Consulate General

Rio, 20/9/1990

Prezado Senhor

José Sant'anna

Olímpia

Temos o prazer de acusar o recebimento do Anuário do 26.º Festival do Folclore, que será encaminhado à sede da Biblioteca em Washington, D.C.

Agradecendo a sua inestimável colaboração, subscrevemo-nos.

Cordialmente

FIELD DIRECTOR

Cidade de Deus, 21 de setembro de 1990

Exmo. Sr.

Vereador Dr. José Sant'anna

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia - SP

Senhor Presidente

Recebemos seu Of. n.º 552/90-GP, de 13 do corrente, capeando o Requerimento n.º 552/90, dessa Câmara, apresentando-nos votos de congratulações pela nossa participação no "26.º Festival do Folclore de Olímpia".

Muito nos honra a confiança e prestígio demonstrado por nossa Organização.

Cordialmente,

BANCO BRADESCO S.A.

NELSONI HERCULANO DE SOUZA

EDSON BORGES

Belo Horizonte, 21 de setembro de 1990
Prezado Senhor, Paz!

É com muita honra que venho, a mando do Sr. Rei de Moçambique, a Vossa presença, com a missão de agradecer a atenção a nós dispensada por ocasião de nossa visita à cidade de Olímpia - SP e parabenizá-lo pelo grandioso espetáculo que o Festival proporciona a nossas vistas, tanto pela beleza quanto pela riqueza de informações.

Gostaríamos de sugerir que na abertura oficial, após as solenidades cívicas, fosse realizado o ritual de levantamento de uma bandeira festeira (Por exemplo: a de Nossa Senhora do Rosário que é a dona, padroeira de todas as guardas "Folclóricas" do Brasil); com este ato estaria aberto um novo campo de manifestações folclóricas e religiosas que, por certo, dariam maior brilho ao festival.

Aproveitando a oportunidade, gostaria de sugerir o nome de meu Rei para que fosse o "Mordomo" desta bandeira que sugeri há pouco, juntamente com Vossa pessoa.

Manda-me, ainda o Sr. Rei, convidá-lo para as cerimônias folclóricas de caráter religioso em honra de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro. Para tanto, informo que a programação obedecerá ao cronograma anexo.

Durante o intervalo das programações, visitaremos outros reinos tais como o da Comunidade Negra dos Arturos, o Reino de Nossa Senhora de Pompéia, o Reino das Caboclas de São Jorge, etc.

Gostaríamos que trouxesse, com Vossa bagagem, material de divulgação do Festival para contatos com a Imprensa Local e mesmo com referência de Vosso trabalho para os Srs. Reis do Estado.

Certos de contar com Vossa presença durante nossos festejos, despeço, invocando as bênçãos dos céus sobre Vossa Pessoa e família.

Atenciosamente,

JOSÉ MACIEL JÚNIOR

Guarda Coroa do Rei de Santo Antônio

Maceió, 21 de setembro de 1990

Caro Prof. José Sant'anna

Fico "num pé e noutro" ao receber o Anuário. É redundância dizer que cada ano que passa fica melhor em seu teor doutrinário e aspectos gráficos. Que bom existir Sant'anna/Olímpia/Folclore; trinômio indissolúvel como a Trindade Sagrada.

Mas estou também com saudade e pedindo para voltar. Será que em agosto poderei ver o recinto? Será que terei o privilégio de fazer uma palestra ou curso, especialmente sendo o dedicado a folclore e educação, como foi o curso que ministraram na Fundação Joaquim Nabuco do Recife? Estou disposto, feliz por vocês e sobretudo querendo dar a minha parcela de colaboração.

Escreva! Um abraço do

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

São Paulo, 21 de setembro de 1990

José Sant'anna,

Muito grato pelo envio do Anuário do Folclore/90.

Sucesso sempre!

O abraço da

MARIA DO CARMO VENDRAMINI

Campinas, 23 de setembro de 1990

Prof. José Sant'anna

Olímpia-SP

Prezado colega:

Recebi e agradeço o "Anuário do Folclore" - 1990.

Achei deveras interessante o seu artigo "São Pedro da Terra e do Céu", encerrando muitas informações que a gente ouve falar, mas que não as vê escritas. É mais uma excelente contribuição ao conhecimento do nosso folclore. Meus parabéns!

Ainda não consegui publicar o meu livro "Folclore dos Vertebrados", que subdividi em 5 partes: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. O Souto Maior publicou parte dos anfíbios no Recife; a Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, aprovou a publicação da parte de aves, e a Ícone, de São Paulo, a parte de peixes. Vamos ver se desta vez dá certo. Sem mais, queira receber os meus cordiais cumprimentos.

HITOSHI NOMURA

ECA

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 24 de setembro de 1990

Meu Caro Prof. José Sant'anna:

Recebi hoje mais um Anuário do Folclore, relativo ao 26.º Festival do Folclore, de 1990. E mais uma vez tenho de louvar o esforço que você e sua equipe realizam, todo mês de agosto. Quem já assumiu encargos como a organização de eventos desse porte sabe — acho que eu posso dizê-lo — das dificuldades enormes que precisam ser vencidas. Pois vocês realizam o evento e publicam um Anuário...!

Olímpia acaba sendo um interessante reflexo de toda essa preocupação e essa curiosidade contemporâneas pelas coisas do povo. Com o que já realizaram, vocês têm cacife para aprimoramentos que outros não conseguiriam tão facilmente.

O abraço do

AMÉRICO PELLEGRINI FILHO

São Paulo, 27/9/1990

Caro amigo José Sant'anna:

Recebi e agradeço a remessa de seu magnífico Anuário do Folclore/1990. Minha admiração pelo brilhante trabalho que vocês realizam pelo folclore de Olímpia e do nosso Brasil.

Parabéns uma vez mais a você e seus colaboradores e à maravilhosa cidade de Olímpia, a Capital do Folclore.

Recebi também a "Lei Orgânica do Município de Olímpia". Agradeço, sensibilizada, a sua atenção e o cumprimento efusivamente, bem como à Câmara Municipal de Olímpia pela aprovação e promulgação da "Lei Máxima do Seu Município". Parabênico, ainda, a Câmara Municipal pelo Capítulo excelente "Da Cultura" e, especialmente, pelo artigo 220, que consagra definitivamente Olímpia como a Capital Brasileira do Folclore.

Que Deus lhes dê sempre forças e persis-

tência em prol da sua luta pelo Folclore do nosso país.

Abraço-o com muita amizade e admiração.

BARONESA ESTHER SANT'ANNA DE A. KARWINSKY

Pres. da Associação de Folclore de Guarujá

Araras, 27 de setembro de 1990

Caro José Sant'anna:

Acuso e agradeço a remessa do Anuário do Folclore/90, relativo ao Festival de Olímpia. Excelente publicação, obra admirável que resgata e valoriza nossa cultura. Meus parabéns!

Sant'anna, estou partindo para Europa em busca de material histórico para concluir meu doutoramento na USP. Passarei pela Espanha e Portugal para coletar as origens ibéricas das festas de junho. Depois irei para Alemanha onde apresentarei algumas pesquisas realizadas em SP, MT e MS (falarei sobre Olímpia).

Um abraço saudoso

M. CÉLIA CREPSCHI COIMBRA

Recife, 8 de outubro de 1990

Meu caro Sant'anna:

Quando o seu Anuário do Folclore chega, é uma festa. A cada ano, essa publicação, de boa recomendação literária e exemplarmente organizada no plano gráfico, contribui para aumentar os meus conhecimentos das figuras e eventos que emolduram o nosso Folclore.

É disso que precisamos.

Um grande abraço do seu amigo e confrade.

ALCIDES NICÉAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELA - AL

Ofício n.º 234/90 Capela, 09 de outubro de 1990

Sr. Presidente:

Recebemos, com satisfação, Ofício anexo, Requerimento do Presidente da Câmara de Vereadores, Dr. José Sant'anna registrando nossa participação no 26.º Festival do Folclore desta cidade.

Registramos que apesar das dificuldades de toda ordem que enfrentamos, jamais deixaremos de relutar para representarmos não só folclore do nosso Município bem como do nosso Estado.

Sentimo-nos honrados com o voto de congratulações da Edilidade Olimpense, sendo motivo de satisfação para todos nós e sobretudo de incentivo à participação em novos eventos.

Nesta oportunidade, gostaríamos de ressaltar a cordialidade e o tratamento gentil dispensado não só pelas autoridades municipais como também pelos habitantes dessa cidade.

Enfim oportuno gostaríamos de participar a V. Sª que estamos à inteira disposição em nosso município, bem como em nosso estado, para pronto atendimento a qual-

quer solicitação que seja do nosso alcance.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar-lhe nossos votos de estima e especial consideração e apreço.

JOSÉ VÂNIO DE BARROS MORAIS
Prefeito

Exmo. Sr.

Dr. José Sant'anna

DD. Presidente da Câmara de Vereadores - Olímpia - SP

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VÁRZEA PAULISTA - SP

Of. GAB.159/90

Várzea Paulista, 15 de outubro de 1990

Excelentíssimo Senhor

Dr. JOSÉ SANT'ANNA

M.D. Presidente

Câmara Municipal

Olímpia - SP

S/Ofício 583/90

Altamente agradecidos pela demonstração de reconhecimento estampado no Requerimento n.º 611/90 de Vossa Excelência, bem como pela fidalguia de acolhimento dispensado aos nossos representantes ao 26.º Festival do Folclore de Olímpia, manifestação que caracteriza o carinho de todo o povo olimpense.

Apraz-nos, ao ensejo, reafirmarmos ao Ilustre Presidente nossos mais escolhidos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

KENYTY NOZAKI

Prefeito Municipal

São Paulo, 15 de outubro de 1990

Zé Sant'anna, meu velho amigo.

Precisei esvaziar a cabeça de tanta droga de aula, pra poder escrever com vagar, não somente para os amigos, como também os meus contos e romances, parados ignominiosamente depois de alguns capítulos. Estou aposentada, finalmente. FINALMENTE. Com 32 anos de magistério.

E a primeira coisa que quero fazer, com muita humildade de coração e admiração muita por vocês, é pedir-lhe perdão por estar apartada de suas atividades, se bem que as acompanhe com um espanto cada vez maior, mescla de reconhecimento e incredulidade, São Tomé e Paulo de Tarso ao mesmo tempo. Gente! Esse tal de Zé Sant'anna faz milagre!

Do milagre faz parte a Revista, de que hoje acuso recebimento, cada vez maior, cada vez melhor, cada vez mais erudição e Folc, e cada vez mais instrutiva e interessante. No ano passado foram as minhas delícias, entre outras, a pesquisa e o tratamento do tema Santo Antônio, com uma iconografia autêntica, variada, rica, e bem feita como nunca vi outra igual. Trabalho de paciência e de inteligência. Um cata-milho que demanda conhecimento. E afora isso um tratamento original do tema. E eis que, neste ano, vem nos visitar São Pedro, outra mina de ouro. Que trabalho! Que variedade! Que autenticidade! Que coleta, para servir de modelo! José Sant'anna, você não existe!

E os trabalhos da Iseh, que beleza! A menina está crescendo. Você arranhou um co-piloto que sabe enfrentar tempestades.

Se você quiser, eu lhe mandei um dos meus trabalhos. Não serão tão bons quanto os seus, mas têm o valor de comparação, pois que são de região diferente.

Não vou lhe desejar que prossiga bem. Você nasceu com o destino de ir para cima e para a frente.

Abração

RUTH GUIMARÃES

São Paulo, 18-10-1990

Prezado Sant'anna:

A leitura e observação do Anuário do Folclore de 1990 correspondente ao 26.º Festival do Folclore de Olímpia, nos leva a afirmar que a revista está se tornando cada vez mais completa. Abrange assuntos de grande importância na área, tornando-se valiosa fonte de conhecimentos, além de incluir noticiário atualizado e oportuno. A apresentação gráfica nada deixa a desejar. Parabéns pelo conteúdo e forma.

Em "São Pedro da Terra e do Céu", título original e abrangente, você confirma ser o pesquisador emérito de sempre.

Os dados biográficos do Santo abrangem a parte histórica e religiosa. Lembra que o apóstolo nasceu à margem do Lago de Tiberíades e morou em Cafarnaum, lugares que contemplei emocionada, inclusive pela minha formação católica apostólica romana, quando estive em Israel.

Olímpia se revela como detentora de amplo patrimônio sobre devoções a São Pedro, com reflexo em vários campos. Vasto e diversificado, abrange terços, hinos, beijamento da imagem, acompanhamento de cantos específicos, etc. Quanto ao mastro, além do "padrinho do corte", isto é, da madeira, raro em outras regiões, a sua elevação é acompanhada de canto próprio à cerimônia. Fogos e fogueiras apresentam aspectos curiosos. A parte ligada à terapêutica popular: benzimentos, remédio contra queimadura, etc. é vasta. As "brincadeiras" correspondentes ao evento e às comidas, entre elas o "caldo-de-são-pedro" e a "peixada de São Pedro", realizada à meia-noite, de 28 a 29 de junho, com presença de homens na maioria chamados Pedro, constituem preciosidades olimpenses.

O trabalho prossegue num desfilar de assuntos importantes, muitos deles com feições que acreditamos regionais: festa de quarteirão, acalantos de São Pedro, frases, locuções, quadrilhas, literatura de cordel, inclusive brinquedos e danças folclóricas. Merecem destaque as Estórias de São Pedro, em número de 77 variações. Poderiam constituir um estudo à parte. Levam o leitor a ler da primeira à última, tal o valor dos textos, pelos aspectos desenvolvidos, linguagem peculiar, filosofia popular, forma agradável de narrativa, etc.

Orações específicas, abusões, crendices, simpatias, superstições, adjutórios, benditos, excelências, compõem texto repleto de informações que auxiliam o conhecimento do culto ao "porteiro do céu", não só no âmbito local, como em maior ampli-

tude.

A medicina teológica, o batismo laicálico e São Pedro na Umbanda são aspectos singulares, de rara abordagem, tão meritórios como a parte musical, cujo recolhimento constitui ponto alto do trabalho, assim como os versos, bastante diversificados.

O conteúdo completo de "São Pedro da Terra e do Céu", abrangendo 71 páginas do Anuário de 1990, apresenta 41 fotografias que ilustram os assuntos abordados, mais 26 fotos de informantes, das quais 7 são homens e o restante mulheres, que predominam com grande vantagem. Inclui, ainda, gráfico da região pesquisada.

O trabalho do Prof. Sant'anna resulta de pesquisas exaustivas, munuciosas, completas, enriquecidas com fotografias inéditas, parte musical e poética recolhidas diretamente, acompanhadas de dados sobre os informantes. Oferece aos interessados estudo completo sobre São Pedro, assim na terra como no céu...

"Procura-se..." de Iseh Bueno de Camargo prende-se ao folclore religioso. Consta de orações de diversos santos, compreendendo 42 modalidades. Algumas muito curiosas, sobre as quais deve parar grande desconhecimento dos leitores, ao que supomos.

Entre as que representam verdadeiras descobertas citamos: "Oração da Triste Noite Escura", "Oração de Maria Padilha", "Oração do Anjo da Guarda da meia-noite", "Oração para amansar mãe brava", "Oração do confessor sozinho", "Oração do mistério de regular", "Oração do lavrador dourado", "Oração do Boi Estrelado", etc.

Os títulos já dão idéia dos tesouros desbravados.

Relaciona os informantes e fornece fotografia de algumas mulheres.

Trabalho que enriquece os costumes populares ligados às tradições religiosas, feito com carinho e competência, já revelados em "Noticiário da Iseh".

MARIA AMALIA CORRÊA GIFFONI

Rio de Janeiro, 19/10/1990

Prezado Sant'anna,

Recebi o lindo Anuário, correspondente ao 26.º Festival do Folclore. A edição está linda. Sobre ele, acabei de redigir uma nota para o Boletim da Comissão Nacional de Folclore. Aqui, louvo sua exaustiva pesquisa sobre São Pedro. Louvo, ainda, a realização da Comissão de Folclore, conseguindo produzir coisa tão bonita, em tempo tão difícil...

Meus agradecimentos pela lembrança e meu afeto.

CÁSCIA FRADE

San Francisco, 25-10-1990

Caro amigo José Sant'anna:

Saúde!

Após dias de atividades no Congresso Internacional de Folclore, onde falei sobre

um conto do folclore caiçara, tenho, enfim, um tempinho para lhe enviar meu abraço e saudação aos folcloristas de Olímpia.

Já estou recolhendo colaborações para o próximo número da revista "Folclore", n.º 16 (1991). Será que posso contar com um artigo seu e um outro da Prof.ª Iseh? Será grande honra para nós e dará brilho à nossa revista.

Creia na amizade e admiração de
ESTHER SANT'ANNA DE A. KARWINSKY

Recife, 30 de outubro de 1990

José Sant'anna

Muito grato pela atenção de remeter a publicação anual do Festival do Folclore de Olímpia/90. Parabéns pelo Festival e pela publicação. Posso imaginar o esforço para manter esta promoção.

Meu abraço,

ROBERTO BENJAMIM

Recife, 3 de novembro de 1990

Ilustre Mestre José Sant'anna:

De logo agradeço a remessa dos Anuários dos Festivais de 1986 a 1990. Parabeno a toda sua equipe, ao DD. Prefeito de Olímpia e aos companheiros do Museu de História e Folclore e do Conselho de Cultura pelo magnífico trabalho que estão realizando, já há um quarto de século, na CAPITAL DO FOLCLORE BRASILEIRO.

O ANUÁRIO DO FOLCLORE é hoje a melhor e mais atualizada publicação especializada do Brasil em termos de antropologia cultural e folclore. Lendo cartas de confrades como Alcides Niceas, Mário Souo Maior, Roberto Benjamim, Veríssimo de Melo e Florival Seraine vejo o Nordeste aplaudindo a obra cultural que o prezado amigo vem construindo em OLÍMPIA. E me alegro de ser seu constante leitor e divulgador de sua obra entre meus alunos.

Neste último Anuário (de 1990) li notícia sobre BACAMARTEIROS de Aguada, Município de Carmópolis, criado, provavelmente, no início do século passado. O assunto muito me interessa, pois há mais de 30 anos pesquiso o assunto BACAMARTEIROS na região Nordeste e julgava tratar-se de verdadeiro ESPORTE FOLCLÓRICO, autenticamente regional do NE., pelo que apurei até hoje por aqui, ele teria origem na "Festa da Volta" ou nos festejos ruidosos dos sertanejos que retornavam aos seus torrões natais vindos (sobreviventes) da Guerra do Paraguai, no século passado. Eles comemoravam detonando com pólvora seca seus enormes bacamartes de sistema Miniê (francês) de ouvido, espolêta de metal e cão de aço que armara os Batalhões de Caçadores a Pé na lastimável e equivocada luta da hoje discutida Tríplíce Aliança e que deixou tantas lendas na memória do povo com o ciclo folclórico da Guerra do Paraguai ou da Grande Guerra.

No meu livro BACAMARTE, PÓLVO-

RA E POVO (que junto a esta segue em dois exemplares, 1 para você ou à biblioteca local e outro para quem se interessar em Carmópolis), trato demoradamente sobre o assunto por todos os ângulos que pude abordar depois de mais de 15 anos de constante pesquisa, entrevistando bacamarteiros, personalidades municipais de Caruaru, Bezerros, e outros Municípios da região do Agreste, lendo jornais e revistas antigas e acompanhando a evolução dos grupos de atiradores de festa com a manifestação descendo para o litoral urbano e, em áreas proletárias tomando novas formas, na dinâmica da cultura. Por isto preciso de informações sobre os atiradores de bacamarte de Carmópolis. Origem, composição, lideranças, tradições, etc. Peço indicar a quem me devo dirigir.

Outro assunto que muito me interessa ultimamente e que ainda não vi tratado nos exemplares do Anuário de que disponho aqui em casa é BONECOS GIGANTES, Bonecos de Carnaval, Cabeções, Bonecos articulados com gente dentro desfilando nas festas populares. Estou preparando artigo sobre este assunto e soube que aí, em alguma cidade do interior de São Paulo, provavelmente numa do Vale do Rio Paraíba existem dois bonecos Gigantes de Nome JOÃO PAULINHO E MARIA ANGU. Disseram-me que, há algum tempo atrás, saiu artigo sobre eles numa revista de Editora Abril. Nada mais sei. Mas preciso saber tudo sobre estes bonecos.

Aqui em Olinda já existem mais de 40 Bonecos Gigantes que desfilam pelo Carnaval e no Dia do Ano Novo, alguns com mais de 58 anos de existência como o já famoso HOMEM DA MEIA NOITE (segue artigo meu sobre ele).

Se o ilustre amigo souber alguma coisa ou quem saiba alguma coisa rogo URGENTEMENTE me escrever pois tenho muita necessidade de obter o maior número de dados possíveis sobre o assunto que tem importância internacional, pois há bonecos gigantes nos carnavais de Nice e até identifiquei uma boneca gigante no carnaval (de inverno) russo com mais de 100 anos...

O caro amigo, como mestre da pesquisa e do folclore sabe, muito melhor que nós, da importância da informação para quem está "no rastro" do assunto... Por isto bato à sua porta, sem receio de incomodá-lo.

No aguardo de breve resposta e reiterando meus parabéns e minha constante admiração pelo seu profícuo labor em prol da cultura popular brasileira, aproveito o ensejo para enviar fraternal abraço

OLÍMPIO BONALD

Campinas, 6 de novembro de 1990

Prof. José Sant'anna

Rua David de Oliveira, 420

Caixa Postal 60

15 400 - Olímpia - SP

Prezado Prof. Sant'anna:

Não consegui editor para o meu livro Folclore dos Vertebrados, que o senhor aprovou na Secretaria da Cultura, em 1980. Separei o livro em 5 partes - peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. A parte de

aves foi aprovada pela Editora Itatiaia, mas não sei quando será publicada.

Gostaria de saber se seria possível a publicação da parte de Peixes (116 pp., 35 figs.) no próximo Anuário do Folclore de Olímpia.

No aguardo do seu pronunciamento, aproveito o ensejo para enviar-lhe as minhas cordiais

Saudações

HITOSHI NOMURA

Rua José Augusto César, 33
13 065 - Campinas - SP

Campina Grande - PB, 22 de dezembro de 1990

Prof. José Sant'anna

Falar sobre você é missão impossível e, mais impossível ainda, é dizer da importância que você tem para o Brasil. Basta que o Brasil sinta o quão é importante o Festival do Folclore de Olímpia para a cultura popular brasileira.

Nós aprendemos a querê-lo muito bem e mesmo estando com você aí em Olímpia, não conseguimos matar a saudade. E retornando ao nordeste não conseguimos esquecer você, Olímpia e o Festival.

Você é um patrimônio cultural da nação. Você é forte. Deus está com você. Você deveria ter nascido nordestino.

Rogo a Deus que lhe dê muita saúde, força e energia para que o folclore seja sempre cultuado.

Felicidades, saúde, paz e amor. E que Deus zele por você.

GERSON BRITO

Tropeiros da Borborema

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1990
Prezado José Sant'anna:

Com muita satisfação recebi os quatro volumes dos **Anais do Folclore**, correspondentes a 1987-1990, pelo que muito lhe agradeço.

Mais uma vez dou-lhe parabéns pelo trabalho que vem realizando ano a ano, com tanto entusiasmo e reunindo companheiros de vários Estados.

A publicação dos Anais é muito importante pelo complemento do trabalho e pelo acervo de informações que traz.

As Estórias de São Pedro, que recolheu e publicou no volume n.º 20 (1990) num total de 73, constituem um ciclo de grande relevância em nossa narrativa popular. Como sabe, estou organizando um Catálogo do conto popular brasileiro, reunindo versões correlatas das tradições portuguesa, espanhola, italiana e hispano-americana e sua contribuição será naturalmente registrada.

No índice dos artigos publicados nos Anuários, vem a indicação (pág. 109) no verbete de seu nome, "Contos Folclóricos de Olímpia". São os mesmos que figuram no vol. 18, que lhe foram narrados por Jocelino? Gostaria também de registrá-los no Catálogo, bem como outros já divulgados nos volumes anteriores dos Anais. Trata-se de uma contribuição muito importante e tenho todo o interesse de inclui-

la.

Renovando os meus agradecimentos, os cumprimentos cordiais.

BRAULIO DO NASCIMENTO

São Paulo, 22-11-1990

Nobilíssimo amigo Sant'anna:

Como já tive ocasião de expressar, o Anuário do Folclore - 26º Festival do Folclore de Olímpia enche de orgulho todos os folcloristas brasileiros! Publicação como esta - na expressão total de um fato humano, vivo e atual - não a temos.

Não me posso furtar a um imperioso comentário: o "São Pedro da Terra e do Céu", ultrapassa o nível de um estudo simplesmente pesquisado, para atingir o de uma monografia digna de um Bartok, ou de um Kodály, ou de um Brailoin.

É o que seu amigo, da Etnomusicologia, quer expressar-lhe, "imo de pectore, imo ex corde".

JOSÉ GERALDO DE SOUZA

Presidente da Sociedade Brasileira de Musicologia

Belém - PA, 19 de dezembro de 1990
Ofício BIB/90

Prezado Senhor

Dr. José Sant'anna

Recebemos a publicação do 26º FESTIVAL DO FOLCLORE, através da ilustre figura da nossa cultura, Mestre Venâncio.

Reconhecendo o valor do conteúdo e da disseminação do nosso folclore, agradecemos a remessa e aproveitamos o ensejo, para solicitar mais exemplares, de tão rica e útil publicação, ao nosso quadro de usuários.

Certos de sua compreensão,

Cordialmente

LUIZA DE MARILLAC POMPEU BRAGA

Bibliotecária - Chefe

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
OF. n.º 06/90/BIB/ICS - UEP Belém, 20.12.90

Prezado Senhor:

Acusamos o recebimento da publicação do 26º Festival do Folclore, pelo qual ficamos muito gratos.

Esperamos poder continuar fazendo parte da relação dos agraciados com tão importante publicação, a qual será amplamente divulgada por esta Biblioteca.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar informações acerca dos números anteriores desta obra, como também outras publicações sobre o referido assunto.

Atenciosamente,

SONIA MARIA PAMPLONA FREITAS

UEP - Instituto da Saúde, Biblioteca Educ. Física.

Manaus, 24 de dezembro de 1990

Amigo e correligionário

José Sant'anna

Neste Natal, com grande júbilo recebi o nº26 do ANUÁRIO, referente a 12/19 de agosto de 1990. Li toda a matéria, excelente, apropriada, erudita. Uma publicação que honra a Prefeitura Municipal de Olímpia e coloca seu prefeito José Fernando Rizzatti ao lado dos maiores patrocinadores da cultura. Parabéns a todos vocês.

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

FLORIANÓPOLIS, NATAL de 1990
MEU QUERIDO MESTRE

JOSÉ SANT'ANMA

Você realmente merece flores do meu jardim, que carinhosamente cultivo com minha esposa. São rosas, orquídeas, azáleas, bourganvilles, avencas. Até tomates, maracujás e tantas outras que a mãe-natureza nos proporciona. Fazemos o que podemos no pequeno espaço onde moramos.

Se estas pétalas falassem, ainda seria muito pouco para dizer da grandeza do trabalho sobre folclore que carinhosamente é desenvolvido em Olímpia.

Somente Deus, na sua infinita bondade, poderá agradecer a sua dedicação a Olímpia, terra que você projeta no cenário cultural brasileiro, com tanto amor e criatividade.

A minha admiração, não somente a você, mas também a todos os membros da sua laboriosa equipe de trabalho.

DORALÉCIO SOARES

NOTA: Escrito no verso de fotografia muita bela, colhida pelo escritor, nos cantos do pequeno espaço da casa onde reside.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

Belém, 02/01/1991

Of. n.º 001/1991 - DBP/SAI

Ao

Ilustríssimo Senhor

Dr. José Sant'anna

MD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia

Acusamos e agradecemos o recebimento da publicação "26º Festival do Folclore", a qual contribui sobremaneira para o enriquecimento do nosso acervo.

Atenciosamente,

ROSILDA SANTANA

Seleção, Aquisição e Intercâmbio

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

Fernando de Barros Furquim

São Paulo, 6 - 3 - 1991

Caro Sant'anna

Fiquei muito contente com a sua visita. Gostaria muito que esse fato se repetisse mais amiúde. Como será o 27º FEFOL? Cheio de problemas, mas também de orgulho e êxito, como sempre.

Você sabe que o Festival do Folclore realizado em Olímpia é o único no UNIVERSO, sem medo de errar? É o único! Ninguém, em nenhum país, até hoje realizou mais do que 5 anos, assim mesmo não

consecutivos e sem ser na mesma época.

Já recebi comunicados de realização de "Eventos", "Seminários", "Encontros" bienais, e com falhas de execução, sofrendo sempre solução de continuidade.

Repito: em todos os lugares por onde tenho andado, dentro ou fora do país, e através de conhecimentos escritos ou orais, tenho ouvido falar que se tenham realizados, MAS NEM EM SONHOS Festivais de tal natureza.

Por isso repito, quando tenho oportunidade de comentar da importância do fenômeno folclórico e das suas manifestações, comento os Festivais de Olímpia. Esses festivais transcendem à política, mas realiza a Política-cultural, isto é: "entra" prefeito, "sai" Prefeito, o Festival continua, sempre esperado, a cada ano. Também sei que o "cerne" de tudo é Sant'anna e seus parceiros colaboradores. **Aí é que está!**

Os festivais sofreram críticas severas pelos invejosos e pelos que não desejavam a continuidade dos acontecimentos; queriam a destruição de tudo e, por vezes, de todos. Mas Deus é superior e olha para os que são corretos, honestos e têm um ideal.

Teria muito a dizer; mais até do que 27 anos de comentários. Mas fiquemos por aqui; você sabe quanto quero que o Folclore tenha seu primeiro lugar na escala cultural.

E, apesar do pouco tempo que tenho, em função do meu mestrado, quero colaborar com você, se é que assim o deseja.

O abraço sempre amigo da
Laura Della Mônica

MACAÚBAS/BA, 08 de março de 1991

Of. 10/91

Do: Presidente da FUNDAÇÃO CULTURAL PROF. MOTA

Ao: Folclorista Prof. JOSÉ SANT'ANNA

Assunto: Cumprimentos

Meu caro Professor SANT'ANNA

Exprimir não sei a satisfação de ter diante dos olhos o novo ANUÁRIO DE OLÍMPIA, repositório riquíssimo de nosso "Thesaurus" popular, obra de ilustre pesquisador e da equipe que o rodeia. Acredito não haver, no Brasil, ninguém que possa fazer-lhes frente nessa tarefa ingente de salvar o perfil de nossas tradições populares.

Ah! Se todos os municípios brasileiros contassem com a figura de um Professor José Sant'anna. Poderíamos proclamar aos quatro ventos: **A cultura brasileira atingiu a sua maioridade e pode muito bem enfrentar os ventos da adversidade, sem temer qualquer tipo de descaracterização.**

Parabéns, reiterados parabéns!

ÁTICO VILAS-BOAS DA MOTA

**A Sua Senhoria
O Senhor Folclorista
Prof. José Sant'anna.**

Petrópolis, 11 de maio de 1991

Mestre José Sant'anna

Tenho por hábito acusar o recebimento de tudo quanto recebo e agradecer as gentilezas que me são dispensadas, no mais curto prazo possível.

Entretanto, a edição de minha página na Tribuna de Piracicaba, outros compromissos intelectuais e a vida profissional, têm causado ultimamente um certo atraso na minha correspondência. Você foi uma das vítimas, pelo que peço desculpas.

Mas, como não há mal que sempre dure, aqui estou eu, afinal, para dizer-lhe que recebi o nº 1 do Caderno de Folclore, onde encontrei elementos de suma importância para o estudo integrado e metódico do populário. Gratíssimo pelo envio e fico na expectativa dos números subsequentes.

Em data de 19 de fevereiro do corrente, recebi da Câmara Municipal de Olímpia o ofício de nº 66/91, em que me era comunicado que a edilidade olimpiense, por proposta sua, consignara voto de aplauso e reconhecimento pelos serviços que eu vinha prestando ao Museu de História e Folclore "Maria Olímpia".

Na verdade, vou fazendo o que posso e minha colaboração tem sido na direção do fornecimento de livros e trabalhos que possam ser úteis ao acervo do referido Museu. Grato por sua iniciativa e gostaria de fazer do amigo porta-voz dos meus agradecimentos aos demais vereadores de Olímpia, que me honraram com o mencionado voto.

Acho que agora estou quite com o amigo. Aproveito a oportunidade para enviar-lhe as últimas folhas editadas na Tribuna Piracicabana, onde há farto material de folclore.

Em separado estou remetendo o último rebento: Império Serrano - Primeiro Decênio.

Muito cordialmente
Francisco de Vasconcellos.

Carmópolis(SE), 14 de maio de 1991.

Excelentíssimo Senhor Presidente,

Venho com prazer acusar o recebimento do ofício nº 138/91 - GP, de 06/03/91, comunicando-me a distinção com que fui

honrado pela egrégia Câmara de Vereadores de Olímpia.

Esse gesto de amizade e consideração, incentivou-me a cada vez mais trabalhar pela preservação da memória do folclore e da cultura popular, aliás objeto primordial deste grande festival que Olímpia promove anualmente, como exemplo para o Brasil.

Solicito sua prestimosa atenção no sentido de agradecer a todos os Vereadores desta Casa, especialmente ao Vereador José Sant'anna, autor do requerimento que originou a presente homenagem.

Sem mais, reiteiro os meus sinceros votos de consideração e apreço.

Atenciosamente,
**Idelfonso Cruz Oliveira
Presidente da Câmara**

Ao exmº. Sr.

Otacílio de Oliveira Neto

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia.

Araras - SP, 18/05/1991

Caro amigo e professor Sant'anna

Desculpe a demora em responder. Estive em viagem de pesquisa, como você sabe. Fiquei também algum tempo em Coimbra - Portugal, depois de ter passado pe Alemanha e apresentado um trabalho.

Em Coimbra, recolhi material para conclusão da minha tese de doutoramento.

Ao chegar ao Brasil, encontrei seu excelentíssimo trabalho sobre: O que é? - Quadras-Adivinhas. Que bom!. Fiquei feliz! Lembro-me que em 1980 você já coletava material nessa linha de pesquisa. Agradeço imensamente os aplausos dos vereadores de Olímpia à minha modesta contribuição ao folclore e ao povo brasileiro.

Na verdade são vocês que merecem os aplausos. É raro ouvir notícias que uma Câmara Municipal volta os olhos para os trabalhos intelectuais. Por isso, reiteiro minha admiração pelo idealismo e realização dos homens públicos olimpienses.

Abraços

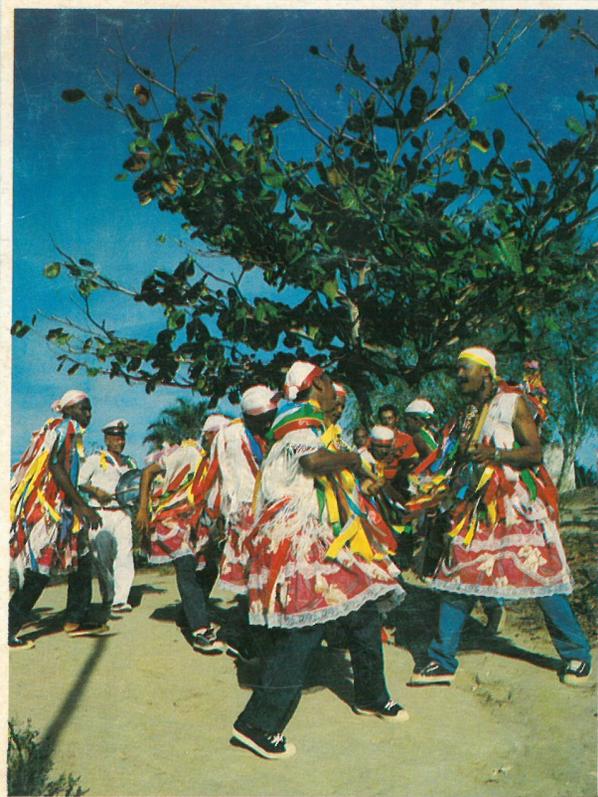
M. Célia Crepschi Coimbra

 **Centrograf**

Solicite uma visita e conheça as vantagens e o atendimento especializado da **Centrograf**, que há anos reproduz a arte de sua empresa com o respeito devido às grandes obras-primas.
CENTROGRAF ARTES GRÁFICAS E EDITORIAIS LTDA.

Praça Rui Barbosa, 47
Patrimônio de São João Batista
Telefones: (0172) 81-1060 e 81-3056
Olímpia - SP

**O folclore brasileiro
Muita riqueza encerra:
Amemos a nossa gente,
Amemos a nossa terra.**



*Dança-de-são-gonçalo
Povoado de Mussuca
Laranjeiras - SE*

LARANJEIRAS

Não nos referimos ao doce fruto que foi, e é, ainda, o responsável pelo incremento do nosso comércio e indústria: a laranja. **LARANJEIRAS** é município de Sergipe, um bocado longe daqui, lá pelas bandas nordestinas. Laranjeiras, surgindo no século XVII, só em 1832 conseguiu sua emancipação política, apesar de ter sido, por anos, um autêntico celeiro da indústria canavieira do Brasil de antanho. Por ser rica e próspera, Laranjeiras tornou-se centro cultural do passado, sendo considerada, por entendidos, como o "Berço da Cultura Negra". Ali, bem perto, a apenas 3 Km de distância, fica o povoado Mussuca, local que abrigou negros fugitivos de distantes regiões do país, formando um verdadeiro quilombo. A principal característica de Mussuca é a sua população, constituída essencialmente de negros, negros descendentes diretos de escravos africanos de certa estirpe, ou melhor, de boa estirpe. Conservam, quase intacta, a cultura transmitida por seus ancestrais, aceitando, quando conveniente, parcelas medidas de culturas alienígenas, como a portuguesa, por exemplo. Da amálgama dessas duas culturas diferenciadas, surgiu um São Gonçalo diferente, belíssimo, de uma riqueza extraordinária. É um São Gonçalo só de homens, grupo pagador de promessas. A única mulher que aparece, embora em destaque, representa uma prostituta, redimida pelo santo português - São Gonçalo. Assim, o 26º Festival do Folclore teve a felicidade de contar com o grupo de Laranjeiras, enriquecendo o palanque das atividades folclóricas, encantando e provando, assim, que cultura não tem fronteiras. Basta preservar o que se tem, e a beleza por si mesma se revela.

É imenso o nosso agradecimento ao Grupo Folclórico São Gonçalo, de Laranjeiras, Sergipe. Parabéns, amigos. Olímpia os espera sempre.

Foto colhida especialmente para o Anuário/91, em agosto de 1990.
Gentileza do Prof. João Francisco dos Santos, diretor do DECTUR,
da Prefeitura Municipal de Laranjeiras.

BRADESCO

Companhia de Balé "Aruanda"



Tamboril (Belo Horizonte - MG). Foto colhida especialmente para o Anuário/91 - Gentileza de Alexandre Vieira Mesquita, diretor-presidente do Grupo Aruanda.

De Belo Horizonte, MG, esse extraordinário grupo de danças típicas foi o encanto de quem se fez presente à abertura do 26º FEFOL. Um grupo que causou impacto logo à primeira vista, pelo elevado número de participantes, pela magnífica coordenação de tantos pares dançando. Os trajes são singelos, confeccionados com um mínimo de gastos, porém, têm um efeito pictórico jamais imaginado. Um deslumbramento de fitas e de cores, a mais variada coreografia que se possa idealizar, eis os componentes básicos para os alucinantes giros dos dançarinos, algo que transcende a mais rica imaginação.

O grupo "Aruanda" já fez apresentações no exterior, representando o Brasil em festivais internacionais, percorre o país em todas as direções, é aclamado por onde passa. Verdadeiramente belo, esse grupo parafolclórico procura ser o mais fiel possível às danças e folguedos folclóricos. Pena ser chamado de Companhia de Balé...É um grupo que merece ser visto, ser ouvido, ser aplaudido.

O "Aruanda", fundado em 1961 pelo

professor Paulo César Vale, tem um sugestivo significado, pois que aruanda quer dizer terra de luz, terra de paz, mansão dos bem-aventurados. E é essa a mensagem que o respeitável grupo nos transmite. Paz colorida, brilho e ofuscante luz, um bem que ultrapassa a própria felicidade.

Poucos dias aqui ficaram, por compromissos alhures, porém, foram maravilhosos. A participação dos mesmos no Ciclo de Palestras Sobre Folclorística foi um sucesso ímpar, o "São Gonçalo" que apresentaram e explicaram ficará, para sempre, na memória de todos os participantes do curso.

No palanque das atividades folclóricas, três apresentações transformaram-se no ponto alto, altíssimo, do 26º Festival. O entrelaçar de fitas multicoloridas, a agilidade da dança e a cadência rítmica de pés e braços, encantaram e levantaram a assistência.

Que "Aruanda" volte muitas vezes, trazendo-nos a luz que o caracteriza, a paz que almeja distribuir. Seremos, então, os bem-aventurados que procuram alcançar. Salve, "Aruanda" de Minas Gerais!